



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

JOÃO PAULO MACHADO DE FREITAS

A Espiritualidade Espiritana na pastoral com os imigrantes

Centro Padre Alves Correia (CEPAC)

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro
e sob co-orientação de:
Doutora Helena Gil da Costa

Porto
2015

ABREVIATURAS

1Cor	Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios
1Jo	Primeira Carta de São João
1Pe	Primeira Carta de São Pedro
2Cor	Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios
2Tm	Segundo Carta de São Paulo a Timóteo
AA	Decreto « <i>Apostolicam Actuositatem</i> » sobre o Apostolado dos leigos
AAS	<i>Acta Apostolica Sedis</i>
Act	Livro dos Actos dos Apóstolos
AG	Decreto « <i>Ad Gentes</i> » sobre a actividade missionária na Igreja
Ap	Livro de Apocalipse de São João
C.S.J	<i>Commentaire de l'Évangile selon Saint Jean</i>
CDC	Código de Direito Canónico
CDSI	<i>Compêndio da Doutrina Social da Igreja</i>
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CEP	Conferência Episcopal Portuguesa
CEPAC	Centro Padre Alves Correia
Dt	Livro do Deuterónimo
DV	Constituição Dogmática « <i>Deus Verbum</i> » sobre a Divina Revelação
E.S.	<i>Écrits Spirituelles du Vénérable Père Libermann</i>
Ecl	Livro de Eclesiastes
Ef	Carta de São Paulo aos Efésios
Ex	Livro do Êxodo
Fl	Carta de São Paulo aos Filipenses
Gal	Carta de São Paulo aos Gálatas
Gen	Livro dos Génesis
GS	Constituição Pastoral « <i>Gaudium et Spes</i> » sobre a Igreja no mundo contemporâneo
Heb	Carta de São Paulo aos Hebreus
Is	Livro de Isaías
Jb	Livro do Job
Jo	Evangelho segundo São João

Jr	Livro de Jeremias
L.S.	<i>Lettres Spirituelles du Vénérable Libermann</i>
Lc	Evangelho segundo São Lucas
LG	Constituição Dogmática « <i>Lumen Gentium</i> » sobre a Igreja
Mc	Evangelho segundo São Marcos
Mt	Evangelho segundo São Mateus
N.D.	<i>Notes et Documents relatifs à la Vie et à l'œuvre du Vénérable François-Marie-Paul Libermann</i>
PC	Decreto « <i>Perfectae Caritatis</i> » sobre a conveniente renovação dos Institutos religiosos das sociedades de vida em comum sem votos e dos Institutos Seculares
Pr	Livro dos Provérbios
Rm	Carta de São Paulo aos Romanos
RP	<i>Règle Provisoire des Missionnaires de Libermann</i>
RVE	Regra de Vida Espiritana (2013)
Sl	Livro dos Salmos
Zc	Livro de Zacarias

INTRODUÇÃO

Percorrendo a história da Igreja, nota-se que os imigrantes ocuparam um lugar especial no coração da missão da Igreja, que a levou a tomar directrizes para acompanhar idoneamente os homens e mulheres que abandonavam os seus países de origem.

Nos documentos referentes ao Concílio Lateranense IV, em 1215, encontram-se decretados alguns cânones a pedir que houvesse uma assistência religiosa aos imigrantes. Neste Concílio realçou-se, sobretudo, o papel do Bispo como o primeiro responsável de nomear sacerdotes idóneos para servirem os imigrantes. E para melhor desempenharem este ministério, deveriam conhecer bem a língua e a cultura dos povos.

Nos finais do século XIX, os pontífices estavam sensibilizados para a questão da migração, continuando a fomentar uma assistência religiosa aos imigrantes nos países de acolhimento. Leão XIII (1878-1903), com a sua susceptibilidade para as questões sócio-económicas, procurou assistir os imigrantes através de enquadramento e ajudas específicas das paróquias nacionais, que deveriam assistir as comunidades de etnias diferentes.

O Papa Pio X (1903-1914), através do programa pastoral «Instaurare Omnia in Christo», organizou a Obra Católica para apoiar os povos que, por causa do surgimento da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), se deslocaram para diversos países do mundo. Para que esta assistência religiosa fosse realmente adequada, Pio X criou um Gabinete, dependente da Sagrada Congregação Consistorial, para estudar o fenómeno migratório. Com a colaboração das dioceses receptoras de imigrantes fundou o Collegio per la Preparazione dei Sacerdoti per l'Emigrazione onde se pudessem preparar os sacerdotes para a missão de assistir as comunidades imigrantes, uma vez que tal acompanhamento deveria ser feito com muita astúcia e na língua vernácula destas comunidades.

Bento XV (1914-1922) incentivou que, na pastoral com os imigrantes, se respeitasse a sua cultura e a sua língua. Foi durante o seu pontificado que se promulgou o Código de Direito Canónico (27 de Maio de 1917), onde surgem cânones que valorizavam a pastoral com os imigrantes através das paróquias. Assim sendo, as paróquias deixaram de ser vistas como espaço onde se servia uma população mas como a presença da Igreja num território onde existiam também pessoas oriundas de outros

países que necessitavam de acompanhamento. Para isso era necessário que as paróquias criassem condições para integrarem as pessoas nas comunidades.

Pio XI (1922-1939) reforçou a necessidade de formação dos sacerdotes para esta missão: os sacerdotes, ao exercerem o seu múnus, deveriam ter atenção para que as comunidades dos imigrantes não formassem guetos, mas, pelo contrário, se integrassem nas paróquias para que houvesse um mútuo enriquecimento espiritual, dando, assim, um novo vigor às paróquias.

Pio XII (1939-1958) publicou a Carta Apostólica «Exsul Familia» que é considerada como a Magna Carta dos Emigrantes. Este primeiro documento da Santa Sé sobre a emigração, desenvolve a definitiva sistematização doutrinal da Pastoral Migratória onde estabelece que o Bispo deveria sentir-se, primariamente, responsável em prestar serviço aos imigrantes.

Em João XXIII (1958-1963) destaca-se o seu belíssimo pensamento sobre a necessidade de integrar os imigrantes. Este Papa insistiu para que houvesse meios concretos para que se conseguisse uma integração equilibrada de todos os imigrantes nas comunidades cristãs.

O Concílio Vaticano II, bebendo do pensamento dos Pontífices anteriores, reconheceu que a imigração é um dos grandes problemas do século XX (cf. GS, 8). Neste espírito, a Igreja admitia que tem Algo a oferecer ao mundo actual, promovendo a dignidade da pessoa humana para que se torne cada vez mais humano. É através desta promoção individual que se consegue estabelecer uma relação fraterna entre todos os homens. Desta forma, a Igreja assumiu, como parte integrante da sua missão no mundo actual, acompanhar tantos homens e mulheres que abandonaram os seus países à busca de melhores condições de vida, protegendo-os, valorizando-os e promovendo a sua dignidade. Um ano antes de terminar este Concílio, as Obras Católicas da Emigração criaram os Secretariados Diocesanos para as Migrações, responsabilizando-os pelas problemáticas da migração e sensibilizando-os para que encontrem acções concretas que vão de acordo com as necessidades destes homens e mulheres.

Paulo VI (1963-1978), na linha do pensamento do Vaticano II, teve dois gestos significativos. O primeiro gesto foi a publicação do documento intitulado «Pastorali Migratorum Cura» (15 de Agosto de 1969). Salienta-se neste documento a necessidade de acompanhar todos os fiéis. Desta forma, Paulo VI convidou a Igreja a deixar de pensar numa Igreja nacionalista mas que toda a Igreja viva na missionariedade onde se promova o respeito e a dignidade pela vida de todos os homens. Surgiu, assim, a

necessidade de uma pastoral ao lado dos imigrantes. Uma pastoral que está para além do acompanhamento espiritual mas de uma pastoral que engloba todos os aspectos humanos: social, caritativo, espiritual. O segundo gesto foi a criação da Comissão Pontifícia de Migrações e Turismo, através do Motu Proprio «Apostolicae caritatis», a 19 de Março de 1970. Esta Comissão tem como missão reflectir sobre a mobilidade humana e criar actividades para que a Igreja se comprometa, mais ainda, no serviço aos imigrantes, vendo-os como irmãos.

O Pontificado de João Paulo II foi um dos que mais salientou a necessidade de proteger a identidade de cada ser humano. Nos seus diversos discursos e documentos encontram-se palavras de encorajamento à Igreja para salvaguardar os valores de uma cultura. Tal torna-se, ainda mais visível, na promulgação do actual Código de Direito Canónico que valoriza as capelanias como um meio da Igreja local se aproximar e de zelar para o bem dos mais frágeis da sociedade entre os quais os que, por diversas razões, são obrigados a abandonar os seus países. Nos finais do seu pontificado, é publicada a Instrução «Erga Migrantes Caritas Christi», em Maio de 2004. Neste documento, elaborado pelo Conselho Pontifício dos Migrantes e Itinerantes, estudam-se as mais recentes deslocações dos imigrantes e que incentiva a Igreja a responder aos novos desafios da problemática da migração; ao mesmo tempo, este documento olha para a imigração, apesar de toda a história dramática que suporta, como uma oportunidade para o crescimento da vida cristã, fazendo com que as comunidades cristãs dos países receptores tenham uma visão mais larga da Igreja, isto é, que a Igreja não se resume a um modo de viver a fé, mas a uma fé que dê sentido à vida do homem e que a Igreja tem a obrigação de anunciar.

Bento XVI (2005-2013), nas suas mensagens destinadas ao «Dia do Migrante e refugiados», reflectiu sobre a necessidade do progresso de alguns países que se encontram em desenvolvimento e de uma abertura dos países já desenvolvidos. Neste sentido, este Papa salienta que os países, que possuem meios, podem contribuir para o futuro dos outros países em dificuldades, nomeadamente ao acolher jovens estudantes. Ao formar estes estudantes, os países ricos cooperam para que outros países progridam¹.

Actualmente, tem-se escutado o Papa Francisco a chamar a atenção para que se criem condições para acolher e defender os frágeis da sociedade, tal como escreveu na sua primeira Exortação Apostólica:

¹ Cf. M. ROCHA-TRINDADE; E. QUARESMA, *A Igreja face ao fenómeno migratório*, Lisboa: O Planeta da Escrita, 2012, pp. 10-17.

«Os migrantes representam um desafio especial para mim, por ser Pastor de uma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos. [...] Como são belas as cidades que superam a desconfiança doentia e integram os que são diferentes, fazendo desta integração um novo factor de progresso! Como são encantadoras as cidades que, já no seu projecto arquitectónico, estão cheias de espaços que unem, relacionam, favorecem o reconhecimento do outro!»².

Vê-se, portanto, que a pastoral com os imigrantes não é recente. A Igreja sempre esteve atenta aos mais débeis da sociedade como parte integrante da sua missão no mundo. Esta missão da Igreja consiste em, tal como afirma o Concílio Vaticano II: «continuar, sob o impulso do Espírito Santo, a obra do próprio Cristo, que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para condenar, para servir e não para ser servido» (GS, nº 3). Acredita-se, portanto, que o Espírito Santo conduza a Igreja para que esteja sempre atenta aos sinais dos tempos, para que se anuncie a Boa Nova de Cristo. É este mesmo Espírito que suscita, no coração de tantos homens e mulheres, o desejo de serem no mundo, testemunhas da alegria de Cristo Ressuscitado, donde brotam, no seio da Igreja, as diversas Congregações, Institutos e Sociedades de Vida Apostólica.

A diversidade das famílias religiosas, que pelo seu carisma, permitem que a Igreja estenda as mãos às diversas necessidades da sociedade do tempo presente:

«A acção pastoral no âmbito social vale-se também das obras das pessoas consagradas, de acordo com o seu carisma: os seus testemunhos luminosos, particularmente nas situações de maior pobreza, constituem para todos uma chamada de atenção para os valores da santidade e do serviço generoso ao próximo. O dom total de si, por parte dos religiosos, oferece-se à reflexão comum também como sinal emblemático e profético da doutrina social: colocando-se totalmente ao serviço do mistério da caridade de Cristo para com o homem e o mundo, os religiosos antecipam e mostram na sua vida alguns traços da humanidade nova que a doutrina social quer propiciar. As pessoas consagradas na castidade, na pobreza e na obediência colocam-se ao serviço da caridade pastoral, sobretudo com a oração, graças à qual contemplam o projecto de Deus para o mundo, elevam súplicas ao Senhor para que abra o coração de cada homem para acolher em si o dom da humanidade nova, preço do sacrifício de Cristo»³.

A Congregação do Espírito Santo sob a protecção do Imaculado Coração de Maria, fundada por Cláudio Poullart des Places, em 1703 e que, em 1840, acolheu a Sociedade do Imaculado Coração de Maria, fundada por Francisco Libermann, sempre teve uma sensibilidade particular para com os que vivem na periferia da sociedade, desejando ser os advogados daqueles homens e mulheres que, ao longo da história da

² FRANCISCUS PP, adhortatio apostolica *Evangelii Gaudium*, nº 210.

³ CDSI, nº 540.

humanidade, foram esquecidos e se tornaram marginalizados. Os espiritanos pretendem que o seu carisma continue a ser um dom para a humanidade. Por vezes, olha-se para os religiosos como aqueles que são sensíveis aos problemas sociais esquecendo que existe um impulso interior, suscitado pelo Espírito Santo, que os leva a partir até aos confins da terra, para aí serem a epifania de Deus no contexto social para onde são enviados.

É neste sentido que pretendo elaborar esta dissertação. Sendo membro desta Congregação, senti-me interpelado a regressar às raízes desta minha família religiosa, para propor uma reflexão espiritual na pastoral sócio-caritativa junto do povo imigrante, que a Província Portuguesa assumiu através do Centro Padre Alves Correia (CEPAC). Não pretendo, com este trabalho, retratar nem elogiar, nem muito menos ajuizar o trabalho que tem sido feito, mas questionar sobre os impulsos interiores que levam os espiritanos a estarem junto daqueles que necessitam de uma força para viver.

É verdade que, na nossa sociedade portuguesa, existem muitas associações e instituições sócio-caritativas – que muitas delas não estão ligadas à Igreja – que exercem um excelente trabalho social junto dos esquecidos da sociedade: idosos, crianças abandonadas ou vítimas de maus-tratos, toxicodependentes, doentes, imigrantes, etc. Apesar da existência destas instituições de carácter civil, a Igreja sente, como essência da sua missão no mundo, a necessidade de continuar a responder socialmente aos anseios do homem, criando estruturas que correspondam aos problemas do homem do nosso tempo. Por vezes, cai-se, tal como refere João Paulo II no segundo capítulo da encíclica «Redemptoris Missio», na exterioridade caritativa, desprezando a essência dos gestos caritativos. Desta forma, a fé torna-se anexa à dimensão caritativa, ou então, a caridade que se tem para com os mais pobres da nossa sociedade é como que uma máscara que disfarça as vontades pessoais, resumindo a caridade num acto de dar algo a alguém. Tomando esta consciência, torna-se oportuno que a Congregação pergunte a si mesma: será que nas acções sócio-caritativas revelamos o amor de Deus pelo homem? Será que o facto de ser cristão e de ser espiritano é anexo ao trabalho social? A fé, na pessoa de Jesus Cristo, influencia para que os gestos caritativos sejam um serviço gratuito prestado à humanidade?

Penso que estas perguntas devem ser reflectidas, discernidas e respondidas para que a Congregação tenha um modo concreto de participar na missão da Igreja, através da acção social. Não se pretende que a Congregação substitua ou compita com o Estado, nem com as ciências humanas, mas que em conjunto trabalhem para que haja um

ambiente fraterno entre os homens, apesar das diferenças religiosas, étnicas, raciais, culturais e geracionais.

Por isso, a espiritualidade espiritana deve estar bem incarnada no nosso tempo para que a Igreja contribua, de facto, na pastoral sócio-caritativa. Da investigação que fiz, notei que não existia muito material sobre esta temática, o que fez com que tivesse de pesquisar, de perguntar e de lançar um estudo sobre a presença espiritana junto dos imigrantes. Pretendo com este trabalho, reflectir sobre a vida religiosa espiritana e o seu compromisso com os imigrantes através do CEPAC, uma vez que é uma das problemáticas actuais no contexto social português, particularmente em Lisboa e em Setúbal. Desta forma, tentarei fazer uma reflexão sobre a actualidade do carisma e da espiritualidade espiritana numa obra social que está ao encargo dos espiritanos. Sinto, portanto, que a base deste trabalho não está na apresentação de dados sociais, mas ao que compete a Igreja fazer, por meio desta Congregação, tendo em conta a minha experiência como espiritano e como voluntário, nesta IPSS. Face à minha experiência, devo agradecer a tantos espiritanos que, ao longo do meu tempo de formação, me foram sensibilizando para que a minha consagração religiosa seja sempre uma entrega aos outros, com o mesmo espírito dos fundadores, sabendo viver o carisma espiritano nos dias de hoje. Deste tempo de formação ressalto o noviciado que foi um tempo propício de contactar e de conhecer melhor a biografia, os escritos dos fundadores. De facto, à medida que fui conhecendo os pilares desta minha Congregação, senti-me interpelado a continuar a aprofundar a actualidade do seu carisma como um dom dado à humanidade, tendo como ponto de embarque Cristo. Sobressai, ainda, o tempo em que tive a oportunidade de colaborar como voluntário na missão do CEPAC. Foi um tempo propício de contactar com as feridas dos imigrantes. Graças a estes contactos, senti que o carisma e a espiritualidade espiritana podem contribuir no apostolado sócio-caritativo desta instituição.

Com este desejo proponho fazer esta reflexão teológica, espiritual e pastoral. Por isso, desenvolverei esta dissertação em três capítulos. No primeiro capítulo, começarei por definir o significado de carisma como um dom de Deus oferecido à humanidade; na segunda parte, apresentarei como é que este dom de Deus foi actuando na vida de Cláudio Poullart des Places e de Francisco Libermann, fundadores da Congregação do Espírito Santo. O segundo capítulo será composto por quatro pontos de reflexão: em primeiro lugar apresentarei a espiritualidade como um convite a centralizar a vida em Deus, deixando-se conduzir pela acção do Espírito Santo; de seguida, apresentarei,

resumidamente, a importância da Escola Francesa de Espiritualidade na Igreja; no terceiro ponto, farei uma breve reflexão sobre a vivência do carisma nos dias de hoje sem que se perca a índole própria da Congregação; por fim, no último ponto deste capítulo, apresentarei alguns pilares da espiritualidade espiritana de tal modo que o trabalho pastoral seja um sinal de que um espiritano pertence a Cristo. Desta forma, tentarei reflectir que a origem da Congregação não se fundamenta simplesmente na intuição dos fundadores, mas pela herança espiritual que permite estar atento aos sinais dos tempos. No último capítulo desta dissertação caracterizarei o CEPAC: começarei por descrever a questão da imigração focando, de modo particular, as pessoas que imigraram, em grande massa dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), Brasil e Europa de Leste. Assim, focarei, em breves linhas, a situação imigratória que teve início nos anos 70, do século XX, analisando algumas causas e as condições dos imigrantes em Portugal. Através desta realidade imigratória, descreverei a acção da Igreja, por meio dos espiritanos, face a esta problemática, através da criação da Capelania dos Africanos, mas sobretudo no trabalho que tem sido desenvolvido pelo CEPAC. Para além destes dados históricos e sociais, é importante, a meu ver, que se tome consciência de que esta IPSS não é apenas mais uma instituição sócio-caritativa. O CEPAC possui um dinamismo espiritual que poderá oferecer aos imigrantes mais do que as necessidades básicas. Para tal fim, elaborei um inquérito onde pretendo perceber que oportunidades, efeitos e consequências têm a presença espiritana, com a sua espiritualidade e tradição, na acção social. No entanto, é preciso ter em conta que não procuro dados numéricos para saber se existe ou não a encarnação da espiritualidade espiritana; mas, para mim, o mais importante é a essência da missão espiritana, havendo uma corresponsabilidade entre a presença da Igreja, através dos espiritanos, e as outras ciências humanas, para promover a dignidade humana.

CAPÍTULO I

A IDENTIDADE ESPIRITANA: CARISMA

Neste primeiro capítulo, pretende-se que se reflecta sobre o carisma como um dom de Deus oferecido ao homem. Um dom enche o coração do homem impelindo-o a ser testemunha do encontro pessoal com Deus.

1. Carisma: dom de Deus à humanidade

As famílias religiosas são convidadas pelo Concílio Vaticano II a regressarem à fonte carismática dos fundadores (cf. PC, 2) que determina a identidade do Instituto. Este bilhete de identidade espiritual é um dom do Espírito Santo que é dado à Igreja (cf. LG, 43), que provoca no fundador o desejo de responder às necessidades de um povo e da própria Igreja. O fundador, ao receber este dom, iluminará toda a história do Instituto, que se deve manter viva e actuante ao longo dos séculos seguintes.

1.1 Definição de «carisma»

A palavra «carisma» tem a sua origem no grego (χάρισμα) e é composta pelo substantivo «χάρις» e pela partícula «-μα». O nome significa «graça, benevolência, misericórdia, manifestação especial da presença divina»; a partícula indica o resultado desta acção. Partindo desta breve análise etimológica, poder-se-á definir que «carisma» é o resultado de uma acção divina no ser humano⁴.

Devido a esta centralização na acção do Espírito Santo no ser humano, pensou-se, durante muito tempo, que se poderiam distinguir dois tipos de carisma: «gratum faciens» e «gratis data». A primeira, estaria ligada com a santificação do sujeito, num sentido individual e íntimo, completamente separada das dimensões eclesiais e/ou sociais; a segunda seria aquela que é dada em favor aos outros – aspecto social e também eclesial – e que estaria totalmente separada do sujeito que realiza estas determinadas acções, com a finalidade de humanizar mais o mundo que rodeia o próprio homem⁵. Ao apostar nesta separação, o carisma perde todo o sentido para Igreja. O carisma cria a κοινωμία, esta união entre todos os membros da Igreja, pois, na medida em que santifica o sujeito, purifica a própria Igreja e o mundo contemporâneo (cf. GS,

⁴ Cf. J. MCKENZIE «graça» in *Dicionário bíblico*, São Paulo: Paulus, 1984⁴ ed., pp. 392-393.

⁵ Cf. L. VEGAS, *Teologia sistemática de la Vida Religiosa*, Madrid: Instituto Teológico de la Vida Religiosa, 1979² ed., p. 185.

4) evitando um cisma no interior da Igreja (cf. Jo 21,17; 1Cor 12)⁶. Neste sentido, deve-se compreender que os carismas «são graças que têm, directa ou indirectamente, uma utilidade eclesial, ordenados, como são, à edificação da Igreja, ao bem dos homens e às necessidades do mundo»⁷.

1.2 A força do carisma na vida do homem

O carisma ultrapassa toda a natureza ontológica do homem, desde as suas aptidões humanas até à sua racionalidade, para se abrir a um novo dinamismo de vida em Deus e a partir de Deus⁸. Este novo dinamismo vem do dom, dado por excelência, concedido por Deus ao mundo: o Seu próprio Filho, Jesus Cristo. Cristo é o dom por excelência, porque «na sua plenitude todos nós recebemos graça sobre graça» (Jo 1,16). A graça está presente desde o momento da sua Encarnação⁹ até ao momento da Redenção da humanidade. A Encarnação é a chave da economia da salvação, na medida em que Deus se fez carne e veio percorrer, com maior proximidade, o caminho do homem (cf. Jo 1,14; Fl 2,7-8) para lhe conceder uma alegria plena, através de actos, palavras e gestos, realizados por Cristo, que vão revelando um caminho de libertação integral do ser humano (cf. Lc 4, 18-21). Esta Encarnação não vem humilhar a fragilidade humana; bem pelo contrário, vem dar um dinamismo novo, abrindo caminhos de uma possível superação desta mesma fragilidade. Deus que se torna homem mostra que, sem esta presença, o homem continuará perdido, sem orientação, estará fora da sua vocação primária de viver unicamente unido a Deus. Esta vocação primária re-ganha a sua plenitude no mistério da Redenção, que é o cume desta entrega libertadora do homem, que é santificado pela graça de Deus, visível pelo mistério da Cruz (cf. Rm 3,24). A Cruz confunde totalmente o homem, pois vê em Cristo a grande oportunidade de vencer a sua própria fragilidade. É no Madeiro que o homem percorre o caminho do seu êxodo existencial, isto é, o homem vivia na escravidão, longe de tudo aquilo que lhe pertencia, mas ao olhar para a Cruz encontra a sua salvação, a posse da terra prometida¹⁰.

⁶ Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, São Paulo: Herder, 1970, pp. 286-289.

⁷ IOANNES PAULUS PP. II, *adhortatio apostolica Christi Fideles laici*, nº 24.

⁸ Cf. L. VEGAS, *Teologia sistemática...*, p.188.

⁹ S. Lucas salienta este aspecto da graça, durante o tempo da infância de Jesus até ao início da vida pública de Jesus: 2, 40; 2, 52; 4, 22.

¹⁰ Cf. J. COUTINHO, *Os caminhos de Deus nos caminhos do homem*. Introdução ao mistério da salvação, Braga: Editorial A.O., 1988, pp.106-112.

A terra prometida é um dom que Deus faculty a todos aqueles que confiam nele (cf. Gen 12,1.7). Esta terra não deve ser entendida como uma questão de negócio, nem é destinada para aqueles que são escolhidos por Deus, mas como forma de acolhimento deste Deus que entra na história da humanidade e, por isso, tem que ser encarada como uma meta desta aceitação. Na medida em que acolhe Cristo, o homem encontra-se orientado, restaurado, fortalecido, porque sabe que existe um Deus que dá importância ao homem; que existe um Deus, que apesar de todas as infidelidades executadas pelo homem, Deus continua fiel ao seu projecto, porque nada pode anular o seu mistério insondável, surgido neste amor de Deus para com o homem¹¹.

Diante desta realidade salvífica, o homem é convidado a aceitar este dom, de torná-lo sempre presente e actuante no hoje da história humana. Não basta simplesmente acreditar, tem de fazer deste momento salvífico um programa de vida. É nesta perspectiva que leva Hans Urs von Balthasar a afirmar:

«Não somos, pois obrigados a conciliar um inferno sistematicamente pensado com o amor de Deus e a torná-lo credível, ou até justificá-lo intelectualmente como amor (e não, porventura, apenas como revelação da justiça divina glorificando-se a si mesma); não existe, de facto, nenhuma construção racional que dimanar de um «saber» possível situado fora ou para lá do amor e que, no entanto, a ele se refere. Somos apenas obrigados a não esquecer o amor que mesmo aí acredita e espera e, nestes dois actos, persiste numa suspensão que lhes faz nascer asas cristãs»¹².

1.3 Carisma que actua na história

Não se pode encarar o carisma como algo extraordinário, que resulta de uma dádiva que Deus concede a alguns homens. O carisma é um dom que Deus concede a todos os homens, sem excepção. Mas é preciso que se tome consciência que o carisma não é um mérito pessoal, mas é algo que é oferecido gratuitamente ao homem para que este desenvolva no mundo laços de comunhão entre todos os homens, sejam crentes ou não. O sacramento do Baptismo convida o homem a tomar consciência de que a *κοινωνία* é a essência da fé cristã. Com o sacramento do Baptismo, o cristão é incorporado em duas dinâmicas de vida: em primeiro lugar, nesta transformação da sua existência, na qual o homem se torna numa nova criatura através da sua configuração à

¹¹ Cf. K. RAHNER, «Redenção do tempo» in *Escritos de Teologia*, vol. III, Madrid: Taurus ediciones, 1961, pp. 180-181.

¹² H. URS VON BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2010^{2º ed.}, pp. 85-86.

pessoa de Cristo¹³; em segundo lugar, abre o indivíduo a uma comunhão eclesial, na qual é incorporado, para que possa continuar a transformar a sua vida, tornando-se numa luz que a todos ilumina (cf. Mt 5,14), ao ponto de professar que:

«[...] a fé é una, porque é partilhada por toda a Igreja, que é um só corpo e um só Espírito: na comunhão do único sujeito que é a própria Igreja, recebemos um olhar comum. Confessando a mesma fé, apoiamo-nos sobre a mesma rocha, somos transformados pelo mesmo Espírito de amor, irradiamos uma única luz e temos um único olhar para penetrar a realidade»¹⁴.

O olhar de fé, concedida pelo Baptismo, convoca todos os povos a reunirem-se num único povo em Jesus Cristo (cf. Jo 11,52). À medida que o homem contempla a unidade das Três Pessoas da Santíssima Trindade, sente-se interpelado a criar laços de comunhão entre todos os homens, dos quatro cantos do mundo, sem que haja nada que os separe porque Deus é um. A unidade é fruto da acção do Espírito Santo, que derruba todas as diversidades e implementa a unidade entre todos os cristãos. A unidade não é fruto de uma amizade ou de uma simpatia que se deve ter uns pelos outros; a verdadeira unidade nasce de uma contemplação do mistério de Cristo que dá sentido e ilumina a existência humana. Ao olhar a fotografia da comunidade ideal, vê-se que a comunidade é composta por pessoas diversas, no entanto vivem uma unidade que não é apenas religiosa, mas que engloba toda a existência humana (cf. Act 2, 42-47), porque estão conscientes que estão aí porque é Cristo que os convida a permanecerem unidos (cf. 1Cor 1,10)¹⁵.

É diante deste mistério de fé que se pode compreender que todos os crentes são convidados a viverem o carisma numa perspectiva de fé. A fé deve levar, pela força do Espírito Santo, à vivência da Palavra de Deus e fazê-la penetrar na vida da sociedade e no ambiente eclesial. É importante salientar que, nesta acção do Espírito Santo, não existe uma nova Revelação, existe, simplesmente, um reconhecimento da Revelação cumprida em Cristo, a quem os crentes sentem a necessidade de dar uma resposta¹⁶. Esta resposta de fé é baseada no desejo de fazer de Cristo o centro das suas vidas – Cristocentrismo.

O Cristocentrismo cria no homem o desejo de viver unicamente o próprio mistério de Cristo e a partir de Cristo, cruzando os caminhos dos homens com o

¹³ cf. IGREJA CATÓLICA, *Catecismo da Igreja Católica*, nº 1265-1274, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999 2ª ed., pp. 330-332.

¹⁴ FRANCISCUS PP., litterae encyclicae *Lumen Fidei*, nº 47.

¹⁵ Cf. FRANCISCUS PP., *Lumen Fidei*, nº 47-49.

¹⁶ Cf. H. KÜNG, *Estrutura Carismática da Igreja* in *Concilium* 4 (1965), p. 34.

caminho de Deus. Ao ter esta consciência vive-se uma vida contrária à mentalidade e aos comportamentos de uma determinada época, mostrando a necessidade de regressar ao espírito evangélico. Ser cristão é alguém que escandaliza porque possui uma maneira que é própria do Evangelho. O Evangelho concede-lhe uma misteriosa identidade que traduz na sua própria vida, sendo um testemunho de amor, de liberdade e de verdade no meio dos homens.

Nesta vivência do Evangelho sobressai um compromisso global da pessoa humana em actos concretos. Em virtude desta vivência, o carisma relaciona-se com o memorial, no sentido em que não se fixa em actos realizados no passado, mas torna-se numa porta aberta para o futuro, que ilumina o caminho dos homens, no tempo presente, concedendo-lhes Esperança¹⁷. Tal é possível porque no hoje da história, a Palavra Revelada continua a dar sentido à vida do homem.

Só assim é que o carisma se transforma num testemunho visível de Deus e do Seu Espírito. Por isso, não se pode considerar que o carisma seja um dom extraordinário que se realiza em determinadas épocas da história e em determinadas pessoas. O carisma é um acontecimento habitual na vida da Igreja. S. Paulo, depois de escrever a diversidade de dons que Deus concede à Igreja por meio dos cristãos, apresenta «o caminho mais excelente» (1 Cor 12,31) para que se consiga concretizar o carisma em actos: a caridade – ἀγάπη (ágape) (cf. 1 Cor 13,1-13)¹⁸.

A caridade não se resume num sentimento que se tem por alguém que sofre ou que está vulnerável, nem muito menos naquela intenção de querer salvar aquele que anda perdido, que não tem esperança, que vive apenas na fraqueza. Se assim fosse, segundo E. Clément, estar-se-ia a comprovar aquilo que Nietzsche afirmou sobre a compaixão, no sentido religioso que é um instinto de fraqueza e que está na base da anulação da pessoa humana¹⁹. Contudo, a caridade (ágape) tem uma relação intrínseca com a compaixão e misericórdia, na medida em que obriga o crente a sair de si mesmo para ir ao encontro do homem. Diante desta atitude, o crente é, para o seu próximo, a epifania do amor de Deus, inspirada nesse desejo de se configurar à Pessoa de Cristo: «Ele que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo» (Fl 2,6-7)²⁰. É a partir de Cristo, que a caridade ganha uma nova cor, vivendo a lei neotestamentária: a

¹⁷ Cf. FRANCISCUS PP., *Lumen Fidei*, n° 9.

¹⁸ Cf. H. KÜNG, *Estrutura carismática...*, pp.38-39.

¹⁹ Cf. E. CLÉMENT, et al, *Dicionário Prático de Filosofia*, Corroios: Terramar, 1999^{2ª ed.}, pp. 275-276.

²⁰ Cf. H. KÜNG, *Estrutura carismática...*, pp. 44-45.

atenção dada aos desprezados pela sociedade – os doentes, os leprosos, as prostitutas, os pecadores - (cf. Mt 9,13); a disponibilidade de partilhar a vida com os “esquecidos” e julgados da sociedade – Cristo vai à casa de Zaqueu (cf. Lc 19,2-7) e de Mateus - (cf. Mt 9,11-12;); na atenção que Cristo dá àqueles que estão fora da tradição farisaica e das interpretações da Torah (cf. Lc 11,42-46). Em cada um destes momentos, Cristo mostra-se misericordioso, revela-se como imagem do Pai que está repleto de compaixão pelo homem cuja dignidade humana se encontrava danificada pelo pecado. É nesta profundidade experiencial que o cristão deve continuar a fazer memorial, na vida quotidiana, deste amor pleno de Cristo por todos os homens (cf. Lc 10,37)²¹.

«As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo, sobretudo dos pobres e dos mais aflitos, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo, e nada existe de verdadeiramente humano que não encontre eco no seu coração» (GS, 1).

Inspirados por esta acção do próprio Cristo, percebe-se que a caridade (ágape) não está relacionada com uma ideologia, nem com uma piedade, mas deve ser encarada como uma dimensão constituinte da acção da própria Igreja na qual o crente deve estar comprometido, estando atento às necessidades dos irmãos, vivendo a universalidade do amor²². A fé em Cristo oferece um novo dinamismo à caridade, na medida em que se torna o exemplo de Alguém que amou, sem medida, e sem preconceitos, todos os homens, vendo-os como participantes do projecto salvífico de Deus, onde todos os homens de todas as raças, línguas, povos e nações (cf. Ap 10,11) têm o direito de participar. Tal direito é uma consequência do amor de Deus presente em todos os homens, pois foi oferecida por Deus, no momento da criação: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança» (Gen 1,26).

«Graças ao sinal de Deus que se rebaixa encarnando e se aniquila na morte e no vazio de Deus, é que se pode esclarecer porque é que Deus, já como criador do mundo, saiu de si e desceu abaixo de si: correspondia assim ao seu ser e à sua essência absolutos revelar-se, na sua liberdade abissal e por nada instigada, como o amor insondável, que não é o bem absoluto para lá do ser, mas a profundidade e a altura, o comprimento e a largura do próprio Ser»²³.

²¹ Cf. J. MACKENZIE, «misericórdia» in *Dicionário bíblico*, São Paulo: Edições Paulinas, 1983, pp. 616-617.

²² Cf. BENEDICTUS PP. XVI, litterae encyclicae *Deus caritas est*, n° 24-25.

²³ H. URS VON BALTHASAR, *Só o amor ...*, p.121.

De facto, ao acreditar que o ser humano é a predilecção de Deus (cf. Sl 8), o crente deve sentir-se interpelado para prestar serviço²⁴ ao homem, fazendo com que a caridade não seja uma utopia, mas um serviço que transforme o coração humano donde surgirá a metamorfose da sociedade²⁵. Desta forma, servir não se torna um mérito de uma exaltação pessoal, mas através de um silêncio caridoso que enaltece o homem colocando-o no lugar que lhe pertence por direito, desde a criação do mundo. É com esta atitude que se pode encarar que o crente é considerado filho de Deus, em Cristo Jesus. A caridade não é apenas um dever, mas um sentido de responsabilidade pelo outro que é, pela sua própria dignidade de homem, um irmão. Desta forma, para um cristão, esta responsabilidade pelo outro, não lhe deve trazer qualquer tipo de hesitação, nem de dúvida. O homem que tem consciência que Deus ama o ser humano, deve ser o guardião da vida do outro, do bem-estar do outro, de tal modo que o outro não se sinta rejeitado deste projecto, mas que também se sinta implicado porque experimente que Deus tem predilecção por ele²⁶.

Em síntese, percebe-se que o carisma oferecido à Igreja não é um dom inovador; contudo o carisma vai continuando a fazer com que a Igreja seja sempre discípula de Cristo através de um serviço à humanidade. De facto, o carisma produz os seus frutos na história humana quando ela é encarada com uma forma de viver a fé, através de uma integração do Evangelho na sua própria vida.

2. Duas vidas para o mesmo projecto missionário

O carisma, como dom de Deus que é dado ao homem, produz frutos de uma procura constante da vontade de Deus na vida do indivíduo. É este o grande desafio que o homem deve procurar ao longo da sua existência: que Deus tenha um lugar preferencial no mundo. É uma resposta que não pode ser dada apenas num momento preciso, mas é um dinamismo que o abre para um futuro onde seja Deus a dar um sentido e uma orientação à existência humana. Cláudio Poullart des Places e Francisco Libermann viveram neste dinamismo.

²⁴ Este serviço pode ser realizado de formas diversas: a caridade invisível (que é realizada através de orações, mortificações, sofrimentos que são oferecidos ao Senhor); a caridade intelectual (que é realizada através de estudos com a intenção de promover, defender e desenvolver a qualidade da vida dos homens); a caridade colectiva (quando os cristãos estão de acordo sobre a importância dos esforços comuns, das tentativas de reconciliação entre países, povos, no esforço de melhorar as condições da paz, lutando por uma justiça mais perfeita numa nação) (cf. G. THILLS, *Existencia y santidad en JesuCristo*, Salamanca: Ediciones Sigueme, 1987, p. 160).

²⁵ Cf. G. THILLS, *Existencia y santidad ...*, pp.154-159.

²⁶ Cf. CONSEIL PERMANENT DE LA CONFÉRENCES DES ÉVÊQUE DE FRANCE, «*Qu'as-tu fait de ton frère?*» in *La Documentation catholique*, 20 (2006) pp. 1024-1025.

2.1. Cláudio Francisco Poullart des Places e a questão da pobreza

As palavras do apóstolo São Paulo resumem, de uma certa forma, a biografia de Cláudio Francisco Poullart des Places: «quando aprouve a Deus – que me escolheu desde o seio de minha mãe e me chamou pela sua graça – revelar o seu Filho em mim, para que anuncie o Evangelho aos gentios» (Gal 1,15-16). É a partir desta perícopes que se irá descobrir o longo percurso espiritual deste jovem.

2.1.1 Um jovem rico que se fez pobre

Francisco Cláudio Poullart des Places (1641-1712) casou a 27 de Maio de 1677 com Jeanne de Meneust de la Vieuxville (1660- ?), uma jovem duma antiga e nobre família de Rennes. Seu pai, Gilles Le Meneust de la Vieuxville, era cobrador de impostos, mas faleceu prematuramente, deixando à sua filha grandes heranças e excelente educação, a nível religioso e de valores humanos. Com a morte do seu pai, a jovem Jeanne é apresentada à família do Robert Jean de Marbeuf, Conde de Marbeuf, tornando-se instrutora dos seus filhos. O seu papel de educadora ganha um novo ênfase com a morte de Louise Gabrielle du Louët, esposa do Conde de Marbeuf, passando a ser como que uma mãe para estas crianças

Francisco Poullart des Places pretendia recuperar a qualidade de escudeiro e de reintroduzir a sua linhagem na nobreza. Estudou Direito na Universidade de Nantes com a finalidade de ocupar um importantíssimo lugar no Parlamento de Rennes, presidido pelo Conde de Marbeuf . Por causa das suas capacidades intelectuais e humanas – um homem de grandes virtudes – começa a exercer o cargo de advogado neste Parlamento. Era, também, um homem muito dedicado, o que agradava ao Conde Marbeuf, e, por isso, é-lhe concedida a mão da jovem Jeanne de Meneust²⁷. Com este casamento, herdou a fortuna da família Meneust, investindo-a em cargos de prestígio social: geria as funções honoríficas, era arrematante dos impostos régios e de rendas da abadia de Saint Sauveur de Redon e dos priorados de Sainte Croix de Chateaugiron, de Saint Nicolas de Monfort, de Pléchantel...; era um grande comerciante, e, ainda, conseguiu comprar o cargo de Juiz-Guarda da Moeda, um alto cargo das finanças no Parlamento.

²⁷ Cf. H. LE FLOCH, *Une vocation et une fondation au siècle de Louis XIV. Claude-François Poullart des Places fondateur du séminaire et de la Congrégation du Saint-Esprit (1679-1709)*, Paris : P. Lithielleux, Libraire-éditeur, 1915^{9ª ed.}, pp. 7-8.

Mas, para enobrecer a sua família, era necessário ocupar o cargo de Conselheiro no Parlamento, tendo um reconhecimento de competência jurídica²⁸.

Nota-se, assim, que os olhos da família estavam postos na linhagem deste casamento. Dentro dos três filhos, Jeanne Claude (nascida a 20 de Agosto de 1680, mas que viveu cinco meses), Jeanne Françoise (nascida a 11 de Dezembro de 1685)²⁹ havia uma atenção particular para com o filho varão: Cláudio Francisco Poullart des Places³⁰ (nascido a 26 de Fevereiro de 1679), tendo sido considerado como uma graça de Deus.

Como prova de agradecimento a Deus por esta graça recebida, seus pais vestiram-no com roupas brancas, até aos sete anos de idade, em honra da Santíssima Virgem Maria³¹. É interessante ler um testemunho escrito por Pedro Tomás³² sobre este momento da sua infância:

«Cláudio Francisco Poullart, nasceu em Rennes, e foi baptizado na paróquia de São Pedro, contígua à Abadia. Foi seu padrinho o Sr. Cláudio de Marbeuf, presidente do Parlamento da Bretanha; Francisca Truillot, Senhora de Ferret, foi a madrinha. Recebeu o nome de Cláudio Francisco, que é também o nome do seu pai. Os pais, pessoas piedosas e bem formadas, tinham pedido a Deus que abençoasse o seu casamento com um filho varão. Foram ouvidos, consagraram-no àquele que lho tinha concedido e vestiram-no de branco durante sete anos»³³.

A partir dos sete anos, foi acompanhado por um tutor que lhe deu uma esmerada educação humana e cristã; aos nove anos, frequentou o sexto ano, Colégio de São Tomás, um colégio prestigiado, em Rennes, orientado pelos jesuítas. É neste colégio que Cláudio Poullart des Places conheceu Luís Grignon de Monfort³⁴, com quem teve

²⁸ Cf. J. SEIXAS, *Antologia Espiritana: Claudio Poullart des Places. Carisma y espiritualidade de los fundadores de la Congrégation del Espirito Santo y del Immaculado Corazon de Maria*, vol. I, Madrid: Congrégation del Espirito Santo [s/d], p. 5.

²⁹ Casou com o Conselheiro Henri Le Chat, dando uma descendência à família des Places, existente até aos dias de hoje.

³⁰ A ortografia de POULLART aparece também grafada como POULLARD ou POULART em certos documentos da época; igualmente “des Places” por ser escrito “Desplaces”.

³¹ Cf. F. LOPES, *Ao encontro dos pobres (1679-1709). Fundador da Congregação do Espírito Santo*, Lisboa: Tip. Barbosa & Xavier, Lda., 1983, pp. 11-16.

³² Pedro Tomás é um dos primeiros discípulos de Cláudio Poullart des Places, entrando para a Comunidade do Espírito Santo a 27 de Março de 1704, recebendo a ordenação em 1712. É uma das personagens que permite reconhecer melhor a vida, a espiritualidade de Poullart des Places. Na sua obra encontram-se alguns exageros devido à sua admiração a Poullart des Places.

³³ C. de MARE, *Antologia Espiritana*, vol. I, Lisboa: Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria, 2010, p. 19.

³⁴ Nasceu em Monfort-Sur Meu (na região da Bretanha) a 31 de Janeiro de 1673 e faleceu a 28 de Abril de 1716, em Saint-Laurent-sur-Lèvre (na região de Pays de la Loire, França). Foi pregador e escritor, com grande devoção mariana, bem presente na sua obra intitulada *O Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssimo Virgem, O segredo de Maria*, e ainda *O Segredo do Rosário*, para além das regras para as duas congregações religiosas. Fundou duas famílias religiosas: a Companhia de Maria (monfortinos) e as Filhas da Sabedoria. Foi beatificado por Leão XIII, em 1888 e canonizado por Pio XII, a 1947. A sua devoção mariana influenciou diversos pontificados: Leão XII, Pio X, Pio XII e João Paulo II; bem como alguns documentos do Magistério, tais como *Ad Diem Illum*, de Pio X; as dez encíclicas promulgadas por

grande amizade. É neste contacto com os jesuítas que descobriu a sua vocação, bem como a sua vida de oração e a sua atenção no serviço aos mais pobres.

Ao mesmo tempo que Poullart des Places estuda, desperta-o a atenção pelos pobres e fascina-o a vida sacerdotal. Segundo Pedro Tomás, este fascínio pela vida sacerdotal era algo que vinha desde a sua infância, pois «gostava muito de repetir sozinho as cerimónias religiosas que tinha visto na igreja»³⁵. Porém, Poullart des Places era o futuro da sua família, pois nele se esperava recuperar o título de nobreza.

Aos 19 anos, já possuía os diplomas dos cursos de Retórica, no colégio de Caen, e de Filosofia, no colégio de São Tomás, em Rennes, tendo sido escolhido para o «Grande Acto»³⁶, que se realizou no Parlamento de Rennes, no dia 25 de Agosto de 1698. Apresentou uma tese sobre o Conde de Tolosa, D. Luís Alexandre, filho de Luís XIV. «Foi uma festa em que não se olhou a despesas. O presidente e os conselheiros do Parlamento participaram no ato, com todas as pessoas da classe alta da cidade»³⁷.

Este foi o grande momento em que Cláudio Poullart des Places foi aplaudido pelos seus dotes de defesa e de exposição dos argumentos. São-lhe abertas as portas para um grande sucesso carregado de honras. Poullart des Places dedicou-se inteiramente aos estudos e também às suas qualidades humanas, procurando ser o primeiro em tudo, tal como o próprio Poullart des Places reconhece:

«De modo excessivo, bastante indiferente pelas riquezas, mas muito apaixonado pela glória e por tudo o que pode elevar um homem acima dos outros, pelo mérito. Fico cheio de inveja e desespero com os sucessos alheios, mas sem deixar transparecer esta indigna paixão e sem fazer nem dizer nunca nada para satisfazê-la. Muito discreto nas coisas secretas, bastante político em todas as acções da vida. Empreendedor em meus projectos, mas apagador na execução. Procuo a independência, mas sou escravo da grandeza»³⁸.

No entanto, seu pai prepara-lhe o casamento. Poullart des Places parte para Paris, para se encontrar com uma dama de honor da alta sociedade da família da Duquesa de Bourgogne³⁹.

Nesta sua estadia a Paris, Poullart des Places é apresentado na Corte de Versailles, onde a sua família era conhecida, uma vez que o encarregado das Finanças tinha sido Presidente do Parlamento. Novamente, os membros da Corte apreciam as

Leão XIII sobre o Rosário e a devoção mariana; a Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, bem como o lema pessoal pontifício *Totus Tuus* de João Paulo II.

³⁵ C. de MARE, *Antologia Espiritana...*, p. 19.

³⁶ Onde o escolhido deveria apresentar e defender publicamente o seu pensamento.

³⁷ C. de MARE, *Antologia Espiritana...*, p. 19.

³⁸ C. de MARE, *Antologia Espiritana...*, p. 28.

³⁹ Cf. C. de MARE, *Antologia Espiritana...*, p. 21.

suas capacidades intelectuais e a sua delicadeza. Francisco Cláudio Poullart des Places queria que o seu filho o substituísse no cargo de prebostes do Hospital S. Ivo, em Rennes, o que veio a conseguir. Porém, Poullart des Places conseguira anular a sua nomeação. Mas a insistência do seu pai era constante, o que fez com que fosse novamente nomeado, a 2 de Maio de 1697. Como Poullart des Places não queria aceitar este cargo, recorreu ao Conselho Real, que aceitou o seu pedido. Mas o Parlamento de Rennes já tinha aprovado a sua nomeação. Foi, então, que Poullart des Places se dirigiu directamente ao Rei, Luís XIV, para que cancelasse e confirmasse a decisão que tinha sido tomada pelo Conselho Real. O que veio a acontecer, a 8 de Outubro de 1697⁴⁰.

Poullart des Places entra num grande conflito interior, onde se questiona profundamente sobre o seu futuro, nomeadamente a sua vocação e a sua riquíssima educação espiritual cristã recebida da sua família. Os finalistas do curso de Filosofia eram convidados pelos jesuítas para participarem num retiro espiritual, para se deixarem interrogar sobre a sua vocação. Poullart des Places aceita este desafio. Foi um dos momentos chaves na vida de Poullart des Places onde sente a necessidade de uma conversão e é neste retiro que decide ser padre. Provavelmente, foi no fim deste retiro que Poullart des Places apresentou aos seus pais a vontade de abandonar todos os méritos de uma carreira de sucesso, para se dedicar inteiramente à sua formação para o estado clerical. Seu pai convenceu-o a pensar mais seriamente sobre o assunto e, para isso, concedeu-lhe a oportunidade de ir estudar Direito, na Universidade de Nantes, que frequentou de 1698 a 1700.

Este tempo de formação em Direito fica marcado pelo esquecimento da sua vocação, o que fez com que os seus pais pensassem que Poullart des Places já tinha abandonado essa ideia e que, finalmente, iria abraçar a vida de magistratura. Com esta intenção, sua mãe oferece-lhe uma toga no fim do curso. Para satisfazer a sua mãe, vestiu-a. Quando olhou para o espelho, despiu-a e decidiu seguir a vocação para a vida sacerdotal, renunciando totalmente à vida de advocacia. A tal ponto que Poullart des Places escreve:

«Ó meu Deus, que conduzis à Jerusalém celeste os homens que se confiam verdadeiramente a Vós, recorro à vossa divina Providência, abandono-me inteiramente a ela, renuncio às minhas inclinações, aos meus apetites e à minha própria vontade, para seguir cegamente a vossa. Dignai-vos dar-me a conhecer o que quereis que eu faça, a fim de que, vivendo aqui em baixo género de vida que me destinaste, possa servir-vos, durante a minha peregrinação, num estado

⁴⁰ Cf. F. LOPES, *Ao encontro dos pobres...*, pp. 24-25.

em que eu seja agradável e no qual derramarei abundantemente sobre as graças de que necessito para dar-vos para sempre a glória que é devida à vossa divina Majestade»⁴¹.

2.1.2 Um tempo de amadurecimento segundo os desígnios de Deus

A sua presença nos colégios dos jesuítas influenciou as suas reflexões sobre a sua vida, os seus estudos, a sua vida espiritual e, mais tarde, a comunidade do Espírito Santo. Os jesuítas transmitiram valores de uma herança espiritual inaciana, através dos testemunhos de homens com grande zelo pastoral: Pierre Bérulle, Michel Le Nobletz, São João Eudes, São Francisco de Sales... Apesar de todos estes belos testemunhos, dar-se-á importância a três: Michel Le Nobletz, Louis Lallement e a Associação de Amigos que influenciaram a sua vocação rumo ao sacerdócio. Esta influência ajudou a desvendar os desígnios de Deus para a sua vida. Surge, assim, um “novo” Cláudio Poullart des Places.

a) Michel Le Nobletz

Cláudio Poullart des Places não conheceu pessoalmente o padre Michel Le Nobletz (1577-1652). Contudo, Poullart des Places encontrou no padre Le Nobletz um modelo de vida sacerdotal.

Michel Le Nobletz nasceu a 25 de Setembro de 1577 em Kerodern (Plouguerneau – uma comuna francesa na região da Bretanha) numa família em que seu pai era notário real. Frequentou, durante muito tempo, as escolas presbiterais, tendo começado em Bordeaux e depois no colégio de Guyenne. Em 1597, dá-se uma reviravolta na sua vida: Nobletz parte para Agen – uma comuna na região de Aquitânia, a sudoeste da França – onde continua os seus estudos no colégio dos jesuítas. É neste colégio que reconhece a importância do papel de Maria dentro da história da salvação, realçando, em Maria, a pureza, a doutrina e o desprezo do mundo. Depois de ter sido ordenado, em 1607, dedica-se totalmente, acompanhado pelo seu amigo Pierre Quintin, às missões bretanhas. Estas missões tinham como objectivo a restauração da fé católica, uma vez que esta região se encontrava com uma má formação catequética e com uma vida moral miserável. A sua acção de reevangelização era constituída por métodos “inovadores”: cria um grupo de leigos, composto por mulheres, para lhes dar uma formação humana – uma vez que muitas delas eram analfabetas – e religiosa. Tal

⁴¹ Cf. J. LÉCUYER, *Les Écrits de Claude-François Poullart des Places (1679-1709)* in *Cahiers Spiritains* 16, (1983), p. 40.

iniciativa foi reconhecida, de uma forma admirável, pelos bispos das dioceses de Quimper e de Lyon. As catequeses eram feitas a partir de quadros, conhecidos por quadros de missão, que serviam para incentivar na busca da perfeição⁴². Falta ainda salientar a sua capacidade de adaptar os cânticos populares em cânticos com uma mensagem cristã, a que se dá o nome de «Kantikou».

Faleceu a 5 de Maio de 1652. A Igreja declarou-o venerável, em 1897. O bispo de Quimper abriu um processo para a sua beatificação, em 1701⁴³.

Poullart des Places teve a possibilidade de descobrir Le Nobletz através da leitura da sua biografia, no primeiro ano de Teologia no Colégio Luís-o-Grande, em Paris, permitindo-lhe descobrir o valor da sua vocação para o ministério sacerdotal, tal como se pode ler no testemunho escrito por Charles Besnard: «A leitura da vida de P. Le Nobletz, padre missionário, falecido em odor de santidade na Bretanha, ajudou-o muito a desprezar o mundo e a vencer todo e qualquer respeito humano»⁴⁴. É na devoção mariana, na perspectiva de Le Nobletz, que Poullart des Places descobre o fervor e o modelo para a vida sacerdotal. Para Le Nobletz, Maria é aquela que segue Cristo através da humildade, da simplicidade e pelo desprezo do mundo. Poullart des Places encontra em Maria o seu projecto de conversão e, ao mesmo tempo, o significado de ser sacerdote, o qual deveria ser um homem com grande zelo apostólico, sendo iluminado pelo Espírito Santo, através da intercessão de Maria, permitindo que desprezasse totalmente as honras, as ambições e as glórias pessoais. De facto, são estes os aspectos que prevaleceram ao longo do seu caminho de conversão⁴⁵. É com este desejo que Poullart des Places escreve durante o seu retiro, em 1700:

«Quero meu salvador, a qualquer preço, tornar-me digno do Vosso amor. Este é, agora, o limite dos meus desejos. O meu coração, até aqui, cheio de vaidade, de ambição nada encontrava neste mundo suficientemente elevado para o encher. Não me admiro que coisas terrenas e perecíveis sejam incapazes de o contentar. Estava reservado para um Deus e encontro agora com que encher-se inteiramente. Não mais será ocupado senão por Vós. Haverá algum momento em que se eleve para Vós, em que não Vos consagre todos os seus pensamentos, que serão outras tantas reflexões que farão para manter alerta?»⁴⁶.

⁴² Michel Le Nobletz produziu pelo menos 60 quadros. Estes exemplares encontram-se conservados na casa episcopal de Quimper.

⁴³ Cf. G. OLLIVIER, «Le Nobletz» in M. VILLIER (dir), *Dictionnaire de Spiritualité. Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, vol. IX, Paris : Beauchesme, 1976, col. 594-595.

⁴⁴ C. de MARE, *Antologia Espiritana...*, p. 31.

⁴⁵ Cf. A. MARTINS, *Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria. I parte: de Poullart des Places a Libermann in Missão Espiritana* (1), 2002, p. 78.

⁴⁶ Cf. J. LÉCUYER, *Les écrits...*, p. 21.

b) Louis Lallemand

O Padre Louis Lallemand nasceu a 1 de Novembro de 1588, em Châlons-sur-Marie, na região de Champagne-Andenne, em França. Desde a sua infância revela-se uma pessoa piedosa. Seu pai ocupa o cargo de Juiz Regional, desejando que o seu filho seguisse os seus passos. Foi, então, enviado para o Colégio de Santa Maria para que realizasse os estudos de advocacia; mais tarde, estuda Retórica em Verdun, num colégio dos jesuítas. É neste colégio que se esclarece a sua vocação sacerdotal, uma vez que participava nos encontros de devoção mariana.

Foi ordenado sacerdote, durante o ano escolar 1613-1614. Aos vinte e sete anos termina a sua formação religiosa na Companhia de Jesus. No dia da sua profissão solene, em Paris, a 28 de Outubro de 1621, foi nomeado reitor e mestre de Noviços, uma vez que, desde os primeiros tempos da sua formação se notou que a sua espiritualidade era contagiante, colaborando na formação espiritual dos seus irmãos. Dedicou-se totalmente à formação de novos religiosos para a Companhia de Jesus, tendo falecido no colégio de Bourges, a 5 de Abril de 1635, aos 47 anos de idade⁴⁷.

Poullart des Places descobriu, com a ajuda doutrinal de Lallemand, o papel do Espírito Santo na vida de um crente. Esta influência surgiu pela escola de espiritualidade que acentua a importância da docilidade ao Espírito Santo. Contudo, Poullart des Places nunca conheceu pessoalmente Lallemand; mas conheceu-o através dos pregadores das missões na Bretanha⁴⁸, em que muitos deles foram formados pelo padre Lallemand.

Da doutrina de Lallemand existem dois aspectos que merecem mais relevo: o papel do Espírito Santo e a pureza do coração. O papel do Espírito Santo cria na alma humana o desejo de estar intimamente ligado a Jesus Cristo. Para que tal aconteça é necessário que o homem seja dócil à acção do Espírito Santo, e para isso Lallemand propõe um método: obedecer aos desígnios de Deus que vai interpelando o coração humano, dos quais o sujeito já tomou consciência; renovar com frequência o desejo de

⁴⁷ Cf. G. BOTTEREAU, «Lallemand» in M. VILLIER (dir.), *Dictionnaire de Spiritualité. Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, vol. IX, Paris : Beauchesne, 1976, col. 125-126.

⁴⁸ Na Bretanha surge uma “confederação” que marcará as missões bretãs. Estas confederações eram compostas por padres da diocese de Quimper. D. René du Louët de Coetjunval, bispo da diocese de Quimper (1640-1668) viria a reconhecer a importância desta confederação sacerdotal uma vez que teve grande importância na espiritualidade sacerdotal nesta diocese. Esta confederação ficou conhecida como “Padres do Espírito Santo” que se destinavam ao trabalho de reevangelização começada pelos jesuítas. Dentro deste grupo dos Padres do Espírito Santo, surgiu uma outra associação que se tornou responsável pela formação dos candidatos ao sacerdócio, no seminário da diocese, desde os tempos da sua fundação, em 1678. Facilmente, esta associação se expandiu por toda a Bretanha, colaborando na fundação dos seminários e da formação dos jovens seminaristas.

querer seguir esses desígnios de Deus; invocar a luz e a força do Espírito Santo para que seja fiel nesse seguimento; o último meio aplica-se às regras de discernimento para que se reconheçam os movimentos do Espírito Santo na vida do homem⁴⁹. No pensamento de Lallemand, vê-se que o coração é o lugar onde Deus se comunica ao homem, considerando-o o lugar mais íntimo do ser humano. É nesta intimidade que se consegue estabelecer uma união com Cristo, ao ponto de fazer parte da sua missão. Desta união com Cristo, o homem toma consciência da sua fragilidade que o distrai, impossibilitando que permaneça em Cristo. Surge, assim, o desejo de reconhecer as suas fragilidades, ao ponto de não se traumatizar pelos seus pecados, mas desejando experimentar a salvação em Cristo, vivendo na misericórdia de Deus⁵⁰. Tal experiência está bem presente nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola.

Poullart des Places foi estimulado por estas duas doutrinas apresentadas por Lallemand. Nos diversos colégios, nas casas de retiro, que Poullart des Places frequentou, haveria, certamente, a difusão das obras deste sacerdote jesuíta. Daí que Poullart des Places tivesse sido encorajado a viver uma vida espiritual em união com a pessoa de Cristo, vivendo num desprendimento total, para que o Espírito Santo pudesse conduzi-lo por caminhos de uma busca constante da vontade de Deus na sua vida⁵¹. Tal como se pode ler:

«Conservai-me, Meu Deus, tão santas resoluções, e dai-me, por favor, a graça da perseverança final. Terei de combater inimigos que, procurando destruir a minha virtude com mil ocasiões perigosas, buscarão ao mesmo tempo a minha ruína e perdição. Defendei-me, Senhor, contra estes tentadores, e visto que o mais temível é a ambição, minha paixão dominante, humilhai-me, abatei o meu orgulho, confundi a minha glória. Que por toda a parte encontre mortificações, que os homens me rejeitem e desprezem. Consinto nisso, meu Deus, contanto que me ameis e me queirais. Ser-me-á difícil suportar e sufocar esta vaidade de que estou tão cheio. Mas que não deve fazer um homem por Vós que sois um Deus e por mim derramastes o vosso Precioso Sangue?»⁵².

c) Assembleia dos amigos (Aa)

Dentro de tantas influências, poder-se-á afirmar que, sem dúvida, a Associação dos Amigos (Aa) é a que teve mais impacto na vida de Poullart des Places. Na verdade,

⁴⁹ Cf. J. LÉCUYER, «Docilité au S. Esprit» in M. VILLIER (dir), *Dictionnaire de Spiritualité. Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, vol. III, Paris : Beauchesne, 1957, col. 1492.

⁵⁰ Cf. G. BOTTEREAU, «Lallemand»..., col. 131.

⁵¹ Cf. J. MICHEL, *As origens históricas da nossa consagração ao Espírito Santo e à Imaculada Conceição* in *Missão Espiritana* (16/17), 2009, pp. 120-122.

⁵² Cf. J. LÉCUYER, *Les écrits...*, p. 35.

esta Associação é a semente das acções de conversão, possibilitando decifrar o carisma que Deus lhe confiou.

A Assembleia de Amigos é considerada como uma congregação secreta. Estas congregações secretas são todas aquelas associações de piedade, nas quais existia uma unidade entre a vida orante e a vida caritativa. Uma das mais conhecidas é a Assembleia de Amigos, sendo reconhecida pela abreviatura «Aa».

Foi fundada em França, no colégio de la Flèche, nos anos 30 do século XVII, pelo padre Bagot, jesuíta, que agrupava os jovens nobres para um momento de devoção espiritual. Em 1643, um aluno do padre Bagot, decidiu implantar a Aa no Colégio Louis-le-Grand. Desde o seu início teve impacto no desabrochar espiritual de vários jovens estudantes de teologia. Deste grupo surgiram grandes bispos que partiram em missão (Canadá, China...), e outros foram fundadores de Ordens Religiosas⁵³.

«Aa» tinha um duplo objectivo: a santificação individual e o zelo apostólico. Segundo o espírito desta congregação secreta, a santificação individual era feita por duas vias. Por um lado, pelas conferências espirituais e, por outro lado, pela meditação em comum sobre o manual secreto do «Aa», intitulado «Pratiques des vertus chrétiennes». Este manual era um pequeno tratado ou um pequeno código de vida interior, baseando toda a sua espiritualidade na pessoa de Cristo, com o desejo de transfigurar pela sua mensagem. O zelo apostólico convidava os seus membros a experimentar o sentido da caridade com os mais necessitados, através das visitas aos doentes nos hospitais e pelo ensino da catequese, sendo que esta última tinha uma relevância especial na medida em que se vivia um cristianismo com uma fraca formação religiosa. Deve-se, assim, compreender que o zelo apostólico tinha como objectivo ir ao encontro e estar atentos aos que mais necessitam, para que aí fosse anunciado o Evangelho⁵⁴.

«Aa» tinha um regulamento próprio. Para ser membro era necessário ser estudante de teologia, e que deveria ser aceite pelos restantes membros do grupo. As reuniões eram semanais, baseadas numa reflexão do manual secreto. Normalmente, estes grupos eram compostos por poucos elementos entre dez a vinte membros, com a finalidade de criar uma unidade de corações, inspirados na comunidade primitiva. A organização era baseada na democracia, isto é, havia eleições para eleger a equipa que

⁵³ Cf. R. ROUQUETTE, «Congrégations secrètes» in M. VILLER (dir.), *Dictionnaire de Spiritualité. Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, vol. II, Paris : Beauchesne, 1953, col. 1491-1492.

⁵⁴ Cf. J. MICHEL, *L'influence de l'Aa. Association secrète de piété sur Claude François Poullart des Places*, Paris : Beauchesne, 1992, pp. 15-16.

tinha o encargo de dirigir as reuniões. Todos os anos, no momento da eleição, fazia-se uma avaliação sobre o percurso espiritual e terminava com a renovação da consagração. Os grupos eram dirigidos por um auxiliar – que não é visto como um superior mas como um delegado da assembleia – eleito em cada três meses; e, ainda, tinha um substituto e um secretário com a tarefa de escrever todas as experiências espirituais caritativas⁵⁵.

A questão do segredo é bastante importante para o grupo, sendo considerado a alma de «Aa». Estes segredos eram pequenas notas que descreviam a experiência de cada um dos seus membros, contando o seu contacto apostólico com o mundo da pobreza. Estes segredos eram anónimos, nem os padres dos colégios tinham o direito de saber o seu autor, somente o reitor e o Director do «Aa» é que poderia ter acesso aos nomes dos autores destes segredos. De facto, estes segredos ajudavam na vida espiritual destes jovens estudantes de teologia, pois ensinavam a não se vangloriarem pelos seus actos caritativos realizados ao longo da semana, imbuindo neles um espírito de humildade. Não se pode esquecer que estes jovens eram oriundos de famílias de grandes riquezas. Um outro objectivo era implantar na vida espiritual destes seminaristas a atitude de serviço aos mais necessitados, sem procurar satisfazer os seus interesses. Ora, estes dois objectivos ajudavam a discernir sobre as verdadeiras motivações, na medida em que muitos destes jovens procuravam, na vida eclesiástica, o “carreirismo”, procurando que se realizassem as suas vontades e desejos pessoais. A congregação secreta ajudou muitos destes jovens a tornarem-se idóneos na participação do sacerdócio de Cristo⁵⁶.

«Aa» tinha uma espiritualidade que lhe é própria, alimentando, assim, o desejo de aprofundarem os desígnios de Deus nas vidas dos seminaristas. Um dos pontos essenciais desta espiritualidade é a consagração ao Espírito Santo. Este acto de abandono à acção do Espírito Santo baseava-se no princípio em que os membros deveriam estar unidos, à imagem dos apóstolos, reunidos no cenáculo depois da Ascensão (cf. Act 2,1). É nesta unidade de corações que nasce o verdadeiro testemunho de Cristo. Ser testemunha, segundo a acção do Espírito Santo, torna-se uma elevação das suas vidas, ao ponto de quererem viver para Cristo e em Cristo, desinteressando-se de tudo aquilo que é mundano. Na verdade, percebe-se que ser testemunha de Cristo não é seguir os desejos e as vontades pessoais, mas é uma abdicação contínua para que o

⁵⁵ Cf. R. ROUQUETTE, «Congrégations secrètes»..., col. 1494.

⁵⁶ Cf. R. ROUQUETTE, «Congrégations secrètes»..., col. 1502-1504.

Espírito Santo tome posse das suas vidas, fazendo que as palavras não sejam ocas, mas que sejam a chama do amor de Cristo que incendeia os seus corações e de todos aqueles a quem são enviados.

O segundo aspecto é a devoção à Virgem Imaculada, porque é aquela que possui a pureza do coração, vivendo totalmente afastada do mundo do pecado, permitindo que receba na sua vida Jesus Cristo. Assim, todos os membros de «Aa» devem também acolher Cristo nas suas vidas. Esta vontade de querer acolher Cristo deveria ser feita através das mortificações e penitências, experimentando, nas suas vidas, a misericórdia de Deus em todos aqueles movimentos da concupiscência para que se obtenha a santidade dos pensamentos e uma inocência nas afeições.

O terceiro elemento da espiritualidade de «Aa» é a mística da pobreza. «Aa» defende a necessidade de uma verdadeira pobreza espiritual que permite seguir unicamente Cristo, desprezando as honras e os prestígios. O desprezo do mundano semeia a disponibilidade total para que exerçam os ministérios nos locais onde seja difícil encontrar operários. Desta forma permite renunciar às vontades pessoais e servir as paróquias mais pobres e abandonadas, naqueles lugares onde a Igreja sente dificuldade em encontrar homens de Deus que proclamem o Evangelho de Jesus Cristo.

Merece ainda ser destacado a comunhão com a Igreja e a fidelidade ao Papa. Não se pode esquecer que o jansenismo se encontra no seu auge, daí a necessidade de criar uma espiritualidade que permita viver nesta comunhão com o Sumo Pontífice. «Aa» incentivava e formava os seus jovens a viverem neste princípio de amar a Igreja e aquele que tem o poder de conduzir a Igreja para que seja sempre sinal visível de Cristo. Neste elemento encontra-se a influência do pensamento dos jesuítas, pois eram os primeiros a defenderem a infabilidade papal⁵⁷.

2.1.3 Cativado por Deus e cativar os irmãos a Deus

Estas influências fazem surgir o “novo” Poullart des Places, disponível para seguir o caminho que Deus lhe indicar, com vontade de acolher os desígnios de Deus na sua vida:

«Vós me procuráveis, Senhor, e eu fugia de vós. Tínheis-me dado a razão, mas não queria servir-me dela. Queria desentender-me convosco, e vós de modo algum o consentíeis. Não merecia eu que me tivésseis enfim abandonado, que vos tivésseis cansado de me fazer bem e começásseis a fazer-me mal? No castigo, ao sentir o peso do vosso braço, teria reconhecido a minha culpa, teria

⁵⁷ Cf. J. MICHEL, *L'influence de l'Aa. Association secrète...*, pp. 66-79.

sentido a enormidade dos meus crimes. Como sois amável, meu divino Salvador! Não quereis a minha morte, não quereis senão a minha conversão. Como se tivésseis necessidade de mim, tratais-me sempre com doçura [...] Só a Vós pertence, ó meu Deus, tocar o coração do homem. Que eu reconheça a eficácia do vosso amor, ao reconhecer o vosso poder! Amais-me, meu divino Salvador, e dais-me disso provas bem sensíveis. Sei que a vossa ternura é infinita, pois não se esgotou com as minhas inumeráveis ingratidões. De há muito que quereis falar-me ao coração, mas não tenho querido escutar-vos. Tentais persuadir-me de que quereis servir-vos de mim nas tarefas mais santas e religiosas, mas impressão no meu espírito, o mundo apaga, pouco depois, os sinais da vossa graça. [...] O assalto que me fizeste neste retiro será glorioso para Vós, embora muito menos difícil que os anteriores. Não vim aqui defender-me, mas para me deixar vencer. Falai, meu Deus, quando vos aprouver»⁵⁸.

Poullart des Places já não pretende fazer carreirismo ou andar à procura dos prazeres do mundo. Pretende formar-se, ser sacerdote nos locais mais pobres e abandonados. Nesta sua vontade, encontra-se a espiritualidade recebida dos «Aa» em que procura a santidade e o zelo apostólico. É com este desejo que Poullart des Places começa os seus estudos no colégio Luís-o-Grande, a instituição acompanhada pelos jesuítas, distanciada do espírito jansenista.

Os efeitos do retiro, conhecido como retiro de conversão, produzem, desde cedo, os frutos. Os seus pais enviavam uma quantia de dinheiro para as despesas da sua formação, mas Poullart des Places partilhava com os mais pobres: o primeiro acto caritativo foi com os saboianos. Um elevado número de crianças que desciam das Montanhas de Sabóia – na região de Rhône-Alpes – para trabalharem na cidade de Paris, a fim de ganharem algum dinheiro para levarem para as suas famílias. O seu trabalho era de limpa-chaminés. Poullart des Places interessa-se por estas crianças, aproveitando para instruí-las, dando-lhes uma formação catequética e partilhava com elas algum desse dinheiro⁵⁹. Um segundo grupo que beneficiava da ajuda de Poullart des Places era o numeroso grupo de estudantes que tinham que trabalhar para pagar os seus estudos teológicos. Ora, estes jovens estudantes não conseguiam ter sucesso nos estudos, embora muitos deles tivessem grandes capacidades intelectuais, mas não conseguiam conciliá-las com o ensino⁶⁰. Entre eles estava o jovem Jean-Baptiste Faulconnier, a quem Poullart des Places sente a necessidade de financiar os seus

⁵⁸ Cf. J. LÉCUYER, *Écrits...*, p. 41.

⁵⁹ Este trabalho apostólico não é uma novidade. Existiam alguns membros do clero que se preocupavam com estes pobres crianças: Nicolau Coqueret que era cônego de Amiens; Robert Certain, reitor do Colégio de Santa Barbara, ficou conhecido como “pai dos saboianos”; Claude Prenet, pároco de S. Bento; Venerável Benigno Joly; Jean-Hervé Bazan de Flamanville, que mais tarde foi elevado ao episcopado, sendo bispo de Perpignon-Elne.

⁶⁰ Cf. F. LOPES, *Ao encontro dos pobres...*, pp. 55-57.

estudos, bem como de tantos outros jovens que viviam na mesma situação. Foi então que decidiu reuni-los numa pequena casa para que aí tivessem a oportunidade de receber uma formação adequada para o exercício do ministério sacerdotal. Regularmente, Poullart des Places visitava-os para os acompanhar quer a nível espiritual quer a nível intelectual, através de palestras e para se informar se realmente estavam a frequentar as aulas no colégio. Surge assim a necessidade de partilhar com eles o dinheiro recebido, para ajudar nas despesas da formação e para as refeições.

É neste período que Grignon de Montfort vem ao seu encontro – já tinha fundado a Companhia de Maria – e convidou-o a fazer parte da sua família religiosa. Consciente de que o seu plano não podia ser abandonado porque a Igreja necessitava de ministros com uma boa formação, respondeu a Grignon de Montfort⁶¹:

«Não me sinto nada atraído pelas missões; estou, porém, consciente do enorme bem que nelas se pode fazer; por isso, colaborarei com todas as minhas forças, ligando-me indefectivelmente consigo a elas. Sabe que, desde há uns tempos, estou a repartir tudo aquilo que disponho com uns estudantes pobres para os ajudar a prosseguir os seus estudos. Conheço alguns com grandes qualidades e que, por falta de recursos, as não podem fazer render, e são obrigados a enterrar talentos que poderiam ser muito úteis à Igreja se fossem cultivados. Quero dedicar-me a esta tarefa juntando-os numa casa. Parece-me que é isto que Deus me pede e fui confirmado nesta minha ideia por pessoas esclarecidas, uma das quais até me deu a entender que me ajudaria no sustento destes estudantes. Se Deus me conceder a graça de ser bem sucedido, poderá contar com missionários. Eu preparo-os e você emprega-os. Assim ficaremos os dois satisfeitos»⁶².

Em pouco tempo, o grupo começa a aumentar. Poullart des Places decide alugar uns quartos na vizinhança do Colégio Luís-o-Grande. Durante o tempo quaresmal de 1703, Poullart des Places renuncia ao seu bem-estar no colégio dos jesuítas em Paris e decide viver com os outros estudantes pobres. A sua conversão a uma vida de pobreza torna-se, assim, um despojamento total, de solidariedade e de partilhas incondicionais.

⁶¹ Durante muito tempo, Grignon de Montfort e os seus sucessores vão à casa de Poullart des Places e escolhe os melhores para partirem com ele para fazerem parte da Companhia de Maria. Muitos dos Superiores Gerais receberam a formação na comunidade do Espírito Santo. O próprio Grignon de Montfort chegava a assinar como membro do Seminário do Espírito Santo (cf. A. LAMBOUR, *La Congrégation du Sait-Esprit. Depuis sa fondation en la fête de la Pentecôte 1703 jusqu'à la fusion avel la Congrégation du S. Coeur de Marie. Le 24 août 1848 – 1^{er}*, Lille: Desclée, de Brower et c^{te}, 1909, p. 20).

⁶² Charles Besnard entrou no Seminário pouco depois do falecimento de Poullart des Places. Besnard fez uma recolha de memórias e recordações ainda muito presentes; a relação entre Poullart des Places e Grignon de Montfort confirmou-o na Fideilidade à sua vocação; fez-se monfortino e chegou a ocupar o cargo de Superior Geral; embora não seja um testemunho ocular de Poullart des Places é uma testemunha muito próxima pela sua história pessoal e pelo seu instituto. Consagrou-lhe uma parte do Livro 5 da sua obra sobre Luís Maria Grignon de Montfort (C. BESNARD, *Vie de Louis-Marie Grignon de Montfort*, 1770, Livro 5, vol. I, “Le Séminaire du Saint-Esprit à Paris, 274-284 Centro Internacional Monfortino, Roma, 1981 in C. de MARE, *Antologia Espiritana...*, pp. 32-33).

Poullart des Places leva até às últimas consequências o seu êxodo pascal: passagem de uma vida de rico para uma vida de pobre⁶³.

No dia 27 de Maio de 1703, dia de Pentecostes, após um dia de retiro, com um grupo de doze estudantes, aos pés de Nossa Senhora do Bom Sucesso⁶⁴, na Igreja de Saint-Etienne-des-Grés, como simples tonsurado, com 24 anos de idade, inaugura a fundação da Comunidade do Espírito Santo. Poullart des Places transmite a esta nova comunidade a devoção ao Espírito Santo e a Maria, que determinará esta nova família:

«Todos os estudantes adorarão de modo particular o Espírito Santo ao qual foram especialmente consagrados. Terão também uma singular devoção à Santíssima Virgem, sob a protecção da qual foram oferecidos ao Espírito Santo. Escolherão as festas de Pentecostes e a da Imaculada Conceição como festas principais. Celebrarão a primeira para obter do Espírito Santo o fogo do amor divino, e a segunda para obter da Santíssima Virgem uma pureza angélica: duas virtudes que devem constituir o fundamento da sua piedade»⁶⁵.

Na verdade não existe a fundação de uma Congregação – o que acontecerá em 1734 – mas de uma pequena casa que acolhe estudantes pobres para se prepararem para o ministério sacerdotal, sem que houvesse um compromisso religioso sob a forma de votos ou de promessas. Apenas o grupo da direcção, sendo a base deste Seminário, tinha a obrigação de observar os estatutos através da assinatura de um contracto. Apesar disto havia algo em comum entre todos os elementos desta comunidade: a concepção do sacerdócio. Para esta comunidade, ser sacerdote significava ter uma disponibilidade

⁶³ Cf. A. TAVARES, *Caminhos do Espírito. Duas vidas, um projecto missionário*, Braga: Editorial A.O., 1997, p. 32.

⁶⁴ As origens da antiga igreja de Saint-Etienne-des-Grès remontam ao século V ou VI. Pilhada no século IX, aquando da invasão normanda, Saint Etienne não conseguiu restabelecer-se senão duzentos anos mais tarde. Foi então que foi construída a capela, num patamar inferior, dedicada à Virgem sob o nome de Nossa Senhora do Bom Sucesso (Notre Dame de la Bonne Délivrance). A estátua de Nossa Senhora do Bom Sucesso é uma Virgem com um Menino e é também como Rainha. O escultor deu a Nossa Senhora todas as insígnias da realeza: a coroa esculpida com a mesma pedra, a túnica de púrpura, símbolo do principado; o manto tem a flor de liz que os reis de França, usavam símbolo do principado e o ceptro, igualmente florelizado. O culto a Nossa Senhora do Bom Sucesso atingiu o seu auge por altura das lutas religiosas do século XVI. No dia 20 de Abril de 1533, foi fundada a Confraria da Caridade de Nossa Senhora do Bom Sucesso, que cedo se transformará numa confraria real. As palavras «Bom Sucesso» hão-de tomar-se num sentido muito amplo: tratava-se de conseguir ver-se livre de todas as misérias e calamidades possíveis, através da intercessão da Virgem Maria. No entanto nos fins do século XVII, insistir-se-á mais nas misérias espirituais do que nas tentações; a Virgem era invocada com essa finalidade: ser aliviado de sofrimentos interiores e fortalecidos nas tentações. Foi assim que o jovem Francisco de Sales, quando era estudante em Paris, ao sentir-se tentado pelo desespero a ponto de lhe parecer evidente a sua condenação eterna, encontrou a paz interior e a confiança ante a imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso, ao rezar a oração: «Lembraí-vos ó piíssima Virgem Maria». As grandes figuras da espiritualidade do século XVII vieram rezar ante esta imagem: Monsenhor Olier, fundador da Companhia de São Sulpício, São Vicente de Paulo, que a chama «Virgem das almas tribuladas» (cf. R. CHARIER, *A virgem negra de Paris, Nossa Senhora do Bom Sucesso* in *Missão Espiritana* 18 (2010), pp. 107-108).

⁶⁵ Cf. J. LECUYER, *Écrits...*, pp.79-80; cf. tb. RVE nº 5-6.

evangélica, sendo guiados pelo Espírito Santo para que permanecessem fiéis no serviço aos mais pobres e abandonados.

Para que tal serviço tivesse êxito era necessária uma excelente formação intelectual: três anos de filosofia, matemática e a nova teoria da física newtoniana; cinco anos de teologia; e, por fim, mais dois anos de estudo de Direito Canônico ou da Sagrada Escritura⁶⁶.

A partir de 1704, Poullart des Places encontra-se num momento de grande provação, conhecida como a “noite escura”. O director do seminário vê que o grupo começa a aumentar: de doze elementos passa para trinta ou quarenta elementos. Surgem novas responsabilidades, fazendo com que não tivesse tempo para a sua vida espiritual e os estudos, causando-lhe um esfriamento espiritual. É nesta sede de encontrar Deus na sua vida e na sua obra que decide fazer um tempo de retiro, realizado no Inverno de 1704. Será um retiro onde Poullart des Places dará mais um passo para a sua conversão, buscando sempre os desígnios de Deus.

Poullart des Places, ao analisar o seu percurso espiritual, percebe que se encontra absorvido pelo activismo esquecendo-se daquele ardor inicial que o fez cometer “loucuras” por causa de Deus (cf. 1Cor 3,18), renunciando e abandonando-se totalmente nas mãos da Providência. Nesta sua vontade, Poullart des Places questiona-se: «Deixei o mundo para buscar Deus, renunciando à vaidade e salvar a minha alma. Será possível que não tenha mudado de objectivo e conservado sempre o mesmo coração? De que me servirá então ter dado o passo que dei?»⁶⁷.

Ao terminar o retiro, Poullart des Places sai esclarecido da sua vocação, abandonando-se totalmente a Deus, fonte de misericórdia. Este abandono à Providência dá-lhe coragem para se entregar totalmente nas mãos de Deus, comprometendo-se a dedicar-se, com intensidade, para o seu ministério ordenado. O processo de conversão é longo, contudo é nestes momentos que Poullart des Places toma as decisões importantes para a sua vida. Jean Savoie, numa forma resumida, percorre o seu itinerário espiritual, mostrando o seu desejo de se entregar totalmente a Deus⁶⁸:

⁶⁶ Cf. H. KOREN, *Essai sur le charisme spiritain au fil de l'histoire de 1703 à 1839* in *Mémoire Spiritaine* 4 (1998), pp. 172-173.

⁶⁷ J. LECUYER, *Écrits...*, p. 74.

⁶⁸ Cf. J. SAVOIE, *La personnalité spirituelle de Claude Poullart des Places* in *Cahiers Spiritain* 10 (1979), p. 5.

	Preparação – crise	Reflexões e Retiros	Decisões e compromisso
Conversão (1697-1700)	Vida mundana/Nantes	Retiro das Verdades da Religião Escolha de um Estado de vida	Primeira conversão/decisão de ser padre
Fervor (1701-1703)	1º ano de Teologia	Retiro/tonsura (Agosto 1702)	Segunda conversão Fundação comunidade/seminário
Paixão (1704-1709)	Ano de dúvida (1704)	Retiro/Reflexões sobre o passado	Decisão de pedir as ordens e de esquecimento espiritual

Poullart des Places incentiva os candidatos ao sacerdócio a terem um espírito de desprendimento dos bens materiais, vivendo numa mística de pobreza. Na verdade, são estas as orientações vindas do Concílio de Trento que torna a casa do Espírito Santo uma obra original, através das exigências quanto à pobreza dos estudantes, à gratuidade e à duração do tempo de estudos. Todavia, faltava que Poullart des Places desse também uma resposta à sua vocação. O terceiro retiro é este momento de grande paixão, não só pela sua obra, mas também como uma resposta confiante à misericórdia de Deus, que faz com que Poullart des Places encontre equilíbrio na sua vida espiritual.

É com esta convicção que fará com que, a 6 de Junho de 1705, receba as quatro Ordens Menores, pelas mãos do bispo Henri-Pons Thiard de Bissy – que mais tarde será Cardeal e protector da obra, uma vez que tinha uma grande admiração por esta comunidade pela qualidade da formação⁶⁹. De 1706 a 1707, a vida de Poullart des Places é ritmada por ordenações: a 16 de Dezembro de 1706 é ordenado subdiácono, em Paris; a 19 de Março é ordenado diácono; e a 17 de Dezembro de 1707, é ordenado sacerdote, tendo a cerimónia decorrida, provavelmente, no Colégio Luís-o-Grande, tendo como ordenante D. Thiard de Bissy⁷⁰.

Em 1709, o Inverno foi muito rigoroso. A taxa de mortalidade era muito elevada, devido às temperaturas baixíssimas. O frio trouxe várias complicações à agricultura: muitos animais morrem, as plantações perdem-se... os preços aumentam drasticamente, prejudicando sobretudo as classes mais pobres. Poullart des Places é um dos que sofre os males deste Inverno. O jovem fundador estava exausto, uma vez que os estudantes continuavam a aumentar, não havendo mais condições na casa para os acolher. Deseja comprar uma habitação condigna, afastando-os de todos os ruídos exteriores. O testemunho de Charles Besnard permite conhecer os últimos momentos da sua peregrinação sobre a terra:

⁶⁹ Cf. J. SEIXAS, *Antologia Espiritana: Claudio...*, pp.140-141.

⁷⁰ Cf. S. FARRAGHER, *16 décembre 1706 – 17 décembre 1707, une année rythmée par les ordinations in Mémoire Spiritaine* 4 (1998), pp. 155-162.

«Mas quando Desplaces se entregava totalmente aos cuidados exigidos pela sua comunidade nascente, e se esgotava com austeridade, foi atacado por uma pleurisia aliada de uma febre persistente e a cólicas violentas que durante quatro dias lhe provocaram dores horríveis. Estas dores não conseguiram arrancar-lhe nenhum queixume, nem sequer uma só palavra de impaciência. Davam-se conta da atrocidade dos seus sofrimentos apenas pelos actos de resignação que recitava. O desfalecimento da sua natureza parecia emprestar-lhe novas forças para constantemente repetir as palavras do santo rei David: ‘Como são amáveis as vossas moradas, Senhor do Universo! A minha alma suspira e anseia pelos átrios do Senhor’ (Sl 83, 2-3).

Logo que soube em Paris da gravidade da sua doença, muitas pessoas distintas por sua piedade e posição social, vieram visitá-lo [...]. De manhã cedo recebeu a unção dos enfermos em perfeita consciência e plena liberdade de espírito, e expirou docemente às 5 horas da tarde do dia 2 de Outubro do ano 1709, com a idade de 30 anos e 7 meses»⁷¹.

Poullart des Places foi sepultado, no dia seguinte, numa vala comum do clero pobre, em Saint-Etienne-du-Mont. Nesse momento, a comunidade tinha setenta e dois alunos.

2.2 Reconhecimento oficial do Seminário do Espírito Santo e a sua orientação missionária

Como Poullart des Places era formado em Direito, estava bem informado sobre as leis e como deveria legalizar a comunidade do Espírito Santo. Luís XIV assinou um édito, em Dezembro de 1666, proibindo a fundação de novos colégios, mosteiros, comunidades religiosas ou seculares. Para que fossem fundadas era necessária uma licença pelas Cartas Patentes reais que deveriam ser registadas nas cortes do Parlamento. Os seminários estavam fora deste direito. Todavia poderiam estar sobre a jurisdição, dependência e autoridade dos bispos das dioceses, o que lhes dava o poder de mudar o espírito da fundação.

Mas para Poullart des Places não era esse o problema. A grande dificuldade é que o arcebispado de Paris estava dominado pelo espírito jansenista, estando em conflito doutrinal com o colégio de Sorbonne. O cardeal Louis-Antoine de Noailles, arcebispo de Paris, admirava a formação eclesiástica dada por Poullart des Places aos estudantes. Assim sendo, o arcebispo de Paris dispensava que os alunos desta comunidade frequentassem o Seminário de Paris, tal como era proposto pelo Concílio de Trento, para que pudessem ser ordenados.

Diante destas duas problemáticas, Poullart des Places nunca utiliza as palavras «comunidade» nem «seminário», limitando-se a intitulá-la como a «casa dos

⁷¹ C. de MARE, *Antologia Espiritana* ..., p. 38.

estudantes». Mas na verdade a sua obra é conhecida por «Comunidade Sr. des Places» ou mesmo «Comunidade do Espírito Santo»⁷².

Foi durante o mandato de Luís Bouic (1710-1763), terceiro superior desta comunidade⁷³, que esta pequena comunidade deu passos decisivos: a comunidade foi legalmente reconhecida, a 2 de Maio de 1726, reconhecendo que esta casa estava consagrada ao Espírito Santo e à Virgem Maria, tendo como finalidade: «formar, mediante uma vida dura, laboriosa e desinteressada, vigários, missionários e eclesiásticos que sirvam nos hospitais, nas paróquias pobres e nos postos abandonados para os quais os Bispos não encontram ninguém»⁷⁴; os estatutos foram aprovados pelo Arcebispo de Paris, D. Charles-Gaspard Guillaume de Vintimille du Luc, a 2 de Janeiro de 1734, titulado: «Regulae et Constitutions Solicati et Seminarii Sacti Spiritus sub Immaculae Virginis Tutelae»; a Sociedade recebe uma orientação missionária e é também neste mandato que se inaugura um novo imóvel na rua des Postes, hoje Rua Lhomond, sendo a actual Casa-Mãe dos Espiritanos⁷⁵.

A Sociedade para as Missões Estrangeiras de Paris abre novos horizontes para esta comunidade. O bispo de Quebec, D. Pierre-Herman Dosquet, membro desta Sociedade, fez um pedido, em 1732, ao Seminário, para que enviasse alguns missionários para a sua diocese. Tal interesse também vinha da Propaganda Fidei, fazendo com que a Santa Sé aprovasse, a 11 de Janeiro de 1824, as Regras e Constituições dos Espiritanos, tornando-se, assim, numa Sociedade canonicamente instituída e dependente da Santa Sé, mostrando-se disponível para partir para as missões. Assim, os espiritanos começaram a ser enviados para as diversas partes do mundo: Canadá, Ásia, Guiana e Senegal.

Com a Revolução Francesa, a sociedade passa a ser conhecida como uma Congregação com a finalidade de fornecer padres para as missões nas colónias. É a partir daqui que as colónias francesas são confiadas ao trabalho de evangelização dos espiritanos⁷⁶.

⁷² Cf. F. LOPES, *Ao encontro dos pobres...*, pp. 55-57.

⁷³ Jacques Hyancinthe Garnier, escolhido por Poullart des Places para o suceder, mas o seu mandato durou muito pouco tempo, apenas seis meses (Outubro de 1709 – Março de 1710). Durante o seu mandato foi preparando Louis Bouic para o suceder (cf. A. LIMBOUR, *La Congrégation du Saint-Esprit...*, p. 16).

⁷⁴ N.D., Comp. 1703-1914, p. 4.

⁷⁵ Cf. A. TORRES NEIVA, *O itinerário espiritual da Congregação ao longo da história* in *Missão Espiritana* 8 (2009), p. 243.

⁷⁶ Cf. A. TORRES NEIVA, *Com a força do Espírito. A missão espiritana hoje*, Lisboa: LIAM – Missionários do Espírito Santo, 2002, pp. 208-209.

2.3. Francisco Libermann: do judaísmo ao catolicismo

Se fosse possível caracterizar a vida e a obra de Libermann numa frase bíblica, seria aquela perícopes do Apóstolo São Paulo: «Tudo quanto para mim era ganho, isso considerei perda por causa de Cristo» (Fil 3,7).

2.3.1 Libermann: judeu convicto a cristão vencido

Libermann, a partir de uma espiritualidade centrada em Cristo, traz à Congregação do Espírito Santo uma renovação no dinamismo missionário, sem perder a identidade deixada por Poullart des Places. Esse dinamismo nasce da sua experiência de fé que, ao longo da sua peregrinação sobre a terra, vai aperfeiçoando.

A vida de Libermann é de um homem que nunca se contentou com pouco; Libermann é um homem avarento de Deus e, à medida que se deixa envolver pelo mistério de Deus, mais se abre à novidade de Deus para a sua vida. É isto que caracteriza a vida e a espiritualidade de Libermann.

Jacob Libermann⁷⁷ nasce no seio duma família judaica ortodoxa, a 12 de Abril de 1802, em Saverne, na região da Alsácia (França). Era o quinto filho⁷⁸ de Lázaro Libermann, rabino de Saverne, e de Suzanne Haller, mais conhecida por Lea, que veio a falecer quando Libermann tinha 11 anos de idade, em 1813. Lázaro contraiu novamente matrimónio com uma viúva, Verónica Weill, que também era uma judia ortodoxa. Lázaro era uma pessoa fiel à sua fé e à sua tradição, daí que seja uma pessoa autoritária, por vezes violenta, mas ao mesmo tempo caridosa para com todos aqueles que necessitavam de apoio: abria a sua casa para acolher os correligionários que estivessem de passagem por Saverne e a todos aqueles que precisavam de um abrigo para pernoitar. A sua formação talmúdica foi feita na Universidade de Ciências Hebraicas, em Lublin, na Polónia. Após ter terminado os seus estudos, regressou a Saverne e integrou-se num bairro, exercendo o cargo de professor auxiliar. Em 1802, o rabino de Saverne, Samuel Kahn falece, e por causa da sua sabedoria, da sua humanidade e dos seus conhecimentos do Talmud, foi eleito como sucessor do rabino.

⁷⁷ Este é o nome de Libermann antes da sua conversão. Quando for baptizado adopta o nome de Francisco Maria Paulo Libermann.

⁷⁸ Do primeiro matrimónio teve seis filhos: Sansão, David, Felix, Jacob, Samuel e Esther. Do segundo casamento teve mais dois: Isaac e Sara. Os seis primeiros converter-se-ão ao catolicismo. O primeiro foi Sansão – que se formou em Medicina, recusando ser rabino; David recebe o baptismo em 1837; Félix foi baptizado em 1826 adoptando o nome de Afonso, e emigrou para a América. Esther e os filhos morrem no judaísmo. Isaac, falecido a 18 de Setembro de 1889, tornou-se rabino de Nancy (cf. J. SEIXAS, *Antologia Espiritana. Francisco Libermann de judeo a padre missionero*, Tomo II, Madrid: Congregación del Espíritu Santo, 2000, p. 35).

É neste ambiente judaico que Jacob se torna o filho predilecto, já que Sansão se converteu ao catolicismo. Toda a esperança é posta neste jovem para que adviesse rabino. Foi, então, que, desde cedo, começou a receber uma esmerada e austera formação na religião judaica. Aos quatro anos aprende a ler e a escrever o yiddish – a língua corrente da sua casa – bem como o hebreu rabínico. Em casa aprende com o seu pai as tradições judaicas: valorizava o conceito de família que é celebrado no shabat, e reza as orações tradições judaicas ao longo do dia e, ainda, cumpre a Lei. Jacob é formado num ambiente de gueto, completamente distante das outras culturas e ciências, preparando-se para a sua futura missão⁷⁹. Seu pai era exigente na transmissão da cultura judaica e, por isso, submetia-o, todas as semanas, a um exame. Jacob aprende, assim, a amar, a conhecer e a interpretar a Sagrada Escritura.

Lázaro Libermann envia Libermann, aos vinte anos de idade, a Metz para aí continuar os seus estudos para obter o diploma de rabino. A sua passagem a Metz torna-se abertura para a conversão, tal como o próprio retrata:

«Nessa época, resolveu enviar-me para Metz para aí acabar os meus estudos. Seu objectivo não era tanto que eu adquirisse conhecimentos mas de proporcionar-me uma ocasião de dar a conhecer o meu saber, os meus talentos e de me tornar conhecido entre os rabinos que passavam em grande número, para estudar nessa cidade. Foi então que senti, pela primeira vez, a acção misericordiosa da Providência, que queria arrancar-me do erro em que estava mergulhado»⁸⁰.

Qual é o sentido histórico de que Libermann fala, quando diz «acção misericordiosa»? Em Metz, havia duas escolas: o Consistório Yeschiva⁸¹ reabriu as portas mas estava influenciado pelas ideologias iluministas; a Escola Talmudista de Metz seguia o ensino judaico ortodoxo. Jacob estuda na escola talmudista por dois motivos: pela ortodoxia judaica e pelos directores que eram amigos da família e que, por isso, poderiam acompanhá-lo com o mesmo rigor⁸². É neste período que dois dos seus irmãos – Félix e Sansão – contrariam os princípios recebidos na sua educação, dedicando-se ao ensino das línguas francesa e alemã, línguas que não eram ensinadas na escola sinagagal, e renegam a fé judaica, convertendo-se ao cristianismo. Jacob, face a

⁷⁹ Cf. J. GAY, *Libermann. Juif selon l'Évangile*, Paris: Beauschesne, 1977, pp. 20-21.

⁸⁰ N.D., I, p. 61.

⁸¹ Esta escola esteve fechada durante 30 anos. Em 1821, reabre as portas e procurava alunos. Neste Consistório poder-se-ia estudar outras ciências, que no judaísmo ortodoxo era considerado como profanos (cf. J. LETOURNEUR, *Libermann étudiant talmudiste a Metz 1822-1825 in Spiritus Supplement* (1965), p. 212.

⁸² Cf. J. LETOURNEUR, *Libermann étudiant...*, pp. 213-215.

estes acontecimentos, entra na noite escura da fé. Mais tarde, Libermann reconhece que estes acontecimentos abriram as portas para a acção misericordiosa de Deus.

«Pus-me a ler o ‘Emílio’ de Rousseau. Quem acreditaria que este livro, tão próprio para abalar a fé dum crente, fosse um dos meios de que Deus se servisse para levar à verdadeira religião? É na ‘Profissão de fé do vigário savoiano’ que se encontra a passagem que me impressionou: ‘se a vida e a morte de Sócrates são de um sábio, a vida e a morte de Jesus são de um Deus... Nunca autores judeus teriam encontrado nem este tom nem esta moral; e o Evangelho tem características de verdade tão impressionantes, tão impossíveis de imitar, que o inventor seria nisso mais espantoso que o herói’. Aí Rousseau expõe as suas razões pró e contras a divindade de Jesus Cristo e conclui com estas palavras ‘Não fui capaz de saber até agora o que responderia a isto um rabino de Amesterdão’. A esta interpelação não pude deixar de confessar interiormente que eu também não via o que ele teria para responder»⁸³.

Ao ler a obra de Jean-Jacques Rosseau, Jacob desarma-se totalmente. Um jovem inteligente que respondia ao interrogatório que o pai lhe fazia semanalmente; que conhecia bem a doutrina e a tradição judaica... mas com este impacto apercebe-se que ainda estava longe de possuir a verdade. É neste estado interior que Libermann se questionava sobre a fé judaica, sobre a sua doutrina, e sobre a Tōrah⁸⁴. Nessa mesma altura, acontece o segundo sinal da acção misericordiosa de Deus, segundo a releitura de Libermann: é-lhe oferecido um livro em hebraico não pontuado, que lhe vem causar uma revolução no seu interior, despertando um interesse de aprofundar melhor as verdades sobre a fé:

«Um dos meus condiscípulos, mostrou-me por essa ocasião, um livro em hebraico não pontuado, que ele não podia ler, porque estava a começar a estudar o Hebreu. Percorri-o rapidamente. Era o Evangelho traduzido em hebreu. Fiquei impressionado com esta leitura. Mas também aí, os milagres tão numerosos que Jesus realizava, me repugnavam»⁸⁵.

A crise religiosa absorve totalmente Jacob. Como tinha uma grande afeição pelo seu irmão mais velho, Sansão, partilha com ele as suas inquietudes e angústias espirituais. Sansão convida-o a deslocar-se até Paris para se encontrar com o professor David Drach⁸⁶. Nesse encontro, Drach percebe que Libermann está cativado por Jesus

⁸³ N.D., I, p. 63.

⁸⁴ Cf. N. D., I, pp. 52-64.

⁸⁵ N.D., I, p. 63.

⁸⁶ Depois de ter recebido o baptismo ele adopta o nome de Paul-Loís Bernard Drach. Nasceu em Strasbourg (França) a 6 de Março de 1781 e faleceu, em Roma, em Janeiro de 1865. Antes de se converter ao catolicismo, foi instruído, a partir dos onze anos de idade, pelo seu pai, na escola talmúdica de Bischheim (perto de Strasbourg) e termina os seus estudos aos dezoito anos de idade. Após estes anos de formação, Drach inscreve-se na escola talmúdica em Westhofen para aí começar a ensinar. Com muita facilidade, consegue um lugar de preceptor em Ribeauville. Em 1809, foi eleito rabino e doutor da Lei, onde exercerá em Colmar. Ao mesmo tempo que estudava Talmud, dedicou-se ao estudo das “ciências

Cristo⁸⁷, mas ainda restavam muitas incertezas. Foi, então, que reservou um quarto no Colégio Stanislau. Foi um dos momentos mais dolorosos na vida de Jacob, sentindo-se completamente perdido. Libermann recorda esse momento de solidão:

«O Sr. Drach tinha-me conseguido um lugar no Colégio Stasnislau e conduziu-me até lá. Levaram-me para uma cela, entregaram-me uma História da Doutrina Cristã de Lhomond e a História da Religião do mesmo autor e deixaram-me só. [...] este momento foi extremamente doloroso para mim. A sensação provocada pela saudade onde uma simples janela que deixava entrar a claridade do dia, o pensamento de estar longe da minha família, dos meus conhecidos, da minha terra, tudo me submergiu numa profunda tristeza: sente o coração aconchegado pela melancolia mais dolorosa»⁸⁸.

No meio desta solidão dolorosa, Jacob procura a verdade da sua fé e, à medida que se entregava nas mãos de Deus, sentia-se esclarecido e decidido. Sai deste retiro completamente cativado por Cristo, pelo seu Mistério Pascal e pela Eucaristia. Por estar decidido a seguir a Cristo, começou a preparar-se para o baptismo, que veio a acontecer, na véspera de Natal, 24 de Dezembro de 1826, na capela do Colégio Stanislau, presidida pelo Padre Auge, Director deste Colégio, tendo como padrinho o barão François de Molet e a condessa Marie Aglaé d’Hauzé, membros da associação destinada a ajudar os judeus convertidos. O neófito abandona o nome de Jacob e adopta o nome de Francisco (por causa do seu padrinho), Marie (por causa da sua madrinha), Paulo (referente a S. Paulo, seu pai espiritual) Libermann. Ao mesmo tempo poder-se-á associar o seu nome a três santos que marcarão a sua vida e a sua obra: São Francisco de Assis, pelo seu desprendimento e pobreza; Virgem Maria, pela sua disponibilidade em acolher Jesus; e São Paulo, que também abandonou a fé e a tradição judaica para seguir a Cristo⁸⁹.

A sua conversão é acompanhada pela sua vocação. Tal como aconteceu ao Apóstolo São Paulo, a descoberta de Cristo anulou um programa pré-definido para se comprometer a um novo estilo de vida (cf. Act 8,3; 9,1-22; 13,2). Da mesma maneira

profanas”. Em 1811, parte para Paris para participar num Consistório Central, e era, ao mesmo tempo, tutor de uma família judaica. Devido à sua capacidade de ensinar, muitas famílias cristãs confiam-lhe os seus filhos. É neste contacto com as crianças que questiona a sua fé, tornando-se num sentimento que o animava como uma força nova. Daí surge o interesse de estudar teologia patrística e dos Setenta. À medida que vai estudando, nasce a sua fé na promessa já realizada em Jesus Cristo. Durante o Tríduo Pascal de 1823, recebe os sacramentos da Iniciação Cristã, juntamente com a sua família, com a excepção da sua esposa que era filha do Grande Rabino de França, Emmanuel Deutz. Anos mais tarde parte para Roma e trabalhará como bibliotecário na Propaganda Fidei, cargo que ocupará até à data da sua morte. É neste serviço que recebe o título pontifical de “Cavaleiro”. A sua conversão inspirará muitos judeus (cf. A. RAYE, «Drach» in M. VILLIER (dir.), *Dictionnaire de Spiritualité. Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, vol. III, Paris: Beauchesne, 1977, col. 1706).

⁸⁷ Cf. N. D., I, p. 75.

⁸⁸ N.D., I, p. 65.

⁸⁹ Cf. J. SEIXAS, *Antologia Espiritana. Francisco Libermann...*, pp. 74-75.

aconteceu com Francisco Libermann. O momento de encontro com Cristo cancela os projectos pessoais para se unir a um projecto novo. «O homem escolhido por Deus e chamado por ele ao sacerdócio de Cristo está unido a ele na sua qualidade de Filho pela eleição, e revestido do seu poder, na qualidade de Filho de Deus, pela consagração. Associado assim a Jesus, Deus e homem, torna-se com ele mediador entre Deus e os homens»⁹⁰. A consagração torna-se, assim, num projecto pelo qual se enamora por Cristo que o leva a cometer loucuras diante dos homens, sente-se que é o próprio Cristo, pela acção do Espírito Santo⁹¹, que conduz a sua vida por caminhos novos para que Cristo faça morada nele, pois só assim é que a humanidade verá a glória que Deus realiza na vida do homem (cf. Jo 1,1). Tal experiência foi vivida por Libermann:

«Não posso admirar suficientemente a mudança maravilhosa que se operou em mim no momento em que a água do baptismo correu sobre a minha cabeça. Todas as minhas dúvidas e temores desapareceram subitamente. O hábito eclesiástico, pelo qual eu sentia tanta repugnância, como é próprio da nação judaica, já o via com olhos diferentes: o medo que tinha dele cedia ao amor. Mas sobretudo, sentia-me com uma coragem e uma força invencíveis para praticar a lei cristã: sentia uma afeição por tudo o que dizia respeito à minha nova crença»⁹².

«Quando a água santa corria sobre a cabeça parecia-me que estava no meio duma imensa bola de fogo; já não vivia da vida natural, não via mais nada, não ouvia mais nada do que se passava à minha volta; passavam-se em mim coisas impossíveis de descrever»⁹³.

Libermann entrou num dinamismo que nada era certo na sua vida. Quando Libermann programava algo, Deus mudava os seus planos. Libermann percebe que ser cristão é deixar-se entrar na vontade de Deus. Um desses momentos aconteceu nas vésperas da sua ordenação ao subdiaconado, em que Libermann é surpreendido: «Tudo corria segundo os meus desejos, quando, um pouco antes de receber o diaconado, se manifestam violentamente uns ataques nervosos»⁹⁴. Libermann encara com carinho a sua doença (epilepsia), chamando-a de «querida doença»⁹⁵. Contudo, Libermann sente-se totalmente inútil⁹⁶, sem grandes esperanças sobre o seu futuro para a vida clerical, tal como Libermann escreveu na carta ao seu irmão Sansão:

⁹⁰ L.S., p. 424.

⁹¹ Cf. C.S.J., p. 119.

⁹² N.D., I, p. 66

⁹³ N.D., I, p. 90.

⁹⁴ N.D., I, p. 66.

⁹⁵ N.D., I, p. 90.

⁹⁶ Não se pode esquecer que a epilepsia era um impedimento para receber as ordens sacras.

«Não avancei ao subdiaconado porque a minha doença não me deixou inteiramente, e provavelmente ainda a terei por muito tempo. Por conseguinte não o poderei receber daqui a vários anos, e talvez nunca. Eis o que é muito aflitivo desolador, insustentável. Seguramente, isto seria a linguagem dum filho do mundo [...] Mas não é assim que fazem os filhos de Deus, os verdadeiros cristãos: eles contentam-se com tudo o que o seu Pai celeste lhes dá, porque sabem que tudo o que ele lhes envia é bom e útil»⁹⁷.

O tempo da sua doença será um tempo de amadurecimento da sua espiritualidade⁹⁸. É por causa deste empobrecimento confiante em Deus que o Superior Geral dos sulpicianos permitiu que continuasse a residir na Congregação e envia-o para a casa de filosofia e de noviciado, em Issy, onde consolidará a sua união com Deus. Isto notar-se-á pelo contacto com duas personagens que carimbaram a espiritualidade liberminniana: Jean-Jacques Olier e Jean Eudes.

2.3.2. Tempo de amadurecimento da espiritualidade de Libermann

Ao querer aprofundar as origens da espiritualidade liberminniana sente-se que existem algumas aproximações à escola francesa, que o ajudou a aprofundar a sua fé, colocando Cristo no centro da sua vida. Foi um período de amadurecimento da sua adesão a Cristo, vivido em duas cidades: em Issy-les-Moulineaux e em Rennes, onde contactou com duas espiritualidades que marcarão a futura obra de Libermann.

a) Issy (1826 -1837): contacto com a espiritualidade de Jean-Jacques Olier

Após ter sido baptizado, Libermann decide responder ao apelo de Deus para a vida sacerdotal. É recebido de bom grado no seminário de São Sulpício. Neste seminário, para além de ter estudado teologia, beberá da espiritualidade da obra fundada por Olier.

Libermann reconhece a influência de Olier na sua vida e recomenda a sua doutrina espiritual: «A renúncia, a humildade, o amor a Deus e a santidade, que as suas obras [Olier] nos levam a incutir sem cessar»⁹⁹. Reconhece, em Olier, um grande exemplo de sacerdote que soube estar unido a Cristo, e o que isso produzirá na vida apostólica: «Se vos conservardes na perfeita renúncia e na vida de amor e de união a Nosso Senhor, tereis o espírito sacerdotal em abundância para o comunicar. Considerai

⁹⁷ L.S., p. 9.

⁹⁸ Cf. L.S., II, p. 392.

⁹⁹ L.S., II, p. 329.

o Monsenhor Olier e imitai-o. Quando fordes como ele foi, tereis a perfeição que Deus vos pede»¹⁰⁰.

Jean-Jacques Olier nasceu em Paris, a 20 de Setembro de 1608, numa família nobre. A sua formação é realizada no colégio dos jesuítas, em Lyon, onde conheceu São Francisco de Sales que frequentou regularmente a sua casa; aos onze anos é tonsurado e começa a receber vários benefícios eclesiásticos (priorado de Bazainville, de Clisson, Abadia de Pébrac...); frequentou filosofia no colégio d'Harcourt e teologia na Sorbonne.

Vê-se que Olier procurava carreirismo eclesiástico, pressionado pela sua família. Em 1631, durante a sua estadia em Roma, a fim de estudar línguas hebraicas, adoece dos olhos. Esta sua debilidade fê-lo pensar sobre a condição frágil da existência humana, impulsionando-o a uma revisão da sua vida. Devido a este mal-estar, peregrina ao Santuário de Nossa Senhora de Loreto e fica curado. Este milagre permite reconhecer a importância da oração e deseja consagrar-se inteiramente a ela, entrando na Ordem dos Cartuxos. No início do ano seguinte (1632), seu pai falece. Regressa a Paris, mas a sua estadia provoca conflitos com a sua família, pois queria que Olier se tornasse padre secular, uma vez que poderia receber mais benefícios eclesiásticos.

A segunda fase da sua conversão acontece quando conhece São Vicente de Paulo e se sente atraído pelo seu apostolado, nas missões populares em França. Acompanhado espiritualmente por São Vicente de Paulo, Olier recebe as ordens menores em 1633 e é ordenado sacerdote a 21 de Maio de 1633, consagrando o ministério sacerdotal a Maria, para que tivesse a mesma liberdade interior¹⁰¹.

A sua espiritualidade é fortemente notável pela renúncia de si mesmo, para que o Espírito Santo suscite sempre o ardor por Jesus Cristo, servindo e amando os irmãos. Esta descoberta advém após uma grande crise espiritual. Olier sente-se incapaz, pela sua condição de pecador, de continuar a exercer um apostolado nas missões populares. Na sua perspectiva, um verdadeiro espírito apostólico é deixar-se guiar pelo Espírito Santo que corrige todas as imperfeições, ao ponto de viver uma vida absorvida na vida de Cristo. A melhor forma de vencer esta condição de pecador, que centra o homem em si mesmo, é pelo desprendimento às próprias vontades para servir os irmãos, imitando Cristo que se doou e que continua a doar, pela Eucaristia, a toda humanidade.

¹⁰⁰ L.S., II, p. 280.

¹⁰¹ Cf. Y. KRUMENACKER, *L'école française...*, 277-278; cf. tb. I. NOYE – M. DUPUK, «Olier» in M. VILLIER, *Dictionnaire de Spiritualité. Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, vol. XI, Paris: Beauchesne, col. 737-738.

O serviço aos irmãos será feito na paróquia de São Sulpício, da qual se torna pároco, em 1642, e dedicar-se-á com grande zelo e fervor na pregação e na oposição, face a uma política dominada por elites. Face a isto preocupa-se com a formação dos padres que deviam estar enraizados em Cristo para influenciar todas as actividades apostólicas. Neste espírito começa a formar alguns jovens para que exerçam o ministério sacerdotal numa espiritualidade cristocêntrica, fundando um seminário que tem por base a vida comunitária, mas sem profissão dos votos. Os bispos das dioceses francesas valorizam o trabalho e a dedicação de Olier na formação dos candidatos, que correspondia ao disciplinamento do Concílio de Trento. Muitos dos que foram formados neste seminário partiram para fundar seminários em muitas dioceses em França e no Canadá. No dia 2 de Abril de 1657, data da sua morte, havia fundado um seminário com grande prestígio e com o qual o episcopado francês simpatizou¹⁰².

O caminho de conversão ajudou a Olier a conjugar a vida de oração e com a vida de apostolado, defendendo que todo o trabalho missionário deve ser realizado num espírito de oração, isto é, numa contínua oração. É neste clima de interioridade que se consegue transformar a vida sacerdotal à imagem de Cristo, penetrando no mistério de Deus que concede abundantes riquezas para a vida pessoal e para o ministério apostólico.

H. Dubreil no artigo intitulado «Le disciple de Monsieur Olier» faz uma análise comparativa entre a espiritualidade de Olier e a espiritualidade libermanniana, onde conclui que Olier incutiu, em Libermann, uma base espiritual fundada em Cristo. Nota-se que na medida em que Libermann conhece e aprofunda a doutrina espiritual de Olier, se deixa modelar pela acção do Espírito Santo. É obvio que não se pode considerar que Libermann seja uma cópia de Olier, vivendo um mimetismo espiritual. Este contacto com a doutrina de Olier permitiu que Libermann experimentasse a acção de Deus na sua vida, a tal ponto que aprende a esperar o tempo de Deus¹⁰³.

«[...] termos pressa de realizar os bons desejos que Deus nos inspira, é estragar a Sua obra em nós, é recuar na perfeição [...]. Façamos o que Deus nos pede, com calma e fidelidade cheia de paz. Se lhe aprouver conduzir a nossa barquinha mais suavemente do que desejamos, submetamo-nos ao Seu divino beneplácito»¹⁰⁴.

¹⁰² Cf. I. NOYE – M. DUPUK, «Olier»..., col. 738-739.

¹⁰³ Cf. H. DUBREIL, *Le disciple de Monsieur Olier* in *Spiritus Supplement* (1995), pp. 224-226.

¹⁰⁴ N.D. X, pp. 120-121.

Em Libermann, encontram-se diversos traços da espiritualidade de Olier, dos quais se podem salientar: «o combate interior», «o homem velho», «o amor-próprio», «o vício radical», «o fim do orgulho». De uma forma resumida, poder-se-á dizer que a partir de Olier, Libermann valoriza a necessidade de um verdadeiro renunciamento, abnegação para que Deus pudesse penetrar melhor na vida do homem.

Em Issy, Libermann é acolhido como acto de caridade, já que a sua função nesta casa de formação era de ajudante do ecónomo. Pelo testemunho espiritual de Olier, Libermann sente que não está abandonado, mas sente-se reconfortado por Cristo que vai aperfeiçoando a sua sede de consolação de Cristo. Esta sede de viver unido a Cristo dará força para todas “as cruzes” que um discípulo de Cristo deve suportar. Daí que Libermann insista, nas suas diversas cartas, que se deve viver num autêntico despojamento interior para que Cristo domine todos os sentimentos, movimentos e acções (cf. Gal 2,20)¹⁰⁵.

Libermann, apesar de todo o seu sofrimento e de não perceber os desígnios de Deus para a sua vida, sente necessidade de testemunhar a sua fé em Jesus Cristo a todos aqueles que convivem com ele (cf. Jr 20,9). Durante a sua permanência em Issy, assiste espiritualmente os funcionários¹⁰⁶ e acolhe os novos candidatos animando-os nas suas dificuldades. Ao mesmo tempo sente, desde 1830¹⁰⁷, que existia um esfriamento espiritual no seminário. O Superior, Pe. Gosselin pensou, por isso, que seria importante reactivar a Associação do Sagrado Coração de Jesus, um grupo de piedade onde todos os alunos deste seminário avançassem no caminho de perfeição. Para que tal acontecesse, Libermann apoiava os jovens mais piedosos, estimulando-os a viverem unicamente para Deus. Esses encontros eram feitos em pequenos grupos nos quais os alunos partilhavam os seus desejos e as suas disposições que os levariam a entregarem-se totalmente a Deus. Libermann não pretendia desprezar os outros alunos, mas que este pequeno grupo inflamasse, no coração dos seus colegas, o mesmo desejo de amar a Deus e de se entregarem a Ele sem reservas¹⁰⁸. Libermann, como era uma pessoa

¹⁰⁵ Cf. P. BLANCHARD, *Le Vénérable Libermann. Son expérience – sa doctrine*, tome I, Paris: Desclée de Brouwer, 1960, pp. 208-211.

¹⁰⁶ Cf. N.D., I, pp.176; 302.

¹⁰⁷ Dá-se a revolução de Julho de 1830 pela qual pretendiam derrubar o absolutismo exacerbado imposto por Carlos X que favorecia a classe nobre e prejudicava a burguesia. Os três dias de revolução (de 27 a 29 de Julho) conseguem derrubar o poder político de Carlos X, subindo ao poder a burguesia. Subiu ao trono o primo de Carlos X, Luís Filipe de Orleans, instaurando uma monarquia constitucional e liberal (cf. C. Verdet, *História da Igreja...*, 161-162).

¹⁰⁸ Cf. N.D., I, p. 230-232.

próxima destes jovens, conseguiu cativar muitos seminaristas a viverem uma vida espiritual intensa, reflectindo na acção apostólica, tal como pretendia Olier¹⁰⁹.

Muitos admiravam o acompanhamento espiritual, porém muitos não concordavam com as orientações dadas por Libermann, pois consideravam que ia contra o carisma da doutrina espiritual dos sulpicianos¹¹⁰, estimulando uma divisão dentro do seminário¹¹¹. Mas aqueles que foram apoiados sentiram que este acompanhamento trouxe algumas mudanças, ao ponto de se afirmar que o «seminário é talvez mais fervoroso que nunca»¹¹²; ou pelo sentimento que um dos alunos deste seminário exprimiu: «eu fui testemunha, no seminário de Paris, das grandes maravilhas que eu nunca tinha visto e que talvez não veja mais»¹¹³.

b) Rennes (1837 -1840): contacto com a espiritualidade de Jean Eudes

Em 1837, Libermann é convidado a exercer o cargo de director e de mestre de noviços nos Eudistas, em Rennes. A Congregação de Jesus e de Maria, fundada por São João Eudes, em 1643, sofreu as consequências da Revolução Francesa. No início do século XIX, tinham apenas dois padres e um aspirante, os outros membros estavam dispersos pelas dioceses. Era necessário refundar a obra. O Superior Geral, Pe. Luís de la Morinière, dirige-se a Paris para encontrar vocações. Os formadores de Issy, sabendo desta necessidade, propõem Libermann para colaborar neste projecto. Libermann aceita o novo desafio!

Quando chega a Rennes é tratado como um noviço, encarando este facto como uma forma de provar as suas capacidades humanas e espirituais. No final de 1837, Libermann assume o cargo da formação¹¹⁴, que o interpreta como um simples serviço: «Eu asseguro [...] que não é agradável estar acima dos demais. Não sou o superior do noviciado, sou o último de todos, mas estou encarregado de dirigir as consciências dos meus queridos irmãos; isto me dá uma grande autoridade na nossa pequena comunidade»¹¹⁵.

¹⁰⁹ Cf. J. GAY, *Libermann...*, p. 84.

¹¹⁰ Cf. P. BLANCHARD, *Le Vénérable Libermann...*, p. 209.

¹¹¹ Cf. N.D., I, pp. 333-334.

¹¹² N.D., XII, p. 480.

¹¹³ L.S., I, p. 490.

¹¹⁴ Cf. J. GAY, *Libermann...*, pp. 99-101.

¹¹⁵ N.D., I, p. 440.

Libermann ao afirmar «Meu bom Padre Eudes é um homem prodigioso, e as suas Constituições estão acima do que jamais se ousa esperar»¹¹⁶ mostra que tem uma grande familiaridade com a doutrina espiritual deixada por São João Eudes.

São João Eudes nasceu a 14 de Novembro de 1601, em Ri, na diocese de Sées, uma região na Baixa-Normandia, numa família de camponeses, mas a sua família tinha alguma importância, uma vez que seu pai, Isaac Eudes, para além de ser agricultor era também cirurgião na sua aldeia, permitindo que muitos dos seus filhos pudessem estudar e ter um sucesso nas suas vidas. Salienta-se, como exemplo, Francisco Eudes que foi um grande historiográfico junto do rei e membro da Academia francesa.

Desde cedo, Eudes começou a estudar latim com um padre vizinho e com quem aprende o valor da oração. O seu desejo de ser padre surgiu depois de ter frequentado o colégio dos jesuítas em Caen e de ter estudado teologia. Para João Eudes ser sacerdote é deixar-se penetrar no mistério de Cristo onde é convidado a seguir um caminho de aperfeiçoamento¹¹⁷. Foi assim que decidiu fazer parte da Oratória fundada por Bérulle, em Março de 1623, tendo já recebido as ordens menores. Sendo ordenado sacerdote a 20 de Dezembro de 1625, dedica-se à missão sobretudo nas regiões da Normandia, Bretanha, Borgogne e Paris. É neste trabalho apostólico que sente a falta de formação dos sacerdotes a nível espiritual e a nível pastoral. No ambiente das missões, João Eudes reúne alguns sacerdotes para que fossem imbuídos em Cristo, mas tal não era suficiente, tinha que se começar mais cedo, abrindo algumas casas de formação para os seminaristas, ficando conhecido por Oratório de Caen¹¹⁸.

A 25 de Março 1643, funda com alguns padres, a Congregação de Jesus e Maria, conhecida por eudistas. O carisma desta família religiosa é a formação dos padres para uma vida apostólica, sobretudo naquelas missões no interior. Não professam os conselhos evangélicos, mas valoriza a santidade, que tanto faltava nos sacerdotes, como verdadeiro fruto do ministério sacerdotal¹¹⁹.

A espiritualidade de Eudes está enraizada em Cristo, sobretudo no Coração de Jesus e de Maria, que continuará na mesma linha recebida por Bérulle. O coração representa um simbolismo muito vasto, mas próximo da realidade humana que se

¹¹⁶ L.S., I, p. 334.

¹¹⁷ Cf. P. MILCENT, «S. Jean Eudes» in M. VILLIER (dir.), *Dictionnaire de Spiritualité. Ascétique et Mystique. Doctrine et Histoire*, vol. VIII, Paris: Beauchesne, 1974, col. 488.

¹¹⁸ Não se conhecem as razões que levaram João Eudes a separar-se desta obra, devido a um pedido que o Mgr. Jacques d'Angennes, bispo de Bayeux, apresentou e ao qual Francisco Bourgoing se opôs totalmente. Como este era o Superior Geral desde 1641, João Eudes afasta-se do Oratório (cf. P. MILCENT, «S. Jean Eudes»..., col. 489).

¹¹⁹ Cf. P. MILCENT, «S. Jean Eudes»..., col. 489.

unifica amor: em primeiro lugar, o coração simboliza a vitalidade que permite ir ao encontro dos outros (sentido corporal); em segundo lugar, o coração exprime a interioridade do homem, que é aquele lugar secreto onde o homem se torna num mistério (simbolismo de interioridade); em terceiro lugar, o coração é o templo onde Deus fez a sua morada entre os homens (coração divino). O amor torna-se, assim, aquele dom genético de Deus para o ser humano, no qual o homem se torna amado mesmo antes de existir. Este amor de Deus incarna em Cristo que assume toda a sua plenitude. Enfim, tudo se resume naquela definição que São João dá de Deus: «Deus é amor» (1Jo 4,8). É por causa deste amor de Deus em Jesus Cristo que o homem deve deixar-se cativar, convertendo para Ele toda a sua existência. Maria é o modelo de alguém que deixou tudo para se unir unicamente a Cristo, aceitando que o Mistério tomasse posse da vida de Maria. Daí a ligação inseparável entre os Corações de Jesus e de Maria: porque Maria possui Cristo e Cristo possui Maria¹²⁰.

Libermann, ao ser formador desta comunidade dos eudistas, soube adaptar-se para cumprir fielmente a sua missão, procurando transmitir a doutrina espiritual do seu fundador, colocando de lado as suas sensibilidades pessoais. Por esse motivo, Libermann leu as obras de João Eudes¹²¹ para executar a missão que Deus lhe confiava com zelo. Este contacto com João Eudes foi o momento de regressar às fontes para recuperar o mesmo ardor carismático da Congregação que deveria transmitir aos candidatos. Ao mesmo tempo, serviu para alimentar-se e deixar-se penetrar no mistério dos Corações de Jesus e de Maria, sobretudo o de Maria. Em Maria descobre um coração repleto de graças porque existe uma inserção de Deus na sua vida e na vida de Maria em Deus¹²², daí que Libermann escreve:

«Que tesouro é o Sagrado Coração de Maria! Jesus Cristo colocou nele uma tal plenitude de graças e de favores que aí haverá com que saciar, não só o mundo inteiro, mas cem mil mundos e muito mais ainda; e porque é que Nosso Senhor encheu assim tanto o Coração de Maria? Oh! isso é fácil de adivinhar: é que ele conhece a grande miséria em que todos nos encontramos... Parece-me ouvir esta santa Mãe a gritar a todos nós: ‘Vinde, meus queridos filhos, vinde a mim... Vinde repousar sobre o meu Coração; o meu querido Filho encheu-o de tantas graças que eu terei com que vos satisfazer a todos...’»¹²³.

¹²⁰ Cf. P. MILCENT, «S. Jean Eudes»..., col. 485-499.

¹²¹ Libermann cita algumas das obras de João Eudes: *Le Prédicateur apostolique* (cf. N.D., I, p. 640) e *Le Cœur admirable de la Très Sainte Mère de Dieu* (cf. L.S., II, p. 128).

¹²² Cf. P. BLANCHARD, *Le Vénérable Libermann...*, pp. 213 -215.

¹²³ N.D., I, p. 143.

2.3.3 «O amor de Cristo nos impele» (2Cor 5,14)

É durante a sua estadia em Rennes que Libermann compreende qual era a vontade de Deus para a sua vida. Frederic le Vavasseur¹²⁴ e Eugène Tisserant¹²⁵ vieram ter com Libermann para pedir conselhos sobre a “Obra dos Negros” – uma obra que se ocupasse dos negros que seriam libertos da escravatura. Eram dois homens completamente seduzidos por esta missão, querendo consagrar as suas vidas totalmente a este projecto. Para que esta obra tivesse êxito era necessário formar uma comunidade de homens fervorosos¹²⁶, por isso é que se dirigiram a Libermann para lhes desse, apenas, alguns conselhos. Libermann sente-se dividido: por um lado, a sua responsabilidade no noviciado nos eudistas, um lugar onde pensa que Deus o chama a entrar nesta Congregação; por outro lado, sente um apelo forte para se integrar neste projecto. Que fazer? É a grande questão que Libermann coloca a si mesmo e a Deus, colocando-se nas mãos de Deus. A resposta a esta questão veio em Outubro de 1839, em que Libermann sente «une petite lumière»:

«O primeiro apelo missionário que agradou ao Coração de Maria dar ao nosso querido Padre [Libermann] foi a 25 de Outubro deste ano de 1839, dia em que se celebra na Congregação de Jesus e de Maria a festa do Sagrado Coração de Jesus; três dias depois, 28 de Outubro, uma visão mais clara confirmou-o no seu desejo e decidiu-se inteiramente, como eu o aprendi dele mesmo. Este dia, que

¹²⁴ Nasceu a 11 de Fevereiro de 181,1 na Ilha de Reunião numa família rica que partiu para essa ilha em 1760. Desde cedo foi acompanhado no colégio Real de Saint-Denis, tendo como director o Pe. Warnet, espiritano. Através da leitura da bibliografia de São Luís Gonzaga decidiu ser padre. Seu pai não concordava e enviou-o a Paris para frequentar os estudos Politécnicos. Assim que terminou o curso, entrou para o noviciado dos sulpicianos e mais tarde vai para o Seminário de Issy onde conviveu com Libermann. É durante a sua estadia neste seminário que decide fazer um apostolado ao lado dos negros, já que o seu companheiro Eugène Tisserant era haitiano. Depois de ser ordenado, a 25 de Setembro de 1841 (no mesmo dia que Libermann), em Paris, entra, juntamente com os seus colegas, na nova Sociedade do Imaculado Coração de Maria. Parte, em 1842, para sua terra natal para aí desempenhar a sua missão junto dos escravos. Durante a sua missão promoveu a educação e o ensino religioso para que o povo pudesse ser realmente livre. Em 1849, funda uma Congregação local, a Congregação das Filhas de Maria para colaborarem na sua missão. Nesse mesmo ano, é chamado a regressar a França, para ajudar Libermann no governo da Congregação. Faleceu a 16 de Janeiro de 1882, os seus restos mortais regressaram, em 1969, à Casa-Mãe da Congregação das Filhas de Maria (cf. J. SEIXAS, *Antologia Espiritana. Francisco Libermann...*, pp. 161-162; 423-464).

¹²⁵ Nasceu a 15 de Novembro de 1814, em Paris. Seu pai era farmacêutico e sua mãe era haitiana. Tisserant fez os seus estudos no liceu Charlemagne e depois entra no seminário dos eudistas, em Issy, em 1834, tendo a oportunidade de contactar com Libermann e Le Vavasseur. Através das suas conversas, surgiu a ideia de criar uma Obra que apoiasse os negros das colónias de suas origens. Foi ordenado sacerdote e é nomeado para a Paróquia de Notre-Dames-des-Victoires e é por causa dele que a Obra dos Negros é consagrada a Maria. Em 1842, Tisserant é nomeado Perfeito Apostólico de Haiti, mas por motivos de saúde teve que regressar a França. Em 1845, Tisserant é nomeado Perfeito Apostólico de Duas-Guinés, fazendo parte da segunda equipa enviada, já que os primeiros morreram por causa do clima. No fim de Novembro, Tisserant parte para a sua missão, mas o navio em que tinha embarcado naufraga, morrendo, juntamente com os outros missionários, a 7 de Dezembro de 1845, tinha apenas 31 anos de idade (cf. C. de MARE, *Antologia Espiritana...*, p. 522).

¹²⁶ Cf. N.D., I, pp. 590-634.

ele olhará sempre como um dos mais felizes da sua vida, por causa da graça que Maria se dignou favorecer-lo dando-lhe a conhecer o lugar que ela lhe destinava na sua Igreja, era o da festa de S. Simão e S. Judas»¹²⁷.

Ao descobrir a resposta à sua inquietude, Libermann abandona Rennes e parte para Roma¹²⁸ a fim de apresentar o projecto da fundação da Obra dos Negros. A aprovação deste projecto seria o sinal de Deus para a sua vida. Libermann escreve um “Memorial” onde caracteriza a Obra, querendo que os seus missionários se dediquem totalmente à evangelização dos negros, das antigas colónias francesas, prometendo fidelidade e dependência à Santa Sé¹²⁹. Este texto é fundamental para compreender o carisma que Deus colocava no coração de Libermann. Enquanto aguardava uma resposta da Santa Sé, elaborou a Regra Provisória da futura Sociedade, completamente entregue ao Coração de Maria¹³⁰, considerando o Seu coração como um «santuário de todas as virtudes» e um «modelo de vida apostólica»¹³¹.

Na Regra Provisória, Libermann preocupa-se com os seus membros, pois tudo dependia da vivência cristã que terá impacto em toda a acção apostólica. Coloca como modelos São Pedro, São Paulo e São João. Os dois primeiros, brilhando de zelo ardente ao Coração de Maria, sacrificam-se para que a glória de Deus seja anunciada a todos os homens e para que estes sejam salvos; São João é exemplo daquele que vai à fonte, como filho amado, do Coração de Maria que está repleto de todas as graças de Cristo. É através destes modelos que Libermann vê que os seus membros devem procurar ardentemente a santidade que é o principal meio para o anúncio de Cristo. O fervor – palavra utilizada por Libermann para designar que o missionário deve santificar a sua vida – permite instaurar o Reino de Cristo entre todos os povos¹³².

¹²⁷ N.D., I, pp. 660-661.

¹²⁸ Nesse dia em que Libermann parte para Roma, 3 de Janeiro de 1840, o papa Gregório XVI publica a carta «*In Supremo Apostolatus*», na qual condena solenemente a escravatura e o tráfico dos negros (cf. A. GILBERT, *Le feu sur l'aterre. Un chemin de sainteté avec François Libermann*, Paris: Le Sarment, 1985, p. 152).

¹²⁹ Libermann encontrou o seu amigo Drach que terá marcado uma audiência privada com o Papa Gregório XVI datada a 17 de Fevereiro. Drach relata este encontro no seu jornal: «*O Sumo Pontífice, com visível emoção, impôs as mãos sobre o Sr. Libermann. Quando os dois jovens caminhavam, o Papa perguntou-me comovido: 'Quem é aquele a quem toquei na cabeça?' E disse, em poucas palavras, a história do neófito... o Papa disse então estas palavras 'Sarà un santo' (será um santo)*» (N.D., II, p. 55).

¹³⁰ Le Vavas seur queria que esta nova sociedade fosse chamada “Sacerdotes da Santa Cruz”, pois pretendia que os membros fossem formados numa exigência extrema para que pudessem ser imperativos nas missões. Porém, Libermann, ao tentar escrever uma regra com este espírito, não consegue escrever nem uma linha. Mas ao dedica-la ao Coração de Maria redige com muita facilidade (cf. N.D., II, pp. 6-9).

¹³¹ N.D., II, p. 9.

¹³² Cf. P. BLANCHARD, *Le Vénérable Libermann. Sa personnalité son action*, tome II, Paris: Desclée de Brouwer, 1960, pp. 364-368.

Ao receber a resposta da Propaganda Fidei sobre o projecto da Obra dos Negros sente-se, mais uma vez, «despido» do seu plano, tal como refere Tisserant:

«Oito dias depois da apresentação do seu Memorial, Libermann visitou o Secretário da Propaganda e recebeu uma resposta pouco favorável. Se fizeram algumas diligências, aconselhadas por pessoas de grande virtude, mas sem resultado. Para avançar com uma obra como esta, é necessário ser padre. À insistência de Libermann para saber o que o Monsenhor pensava sobre a obra, este respondeu que só o diria quando fosse sacerdote»¹³³.

Libermann coloca o futuro da obra nas mãos de Deus. A influência de Olier na vida de Libermann é notável neste período: assim como Olier foi curado da sua doença, Libermann decide, também, fazer uma peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora do Loreto, para que realizasse um milagre¹³⁴, face ao seu futuro¹³⁵.

Ao regressar a Roma, Libermann encontra uma carta do seu irmão Sansão que comunica que o bispo de Strasbourg, Mgr. André Raess¹³⁶, que tinha sido recentemente nomeado para esta diocese, estaria disposto a ordená-lo. Libermann considera que Deus respondeu, naquela carta, a todas as suas dúvidas. Assim que chegou a Strasbourg foi recebido no seminário para uma preparação para as Ordens Sagradas. Foi assim que, em pouco espaço de tempo, foi recebendo as ordenações: a 5 de Junho de 1841, véspera da Santíssima Trindade, recebe o subdiaconado; a 10 de Agosto do mesmo ano, festa do diácono mártir São Lourenço, é ordenado diácono; e a 18 de Setembro de 1841, na capela privada do bispo de Amiens, Mgr. Jean-Marie Mioland¹³⁷, é ordenado sacerdote.

«Tenho que lhes dar a notícia da grande misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo para com um indigno servo que nem sequer merece pronunciar o seu santo nome. Esta manhã fui ordenado padre. Deus sabe o que recebi neste tão grande dia! e só Deus o sabe! Porque nem um homem, nem um anjo o pode entender. Rezai todos para a sua glória, para a salvação e santificação das almas e para a edificação da Igreja, o eu ter chegado ao sacerdócio. Pedi a Nosso Senhor que me santifique à sua glória; pois é a isso que é preciso consagrar-me daqui em diante»¹³⁸.

¹³³ N.D., II, p. 6.

¹³⁴ Muitos consideram que Libermann foi milagrosamente curado da epilepsia. Mas, na verdade, Libermann não foi curado. Libermann continuará a sofrer com a sua doença, nomeadamente em 1846. Contudo, pode-se dizer que as suas crises de epilepsia ficaram mais controladas (cf. J. SEIXAS, *Antologia Espiritana. Francisco Libermann...*, p. 289).

¹³⁵ Cf. J. GAY, *Libermann...*, pp. 134-137.

¹³⁶ Em diversos textos encontram-se com uma ortografia diferente: Andreas Räß.

¹³⁷ Cf. J. SEIXAS, *Antologia Espiritana. Francisco Libermann...*, pp. 308-318.

¹³⁸ N.D., II, p. 497.

A 25 de Setembro de 1841, Libermann, rodeado de Le Vavas seur, Tisserant e Desgenettes¹³⁹, celebra a primeira missa, na Igreja de Nossa Senhora das Vitórias, no altar da Arquiconfraria do Sagrado Coração de Maria, consagrando a nova Sociedade ao Imaculado Coração de Maria.

O projecto de Libermann começa a estruturar-se: no mesmo ano, abre, em Amiens, a primeira casa do noviciado. A partir de 1843, os primeiros missionários partem: Tiago Laval¹⁴⁰ é enviado para a ilha da Maurícia (1844); Le Vavas seur parte para a ilha Bourbon (hoje a ilha de Reunião); Tisserant foi enviado para o Haiti. Ao mesmo tempo surgem muitas dificuldades. Muitos missionários perdem a vida por causa da duração das viagens e por causa da dureza do clima e das doenças. Libermann sente-se, portanto, chamado a formar um clero autóctone. Aliás, o próprio ambiente eclesial ajudou a entender a vontade de Deus. Mgr. Jean-Félix-Onésime Luquet – membro das Missões Estrangeiras de Paris e Vigário Apostólico de Madurai e Coromandel Costa, na Índia – a pedido da Propaganda Fidei, elabora um tratado missiológico, apresentando a importância do clero indígena; em 1845, a Santa Sé publica a Instrução «Nominem Prefecto», grande documento missionário do século XIX, apresentando uma sólida reflexão eclesiológica e pastoral na qual apresenta a necessidade da existência de um episcopado e do clero nativo.

¹³⁹ Charles Dufriche-Desgenettes, da diocese de Alençon, onde nasceu em 1778. Ordenado sacerdote aos 28 anos, torna-se conhecido como um sacerdote refratário (denominação dada pela Revolução Francesa ao clero que negara o juramento cívico dos princípios revolucionários). A sua solicitude pastoral revela-se durante a epidemia da febre tifóide. Abertamente anti-napoleónico, teve de se esconder durante o Governo dos Cem Dias e deixar a sua paróquia na diocese de Alençon, refugiando-se em Paris. Primeiramente foi pároco de uma paróquia burguesa, bastante rica, tendo à sua disposição a capela das Missões Estrangeiras, na rua do Bac; mais tarde, foi nomeado para a paróquia de Nossa Senhora das Vitórias (igreja dos «Petis Péres» – expressão de carinho devido ao testemunho de pobreza dos membros da Ordem de Santo Agostinho, “fundadores” desta igreja). Foi três vezes proposto para bispo, mas não aceitou o episcopado devido à sua frontalidade. Como pároco de Nossa Senhora das Vitórias, funda a Arquiconfraria do Imaculado Coração de Maria, centro de numerosas conversões. A 2 de Fevereiro de 1839, lança uma campanha apostólica pela salvação da raça negra. Homem de se dar por inteiro tanto à caridade para com os pobres e para os pecadores bem como na defesa das suas convicções. Iniciador da Obra dos Negros junto com F. Vavas seur e E. Tisserant; amigo íntimo de F. Libermann. Faleceu em Paris, em 1860 (C. de MARE, *Antologia Espiritana...* pp. 571-518).

¹⁴⁰ Jacques-Désire Laval nasceu a 18 de Setembro de 1803, à Croth, na região da Normandia. Durante alguns anos foi médico e mais tarde sente-se chamado a ser padre e missionário. Foi ordenado em 1848 e foi pároco numa pequena Paróquia de Pinterville (Alta-Normandia), onde dedicou muito tempo à oração, já que não tinha muito trabalho. Um seminarista de São Sulpício, em Rennes, passa na sua paróquia e conversam sobre o projecto de Libermann. Laval deseja entrar nesta nova Sociedade, mas procura ver se realmente era a vontade de Deus. Mais tarde, o Vigário Apostólico da Maurícia necessitava de padres franceses e ficou a saber o interesse missionário de Laval. Foi assim que partiu em 1844 para a sua nova missão, agora como membro da Sociedade fundada por Libermann. Na sua missão defende com muita coragem os direitos dos negros e preocupava-se para que os mauritanos fossem bem evangelizados, estando sempre ao lado dos que mais necessitavam. Em 1860, fica gravemente doente, não podendo continuar com o seu apostolado. Veio a falecer no dia 9 de Setembro de 1864. Foi beatificado pelo Papa João Paulo II a 29 de Abril de 1979 (A. TORRES NEIVA, *Com a força do Espírito...*, pp. 141-145).

É baseado neste texto que Libermann elabora o “Memorial de 1846”, denunciando alguns problemas das missões que eram causados pelos vícios da Europa nas diversas colónias africanas. Nesse mesmo Memorial apresenta um novo método apostólico: os missionários não deviam preocupar-se apenas com a evangelização, mas de arranjar novas estruturas para que houvesse uma civilização evoluída a tal ponto que conseguissem a independência total do ser humano. A civilização evoluída significa que os próprios países deviam ter meios para se desenvolverem. Por isso, Libermann apresenta algumas necessidades primordiais: escolas, professores, catequistas, técnicas para a agricultura, as artes e para os ofícios e que a evangelização fosse feita pelo próprio povo, formando um clero nativo, tal como era proposto pelo papa Gregório XVI¹⁴¹.

Mais tarde, Libermann escreve uma carta à comunidade de Dakar, onde se encontram as ideias-fonte de toda a acção missionária da Congregação. Nela pede que os missionários se façam negros com os negros¹⁴², ou seja, que os missionários tenham um espírito de total despojamento à maneira de Cristo que «aniquilou-se a si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-se ainda mais, obedecendo até à morte e morte de Cruz» (Fl 2,7-8).

2.4 Sociedade do Imaculado Coração de Maria e a Congregação do Espírito Santo: um projecto, duas vidas

A espiritualidade missionária de Libermann ficará para a história da Congregação do Espírito Santo, quando se tornou Superior Geral da Congregação do Espírito Santo.

Nos finais do século XVIII, a Congregação do Espírito Santo perde o seu grande prestígio¹⁴³, herdado de Poullart des Places. Em 1819, a Congregação começa a recuperar os seus direitos perdidos pela Revolução Francesa, mas a sua espiritualidade está muito além do espírito inicial. O governo francês pede missionários para as suas

¹⁴¹ Cf. A. TAVARES, *Caminhos do Espírito...* pp. 233-241.

¹⁴² Cf. N.D., IX, p. 330.

¹⁴³ François Becquet, quarto Superior Geral da Congregação do Espírito Santo, quis reforçar o papel da Congregação no mundo. Aproveitando que os jesuítas foram expulsos dos territórios franceses, Becquet reorganizou o apostolado missionário nas terras de ultramar. Para corresponder às necessidades pastorais, foram enviados padres – não espiritanos mas associados à Congregação. Ora como estes padres não foram formados para assumir cargos missionários, a Congregação perde a sua reputação e credibilidade. Por um lado, um elevado número dos membros da Congregação, ao longo da primeira metade do século XIX, decide abandonar. Por outro lado, o Ministério da Marina renunera com quantidades elevadas de dinheiro para que estes missionários obedecessem mais à autoridade colonial o que lhes permitia controlar a sua acção pastoral (cf. A. LIMBOUR, *La Congrégation du Saint-Esprit...*, pp. 40-49).

colónias. Mas como fazer, se a Congregação só tem quatro elementos? Ora, foi necessário recrutar novos missionários que eram enviados, mas com uma formação muito debilitada. Esse fabrico de missionários prejudicava a acção missionária, uma vez que muitos deles eram homens respeitáveis, mas sem uma espiritualidade missionária. Os bispos dos territórios de missão desejavam que os missionários espíritanos abandonassem as missões. Mgr. Fourdinier, que governou a Congregação espiritana como Superior Geral, de 1832 a 1845, sente que não tem capacidade para recuperar o espírito, projectando algumas reformas, sobretudo na admissão dos missionários e no modo de viver a missão, salientando a importância da vida comunitária. Mas isto, não passa de um desejo. Na verdade, era necessário responder às necessidades espirituais de missionários para as missões. Quer a nunciatura de Paris quer a Propaganda Fidei¹⁴⁴ vêm em Libermann um homem com capacidades de salvar este seminário. É necessário esperar oito anos. Muitos recusavam a união destas duas Famílias Religiosas. Mas a união viria ajudar as duas: abrir-se-ia, para a Sociedade do Coração de Maria, um vasto campo apostólico, suprimindo todos os processos jurídicos; para a Congregação do Espírito Santo, estando já organizada e apreciada universalmente, aportaria um sangue novo e um rejuvenescimento da acção da Congregação¹⁴⁵.

«Se tivéssemos continuado separados, a Sociedade do Sagrado Coração de Maria estaria exposta, se não a fracassaria, pelo menos a arrastar-se ainda durante bastante tempo e talvez a experimentar daqui a alguns anos, dificuldades e oposições tais que todas as suas obras seriam travadas. Pelo contrário, uma vez feita a união, as nossas obras ganham uma grande admissão; e temos mais facilidade em realizar [...] Considerando isto, e vendo que, unindo-nos, não renunciamos ao espírito em que devemos viver, nem sequer à nossa dedicação ao Sagrado Coração de Maria, achei que a união seria vantajosa para as duas Congregações. Parecia-me que a vontade de Deus ia no mesmo sentido, e o consentimento de todos os membros parecia-me não oferecer dúvidas»¹⁴⁶.

A 10 de Junho de 1848, na véspera da festa de Pentecostes, iniciaram as discussões para esta fusão, que terminaram a 24 de Agosto do mesmo ano, na Casa-Mãe dos espíritanos em Paris. Nesta reunião elegeram Libermann como o 11º Superior Geral da Congregação do Espírito Santo, suprimindo a Sociedade do Coração de Maria e reintegrando todos os seus membros¹⁴⁷ na Congregação do Espírito Santo, sob a

¹⁴⁴ Existem também outras pessoas que escreviam cartas a Libermann para que se unisse à Congregação do Espírito Santo, dentro deste grupo sobressai a Anne-Marie Javouhey, fundadora da Congregação das Irmãs de São José de Clunny.

¹⁴⁵ Cf. N.D., VII, p. 112.

¹⁴⁶ N.D., X, p. 340.

¹⁴⁷ Com a fusão a Congregação do Espírito Santo passa de quatro a quarenta e três elementos.

protecção do Imaculado Coração de Maria¹⁴⁸. Nasce, assim, uma regra remodelada, inspirada na que foi elaborada em 1734, e onde se define o carisma espiritano e a sua espiritualidade, que acompanhará até aos dias de hoje: a atenção às almas mais necessitadas e às mais abandonadas nos países longínquos, sem negligear as obras pobres da Europa; os missionários carecem do zelo apostólico, fazendo-se próximos daqueles a quem forem enviados; a contribuição com a Igreja local, querendo que estas Igrejas tenham sacerdotes suficientes para desempenharem o seu ministério; a profissão dos conselhos evangélicos, pelos quais se consagram totalmente a Deus; e instaura a vida comunitária que ajudará na santificação dos seus membros e para que permaneçam fiéis à vocação, apesar de todas as dificuldades¹⁴⁹.

O seu mandato é marcado por muitos sofrimentos oriundos das dificuldades das missões. Todavia isso não impediu de superar, através de palavras que animavam, aconselhavam e fortaleciam, os membros da Congregação. Infelizmente, a sua saúde não permitia muito mais, mas sente-se totalmente envolvido nesta obra que

«A partir de agora, sinto orgulho em poder dizer que também sou africano e mais africano que vós todos, porque tive todas as doenças de África: há sete anos tive uma disenteria; no verão passado comecei com uma febre hepática. Mesmo assim, quase a cair morto, escreverei a todos vós; tenho é de contentar-me com pequenas cartas»¹⁵⁰.

Libermann encontra-se totalmente esgotado pelas doenças e pelo trabalho. Antes de suspirar, dirige uma última mensagem que resume a sua doutrina espiritual espiritana:

«Sede fervorosos, fervorosos, sempre fervorosos, e sobretudo a caridade, a caridade sobretudo. Caridade em Jesus Cristo, caridade por Jesus Cristo, caridade em nome de Jesus Cristo. Fervor, caridade, união com Jesus Cristo. Vejo-vos pela última vez, estou feliz por vos ver. Sacrificai-vos por Jesus, só por Jesus. Deus é tudo; o homem é nada. Espírito de sacrifício, zelo pela glória de Deus, pela salvação das almas»¹⁵¹.

Enquanto se cantava o cântico do Magnificat, na capela, Libermann morreu no dia 2 de Fevereiro de 1852. O seu corpo encontra-se na capela da Casa-Mãe dos espiritanos, em Paris. No dia 19 de Fevereiro de 1910, o Papa Pio X proclamou a heroicidade das virtudes de Libermann, declarando-o Venerável¹⁵².

¹⁴⁸ Cf. RVE, nº 2.

¹⁴⁹ Cf. N.D., X, p. 450; cf. tb. J. GAY, *Libermann...*, 231-233; RVE nº12-26.

¹⁵⁰ L.S., IV, p. 687.

¹⁵¹ N.D., XIII, pp. 659-660.

¹⁵² Cf. J. BOEGLIN, *O decreto sobre a heroicidade das virtudes teologais* in *Missão Espiritana* 15 (2009), 136-137.

CAPÍTULO II

IDENTIDADE ESPIRITANA: ESPIRITUALIDADE

Neste segundo capítulo, pretende-se que se reflecta sobre a espiritualidade como um caminho que dirige o homem até Deus. Um caminho onde se percorre à procura de Deus na vida, na história. Vivendo, assim, na fidelidade de que Deus é sempre uma novidade para o homem.

1. Espiritualidade: convite a viver em Deus

O carisma, como dom de Deus que é dado ao homem, produz frutos de uma procura constante da vontade de Deus na vida do indivíduo. É este o grande desafio que o homem deve procurar ao longo da sua existência: que Deus tenha um lugar preferencial no mundo. É uma resposta que não pode ser dada apenas num momento preciso, mas é um dinamismo que lhe abre para um futuro onde seja Deus a dar um sentido e uma orientação à existência humana. Como resultado o homem procura possuir Deus como única fonte da felicidade humana.

Surge, assim, a necessidade de se aperfeiçoar e de se aproximar cada vez mais de Deus, fazendo com que as raízes da existência humana estejam totalmente arraigadas em Deus. O grande desafio é procurar o meio mais favorável para permitir que Deus fale ao homem. É dentro deste desejo que nasce a necessidade de uma espiritualidade.

Hoje é difícil falar de espiritualidade, pois, na mentalidade de muitos crentes, a espiritualidade resume-se a um conjunto de práticas religiosas, devocionais ou, até mesmo, tradicionais, nas quais se vai realizando um certo número de actos, de orações ou de rituais revelando um modo de se comportar de acordo com a sua religiosidade. Outros vêem a espiritualidade como uma ciência que tenta aplicar os dogmas da fé de uma forma prática, de tal modo que possam ser vividas. Resumir o conceito de espiritualidade nestas duas observações empobrece toda a acção que Deus vai operando na humanidade, desde o momento da criação até ao tempo presente. Para redescobrir a riqueza da espiritualidade cristã tem que se percorrer o conceito de «espírito» ao longo da Sagrada Escritura.

1.1 Perspectiva bíblica de espiritualidade

É preciso ter em conta que, na Sagrada Escritura, não existe nenhuma passagem que defina ou que indique o sentido do conceito «espiritualidade»; mas também não quer dizer que a espiritualidade não esteja presente. A Sagrada Escritura alimenta e orienta a espiritualidade cristã¹⁵³.

No Antigo Testamento este conceito é apresentado pelo termo hebraico «rû^{ah}» que se pode traduzir como hálito, respiro (cf. Jb 15,30; 19,17), sopro (cf. Sl 78,39, Jb 7,7), vento (cf. Sl 33,6; 104,4), princípio da vida (cf. Gen 2,7; Zc 12,1, Is 42,5; 2 Mc 7,22, Ecl 12,7). Rû^{ah} é aquela força dinâmica que permite que a criatura tenha vida, que se possa movimentar, colaborando na obra criadora de Deus. Esta vitalidade não pode ser interpretada como um simples acto de existir, mas deve ser encarada como um dinamismo que permite que o individuo tenha consciência de que é um ser criado do nada (cf. Gen 2,5), dando à criatura um lugar particular no conjunto da obra da criação, porque é visto como a criatura mais bela entre as criaturas (cf. Gen 1,31). Existe uma separação entre os animais e o homem uma vez que o homem possui uma «alma vivente», possibilitando uma amizade profunda entre a humanidade e Deus (Gen 2,7)¹⁵⁴. Esta «alma vivente» é o fogo devorador que causa o sentimento de saudade de Deus, que o obriga a ir ao encontro do seu Criador¹⁵⁵.

No Novo Testamento utiliza-se o termo grego πνεῦμα (pneuma) que tem o mesmo significado e as mesmas ideias que o termo hebraico, «rû^{ah}». Contudo, existe uma particularidade: Jesus Cristo. Através do mistério da Encarnação e da Redenção de Cristo realiza a restauração da vida humana, deteriorada pelo pecado, e onde toda a criação é recapitulada N'Ele (cf. Ef 1,10). Reconhece-se neste dinamismo a presença do espírito ao longo de toda a acção de Jesus, desde o momento do Seu baptismo, realizado por João Baptista no rio Jordão (cf. Mt 3,13-17; Mc 1,9-12), que O encoraja a percorrer as aldeias e cidades para anunciar o Reino de Deus (cf. Mt 12,32; Mc 3,29; Lc 12,10) a fim de que possa cumprir a sua missão, até à Sua Morte e Ressurreição. Nos escritos de São Lucas – o Evangelho e os Actos dos Apóstolos – vê-se que é o mesmo espírito que dá continuidade à missão de Cristo e da Igreja, pois é Ele o protagonista da missão confiada por Cristo aos Apóstolos, concedendo o poder de se tornarem testemunhas,

¹⁵³ Cf. BENEDICTUS PP. XVI, adhortatio apostolica postsynodalis *Verbum domini*, n° 48.

¹⁵⁴ Cf. J. MACKENZIE, «espírito» in Dicionário bíblico, São Paulo: Edições Paulus, 1983, pp. 303-304.

¹⁵⁵ Cf. IGREJA CATÓLICA, *Catecismo da Igreja Católica*, n° 362-363, Lisboa: Gráfica de Coimbra, 1997, p. 104.

desta vida nova, até aos confins da terra. Tal poder é-lhes concedido no dia de Pentecostes¹⁵⁶. É esta força que tem acompanhado a Igreja ao longo dos séculos até aos dias de hoje.

Com este enquadramento bíblico entende-se que o ser humano, enquanto ser criado por Deus, é chamado à vida. O homem sente ou deve sentir que possui uma dignidade que lhe é própria, insubstituível e intransmissível, e, enquanto tal, possui capacidades físicas, intelectuais e sentimentais que tornam o homem completamente curioso acerca da sua existência e com ambição de possuir uma certeza da sua história e do sentido da sua vida. Ao homem é-lhe dado a capacidade de governar, de dar o nome a tudo aquilo que está ao seu redor (cf. Gen 2,20), mas não existe uma auto-nomeação, nem pode dar o nome a Deus. É o próprio Deus quem nomeia o homem e se dá a conhecer (cf. Ex 3,11-14). Vê-se assim que o homem só pode dar o nome a tudo aquilo que conhece ou que tem a possibilidade de conhecer. O homem, enquanto tal, está fora deste conhecimento. O homem não conhece nada da sua existência, e por mais que investigue continua a ser um autêntico mistério para si mesmo. Daí surgem as grandes questões fundamentais da existência humana: de onde vivemos? Quem somos? Para onde vamos? Por outras palavras, o grande problema do homem é de querer saber a pura facticidade do nascer, do viver e do morrer¹⁵⁷. Estas questões acompanham toda a existência humana, pois por mais que o homem procure desvendar o enigma da vida, percebe que surgem questões novas que necessitam de ser estudadas. O que leva a concluir que na sua existência há algo que ultrapassa toda a racionalidade humana¹⁵⁸.

É nesta dimensão que entra a fé, não como algo que justifica o injustificável, isto é, tudo aquilo que está fora do alcance da racionalidade do ser humano, mas como algo que ilumina e que constrói solidamente a vida em Deus¹⁵⁹. Por isso, a vida do homem nunca continua a ser a mesma, e não pode ser banalizada. Deve existir nele uma mudança constante onde se veja que o drama da existência humana pode ser superado na medida em que o homem faz uma experiência profunda da presença de Deus na sua vida, onde se superam todos os enigmas, mesmo que não se compreendam. Isto quer dizer que o homem percebe aquilo que é, quando permanece unido a Deus.

¹⁵⁶ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, lettera enciclica *Redemptoris Missio*, n° 7-8; cf. tb. J. MACKENZIE, «espírito» in *Dicionário...*, pp. 305-306.

¹⁵⁷ Cf. J. COUTINHO, *Os caminhos de Deus...*, p. 11.

¹⁵⁸ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Redemptoris Missio*, n° 28.

¹⁵⁹ Cf. FRANCISCUS PP, *Lumen Fidei*, n° 2-3.

1.2 Desvios na compreensão da espiritualidade cristã

Cometem-se algumas deformações sobre a forma de viver Deus na própria existência, caindo num certo fundamentalismo espiritual, o qual oprime o ser humano. Aí encontra-se uma espiritualidade que escraviza o homem, onde se começa a desprezar a própria existência. Um destes riscos é viver a espiritualidade à maneira neoplatónica¹⁶⁰, na qual se encara o corpo como uma dimensão negativa da existência, onde se considera que o corpo impede que o espírito seja perfeito. Crê-se, assim, que a existência terrena possui um objectivo de preparação ou de aperfeiçoamento da alma para a felicidade que se realiza em Deus, numa vida onde a matéria (o corpo) tem o seu fim. Outro risco é a privatização do espírito. Isto quer dizer que, em muitos escritos místicos, muito mais presente na Idade Média, definem a vida espiritual como algo fora da dimensão social. Tal é possível ver-se, em alguns textos onde se utiliza a expressão «desprezo do mundo», ou «fuga mundi» (fuga do mundo). Assim, para se ter uma boa vida espiritual é necessário viver longe da sociedade, separando aquilo que é domínio da Igreja e aquilo que é domínio da sociedade¹⁶¹. Um outro perigo é de encarar a espiritualidade como um recurso psicológico que permite com que um grupo de pessoas tenha uma certa segurança, uma certa serenidade, mas, na verdade, são pessoas desequilibradas, sobretudo a nível afectivo e emocional. Por causa deste desequilíbrio tenta-se tranquilizar o homem que anda angustiado pelo sentimento de culpa, por uma consciência de uma miséria moral, tentando recuperar na espiritualidade um conforto afectivo e emocional, tolerando que se viva longe da dura realidade do quotidiano¹⁶². Existe, portanto, uma dificuldade em aceitar os desafios que são próprios da vida humana, o que faz com que Deus seja como que um analgésico para os sofrimentos da sua própria existência, procurando uma felicidade fora da realidade em que vivem, buscando na escatologia a recompensa para o drama da sua existência.

¹⁶⁰ Foi uma influência cristã que esteve presente desde século III até à Idade Média. O neoplatonismo é uma corrente filosófica que influenciou teológico-metafisicamente esta época. Plotino (204/205-270) é o seu criador e o seu ilustre representante, que é bem desenvolvido na sua obra intitulada *Enéades*. O seu pensamento é baseado nos aspectos cosmológicos e espirituais desenvolvidos por Platão, no qual apresentam a alma humana que foi afastada do Ser Supremo mas que, apesar de tudo, continua a existir um caminho que faz regressar ao Transcendente. O neoplatonismo influenciou o pensamento cristão de Agostinho de Hipona, Boécio, João Escoto Erígena e Boaventura de Bagnoregio, Pseudo-Dionísio, o Areopagita (cf. S. LILLA, «Neoplatonismo» in A. di BERARDINO, *Diccionario Patristico y de la antigüedad cristiana*, vol. II, Salamanca: Ediciones Sigueme, 1992, pp. 1509-1520).

¹⁶¹ Cf. A. GUERRA, «Espiritualidade» in A. RODRIGUES; J. CASCAS, *Diccionario Teologico de la Vida Consagrada*, Madrid: Publicaciones Claretianas, 1989, pp. 574-575.

¹⁶² Cf. S. GAMARRA, *Teologia Espiritual*, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2007^{2º} ed., pp. 30-32.

1.3 A Espiritualidade como caminho de encontro com Deus

O que se pede aos discípulos de Cristo é que, no meio das dificuldades da vida, saibam participar no Mistério Redentor de Cristo donde se abre um horizonte escatológico, querendo experimentar já neste mundo a ordem escatológica, onde há um dinamismo de vida totalmente diferente. Assim, o discípulo de Cristo é aquele que tenta «descobrir quanto Deus ama este mundo e o orienta sem cessar para Si; e isto leva o cristão a comprometer-se, a viver de modo mais intenso o seu caminho sobre a terra»¹⁶³.

Nestes exemplos¹⁶⁴ vê-se que, quando não se tem uma consciência clara do significado de espiritualidade, vive-se uma vida com falsas imagens de Deus, uma espiritualidade baseada em superstições, tradições, fobias, com sentimentos de auto-culpabilização que inibem o homem de ser verdadeiramente homem. Esta forma de viver a espiritualidade faz com que apareça uma dimensão alheia à vida quotidiana do homem, fazendo com que não se tenha qualquer tipo de referência a essa vivência do dia-a-dia¹⁶⁵. Se assim é, como é que se entende a importância de uma espiritualidade na vida cristã? O problema não está na espiritualidade enquanto tal, nem nos diversos esforços que o homem faz para que viva em plena comunhão com Deus, através dos actos ditos populares. O problema está na criação de uma falsa imagem de Deus, construída para satisfazer as próprias vontades, na medida em que não se vive uma coerência entre a vida real e a vida espiritual, fazendo da espiritualidade uma dimensão irreal da vida humana. Quando se vive uma incoerência entre aquilo que se professa e aquilo que se vive dá-se asas a uma imaginação havendo uma separação entre tudo aquilo que é teórico e o que é prático, possibilitando que se tenha comportamentos indignos mas que se tenha uma vida espiritual bem digna¹⁶⁶.

É por causa desta separação que muitos filósofos da época moderna criticam a religião, porque vêem nela um modo de controlar a consciência humana, permitindo que haja um decálogo – apresentado por Deus – ao qual o homem deve obedecer até ao pormenor. Desta forma, a religião resume-se a um enquadramento de comportamentos, de convicções, que são o resumo do seu relacionamento com Deus. Esta atitude permite

¹⁶³ FRANCISCUS, PP, *Lumen Fidei*, nº 18.

¹⁶⁴ Poder-se-iam nomear ainda outros grupos de pessoas que vivem uma espiritualidade de uma forma alheia à sociedade. Este tipo de espiritualidade surge quando existem diversos problemas quer a nível pessoal, quer a nível socioeconómico. Daí a necessidade de se ter presente toda a realidade da pessoa em causa, para que esta possa crescer numa espiritualidade que traz a libertação ao homem.

¹⁶⁵ Cf. J. MARTÍNEZ, *Moral social y espiritualidad. Una co(i)nspiración necesaria*, Cantabria: Editorial Sal Terrae, 2011, p. 25.

¹⁶⁶ Cf. A. GUERRA, «Espiritualidade» in A. RODRIGUES; J. CASCAS, *Diccionario Teologico...*, pp. 575-576.

viver a sua existência baseada num fanatismo, num fundamentalismo religioso que o possibilita a cometer erros contrários ao espírito do Evangelho que professa. O fundamentalismo religioso fecha o indivíduo a um raciocínio egocêntrico baseando o seu pensamento em convicções fechadas, as quais não abrem horizontes de uma vida em Deus e para Deus. O fundamentalismo religioso centra a sua atenção numa bagagem superficial da espiritualidade, porque se exprime em doutrinas fechadas contendo a sua vigilância a elementos exteriores, tais como: às normas e proibições; às práticas devocionais, às escolhas selectivas das verdades da fé, fundamentando a sua doutrina a partir de palavras ou de expressões que satisfazem o seu ego, a uma participação selectiva aos sacramentos, a uma repetição de princípios doutrinários, a moralismos brandos ou crispados que não convertem a vida dos baptizados. Na verdade, o fundamentalismo religioso define-se por um «medíocre pragmatismo da vida quotidiana da Igreja, na qual, aparentemente, tudo parece normalidade, mas, na verdade, a fé, vai-se desgastando e degenerando em mesquinhez»¹⁶⁷. Diante deste facto, questiona-se: se o seu pensamento já está formatado por um fundamento religioso, então qual é a necessidade de um relacionamento com Deus¹⁶⁸?

Tendo todas estas dimensões bem presentes, como é que se compreende a espiritualidade cristã? A espiritualidade cristã baseia-se numa vontade de viver na condição de seres criados por Deus, isto é, do homem ser imagem e semelhança de Deus (cf. Gen 1,16). Através da tradição cristã, percebe-se que tal é possível quando o homem se configura à pessoa de Cristo, assumindo-O como protótipo da perfeição para a humanidade. O Evangelho, como cume de toda a revelação de Deus na pessoa de Cristo, é um dos pilares fundamentais para que haja uma espiritualidade que permita avançar neste caminho de perfeição. Esta perfeição acontece quando o homem acolhe a vida regenerada por Cristo e que pela acção do Espírito Santo se vai deixando santificar. É um caminho longo¹⁶⁹ que tem início no Baptismo que o abre para essa vontade de ser filho no Filho, e que pela força do Espírito Santo vai modelando o homem para que seja fiel a este propósito de viver numa relação íntima com Deus, desejando amá-LO e servi-LO de todo o coração e de toda a alma (cf. Dt 10,10)¹⁷⁰. Ao olhar para Cristo, como protótipo da humanidade, o homem fica com sede da santidade de Deus. Surge uma

¹⁶⁷ CELAM, Documento final da V Conferencia Geral, Aparecida, 13-31 de Maio de 2007, nº 12.

¹⁶⁸ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, lettera enciclica *Centesimus annus*, nº 46.

¹⁶⁹ Tal ideia está bem presente na expressão de Pelágio “*Age ut in spiritualitate proficias*” = comporta-te de modo a progredir na espiritualidade (cf. S. GAMARRA, *Teologia Espiritual...*, p. 18).

¹⁷⁰ Cf. L. ROCHA E MELO, *Que é a espiritualidade* in *Communio* 3 (1994), pp. 199-200.

vontade de satisfazer-se plenamente de Cristo, que é a Água Viva (cf. Jo 4,10; 7,38). Só a partir de Cristo é que se pode beber da fonte da santidade de Deus. Só Deus é quem pode dar a santidade; o homem só tem que acolher e fazer com que entre neste projecto de Deus, deixando-se modelar pelas mãos de Deus (cf. Jr 18,4)¹⁷¹.

A modelação acontece quando o homem escuta o seu Pai, através do seu Filho. O convite é lançado por Deus em dois momentos na vida pública de Jesus: no momento do Baptismo de Jesus (cf. Mt 3,17; Mc 1,11; Lc 3,22) e na Transfiguração de Jesus (cf. Mt 17,2; Mc 9,2; Lc 9,29). O homem, se quer ser fiel a Deus, tem que fixar os olhos naquele que é a Palavra de Deus Encarnada, centrando toda a atenção naquilo que o próprio Cristo tem para dizer ao homem. Ao escutar Deus através de Cristo, realiza-se uma Aliança entre o homem e Deus, onde a espiritualidade cristã se fixa em Cristo, e onde toda a existência humana ganha um sentido novo em Cristo, por Cristo e com Cristo. Estas preposições são elementos decisivos para uma espiritualidade da Aliança, uma vez que na medida em que se escuta, e se vai unindo ao κήρυγμα, (kérygma), o homem mergulha no mistério Trinitário de Deus que, através de Cristo, se sente atraído¹⁷².

Por causa desta atracção a Deus, por Cristo, o homem é capaz de deixar tudo para procurar Deus em tudo e em todo o sítio (cf. Mt 6,25-34), tendo o desejo de encontrar uma felicidade que não seja «light» mas que preencha toda a sua existência. Para isso é necessário que haja uma renúncia a muitos amores, desejos, vontades próprias. Renunciar não é sinónimo de desprezar aquilo que é mundano, mas é tomar consciência e dando preferência a qual dos caminhos pretende dar mais atenção: se prefere ter uma vida puramente mundana onde Deus está longe da vida do homem, totalmente autónoma, ou, então, Deus está presente na vida e que isso terá reflexo na relação com o mundo e com tudo aquilo que o mundo possui.

1.4 Acção do Espírito Santo na vida espiritual

Para que o homem para que seja fiel a Deus, uma vez que o homem está sempre tentado a afastar-se de Deus (cf. Ex 32,1-6; Rm 7,19), necessita de uma força mais forte que permita uma configuração à pessoa de Cristo: o Espírito Santo. O Espírito Santo capacita o homem a seguir Cristo, sendo o Verbo por excelência de todos os cristãos,

¹⁷¹Cf. BENEDICTUS PP. XVI, *Verbum domini*, nº 11.

¹⁷² Cf. H. URS VON BALTHASAR, *O Evangelho como norma e crítica de toda a espiritualidade da Igreja*, in *Concilium* 9 (1965), pp. 11-13.

pois é neste seguimento que o homem responde à sua vocação ontológica – ser de Deus, vivendo em Deus e em Cristo pelo Espírito Santo. Quando o homem tenta afastar-se de Deus, seguindo a via da infidelidade, torna-se um homem perdido, desorientado. Afastar-se de Deus é afastar-se de si mesmo. Perder Deus é perder-se. Contudo, a presença do Espírito Santo no homem, recorda a condição transcendental que é a condição filial: de ser senhor de tudo aquilo que foi dado ao homem, a criação. Recordar esta bela página do livro do Génesis, onde se narra a criação do ser humano (cf. Gen 1,26-31; 2,7-25), convida o homem a voltar-se para Deus, e não desperdiçar a sua condição filial. Esta condição abbática (cf. Rm 8,15; Gal 4,6)¹⁷³ faz do cristão um ser dependente e não autónomo de Deus. Mas esta dependência não anula a sua autonomia, mas reforça-a, porque, ao ser-se dependente de Deus, percebe-se que está imbuído em «consistência, verdade, bondade» (GS, 36) e como tal possui um valor que não lhe pode ser retirado. A acção do Espírito Santo vem trazer à memória do crente a paixão que Deus tem pelo homem (cf. Is 43), que o faz reconhecer e aceitar que Deus tem um primado sobre a vida do homem para que ela tenha realmente beleza¹⁷⁴.

A Sagrada Escritura, tal como já foi descrito nas linhas anteriores, descreve a acção do Espírito Santo na vida dos crentes. O Espírito Santo é aquela força que coloca o homem crente em movimento, em direcção a uma santidade que não é alcançada por meios humanos, mas através do próprio Deus que vai divinizando o ser humano. Esta divinização não é uma transformação do homem num «super-homem» que o torna invencível a toda a realidade mundana; esta divinização acontece na medida em que o próprio homem se deixa capacitar para enfrentar todos os desafios que a vida humana contém. É nestes momentos, pela forma como o homem lida com os obstáculos da vida, que Deus pode ser glorificado. Veja-se, por exemplo, o testemunho dado pelo apóstolo dos gentios, São Paulo. Este missionário dos pagãos teve a experiência dos sofrimentos (cf. 2 Cor 11,22-31), contudo, quanto mais confiou em Deus, mais se tornou um apaixonado por Cristo, que o capacitou, pela força do Espírito Santo, a realizar acções totalmente impossíveis a um homem que não coloca a sua confiança em Deus¹⁷⁵. Então confiar não significa que se está protegido de todos os sofrimentos, mas abre-se uma porta onde, tal como afirma o episcopado italiano:

¹⁷³ Este termo é utilizado por Jesus na hora da sua agonia, no Jardim das Oliveiras (Mc 14, 36). São Paulo utiliza este termo para mostrar que o cristão pode chamar «*Abbá*» a Deus porque está introduzido na mesma relação por Jesus Cristo.

¹⁷⁴ Cf. FRANCISCUS PP, *Lumen Fidei*, nº 19-20.

¹⁷⁵ Cf. F. LESTANG, *Vivre selon l'Esprit de Jésus. Parcours de spiritualité paulinienne* in *Spiritus* (207) 2012, pp. 201-204.

«Crer será, então, abraçar a Cruz do seguimento, não a Cruz cómoda e gratificante que desejamos, mas a Cruz humilde e obscura que nos é dada, para dar cumprimento “ao que falta aos sofrimentos de Cristo, que eu completo na minha carne em favor do seu corpo que é a Igreja” (Cl 1, 24). Crê quem confessa o amor de Deus, apesar da não evidência do amor, quem espera contra toda a esperança, quem aceita crucificar as próprias expectativas sobre a cruz de Cristo, e não Cristo sobre a cruz das próprias expectativas. Crê quem foi já atingido pelo toque de Deus e se abriu à sua oferta de amor, mesmo que ainda não tenha a luz plena sobre tudo»¹⁷⁶.

Perante esta atitude vê-se que a espiritualidade cristã está baseada numa fé onde se acredita que «nada é impossível para Deus» (Lc 1,37). Isto quer dizer que o homem, ao sentir que não desfruta da capacidade de controlar tudo, mas que pela sua confiança vive numa autêntica ἁταραξία (ataraxia) – viver numa atitude confiante, tranquilizante em Deus – faz com que não possua nenhuma inquietude interior, porque acredita que Deus age na história do homem. Esta liberdade interior faz andar contra a corrente de um activismo incansável, mas deixando que Deus, pela acção do Espírito, actue no mais íntimo do ser humano, operando no mundo maravilhas incalculáveis¹⁷⁷. Esta tranquilização em Deus faz uma revolução interior da sua existência do homem, tornando-o activo, na medida em que quer viver cada vez mais em Deus. Este querer é um impulso interior que cria no ser humano o desejo de aderir ainda mais a Cristo e de estar completamente atraído por Cristo. É nesta medida que se pode dizer que o termo «cristão» (cf. Act 11,26) é reservado para aqueles que estão conscientes que seguem Cristo, aqueles que permanecem ligados a Cristo, aqueles que são receptores da sua doutrina e se esforçam por seguir o Seu exemplo, são aqueles que se identificam com a pessoa de Cristo¹⁷⁸. Duma forma sucinta, a espiritualidade cristã é um estilo de vida que o homem acolhe, permanecendo unido a Cristo.

Esta limpeza dos exageros da espiritualidade e a valorização da espiritualidade cristocêntrica deve-se à escola francesa de espiritualidade que teve muita importância no enquadramento de uma espiritualidade na vida cristã.

¹⁷⁶ CONFERENCIA EPISCOPAL ITALINA, *Carta aos que procuram Deus* (12 de Abril de 2009) in *Lumen* 6 (2009), p. 20.

¹⁷⁷ Cf. H. URS VON BALTHASAR, *O Evangelho...*, pp. 16-19.

¹⁷⁸ Cf. F. SALVADOR, *Caminos des Espiritu. Compendio de Teologia Espiritual*, Madrid: Editorial de espiritualidade, 1998^{5ª ed}, pp. 133-135.

2. Escola Francesa de Espiritualidade

A Escola Francesa de Espiritualidade começou com Pierre de Bérulle¹⁷⁹, no século XVII. Esta escola teve grande influência no catolicismo em França e nos países que estavam dependentes, nomeadamente o Canadá. Na verdade, este século é influenciado por vários factores externos na Igreja: recorda-se que a Itália é marcada pela Renascimento; nos Países-Baixos, vêm-se florir os místicos vindos da escola alemã¹⁸⁰ e na Espanha, a espiritualidade é marcada pela reforma carmelitana realizada por Santa Teresa d'Ávila (1515-1582) e por São João da Cruz (1542-1591).

Os séculos precedentes são necessariamente marcados pela reforma da Igreja. E mesmo antes do Concílio de Latrão (1512) a Igreja encontra-se em decadência moral: uma Igreja hierárquica virada para o nepotismo, desvalorização do ministério sacerdotal (a ignorância, falta de formação, ausência de zelo, maus comportamentos sobretudo na vivência do celibato), a “venda” de indulgências para o sustento da Igreja, havendo uma preocupação excessiva com o seu prestígio. Enfim, a Igreja estava desligada da sua missão, ocupando-se com outros factores, entre as quais o de ter privilégios diante dos outros estados¹⁸¹.

Mas, surgem organizações que se esforçaram para que a Igreja regressasse à sua única missão: ser no mundo testemunha de Cristo. Assim, desde os séculos XVI – XVII, começam a nascer múltiplas companhias de clérigos regulares que pretendem valorizar o ministério sacerdotal através de uma dedicação forte ao apostolado, à administração dos sacramentos, à pregação e ao culto; fiéis a uma regra de vida e à vida comunitária, tendo em conta os conselhos evangélicos, que grande parte destas companhias começaram a professar. É, também, neste enquadramento que surge a Companhia de

¹⁷⁹ Pierre de Bérulle (4 de Fevereiro de 1575 – 2 Outubro de 1629) foi o fundador da Sociedade Oratória de Jesus (fundada a 11 de Novembro de 1611) e foi elevado a cardeal pelo Papa Urbano VIII, no Consistório de 30 de Agosto de 1637. Bérulle é um dos maiores representantes desta escola (A. MOLIEN, «Bérulle» in M. VILLIER (dir.), *Dictionnaire de Spiritualité. Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, vol. I, Paris: Beauchesne, 1937, col. 1539).

¹⁸⁰ Embora não seja uma escola nascida nos séculos XVI – XVII, mas sim na época medieval, por Eckhart de Hochheim, mais conhecido por Mestre Eckhart (1260-1328), merece atenção porque a partir do seu pensamento influenciou o pensamento das épocas seguintes na qual defende que a Igreja necessita duma dimensão espiritual. A sua posição é muito clara: para que se possa ter um bom relacionamento com Deus, sentindo a sua presença na vida dos crentes – não se pode esquecer que nesta época a vida espiritual estava muito ligada às famílias religiosas – se a alma estiver totalmente despojada, para que aí Deus tenha um lugar. Esta reflexão mística não é aceite nem pelo bispo de Colónia, nem pela Santa Sé. Condenam-no e proíbem-no de continuar a manter a sua posição. Mas os que leram as suas obras sentiram que é um dos caminhos para que se desenvolva uma verdadeira vida espiritual, entre os quais, Tomás de Kempis, autor da célebre obra de literatura devocional “*Imitação de Cristo*” (cf. J. HERRERO, *Historia de la Iglesia. II: Edad Media*, Madrid: BAC, 2005, pp. 509-520).

¹⁸¹ Cf. C. VERDETTE, *História da Igreja Católica. Do cisma do Oriente (1054) até ao fim do século XIX*, vol. II, Lisboa: Paulus Editora, 2009, pp. 72-75.

Jesus, fundada em 1534, por Santo Inácio de Loyola (1491-1556) e reconhecida pelo Papa Paulo III, em 1540, pela bula «Regimini Militantis Ecclesiae», onde se valoriza a vida espiritual, através da prática dos Exercícios Espirituais¹⁸².

Estas pequenas reformas pré-tridentinas (1545-1563) permitiram que saíssem decretos disciplinares onde se tentasse combater a situação lamentável dos membros da Igreja. Em França, foi necessário que decorressem perto de quarenta anos para que os decretos conciliares de Trento fossem aprovados pela Assembleia do Clero. Este atraso permitiu que houvesse um enfraquecimento na reflexão teológica. Ao longo do século XVII, em França, existe uma influência do pensamento protestante e do jansenismo¹⁸³ no meio católico, dando origem ao galicanismo¹⁸⁴. Surge assim a necessidade de redireccionar a Igreja para uma dimensão espiritual. Foi assim que Pierre Bérulle, vendo o resultado que o Oratório fundado por São Filipe de Néri (1515-1595) teve na Itália, pretendeu fundar um oratório em França para que os sacerdotes tivessem uma vida bem centralizada naquilo que é fundamental para o seu ministério, ao ponto de se consagrarem totalmente ao anúncio de Jesus Cristo. Desta forma, poder-se-á caracterizar a espiritualidade berulliana em quatro grandes temáticas: espírito de adoração e de oferenda; comunhão com o Verbo Encarnado nos seus mistérios; a veneração de Maria, como Mãe de Deus; e, por fim, o espírito missionário, sobretudo nos sacerdotes.

Ao querer mostrar que a Igreja necessita de uma espiritualidade para que permaneça fiel a Deus, vai influenciar a vida religiosa, na medida em que já não se centra na forma como se está no mundo, mas na forma de prestar um serviço ao mundo. Assim surgem homens oriundos desta consciência: Charles de Condren (1588-1641),

¹⁸² Cf. Y. KRUMENACKER, *L'école française de spiritualité. Des mystiques, des fondateurs, des courants et leurs interprètes*, Paris : Les éditions du CERF, 1998, pp. 80-81.

¹⁸³ Considerado como o “calvinismo católico”, isto é, uma doutrina de Santo Agostinho vista através do pensamento de Calvino. O Jansenismo, que tem o nome de Cornelius Otto Jansenius (1585-1638), é uma doutrina que manifesta um grande pessimismo a respeito da natureza humana, absolutamente depravada pelo pecado original e impotente para fazer o bem. E frisa a convicção de que Cristo não tinha morrido para salvar a todos. Foi condenado, 31 Maio de 1633, pelo Papa Inocêncio através da bula *Cum Occasionse* (cf. C. VERDETTE, *História da Igreja Católica...*, p.125).

¹⁸⁴ Galicanismo deriva da forma se chamava França. O Galicanismo foi uma corrente que pretendeu quebrar a relação entre a Igreja católica de França e Santa Sé, sobretudo a nível político. Tal posição teve início com Jacques Bossuet (1627-1704) que convenceu o rei Luís XIV a centralizar o seu poder num governo absolutista e, assim, todos os súbditos estariam bem protegidos. As grandes ideias do galicanismo foram defendidas na “*Declaração do clero galicano*” redigido por este bispo e teólogo francês em 1682, onde põe em causa o poder do Sumo Pontífice e a independência total dos reis face a Roma, tornando a Igreja um poder do rei, onde os sacerdotes seriam apenas funcionários do Estado. Ainda se tentou criar um diálogo que privilegiasse a unidade e que, sobretudo, se evitasse um cisma tal como o da Reforma Anglicana. Por causa dessa exatidão, o Concílio Vaticano I condenou definitivamente as ideologias galicanas através da Constituição Dogmática “*Pastor Aeternus*” (cf. C. VERDETTE, *História da Igreja Católica...* pp. 127-128).

segundo superior da Oratória de Jesus; Jean-Jacques Olier (1608-1657), fundador da Sociedade de São Sulpício ou Sociedade dos Padre de São Sulpício; São Jean Eudes (1601-1680), fundador dos Eudistas; São Vicent de Paul (1581 – 1680), fundador da Congregação para a Missão e da Confraria das Damas da Caridade (Filhas da Caridade); São Jean-Baptiste de la Salle (1651-1719), fundador dos Irmãos da Escola Cristã (Lassalistas); São Louis-Marie Grignon de Monfort (1673-1716), fundador da Companhia de Maria (Monfortinos) e as Filhas de Sabedoria; entre tantos outros homens e mulheres que tiveram a oportunidade de contactarem com esta escola e daí prestarem um serviço à humanidade¹⁸⁵.

3. Os fundadores como chaves hermenêuticas dos desígnios de Deus

Depois de se terem contextualizado os termos de «carisma» e de «espiritualidade» da Congregação do Espírito Santo, focar-se-á agora a atenção na vida religiosa espiritana como um carisma vivido na Igreja, estando atento aos problemas actuais da sociedade.

Quando se fala de carisma e de espiritualidade na vida religiosa fala-se de duas dimensões que caminham lado a lado. Ora, se se considera que o carisma é um dom de Deus, então a espiritualidade é uma vivência onde se quer pôr a render este dom que Deus concede ao homem para servir melhor o mundo. Isto não quer dizer que o carisma necessite de uma espiritualidade para justificar a sua acção na história; bem pelo contrário, o carisma produz os frutos na humanidade porque é Deus quem o oferece à humanidade; a espiritualidade é, portanto, o desejo de encontrar Deus na sua vida, para que possa viver com consciência o dom recebido¹⁸⁶. Todo aquele que procura viver em Deus, deixa-se tocar pela força que transfigura o homem à imagem do seu Filho, Jesus Cristo. Percebe-se, então, que ser consagrado não é apenas um estado de vida, mas uma exigência de vida renascida pela Baptismo que o obriga a transfigurar-se e a transformar o mundo que o rodeia¹⁸⁷.

De facto, entende-se que esta transfiguração deve fazer parte da vida do cristão, daquele que segue a Boa Nova deixada por Cristo. Assim, não existem duas categorias de cristãos, em que uns são mais perfeitos e outros imperfeitos, entre aqueles que estão destinados a viver no mundo e aqueles que são escolhidos a fugirem de tudo aquilo que

¹⁸⁵ Cf. Y. KRUMENNACKER, *L'école française de spiritualité...*, pp. 157-421.

¹⁸⁶ Cf. FRANCISCUS PP, *Evangelii Gaudium*, n° 130.

¹⁸⁷ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Vita Consecrata*, n° 27.

é mundano¹⁸⁸. A vida cristã baseia-se na condição de filhos adoptivos por Jesus Cristo (cf. Gal 4,4-6) o que faz com que se crie um ambiente fraterno entre todos os cristãos e uma unidade na diversidade das vocações às quais os homens são convidados a responder¹⁸⁹. É nesta diversidade que se vai construindo a Igreja que todos os baptizados são convidados a edificar, através dos ministérios que lhes são confiadas (cf. LG, 7) e que lhes são próprios. Ser cristão nasce de um encontro pessoal com Cristo, onde não se conhece o princípio nem o fim e muito menos os resultados que desse encontro podem surgir. Este encontro com Cristo é um momento forte, que não fecha o homem a um projecto definido, mas abre-lhe um horizonte sem rumo¹⁹⁰.

Assim, a vida religiosa espiritana insere-se neste dinamismo de ser cristão. A sua consagração religiosa tem que ser vista como uma forma particular de viver a condição de baptizados. O Baptismo é, por isso, o sacramento da vida religiosa, donde brota o desejo de se santificarem e de permanecerem em Cristo (cf. LG, 9;43). Daí que são chamados «à conversão plena, renunciando a si [próprios] para viverem totalmente do Senhor, a fim de que Deus seja tudo em todos. Chamados a contemplar e a testemunhar o rosto ‘transfigurado’ de Cristo, os consagrados são chamados também a uma existência transfigurada»¹⁹¹.

É pelo sacramento do Baptismo que os espiritanos, a exemplo de Poullart des Places e de Libermann, se sentem interpelados a viverem em contradição com a maneira de pensar do mundo, o que não quer dizer que vivam fugidos do mundo, mas sentem-se provocados, pelo exemplo de Cristo, a testemunharem o primado de Deus sobre o mundo. De facto, à medida que um espiritano fixa os seus olhos na pessoa de Cristo, percebe que em Cristo existe sempre uma novidade e que nunca a Sua mensagem está ligada ao passado mas sim ao presente. Tal como afirma o Papa Francisco: «Cristo surpreende com a sua criatividade divina»¹⁹².

¹⁸⁸ Antes do Concílio Vaticano II, considerava-se a existência de dois modos de ser cristão, que correspondem a duas vias de santidade; existindo assim diversidade em graus. A santidade era vista para uma elite que vive fora do *modus vivendi* comum das pessoas, ou seja, os religiosos. Os próprios documentos do Magistério apresentam isso, tais como a Regulamentação Jurídica de 1901 e depois no Código de Direito Canónico de 1917 (cf. J. TRIGO, *O Concílio Vaticano II e a renovação da vida Religiosa* in XXVII Semana de Estudos sobre a Vida Consagrada (Fátima, 18 a 21 de Fevereiro de 2012), ed. CONFERENCIA DOS INSTITUTOS RELIGIOSOS DE PORTUGAL (CIRP) – *Concílio Vaticano II – Renovação e Esperança. Desafios à Vida Consagrada 50 anos depois (1962-2012)*, Lisboa: Gráfica Almondiana, 2012, pp. 277-278).

¹⁸⁹ Cf. G. THILLS, *Existencia y santidade ...*, p. 15.

¹⁹⁰ Cf. BENEDICTUS, PP XVI, *Deus caritas est*, n°1.

¹⁹¹ IOANNES PAULUS PP. II, *Vita Consecrata*, n° 35.

¹⁹² FRANCISCUS PP, *Evangelii Gaudium*, n° 12.

É neste encontro pessoal com Cristo que muitos cristãos são interpelados a realizar algo próximo do mundo, não como um projecto pensado, calculado, mas como resultado de um conjunto de experiências de fé que os leva a estarem sensíveis à realidade social e/ou eclesial, ao qual responderão através da Palavra de Deus encarnada em Cristo. Vê-se, assim, que estes homens se sentem interpelados a fazer do Evangelho um verdadeiro memorial, isto é, de torná-lo presente no contexto social, político e religioso do tempo em que se encontram, deixando que Cristo fale a partir do carisma. O grito do povo mantém a urgência de uma resposta entrando, muitas vezes, em confronto com a forma de ser e de viver da sociedade e da Igreja, num determinado período histórico. O cristão deve dar «uma resposta plenamente válida para os problemas e as esperanças que a vida põe em cada homem e a cada sociedade»¹⁹³. Nesse sentido, sobressai um compromisso global do cristão com Deus que estará presente em actos concretos pelos outros, tendo um olhar fraterno para todos os homens e mulheres, vendo-os como seus irmãos em Cristo. Este compromisso global pode ser expresso da seguinte forma:

- A referência da própria vida em Deus – consequência da sua condição baptismal – com a vontade de que o Reino de Deus esteja já presente na sociedade, pelo qual o cristão deve colaborar para que o Reino de Deus seja semeado na humanidade;
- A consciência e a centralidade na pessoa de Jesus Cristo que pela sua Encarnação e pela Redenção, revelou o cume do amor de Deus pela humanidade (cf. Jo 13,1), querendo renovar a Aliança entre Deus e o homem;
- A participação activa em testemunhar o mistério de Jesus, interpelado pelo dinamismo do Espírito Santo, buscando uma coerência entre a fé e a vida.
- O empenho na construção de uma comunidade apostólica de fé, que se concretize no amor a Deus e ao próximo, através da escuta, acolhimento e das interpelações da sua mensagem, numa busca plena da realização do seu compromisso e no testemunho ao mundo do desígnio salvífico, que antes de mais é realizado neles¹⁹⁴.

De facto, não se pode falar dum compromisso cristão se não partir de Cristo. Centralizando-se em Cristo, a vida espiritana «constitui memória viva da forma de

¹⁹³ IOANNES PAULUS PP. II, *ChristiFideiles laici*, nº 34.

¹⁹⁴ Cf. M. AZEVEDO, *Los religiosos: vocación y misión. Un enfoque exigente y actual*, Madrid: Sociedade Educacion Atenas, 1987^{2ª ed.}, pp. 41-42.

existir e actuar de Jesus, como Verbo encarnado face ao Pai e aos irmãos, sendo a tradição vivente da vida e da mensagem do Salvador»¹⁹⁵. Por causa desta centralidade em Jesus Cristo, que se encontra nos diversos rostos de homens e de mulheres que se sentem iluminados por uma página do Evangelho fazendo do próprio Evangelho a sua forma de estar no mundo e na Igreja, interpelam a Igreja a ser aquilo que é chamada a ser (cf. LG, 43). A estes dá-se o nome de fundadores.

Poullart des Places e Libermann surpreenderam pela novidade de Cristo, ao ponto de responder de uma forma original; compartilharam-na com um grupo, estruturaram-na inicialmente, dando-lhe uma orientação concreta para a Congregação – a Regra de Vida.

A resposta que os fundadores dos espiritanos deram ao Evangelho não é uma resposta criativa ou programada, a qual tem como resultado a fundação de mais uma Congregação Religiosa. A fundação desta família religiosa não é um método para concretizar essa interpelação, mas deve-se à sua atracção por Cristo, donde deriva uma acção concreta. A experiência de Deus tornou os fundadores sensíveis a uma realidade social daquele tempo. Diante destes dois elementos (experiência de Deus – realidade do mundo), os fundadores sentiram que são enviados a pôr em prática aquilo em que Deus os vai interpelando no contexto em que vivem. As suas vocações são um apelo contínuo, daí que existe uma dupla escuta: uma escuta atenta ao Evangelho e uma escuta atenta ao Mundo. Esta escuta dá origem a um olhar, não para um acontecimento meramente sensível, onde se procuram justificações – sendo espectadores dos eventos – mas para colocar questões sobre tudo aquilo que se passa no mundo, discernindo à luz de Deus – tornando-se actores nesta situação. Ver à luz de Deus não significa cair num moralismo ou num julgamento dos factos, mas é estar atento aos sinais dos tempos para que se

«possa responder de um modo adequado a cada geração, às perenes interrogações do homem sobre o sentido da vida presente e futura e sobre a sua relação recíproca. Importa, por conseguinte, conhecer e compreender, as suas esperanças, as suas aspirações, a sua índole frequentemente dramática» (GS, 4).

A actualidade do carisma espiritano é sempre uma insegurança do inesperado, na medida em que lhe abre um horizonte onde o mundo (que se encontra em constante transformação), através de um diálogo, tenha algo a interpelar ao carisma da Congregação. Dialogando com a contextualização social, abre uma brecha para um

¹⁹⁵ IOANNES PAULUS PP. II, *Vita Consecrata*, n° 22.

futuro, entrando, assim, numa realização progressiva do desígnio de Deus e da sua missão, na qual Deus quer continuar a manifestar o Seu amor à humanidade¹⁹⁶. Esta interpelação não tem uma validade. Esta interpelação de Deus é algo que é discernido ao longo dos tempos, de modo a mostrar que Deus tem sempre muito a dizer ao homem, ao ponto de o querer conquistar, para uma autêntica unidade com Deus¹⁹⁷.

Por vezes, fixa-se o olhar nos fundadores de modo a espiritualizá-los, mistificando as suas vidas, fazendo com que o carisma espiritano se estagne no tempo. Cai-se, portanto, num comodismo de não querer progredir, deixando-se levar pelo dito «sempre se fez assim» ou então «no meu tempo era assim...»; tais ditos revelam que não existe um dinamismo de querer sair, de não querer que o carisma tenha algo a dar ao homem de hoje¹⁹⁸. Ao espiritualizar os fundadores, os consagrados impedem que seja o próprio Deus a tomar posse do dinamismo da Congregação. Este perigo acontece na idolatração dos fundadores, colocando-os num patamar fora do mundo, magnetizando a atenção à sua pessoa, à sua história e aos fenómenos superficiais. Por consequência, procuram-se slogans para aquecer a frieza radical em relação ao passado, onde parece que todos viviam com o mesmo fervor e que ao longo dos tempos se foi perdendo¹⁹⁹. Idealizar os fundadores cria asas para uma fantasia espiritual, um narcisismo de vida religiosa espiritana, onde se tenta centralizar a atracção para os fundadores, considerando-os possuidores de características fora do comum. O que se pede aos religiosos é que revejam nos fundadores a chave hermenêutica para serem fiéis ao carisma dos mesmos; e que, por outro lado, permita fazer uma leitura da realidade do mundo onde Deus quer actuar (fidelidade criativa). Deve-se, portanto, encontrar nos fundadores uma paternidade espiritual.

O Concílio Vaticano II pede aos espiritanos, enquanto Congregação religiosa, uma renovação da vida e da disciplina, conservando a sua índole própria (cf. PC, 1). Esta renovação faz-se quando se está atento às necessidades do mundo, deixando-se incomodar pelos seus acontecimentos. É preciso, antes de tudo, identificar a realidade e os desafios que estão aí presentes: o que está a acontecer no mundo, em cada nação, em cada ambiente? O que se passa na Igreja Universal e na Igreja local? O que está a acontecer no Instituto, na Província, na comunidade? De seguida, é necessário analisar

¹⁹⁶ Cf. Y. CONGAR, *Na Igreja deste tempo*, Lisboa: União Gráfica, 1969, pp. 99-105.

¹⁹⁷ Cf. F. VANDENBROUCKE, *Espiritualidade e espiritualidades* in *Concilium* 9 (1965), pp. 38-39.

¹⁹⁸ Cf. FRANCISCUS PP, *Evangelii Gaudium*, nº 33.

¹⁹⁹ Cf. A. M. BESNARD, *Linha de força das tendências contemporâneas* in *Concilium* 9 (1965), p. 21.

todas as respostas, no plano de Deus: à luz do plano salvífico de Deus, quais os aspectos desta realidade que coincidem, ou não, com os desígnios de Deus (cf. LG, 44)?

Ao tomar consciência da realidade do mundo contemporâneo, o *aggiornamento* realiza-se em duas vertentes: «ad intra», em que se toma consciência da necessidade dos novos apelos que a própria Igreja pede à vida consagrada; e «ad extra», através da sua relação com o mundo e com a sociedade onde se encontra presente.

Percebe-se, portanto, que o carisma não pode ser encarado como um dom intocável, mas obriga a sair de si e a estar consciente de que necessita de uma *aggiornamento* (que não quer dizer que se tenha de perder a sua índole), mas que não seja vítima, tal como afirma o Papa Francisco, de uma «introversão eclesial»²⁰⁰. Surge a necessidade de uma generosa e quase impaciente renovação, isto é, de emendar os defeitos para que seja, cada vez mais, o reflexo da riqueza de Cristo, no tempo presente²⁰¹. Entenda-se a paternidade espiritual dos fundadores não como o centro da vida religiosa espiritana mas como uma experiência forte de fé em Deus. Na verdade, quem gera é Deus; os fundadores são apenas os pedagogos que permitem que se viva o Evangelho (cf. Is 2,7-8; 1Cor 4,15) num determinado contexto social. Pedagogos são aqueles que ajudam a progredir neste caminho rumo à santidade, ao ponto de os considerarem pais espirituais. Eles são-no porque permitem que haja um dinamismo de acolhimento da Palavra de Deus, impelindo a viver mais intrinsecamente a sua condição filial, completamente atraídos a Cristo²⁰².

Reconhecer e manter-se fiel ao propósito dos fundadores (cf. PC, 2) significa progredir espiritualmente neste dinamismo iniciado por Poullart des Places e Libermann, numa procura constante e com perseverança no caminho da santidade, mesmo que se encontrem, ao longo desse caminho, grandes desafios, receios, dúvidas e desvios. Olhando para estes pais espirituais vai-se cultivando, na existência dos membros da família religiosa espiritana, o ardor total a Cristo, que servirá de testemunho ao mundo e à missão da Igreja. Por outras palavras, é continuar a escrever a história de um carisma²⁰³.

Para isso, é preciso que se saiba atestar a identidade própria da Família Religiosa tendo em conta os seguintes aspectos:

²⁰⁰ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 27.

²⁰¹ Cf. PAULUS PP., VI, *lettera encíclica Ecclesiam suam*, n° 10-12.

²⁰² Cf. J. GÓMES, *Vida Consagrada para o Terceiro Milénio. Da renovação à refundação*, Apelação: Paulus, 2000, pp. 179-194.

²⁰³ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Vita Consecrata*, n° 37.

- A inspiração profunda da vida de fé, a grande experiência ou as grandes experiências dos fundadores, a página que os iluminou e a forma como foi encarada nos primeiros tempos;
- O compromisso dado a essa experiência de fé, com a qual orientou a acção da Congregação;
- As características de um estilo de vida que lhes é próprio: os pilares espirituais onde se alicerça a família espiritana, os valores que lhe são próprios como caminho concreto da configuração a Cristo.

Estas três características definem a acção dos espiritanos, testemunhando a experiência de fé nas acções apostólicas, tornando-os, cada vez mais, sensíveis aos apelos do mundo (cf. Ez 11, 19).

A actualização do carisma acontece pela acção do Espírito Santo que renova o impulso, encorajando os espiritanos a darem uma resposta aos desafios da sociedade, fortalecendo-os a permanecerem atraídos a Cristo, onde brota um testemunho que revele a beleza da acção de Deus na humanidade. É esta vivência no Espírito Santo que permite que a Congregação tenha um novo dinamismo, onde se vê que o «carisma da vida religiosa, longe de ser um impulso nascido «da carne ou do sangue» ou ditado por uma mentalidade que ‘se conforma com o mundo presente’, é antes fruto do Espírito Santo continuamente actuante na Igreja»²⁰⁴. A acção que o Espírito Santo realiza no homem permite que o mundo seja um espaço santificado. Assim, vivendo no mundo sem ser do mundo (cf. Jo 17,13-21) fará uma constante renovação do carisma. A renovação faz-se pela fé, deixando que o Espírito Santo conduza o carisma para onde quer, a fazer o que quer e como quer (cf. Jo 3,8). Só assim é que o carisma se torna actuante, quer na Igreja quer na sociedade, abrangendo todos os homens, sem excepção²⁰⁵. Por essa razão é que se diz que o Espírito Santo é Aquele que dinamiza a acção da Igreja porque

«[...] suscita o desejo de uma resposta cabal; é Ele que guia o crescimento desse anseio, fazendo amadurecer a resposta positiva e sustentando, depois, a sua fiel realização; é Ele que forma e plasma o espírito dos que são chamados, configurando-se a Cristo casto, pobre e obediente, e impelindo-os a assumirem a sua missão. Deixando-se guiar pelo Espírito num caminho ininterrupto de purificação, tornam-se, dia após dia, pessoas cristiformes, prolongamento na história de uma especial presença do Senhor ressuscitado»²⁰⁶.

²⁰⁴ PAULUS PP. VI, *adhortatio apostolica Evangelica Testificatio*, nº 11.

²⁰⁵ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Redemptoris Missio*, nº 11.

²⁰⁶ IOANNES PAULUS PP. II, *Vita Consecrata*, nº 19.

Percebe-se, então, que a espiritualidade espiritana não pode ser encarada como um modelo de educação. Não existe uma educação para a espiritualidade, caso contrário seria baseada num conjunto de normas ou de leis. A espiritualidade espiritana é uma manifestação de uma estética marcada por uma identidade que é traçada com agradecimentos, por perdas, por sofrimentos, mas que perdura ao longo dos tempos, não por mérito humano, mas porque recebe um dinamismo que é dado pelo Espírito Santo. Esta identidade torna-se, assim, um estilo de vida que é sempre frágil e vulnerável, mas que necessita sempre duma renovação, que acontece não porque se quer ser fiel ao espírito deixado pelos fundadores, mas pelo facto de querer magnetizar a sua vida a Cristo. A identidade espiritana acontece quando se assemelha à pessoa de Cristo, que influenciará na sua forma de ser, de estar e de fazer. A paternidade dos fundadores encoraja, simplesmente, a abdicar de todas as fórmulas e soluções caducas para dar vida a algo que é distinto, para empreender caminhos com mediações inovadoras.

A consciência da identidade espiritana verifica-se na resposta que é dada às questões: «a que vos dedicais?» e, ainda, «porque é que escolheste esta forma peculiar de viver?». As respostas que são dadas, permitem ver que existe sempre uma razão de ser da Congregação, mesmo que tenha já vivido em séculos diferentes, em contextos sociais/eclesiais divergentes, na qual revela que o carisma não se esgota no tempo, nem se extingue no puro activismo buscando locais onde se inserir. A identidade espiritana coincide naquela consciência do «unum necessarium» (Lc 10,42), querendo permanecer junto de Cristo para que daí possa prestar um melhor serviço ao mundo, segundo o desígnio de Deus.

O «unum necessarium» revela que a espiritualidade espiritana está conjugada na herança duma hermenêutica evangélica deixada por Poullart des Places e Libermann às gerações futuras, para que nunca se perca o dinamismo, o ardor que caracteriza a Congregação, a tal ponto que existe uma conexão entre a Palavra escutada e acolhida e a acção apostólica, assumindo-se, assim, que a missão não está relacionada ao mérito pessoal, mas ao envio, que é feito por Deus²⁰⁷. É, neste sentido, que se pode dizer que transmitir a espiritualidade de um carisma, vem dum

«diálogo da salvação [que] não obrigou fisicamente ninguém a responder: foi pedido insistente de amor que, se constituiu responsabilidade tremenda naqueles a quem foi dirigido (cf. Mt 11,21), os deixou livres para corresponder ou fechar os ouvidos; adaptou até o número e a força probante dos sinais (cf. Mt 12, 38ss) às exigências e disposições espirituais dos homens (cf. Mt 13,13ss); facilitou

²⁰⁷ Cf. J. GÓMES, *Vida Consagrada para ...*, pp. 196-212.

assim aos ouvintes o consentimento livre à revelação divina, sem perda do mérito. Assim também a nossa missão, ainda que seja anúncio de verdade indiscutível e de salvação necessária, não se apresentará armada de coação externa, mas oferecerá o seu dom salvífico só pelas vias legítimas da educação humana, da persuasão interior e do trato ordinário, respeitando sempre a liberdade pessoal e civil»²⁰⁸.

4. As raízes da espiritualidade espiritana

O decreto sobre a «conveniente renovação da vida religiosa» do Concílio Vaticano II valoriza a vocação religiosa na medida em que, pela maneira particular de viver o Evangelho, revela um estilo próprio de colaborar na missão da Igreja, no seguimento de Cristo (cf. PC, 3).

«É precisamente aqui que se alimenta o dinamismo próprio de cada família religiosa porque, se é verdade que o chamamento de Deus se renova e se diversifica segundo as condições variáveis e de tempo, ele requer, no entanto, uma certa constância de orientação. O impulso interior que lhe corresponde, suscita certas opções fundamentais na vida. A fidelidade às exigências é a pedra de toque da autenticidade de uma vida religiosa. Não esqueçamos que toda a intuição humana é insidiada pela esclerose e ameaça pelo formalismo. A regularidade exterior não bastaria, por si só, para garantir o valor de uma vida e a sua coerência interna. É necessário, portanto, reavivar incessantemente as formas exteriores por meio de um impulso interior sem o qual em breve se transformariam num fardo excessivo»²⁰⁹.

Ao descrever a história carismática da Congregação do Espírito Santo pode parecer absurdo se for interpretada como um relato biográfico de duas personalidades que quiseram responder a um apelo de Deus. Na verdade, não se pretende lembrar a gênese de uma família religiosa, mas redescobrir os «impulsos interiores» que definem e caracterizam esta Congregação. Compete a cada espiritano reavivar sempre este dom que Deus concede à sua Igreja, por meio da Congregação, para que continue a fazer sentido o anúncio de Cristo nos tempos modernos (cf. 2Tm 1,6). O anúncio do Evangelho nasce, em primeiro lugar, da condição de batizados onde o ser humano é revestido em homem novo e pelo sacramento da Confirmação onde robustece o testemunho, pela graça do Espírito Santo. Em segundo lugar, pela profissão dos conselhos evangélicos, como consequência da consagração baptismal, nos quais se tornam visíveis as maravilhas que Deus opera na fragilidade da existência humana. Um espiritano, pela sua consagração, não deve «envergonhar-se de dar testemunho de

²⁰⁸ PAULUS, PP., VI, *Ecclesiam suam*, n° 43.

²⁰⁹ PAULUS PP. VI, *Evangelica Testificatio*, n° 12.

Cristo» (2Tm 1,8) em todos os lugares por onde anda²¹⁰. «O mundo tem necessidade da genuína ‘contradição’ da consagração religiosa que seja para ele permanente fermento da renovação salvífica. ‘Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, aceite ao mesmo Deus e perfeito’ (Rm 12, 12)»²¹¹.

Poullart des Places e Libermann ao relerem os sinais dos tempos à luz de Cristo perceberam que a Palavra de Deus não é «anestesiante, mas desinstaladora, que chama à conversão, que torna acessível o encontro com Ele, através da qual floresce uma humanidade nova»²¹². É a partir da Boa Nova de Cristo que se responde às necessidades do mundo, ajudando a Igreja a cumprir a sua missão e a identificar-se, cada vez mais, com a missão de Cristo.

O que os fundadores dos espiritanos propõem é um programa de vida que auxilia a exercer o apostolado onde se anuncie sempre a Boa Nova de Cristo que é permanentemente uma mensagem que concede vida plena (cf. Jo 20,30-31) a todos os homens de todos os tempos. Por isso, a doutrina, normas, orientações éticas e em toda a actividade missionária deve transparecer essa atractiva oferta de vida digna em Cristo, para cada homem e para cada mulher²¹³.

A observância da Regra de Vida Espiritana ajuda a proteger a identidade desta Congregação e determina os pilares espirituais do ser espiritano. A Regra de Vida deve ajudar, portanto, a uma melhor vivência do Evangelho, que tem a sua origem numa experiência forte de fé, suscitada pelo Espírito Santo. Por isso, se pode afirmar que a Regra de Vida é o Evangelho traduzido para a vida, não no sentido de que o substitui, mas é um modo peculiar de ser fiel ao Evangelho, na comunhão com a Igreja – que a Santa Sé aprova – e não perdendo o carisma fundacional da Congregação. Ao descrever a espiritualidade espiritana, tendo como base a Regra de Vida, encontram-se diversas dimensões: a vocação, o carisma, vida, missão e a tradição espiritanas. Todas estas dimensões constituem a identidade desta Congregação como uma presença frutuosa no seio da Igreja. Esta presença peculiar espiritana é baseada em três pilares que podem ser

²¹⁰ IGREJA CATÓLICA, *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2471-2472.

²¹⁴ IOANNES PAULUS PP. II, *adhortatio apostólica Redemptoris donum*, nº 14.

²¹² BENEDICTUS PP. XVI, *Verbum domini*, nº 93.

²¹³ Cf. CELAM, *Documento final da V Conferencia Geral...*, nº 12.

que são enviados para que aí produzam frutos pela força do Espírito Santo²²¹. Assim, um espiritano antes de ser evangelizador tem que ser evangelizado: ser espiritano não significa ser especialista de uma ideologia evangélica, mas deve ser alguém que se sentiu, em primeiro lugar, «alcançado por Cristo Jesus» (Fil 3,12)²²². Quando um espiritano se deixa alcançar por Cristo, o seu apostolado ganha um novo vigor na medida em que se encara a vocação como um dom oferecido à Igreja para o serviço da humanidade e, apesar das suas fragilidades humanas, recorda-se sempre da beleza da sua vocação, a tal ponto que permanece sempre fiel à opção inicial²²³. É nesta linha da vocação que a consagração, como resposta a este apelo, se torna num acto de se deixar guiar pelo Espírito Santo, tal como afirma Libermann:

«Um navio tem as velas e o leme. O vento sopra e fá-lo andar na direcção que deve tomar... no entanto, esta direcção seria muito vaga e por vezes poderia desviar o navio; há então um leme que o dirige exactamente na direcção que deve tomar sem se afastar dela absolutamente nada. A tua alma é o navio, o coração representa a vela, o Espírito Santo é o vento; ele sopra na tua vontade e a tua alma avança, caminha para o fim que Deus te propõe. O teu espírito é o leme que deve impedir que, na força e vivacidade do movimento dado ao teu coração, saias da rota determinada pela Bondade divina»²²⁴.

Quando se relativiza a pertença a Cristo perde-se todo o «património espiritual²²⁵», tal como refere João Paulo II, perdendo aquele dinamismo de quem se encontrou com Cristo e se deixou transformar pela sua palavra²²⁶. Tal perda do património espiritual transforma o apostolado num auto-anúncio, centralizando-se e procurando sucessos que alimentam o seu ego. Uma vida espiritual autêntica não fecha o indivíduo «num emaranhado de obsessões e procedimentos»²²⁷, mas fá-lo sair de si e dar testemunho na realidade do mundo²²⁸, havendo uma complementaridade entre a existência humana e a experiência de Deus. A sua presença no mundo implica que haja uma coerência no modo de viver e de apostolar. Libermann aconselha que os impulsos interiores devem ser transportados para o exterior:

²²¹ Cf. PAULUS PP., *Evangelii Nuntiandi*, n° 74.

²²² Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 120-121.

²²³ Cf. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Alegrai-vos. Carta circular aos consagrados e consagradas, a partir do magistério do Papa Francisco*, Lisboa: Paulinas Editora, 2014, n° 4.

²²⁴ N.D., VII, p. 148.

²²⁵ IOANNES PAULUS PP. II, *Vita Consecrata*, n° 36.

²²⁶ Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 236.

²²⁷ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 49.

²²⁸ Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 46.

«Vede um pouco [...] como somos grandes se somos cristãos! O magnífico carácter de filhos de Deus manifesta-se em todo o nosso comportamento; somos príncipes do sangue real de Nosso Senhor Jesus Cristo, e é preciso que a sua grandeza da nossa extracção apareça em todos os nossos actos e inclinações. Tudo deve ser grande em nós, como o é de facto, se tudo em nós vai directamente a Deus, nosso muito querido Pai e Senhor»²²⁹.

4.2 Ser espiritano é auto-esvaziamento

O encontro de Poullart des Places e de Libermann com Cristo proporcionou um novo estilo de viver a missão da Igreja na história da humanidade. Ao sentirem-se «alcançados por Cristo» (Fil 3,12) tornaram-se instrumentos do Espírito de Deus que transforma o coração para realizar a sua vontade. Este impulso interior provoca um modo diferente de estar no mundo, fazendo com que Cristo seja a sua única riqueza (cf. Act 3,6). Ser rico de Cristo incendeia, no coração de tantos homens, o desejo de viver unicamente enraizados em Cristo e de transformar o mundo a partir d'Ele.

A vida destas duas personagens fundadoras da Congregação deve inspirar todos os espiritanos a não terem medo de «deixarem tudo» (Lc 5,11) para encherem as suas vidas de abundantes riquezas de Cristo (cf. Ef 1,17-20). Este encantamento por Cristo, pela acção do Espírito Santo, inspira, renova e dá sentido aos compromissos que a Congregação assume²³⁰: «dirigimo-nos de preferência àqueles que ainda não ouviram a mensagem do Evangelho ou mal a ouviram; aos oprimidos e mais desfavorecidos individual e colectivamente; assumimos tarefas para as quais a Igreja dificilmente encontra obreiros»²³¹. Na verdade, não existe um aniquilamento do homem, mas uma transformação dos projectos pessoais:

«Porventura não temos todos nós medo, de deixarmos entrar Cristo totalmente dentro de nós, de nos abirmos completamente a Ele, medo de que Ele possa tirar-nos algo da nossa vida? Não temos porventura medo de renunciar a algo de grandioso, único que torna a vida tão bela? Não arriscamos depois de nos encontrarmos na angústia e privados da liberdade? [...] não! Quem faz entrar Cristo, nada perde, nada absolutamente nada, daquilo que torna a vida livre, bela e grande. Não! Só nesta amizade se abrem de par em par as portas da vida. Só nesta amizade se abrem realmente as grandes potencialidades da condição humana. Só nesta amizade experimentamos o que é belo e o que liberta. [...] não tendes medo de Cristo! Ele não tira nada, ele dá tudo»²³².

²²⁹ L.S., I, pp. 119-120.

²³⁰ Cf. CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Faz-te ao largo. Capítulo Geral 1998*, Maynooth (Irlanda), nº 3.

²³¹ RVE, nº 12.

²³² BENEDICTUS PP. XVI, *Homilia na Eucaristia do início do ministério petrino de Roma* (24 de Abril de 2005).

É necessário redescobrir o sentido da vocação espiritana na medida em que se encare a identidade espiritana como algo que é fundamental para a vida dos seus membros. A identidade espiritana não pode ser vivida como um meio de concretizar as realizações e as vontades pessoais, fazendo do carisma espiritano «como um simples arranjo de conveniência»²³³. O regresso às fontes, inspiradas pelo Espírito Santo aos fundadores, permitirá que não se descuide, nem se caia num individualismo nem num comodismo espiritual, querendo se auto-enviar para as missões que sejam de seu gosto; mas pelo contrário fará que toda a sua vida seja iluminada por um estilo de vida coerente com o Evangelho. Só assim é que um espiritano consegue abdicar das vontades próprias e abrindo-se a uma nova experiência de ser enviado, assumindo na sua vida o projecto salvífico para a humanidade. Com isto não se ambiciona dar atenção aos fundadores enquanto tais, mas pretende-se encarar os fundadores como pedagogos que ensinam a escutar os apelos de todos aqueles que sofrem e interpretá-los à luz da fé, fazendo com que a salvação se actualize no tempo presente (cf. Lc 4,21)²³⁴. Mais que direccionar o olhar à obra física das estruturas, é necessário contemplar o Espírito Santo que conduz a obra e a torna fiel à sua origem, apesar de todos os desvios do homem, oriundos da sua fragilidade, de tal modo que «toda a vida religiosa dos seus membros esteja, por isso, imbuída do espírito apostólico, e toda a acção apostólica seja informada pelo espírito religioso» (PC, nº8). Ser espiritano significa

«que somos pessoas consagradas a seguir os caminhos do Espírito; a nossa espiritualidade deve estar por isso baseada no discernimento, disponibilidade e união prática com Deus. [...] podemos redescobrir a dimensão contemplativa de toda a missão, a garantia de que seremos instrumentos do Espírito de Deus, em vez de confiar nas nossas forças tais como as imaginamos»²³⁵.

É urgente que os espiritanos não percam o sentido de uma conversão permanente, dirigindo o olhar para aquilo que é fundamental para viver a sua consagração, transparecendo nos diversos compromissos apostólicos, o que habita no seu interior. É preciso estar convicto de que a espiritualidade espiritana, como fruto da acção do Espírito Santo, tem algo a dar ao mundo. Não basta ter alguns conhecimentos sobre a vida dos fundadores; o que é realmente importante, partindo das riquezas e heranças espirituais, é que se deixem modelar ao ponto de serem instrumentos que o Espírito Santo utiliza, para actualizar o carisma espiritano em acções que implantem o

²³³ CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Reavivai o dom que recebeste Capítulo Geral 2004*, Torre d'Aguilha (Portugal), nº 0.2.5.

²³⁴ Cf. CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Sede fervorosos no Espírito...*, nº 1.8.

²³⁵ CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Faz-te ao largo...*, nº 3.1.

Reino de Deus, no qual se «[reconhece] e [favorece] o dinamismo divino, que está presente na história humana e a transforma»²³⁶.

É nesta dimensão que difere a missão da Congregação de uma Organização Não Governamental (ONG). Um espiritano não pode ser visto como aquele que parte para fazer um trabalho de voluntariado. Um espiritano é missionário²³⁷! Ser missionário é ser enviado! Se é enviado, há sempre Alguém que envia: Cristo que envia através do Espírito Santo²³⁸. Esta comunhão entre o enviado e o Aquele que envia sustenta a acção apostólica, tendo «consciência de pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e alegria que produz cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro. A missão [...] é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo»²³⁹. Esta experiência de Cristo obriga a sair de si mesmo implicando um despojamento total (κένωσις):

«Não julgueis à primeira vista; não julgueis segundo o que estais habituados a ver na Europa; despojai-vos da Europa, dos seus costumes, do seu espírito. Fazei-vos negros com os negros, e julgá-lo-eis como deve ser; fazei-vos negros com os negros, para os formardes como devem ser formados, não à maneira da Europa, mas antes deixando-lhes o que lhes é próprio; afazei-vos a eles, como servos devem afazer-se aos seus senhores, aos usos, modos de ser e hábitos dos seus senhores»²⁴⁰.

Sente-se que este auto-esvaziamento, à imitação de Cristo (cf. Fil 2,6-11), auxilia na proximidade e num diálogo onde se ponha em evidência a dignidade da pessoa humana, não querendo impor os pensamentos da cultura de origem, nem uma ideologia. O auto-esvaziamento é deixar-se encantar pelo

«[...] espírito de Jesus [que anima] todos os seus actos, modele todos os sentimentos da sua alma, abrande e modere todos os seus arrebatamentos do espírito, todos os sentimentos duros e rígidos do coração, numa palavra, tudo o que há de apaixonado e desregrado em sua alma; que domine todas as suas impressões, dirija e conduza todos os movimentos de sua alma. Que ele comunique no seu coração a mansidão e a humildade, de que o Mestre nos deu o exemplo. Oh! Como são importantes esta mansidão e humildade de coração e como são poucos os que as possuem. Estas duas preciosas virtudes, fruto imediato do verdadeiro e perfeito amor, exigem uma abnegação interior muito perfeita e uma grande docilidade e submissão a Deus»²⁴¹.

²³⁶ IOANNES PAULUS PP. II, *Redemptoris Missio*, nº 15.

²³⁷ Cf. RVE, 22-25.

²³⁸ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Redemptoris Missio*, nº 22.

²³⁹ CELAM, Documento final da V Conferencia Geral..., nº 145.

²⁴⁰ N.D., VII, p. 160.

²⁴¹ N.D., XIII, pp. 142-146.

Viver a kénōsis obriga a uma conversão permanente para que a consagração, através dos conselhos evangélicos, seja realmente uma renúncia da própria vontade. Identificam-se os conselhos evangélicos como uma forma de imitar a vida de Jesus Cristo. A palavra “imitação” pode levar a alguma confusão na medida em que se considera que se trata de representar alguém, tornando-se num mero actor que interpreta um papel. O desejo de querer imitar Cristo é uma opção fundamental de fé que orienta e dá sentido à vida humana, mas de um modo inexplicável: é entrar no mistério insondável de Deus que ultrapassa todos os conhecimentos certos e seguros que o homem possa ter. Os conselhos evangélicos são uma imitação na medida em que transfiguram a pessoa de tal modo que faça transparecer os gestos de amor de Deus no mundo. A consagração é pertencer a Deus, tornando-se «memória viva da forma de existir e de actuar de Jesus, como Verbo encarnado ao Pai e aos irmãos»²⁴². A espiritualidade espiritana propõe que todos os espiritanos optem por este caminho de auto-esvaziamento que permite encher-se de Deus, aceitando que no meio da fragilidade humana seja ele a penetrar e a arrancar tudo aquilo que separa de Deus.

4.3 Ser espiritano é segregar

A segregação é uma das dimensões importantes para ser espiritano: estar no mundo sem ser do mundo (cf. Jo 17). A segregação não é uma selecção que é feita por causa das qualidades ou capacidades, ou por se pensar que existe uma eleição prévia – totalmente contrária à teoria da predestinação. A segregação é a consequência daquele que é chamado a seguir a Cristo, tornando-se a essência da vocação que faz com que se revista de Cristo na sua vida – «sequela Christi». A vocação é deixar-se cativar por Cristo que se entregou nas mãos humanas e que morreu para que o homem descubra o Amor de Deus para com a humanidade (cf. Gal 2, 20). A vocação é reconhecer que se é amado incondicionalmente por Deus (cf. 1Jo 4,10)²⁴³. O Amor de Deus resgata «não a preço de bens corruptíveis, prata nem ouro, mas pelo sangue precioso de Cristo, qual cordeiro sem defeito e sem mancha, predestinado já antes da criação do mundo e manifestado nos últimos tempos por causa de vós» (1Pe 1,18-20). A segregação nasce de uma «eleição de amor»²⁴⁴, que completa o homem no seu todo, reconhecendo que só Deus basta²⁴⁵ para a sua vida, encarando Deus como um verdadeiro tesouro, que está

²⁴² IOANNES PAULUS PP. II, *Vita Consecrata*, n° 22.

²⁴³ IOANNES PAULUS PP. II, *Redemptionis donum*, n° 6.

²⁴⁴ IOANNES PAULUS PP. II, *Redemptionis donum*, n° 3.

²⁴⁵ Cf. N.D., XIII, pp. 659-660.

disposto a abandonar tudo para se dedicar totalmente a este tesouro que é o próprio Deus (cf. Pr 2,4-5).

A primazia de Deus na vida de um espiritano deve ser «sinal de contradição» (Lc 2,35) para o mundo, fazendo com que se viva a autenticidade do dom da vocação. Por vezes, vive-se totalmente apegado ao mundo que se esquece o sentido da vocação, vivendo aprisionados pela mundanidade. A supremacia de Deus é substituída por um revestimento de consumo hiperbólico do mundo, tornando a espiritualidade uma dimensão secundária à própria acção apostólica.

Um desses aspectos é que toda a espiritualidade espiritana deixa de ser uma vivência em Cristo e passa a ser uma aparência, em que se tenta focar a atenção nos resultados em vez de testemunhar a sua experiência pessoal com a pessoa de Cristo, até nos momentos mais débeis do apostolado espiritano. Tudo aquilo que se faz, em nome da Congregação, mesmo que tenha aspectos positivos e lucrativos, é desdobrado «num funcionalismo empresarial, carregado de estatísticas, planificações e avaliações, onde o principal beneficiário não é o povo de Deus»²⁴⁶, mas a organização da Congregação, como se tudo dependesse dos esforços e da criatividade dos espiritanos²⁴⁷. Esta situação é um veneno para a vida espiritual espiritana que se desmorona facilmente uma vez que se anda à procura de resultados imediatos²⁴⁸. Não se pretende ignorar a importância destes trabalhos de organização que evidenciam o desassossego de contextualizar os desafios do mundo de hoje à luz do carisma espiritano. O risco encontra-se quando se coloca demasiada esperança nas programações, esquecendo-se que poderão existir objecções que são indesejáveis, provocando uma perda do ardor evangélico.

A presença espiritana deve ser, no mundo, sinal de contradição face a todo este odor de pessimismo. O convite que é feito a todos os espiritanos é de não pensar que tudo está perdido. Bem pelo contrário, é nestes momentos de escuridão espiritual que se deve recuperar o novo dinamismo missionário, no qual se redescobre que a vocação se torna luz para o mundo, quando é Deus a utilizar a existência humana para se manifestar ao mundo (cf. Is 49). A luz de Deus impele para que não se procurem grandes recompensas, nem glórias; a luz de Deus queima todas as imperfeições para que os projectos ganhem um novo fulgor e um dinamismo que sacia a sede que o homem contemporâneo tem de Deus e que produza frutos abundantes (cf. Mc 8,1-8). Na medida

²⁴⁶ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 95.

²⁴⁷ Cf. L.S., pp. 480-495.

²⁴⁸ Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 82.

em que se enraíza a vocação no mistério de Cristo, aprende-se a esperar o momento de Deus²⁴⁹, deixando-se interpelar pela «acção misteriosa do Espírito Santo»²⁵⁰. É através da acção do Espírito Santo que se conseguem realizar acções inexplicáveis.

Relendo a vida dos fundadores percebe-se que estas duas personagens se tornaram sensíveis à acção do Espírito Santo. Como seria possível explicar a conversão de Poullart des Places: um homem que poderia ter um grande sucesso no mundo da política, tendo grandes riquezas e ambições... que se despoja totalmente para se dedicar aos jovens que queriam dar uma resposta à sua vocação, mas que não tinham meios para realizar os seus estudos; de abandonar o Colégio Luís-o-Grande para viver e acompanhar mais de perto estes jovens? Como seria possível explicar e compreender os sofrimentos causados pela doença de Libermann; o longo caminho para ser ordenado; a coragem de abandonar Rennes e partir para Roma para falar do projecto da Obras dos Negros; o dinamismo espiritual que renovou a Congregação do Espírito Santo, quando Libermann se torna o seu superior? Encontra-se a resposta na segregação que estes dois homens fizeram para se abandonar inteiramente à Providência.

Olhando para estes dois instrumentos de Deus, os espiritanos devem segregar para que não sejam influenciados pelas tentações que o mundo oferece. Um espiritano deve viver no mundo para que aí possa transmitir a alegria de alguém que renunciou a todas as riquezas terrenas, considerando-as como lixo, a fim de ganhar Cristo e ser encontrado unido a Ele (cf. Fl 3,8-9). Por isso, a segregação espiritana acontece como uma resposta confiante nas maravilhas que Deus opera e vai operando no mundo:

«Não digais: ‘Vou salvar almas!’ [...] Isso é com Jesus, que é o senhor de conseguir a Sua glória com os mais pobres instrumentos, do mesmo modo que com os mais potentes. Seu Pai fez do nada este universo de maravilhas [...]. Se o nada lhe pode servir para fazer estas grandes magnificências, também um pobre homem Lhe pode servir de instrumento para a comunicação da Sua graça. Portanto, disse antes: ‘Quero ser um pobre homem na presença de Jesus para Ele fazer de mim e em mim o que Lhe aprouver. Quero ser dócil, humilde; quero abandonar-me com confiança nas Suas mãos, para Ele agir segundo o Seu agrado’»²⁵¹.

4.4 Ser espiritano é ser um homem disponível

A Regra de Vida Espiritana declara: «Uma qualidade fundamental da nossa vida espiritana é a disponibilidade ao serviço do Evangelho. Estamos prontos a ir para onde a

²⁴⁹Cf. N.D., II, pp. 68-172.

²⁵⁰ IOANNES PAULUS PP. II, *Redemptionis donum*, n° 10.

²⁵¹ N.D., IV, p. 7.

Congregação nos envia. Aceitamos libertar-nos dum compromisso, para responder, com o acordo da Congregação, a novos apelos dum Igreja local ou da Igreja universal»²⁵².

A disponibilidade, como característica da tradição espiritana, é de querer responder à grande questão que Deus coloca ao homem: «Quem enviarei? Quem será o nosso mensageiro?» (Is 6,8). Duas questões que, ao longo da história da Congregação, continuam a ser um desafio que Deus coloca no coração do homem. O escutar estas duas questões causa outras interrogações: para onde? Que fazer? Porquê eu? Estas questões estimulam o enviado a viver numa relação de dependência confiante com Deus. Na verdade, estas perguntas são sempre um «convite a abrir-se a uma nova vida, início de um êxodo que o encaminha para um futuro inesperado»²⁵³. Assim, a resposta dada a esta provocação, que Deus faz ao homem, tem que ser dada a partir de uma fé bem enraizada e fundamentada a partir de Cristo. A resposta é um deixar-se maravilhar pela acção salvadora que Deus vai realizando na história e que culmina no Mistério da Redenção trazida por Cristo. Ao acolher este projecto salvífico, dinamiza a existência humana, a tal ponto que não se consegue ficar silencioso (cf. 1Cor 9,16), tornando-se como um fogo que arde mas que não consome e que renova o dinamismo da sua consagração. Porém, esta consagração pessoal à pessoa de Cristo é permanentemente inexplicável racionalmente.

Ao responder a esta vocação não se pretende que se comprometa com os homens traduzindo a sua consagração a um serviço prestado ao mundo. Se assim for, empobrece a riqueza de uma vocação uma vez que se compromete unicamente em servir os homens, fixando os olhos nos problemas do mundo contemporâneo. A disponibilidade de uma vocação espiritana não é uma mera acção social. Se se resume em comprometer-se com os desafios do mundo, facilmente desanima porque não se tem aquela força de transmitir uma Boa Nova que liberte o homem, nem se torna apto para responder aos grandes problemas que inquietam a existência humana. Desta forma, a resposta ao chamamento de Deus não se resume em aceitar uma missão, mas a resposta tem que estar marcada pelo testemunho da primazia de Deus sobre a história e sobre si; transmitindo que a fé na pessoa de Cristo concede ao homem uma liberdade plena que o impede de chegar à felicidade.

É nesta procura da felicidade que se pode responder com generosidade ao dom da vocação que Deus concede ao homem. Este é o desafio proposto a todos os

²⁵² RVE, n° 25.

²⁵³ FRANCISCUS PP, *Lumen Fidei*, n° 9.

espiritanos, que procurem em Cristo a felicidade; uma felicidade que brota e provoca a felicidade aos homens²⁵⁴. Um espiritano, por causa da sua disponibilidade, que não o prende a nada, consegue contagiar esta alegria no Senhor (cf. Fl 4,4). A alegria de um espiritano brota deste contacto com Cristo que o faz estar livre para aceitar «novas missões». A disponibilidade concede ao homem uma alegria plena (cf. Jo 15,11), uma vez que se torna totalmente livre. Assim, a resposta de um espiritano deve ser sempre «Eis-me aqui! Envia-me!» (Is 6,8)²⁵⁵.

Estas palavras do profeta Isaías inspiraram e continuam a inspirar a vida dos espiritanos, vivendo numa dupla disponibilidade: em primeiro lugar diante de Deus e, em seguida, diante dos homens²⁵⁶. Porém, são duas dimensões inseparáveis, deixando que seja o próprio Deus a guiar o caminho para onde for necessário e segundo a sua vontade²⁵⁷. Ao tornar-se disponível diante de Deus permite que o Espírito Santo oriente a vida espiritana para que permaneça inteiramente unido a Deus²⁵⁸, entregando-se totalmente à vida apostólica através da profissão dos conselhos evangélicos²⁵⁹.

«A união da nossa alma a Deus é uma entrega e um afectuoso abandono de tudo o que somos nas suas mãos, a fim de não podermos mais agir nem viver a não ser por Ele, com Ele e Nele. A entrega implica a renúncia total de si mesmo, o abandono, a tendência para Deus, pela qual a nossa alma em todos os seus movimentos tem em vista Deus, e repousa nele no fundo do seu interior. É ainda, se quiser, a efusão do coração, ou a ternura na santa presença de Deus, ou a fé à qual se adere simplesmente à eterna verdade, em tudo, por toda a parte e sempre. É portanto uma união de amor e não um esforço da natureza»²⁶⁰.

A disponibilidade diante de Deus é algo que engloba toda a vida humana deixando que se criem raízes na pessoa de Cristo, aquele que concede a possibilidade de contemplar o Pai (cf. Jo 14) e de viver numa relação com o Pai (cf. Jo 15,1-7). Toda a disponibilidade espiritana deve-se orientar através da conformidade com os desígnios de Deus de tal modo que a Boa Nova atinja os homens de todas as épocas históricas para que o anúncio de Cristo seja sempre um encontro de Deus com os homens e entre os homens com Deus²⁶¹. É desta união com Deus que a vocação espiritana se vivifica na acção apostólica, onde se está atento aos sofrimentos humanos, para aí semearem as sementes da esperança (cf. AG, 4). Assim, para Libermann a verdade sobre o homem

²⁵⁴ Cf. RVE, nº 53.

²⁵⁵ Cf. C. BESNARD, *Vie de Louis-Marie...* in C. de Mare, *Antologia espiritana...*, pp. 38-39.

²⁵⁶ Cf. CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Reavivai o dom que recebestes...*, nº 1.1.3.

²⁵⁷ Cf. N.D., IV, p. 87.

²⁵⁸ Cf. N.D., VII, p. 148.

²⁵⁹ Cf. RVE, nº 3.

²⁶⁰ E.S., pp. 17-19.

²⁶¹ Cf. RVE, nº 16.

realiza-se quando se descobre que «Deus é tudo; o homem é nada»²⁶². Isto quer dizer que a disponibilidade apostólica surge de uma decifração da acção de Deus na vida humana, na qual Deus tem a primazia na existência humana. A disponibilidade, mais do que uma resposta, metaforiza-se num amar a Deus no mais íntimo do seu ser e que vai crescendo na medida em que se reconhece: «Só o meu Deus é grande, só o meu Deus é belo [...] e eu diante dele sou pobre e miserável»²⁶³. O que se pede aos espiritanos é que não tenham medo de rebaixar-se diante de Deus (cf. Lc 18,9-14), de se sentir pobre, de se sentir «o mais pobre homem da Igreja»²⁶⁴, «um mendicante na casa de Deus»²⁶⁵, para que a fragilidade humana seja superabundada pela acção misericordiosa de Deus²⁶⁶. Tal consciência da sua fragilidade abre espaço para que Deus comunique a vida e o amor, fazendo participar na natureza divina, onde emerge a santidade de vida²⁶⁷.

A santificação, na qual o Espírito Santo «vem ao auxílio da fraqueza humana (Rm 8,26) para aí purificar e transformar as debilidades humanas num testemunho fecundo»²⁶⁸, é um meio de viver a acção apostólica. Mais do que ter uma agenda repleta de actividades, é necessário viver e recuperar constantemente a comunhão com Deus. É nesta vivência que se demonstra que a vocação é um mistério na medida em que depende das graças de Deus que, pelo Espírito Santo, capacitam para que se seja fiel ao compromisso feito diante de Deus (cf. Mt 10). Esta santificação não surge quando se tenta imitar os fundadores, tendo os mesmos comportamentos, realizando os mesmos actos; a santificação surge quando se entra em conflito contemplativo com Deus que, pelo Espírito Santo, modela o homem na pessoa de Jesus Cristo, o grande modelo de santidade²⁶⁹. Entrar em conflito contemplativo com Deus significa «deixar-se plasmar interiormente por Ele [Espírito Santo], para se tornar cada vez mais semelhante a Cristo. Não se pode testemunhar Cristo sem espalhar a Sua imagem, que é gravada em nós pela graça do Espírito»²⁷⁰. Neste sentido, se compreende que na medida em que cada espiritano deixa transfigurar a sua vida na pessoa de Cristo, torna-se mais disponível

²⁶² N.D., XIII, p. 659.

²⁶³ L.S., I, p. 195.

²⁶⁴ L.S., II, p. 261.

²⁶⁵ L.S., I, p. 465.

²⁶⁶ Cf. P. BLANCHARD, *Le Vénérable Libermann...* tome I, pp. 47-49.

²⁶⁷ Cf. A. TAVARES, *Caminhos do Espírito...*, p. 198.

²⁶⁸ RVE, n° 85-86.

²⁶⁹ Cf. E.S., pp. 380-381.

²⁷⁰ IOANNES PAULUS PP. II, *Redemptoris Missio*, n° 87.

para ser enviado como Sua testemunha. A acção apostólica deve exprimir a experiência de fé que se vai tendo de Deus²⁷¹.

4.5 Ser espiritano é ter zelo apostólico

Até ao momento tem-se reflectido sobre os impulsos interiores que caracterizam a vocação espiritana, pelos quais o apostolado se torna um serviço à humanidade. Pretende-se, neste ponto, lançar uma reflexão sobre alguns aspectos práticos da espiritualidade espiritana. Assim, se percebe que a vida interior não significa um apaziguamento nem um comodismo espiritual em que se resume viver intimamente uma relação com Deus. A relação íntima com Deus deve expandir-se num serviço à humanidade. O Papa Francisco, na Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual, lança um convite para que não se faça da vida espiritual «um apêndice da vida, como se não [fizesse] parte da própria identidade»²⁷².

A vocação espiritana, como uma maneira particular de viver o Evangelho, inspirada pela acção do Espírito Santo, possui uma identidade própria, tendo a sua origem no carisma recebido por Poullart des Places e Libermann. Esta identidade exprime-se através da profissão dos conselhos evangélicos pelos quais se torna membro da Congregação²⁷³, identificando-se com a sua forma de viver²⁷⁴. Assim, os espiritanos descobrem nos fundadores uma riqueza espiritual e tentam sintonizar a sua vocação pessoal ao carisma espiritano para que se perpetue na história da humanidade, acolhendo-o como um dom que Deus oferece à humanidade.

Poullart des Places pretendia que os alunos da comunidade do Espírito Santo tivessem uma formação adequada para um serviço desinteressado aos mais pobres e abandonados: «Dar-vos-ei a conhecer a corações que não vos conheciam. Conhecendo eu mesmo a desordem das almas que vivem no mau hábito, persuadirei, convencerei, forçarei a mudar de vida; e sereis louvado eternamente por lábios que eternamente vos amaldiçoariam»²⁷⁵. Libermann, por sua vez, sente-se interpelado a um projecto missionário onde se dedicaria aos povos africanos que necessitavam de recuperar a sua dignidade:

²⁷¹ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Vita Consecrata*, nº 15.

²⁷² FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 77.

²⁷³ Cf. RVE, nº 129.

²⁷⁴ Cf. N.D., XII, pp. 462-469.

²⁷⁵ J. LÉCUYER, *Les écrits...*, p. 25.

«[...] sentimos um desejo ardente e continuado de vir em auxílio destes povos [negros] tão infelizes. Olhámos este desejo como uma inspiração divina; e fortificados no nosso projecto pelos encorajamentos da Sagrada Congregação, alimentamos a consoladora esperança de que, tendo enfim chegado o tempo da salvação para estes pobres povos, eles serão finalmente chamados a tomar a sua parte nas graças de Jesus Cristo e o seu lugar na Santa Igreja. Somos cada vez mais fortalecidos nesta esperança, pelas bênçãos que a Bondade divina espalha em nós, logo que começamos a trabalhar»²⁷⁶.

A experiência que os fundadores fizeram de Deus é marcante para a missão espiritana. Assim, e antes de tudo, a missão espiritana baseia-se numa experiência que se faz de Deus e que, pela acção do Espírito Santo, se é impellido para consagrar totalmente a sua vida aos outros. Infelizmente, na mentalidade de muitos homens e mulheres do mundo contemporâneo encaram esta consagração como uma profissão laboral, distanciando esta consagração de uma vida que se consagra para estar ao serviço dos outros²⁷⁷. Na verdade, a missão espiritana obriga que se tome consciência de que «esta consagração será tanto mais perfeita quanto melhor representar, por meio de vínculos mais firmes e estáveis, a união indissolúvel de Cristo com a Igreja, Sua esposa» (LG, 44). Desta união com Deus surge uma opção de vida que se deve reflectir no «próprio modo de viver de Cristo»²⁷⁸ que amou e se entregou pela salvação da humanidade (cf. Gal 2,20). Este amor é muito mais que um afecto entre Deus e os homens. É um amor que transforma a vida humana na medida em que se deixa questionar, fazendo uma leitura da experiência vivida. É um amor que se manifesta no concreto da vida que ajuda a crescer na sua adesão a Cristo, fazendo com que haja uma liberdade interior, que encaminha para uma entrega total de si mesmo²⁷⁹. Este encontro com Deus dispõe o homem a servir os outros, não em nome pessoal, mas em nome de Cristo que é sempre aquele que envia²⁸⁰. Acredita-se, portanto, que «o evangelho não é apenas uma mensagem; é um projecto de amor que pretende a transformação deste mundo através da Justiça e Paz»²⁸¹.

Se se perde esta consciência «as tarefas facilmente se esvaziam de significado, abatemo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se»²⁸². Assim, toda a acção apostólica torna-se desnecessária e cai-se numa rotina, num «deixar-se andar»,

²⁷⁶ N.D., VIII, pp. 233-224

²⁷⁷ IGREJA CATÓLICA, *Catecismo da Igreja Católica*, nº 1534-1535.

²⁷⁸ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Vita Consecrata*, nº 32.

²⁷⁹ Cf. P. FERNANDES, *A docilidade ao Espírito Santo na vida do apóstolo* in *Missão Espiritana* 19 (2011), pp. 92-93.

²⁸⁰ E.S., p. 374.

²⁸¹ CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Aonde nos conduz o Espírito. Capítulo Geral 1992*, Itaici (Brasil),... nº .14

²⁸² FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 262.

num comodismo. Neste caso, poder-se-á dizer que a consagração torna-se numa profissão laboral onde existe um horário de funcionamento; o encontro com as pessoas é feito unicamente através de marcação na agenda; procura-se, nas diversas actividades, o êxito, o amor-próprio; instala-se nos diversos compromissos (missões, paróquias, grupos, movimentos...) como se tudo dependesse dos seus esforços. Se assim é, leva-se a questionar sobre as verdadeiras motivações da sua consagração: serve-se por amor de Deus e dos irmãos ou serve-se por amor-próprio²⁸³?

«Os homens de Deus que, no seguimento dos santos Apóstolos, são encarregados de estabelecer o reino de Deus nas almas, devem prestar atenção a estas observações. Quantos não há que misturam assim na graça do apostolado as fraquezas, as imperfeições, e mesmo os defeitos dos maus, por vezes as suas más inclinações? Quantos não há que se exaltam de alegria e por vezes de orgulho, quando tudo corre à sua vontade, e que desanimam, sucumbem, algumas vezes se irritam, se desconcertam, desencorajam, quando encontram contradições, dificuldades que não podem superar? Quantos não há que compreendem mal a missão do seu divino Mestre e por consequência a sua? Querem uma glória exterior, não sabem que a sua missão é de humilhações, de sofrimentos contínuos, numa palavra de crucificação. Não têm aquela grandeza, generosidade, perfeita estabilidade, calma e paz humilde duma alma santificada e fiel à graça do seu apostolado»²⁸⁴.

Consagrar-se a Deus tem de ser um sinal de que se pertence a Deus. Assim, o apostolado só tem verdadeiramente sentido se se permanece unido a Deus, por Jesus Cristo (Jo 15, 1-8). «As pessoas consagradas serão fiéis à sua missão na Igreja e no mundo, se forem capazes de se reverem continuamente a si próprias à luz da Palavra de Deus»²⁸⁵. Este é o verdadeiro testemunho que a sociedade contemporânea necessita; um testemunho que tenha mais valor que as próprias palavras, uma vez que, tal como diz o provérbio português, «palavras, leva-as o vento»; o verdadeiro testemunho nasce de gestos convictos testemunhando que Cristo se encarnou na história e se fez próximo de todos os homens, sem excepção (cf. Gal 3, 28)²⁸⁶. «Aceitamos o que os outros não querem, não merecemos mais nada»²⁸⁷ – esta é a intenção de Libermann para a sua obra e que está em perfeita harmonia com o desejo de Poullart des Places.

A Regra de Vida Espiritana ao afirmar que a «‘vida apostólica’ está no coração da vocação espiritana»²⁸⁸ demonstra uma identidade que caracteriza toda a acção missionária dos espiritanos. A história desta Congregação caracteriza-se pela atenção

²⁸³ Cf. P. FERNANDES, *A docilidade ao Espírito Santo...*, p. 94.

²⁸⁴ C.S.J., p. 699.

²⁸⁵ IOANNES PAULUS PP. II, *Vita Consecrata*, n° 85.

²⁸⁶ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Redemptoris Missio*, n° 42.

²⁸⁷ N.D., VII, p. 292.

²⁸⁸ RVE, n° 3.

particular aos mais abandonados. É um apelo que torna a vocação espiritana num dom para a Igreja e para a humanidade. Ao olhar para os fundadores torna-se desafiador a missão espiritana: Poullart des Places ensina a ter um comportamento contraditório face ao ambiente consumista que abate a sociedade contemporânea; Libermann, por sua vez, convida os espiritanos a fazerem-se próximos e acolhedores de todos aqueles que sofrem²⁸⁹.

Um espiritano é aquele que acolhe o amor de Deus como dom por excelência e que, por isso, o leva a consagrar-se totalmente a Deus. Assim, um espiritano irá para onde Deus lhe indicar (cf. Jr 1,7) e aí «assume a angústia de Cristo diante das multidões errantes e prostradas ‘como ovelhas sem pastor’ e repete muitas vezes a sua mesma palavra: ‘tenho compaixão desta multidão’»²⁹⁰. Um espiritano, portanto, dirige-se de maneira especial para todos aqueles que sofrem e que, por diversas razões, são excluídos e esquecidos do ambiente social. A missão espiritana é transmitir uma mensagem de amor que não exclui nenhum ser humano. É neste sentido que Libermann fala de zelo apostólico²⁹¹, como uma grande virtude para a vida espiritana. Tal como Libermann afirma:

«A grande virtude do espírito apostólico é o zelo pela salvação das almas. Ele provém dum grande amor a Deus e reside num desejo ardente de o ver reinar nas almas, mesmo as mais hostis. [...] O zelo pela salvação das almas provém do Espírito, que produz em nós o amor de Deus pelos homens que criou com o fim de os fazer viver da sua santidade e gozar da sua felicidade, para os unir a si durante toda a eternidade»²⁹².

O Concílio Vaticano II, estando atento às mudanças do mundo, reforça a missão da Igreja de tal modo que não se tenha medo de viver o zelo apostólico no mundo actual:

«O género humano encontra-se hoje numa idade nova da sua história, em que mudanças profundas e rápidas se estendem gradualmente ao mundo inteiro. Provocadas pela inteligência e pela actividade criadora do homem, reflectem-se no próprio homem, nos seus juízos, nos seus desejos individuais e colectivos, no seu modo de pensar e de agir, tanto em relação às coisas como aos homens» (GS, 4).

Esta metamorfose da sociedade é, por um lado, louvável, na medida em que colabora para que haja um progresso na dignidade do homem. Salienta-se a consciência

²⁸⁹ Cf. CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Reavivai o dom que recebestes...*, nº 1.1.3.

²⁹⁰ PAULUS PP., *Evangelii Nuntiandi*, nº 57.

²⁹¹ João Paulo II, na Carta Encíclica *Redemptoris Missio* fala de zelo apostólico (cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Redemptoris Missio*, nº 89).

²⁹² E.S., p. 87.

de que todos os homens têm o direito, pela sua dignidade de homem, a ter melhores condições de vida. Graças ao avanço da ciência, existe um melhoramento nas diversas dimensões da vida do homem: o avanço na medicina, nos meios de comunicação, nas ciências humanas e sociais, na tecnologia...; cada uma destas ciências ajudam a humanizar uma parte da fragilidade humana. Por outro lado, sente-se que tais progressos colocam diversas questões a nível social que merecem ser destacadas: à medida que todas estas ciências avançam, o homem fica totalmente abafado por um consumismo exacerbado da ciência, da técnica e da cibernética. Ao olhar a sociedade contemporânea, sente-se que existe uma tendência para o materialismo, como única fonte segura do bem-estar do homem, fazendo com que se isole cada vez mais dos outros, centrando toda a atenção em si mesmo. O egoísmo é um vazio que o homem possui e que, por isso, tenta substituir por um consumismo, fazendo com que o homem valha a partir do que tem e não a partir do que é²⁹³. Tal metamorfose divide injustamente a humanidade em duas classes: «em serem relativamente poucos os que possuem muito e muitos os que não possuem quase nada»²⁹⁴. Por conseguinte, o homem vai-se apercebendo que tais avanços da ciência não preenchem totalmente a vida humana, não possuem o bem maior que o homem necessita para viver: o amor. O homem, ao sentir-se amado, possui uma identidade nova, na qual se torna superior a todas as coisas (cf. Gen 1,31; 2,20), valorizando-se por aquilo que se é²⁹⁵.

É neste contexto contemporâneo que se torna necessário que um missionário tenha a capacidade de amar os homens com os mesmos gestos de Cristo. Tais gestos tornam-se visíveis quando se entra em contacto com as feridas do homem que não se sente verdadeiramente amado. São tantas as feridas que acompanham a história da humanidade, que transformam o homem num miserável! O vazio do amor face aos irmãos transporta várias consequências desumanas que necessitam de ser libertadas para que possam viver, de uma forma digna, a sua existência. Através dos meios de comunicação consegue-se encontrar vários acontecimentos que retratam as diversas tentativas do homem para superar: as greves que em muitos países geram violência; as migrações, tanto clandestinas e legalizadas mas que ao chegar aos países de acolhimento são tratados como «homens descartáveis»; a educação que possui diversas deficiências; a idolatria do dinheiro em que muitos escravizam outros seres humanos

²⁹³ Cf. PAULUS PP. VI, *letterae enciclicae Populorum progressio*, n° 19; cf. tb. IOANNES PAULUS PP. II, *letterae enciclicae Sollicitudo rei socialis*, n° 28.

²⁹⁴ IOANNES PAULUS PP. II, *Sollicitudo rei socialis*, n° 28.

²⁹⁵ Cf. H. URS VON BALTHASAR, *Só o amor ...*, pp. 117-122.

para auto-subsistirem, como por exemplo a prostituição, a clandestinidade do trabalho... A lista poderia ser ainda maior, mas os apelos vindos do povo que sofre as humilhações são sempre constantes²⁹⁶.

É aí que os espiritanos são enviados para que sejam «os advogados, o sustentáculo e os defensores dos fracos e dos pequenos, contra todos aqueles que os oprimem»²⁹⁷. Compreende-se, assim, que a espiritualidade espiritana não pode ser encarada como uma maneira desumana de estar no mundo, nem como uma exigência que lhe é imposta²⁹⁸; bem pelo contrário, é-se convidado a ser no mundo instrumentos visíveis da presença de Deus pretendendo corresponder às diversas necessidades da Igreja e do mundo, em cada momento histórico. Desta forma, a vida espiritual «muito mais do que uma instrução intelectual ou uma educação da vontade, requer uma verdadeira iniciação tendente a cristianizar o ser, até ao fundo, segundo as Bem-aventuranças evangélicas»²⁹⁹. A presença espiritana deve ser um reservatório da misericórdia de Deus, ou seja, assim como Deus vem ao encontro da miséria humana, da mesma maneira é-se enviado para ir ao encontro da miséria dos outros, tendo o mesmo espírito de renunciar ao amor-próprio para se colocar disponível para servir, acolher e amar todos os homens³⁰⁰.

4.5.1 Vida fraterna em comunidade

A presença espiritana deve escandalizar a própria sociedade à maneira de Cristo. Olhando para os evangelhos, encontra-se Cristo que come com os fariseus e com os pecadores que eram desprezados pela sociedade judaica (cf. Lc 18,9); Cristo anunciou que a misericórdia de Deus é dom para toda a humanidade e, por isso, não se importou de se sentar na mesma mesa com os pecadores, admitindo-os no banquete messiânico (cf. Lc 5,32); Cristo não teve medo de se aproximar dos leprosos, que eram excluídos da sociedade (cf. Mt 8,1-4; Mc 40,45; Lc 5,12-16)³⁰¹.

Assim, os espiritanos, pelo testemunho de uma vida fraterna em comunidade, testemunham que é possível viver em conjunto apesar de todas as diferenças intergeracionais, internacionais, interraciais e intercontinentais.

²⁹⁶ Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 52-75.

²⁹⁷ N.D., X, p. 517; cf. tb. RVE, n° 14.

²⁹⁸ Cf. PAULUS PP. VI, *Evangelica Testificatio*, n° 31.

²⁹⁹ PAULUS PP. VI, *Evangelica Testificatio*, n° 36.

³⁰⁰ Cf. N.D., X, pp. 539-540.

³⁰¹ Cf. IGREJA CATÓLICA, *Catecismo da Igreja Católica*, n° 587-591.

«Todas as pessoas, no cumprimento do discipulado evangélico, se empenham a viver o ‘mandamento novo’ do Senhor, amando-se umas às outras como Ele nos amou (cf. Jo 13,34). O amor levou Cristo a fazer-Se dom até ao sacrifício supremo da Cruz. Também entre os seus discipulados não há unidade verdadeira sem este amor recíproco e incondicional, que exige disponibilidade para o serviço sem regatear energias, prontidão no acolhimento do outro tal como é, sem o ‘julgar’ (cf. Mt 7,1-2), capacidade de perdoar inclusive ‘setenta vezes sete’ (Mt 18,22)»³⁰².

O amar o outro é, por excelência, o verdadeiro testemunho de quem é um seguidor de Cristo (cf. Jo 13,35). A vida comunitária não é um grupo que se reúne para cumprir uma determinada missão; a vida comunitária deve ser inspirada na comunidade modelo narrada no livro dos Actos dos Apóstolos: «todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum» (2,44). Para Libermann esta é uma condição «sine qua non» para ser espiritano³⁰³: «todos os membros viverão sempre em comunidade»³⁰⁴. A vivência em comunidade tem dois objectivos: para o bem do apostolado e para a santificação dos membros da Congregação – que é uma necessidade para a fecundidade do apostolado.

O primeiro objectivo ajuda a educar as vontades pessoais, aplicando o princípio da kénōsis, para responder àquela pergunta que Cristo faz aos que o iam prender: «A quem buscais?» (Jo 18,4.7). Uma questão que deve acompanhar o discernimento em cada acção apostólica se se anda ao serviço dos homens, em e por Cristo; ou procuram-se meios para se auto-anunciar pretendendo ter méritos que consolem insatisfatoriamente a sua vida, substituindo a alegria de ser testemunha de Cristo Ressuscitado (cf. Lc 24,52). É preciso que cada espiritano faça a experiência do êxodo na qual o homem sai de si mesmo para ir ao encontro de Cristo que, por sua vez, conduz a um relacionamento com Deus e a um compromisso na missão. Só assim é que a consagração se renova a cada dia, uma vez que neste confronto educa a vontade pessoal ao ponto de nunca se encontrar refúgio nos êxitos do apostolado³⁰⁵. Na verdade o que compete ao espiritano, enquanto membro de uma comunidade, é

«plantar, regar, e a Ele [Deus] fazer produzir frutos e colhê-los. [...] Por serem d’Ele os frutos, o campo e os trabalhadores, pode empregar-nos quando, onde e como quiser. Ele é senhor de nos tornar fecundos ou de nos deixar estéreis; é senhor de nos mandar trabalhar ou de nos deixar inactivos. Permanecemos,

³⁰² IOANNES PAULUS PP. II, *Vita Consecrata*, n° 85.

³⁰³ Cf. RVE, n° 28.

³⁰⁴ N.D. X, p. 454; cf. tb. RVE, n° 27-28.

³⁰⁵ Cf. P. SIGRIST, *Histoire et identité in Spiritains aujourd’hui* 1 (1982), p. 44.

pois, diante d'Ele, prontos a ser o instrumento que Ele quiser, como prontos também a permanecer na nossa inutilidade»³⁰⁶.

O segundo objectivo – santificação dos membros da Congregação – possui uma dimensão importante para a vida de um espiritano. Os textos conciliares (cf. LG, 39-42) contribuem para que a proposta de Libermann para todos os membros da Congregação sintam a necessidade da santidade que é «como o fogo, que aquece todos os que se aproximam dele»³⁰⁷. Libermann, oriundo do mundo judaico, define a santidade como uma participação da santidade de Deus; e como cristão convicto da sua fé em Jesus Cristo, define a santidade como participação na vida de Cristo, permitindo que se incarnem no homem os mesmos comportamentos, gestos para que aí se manifeste a glória de Deus. Libermann não afirma que esta santidade esteja dividida nos dois Testamentos, mas mostra que a santidade culmina em Jesus Cristo, como protótipo para a vida humana³⁰⁸. A santidade de um espiritano manifesta-se quando «é preciso que ele fale a todos os sentidos pela santidade eminente da sua vida, que, associada à sua boca, penetra em todos os sentidos e chega pouco a pouco a amolecer os corações endurecidos pelo pecado, a refrescar estas almas sequiosas, a amortecer as paixões violentas e a esclarecer estas inteligências obscurecidas»³⁰⁹. Por isso, poder-se-á dizer que a santidade, na perspectiva dos fundadores, é prática na medida em que se manifesta nos comportamentos e nas disposições como resultado de uma conversão permanente.

Através do testemunho de Poullart des Places³¹⁰ percebe-se quão é importante que haja auto-conhecimento realista e crítico, não apenas das qualidades, mas também dos limites. É neste processo contínuo de auto-conhecimento que se torna verdadeiramente numa pessoa equilibrada, amadurecendo a sua capacidade de se relacionar com os outros. Este equilíbrio humano satisfatório ajudará a tornar-se uma pessoa disponível para aceitar novos desafios que a missão, a partir da Congregação, lhe pede³¹¹. Por outro lado, Libermann acentua a vida fraterna em comunidade como o lugar onde se regressa para partilhar a alegria de anunciar ao mundo a Boa Nova de Jesus Cristo (cf. Lc 10,17); mas ao mesmo tempo, é um lugar de confronto com os outros. É neste confronto com novas realidades que permite que cada um ponha à disposição dos demais membros da comunidade os seus talentos humanos para que

³⁰⁶ N.D., IV, p. 461.

³⁰⁷ R.P., p. 13.

³⁰⁸ Cf. P. BLANCHARD, *Le Vénérable Libermann...* tome I, pp. 474-475.

³⁰⁹ E.S., p. 372.

³¹⁰ Cf. J. LÉCUYER, *Les écrits...*, pp. 42-43.

³¹¹ Cf. R. JUNG, *Narrar a Fundação e construir um projecto de vida aberta à comunidade in Missão Espiritana* (6) 2004, p. 64.

enriqueça a missão da Igreja e seja feita em complementaridade, não no sentido em que o outro completa o trabalho pessoal, havendo uma corresponsabilidade na missão. Assim a missão nunca é confiada a uma pessoa em concreto, mas a uma comunidade que pela vida fraterna em comunidade vivem na fidelidade à sua vocação, apoiando-se mutuamente. Assim se descobre que o confrade que vem do outro canto do mundo, nunca é um estrangeiro, mas um irmão membro de uma grande família, que vem renovar o zelo apostólico para que Cristo seja sempre anunciado.

Para que se chegue a uma verdadeira comunhão é necessário que cada membro faça «um contínuo esforço de conversão e até de morte e ressurreição»³¹². É uma forma de cada um se despojar de si mesmo para acolher o outro que participa da mesma vocação recebida por Deus. Torna-se, ainda mais evidente, nas comunidades internacionais. Na verdade, o acolher o outro como um irmão, faz parte da espiritualidade espiritana, na medida em que se torna num «testemunho de uma nova qualidade de solidariedade que ultrapasse o individualismo, o etnocentrismo e o nacionalismo»³¹³. O aceitar o outro como um dom de Deus para partilhar o mesmo projecto apostólico deve ser vivido com a mesma autenticidade com que Cristo «amou os que estavam no mundo» (Jo 13,1). Acolher significa, portanto, que se aceita que o outro faça parte da mesma história, que teve a sua origem nos fundadores, com todas as suas qualidades e fragilidades, mas que, em comunidade, caminham à busca da santidade de cada membro. Compreendem-se, assim, as palavras de Libermann quando diz: «Deixe-se, portanto, cada um no seu estado e maneira de ser. Deus fê-los como são; estão dispostos a fazer tudo para o bem; é preciso encorajá-los, e eles fá-lo-ão cada um segundo a graça recebida do alto. Seja, portanto, senhor da sua alma e será mestre de toda a gente»³¹⁴.

O grande desafio, para os dias de hoje, é que cada confrade sinta a necessidade de se converter, aceitando que o outro possui uma experiência forte de fé que o levou a ser testemunha de Cristo e, por isso, se comprometeu «a caminhar incessantemente para a plenitude da caridade e de viver na fidelidade, conscientes de que a fidelidade do Senhor para conosco se mantém irrevogável»³¹⁵. Na verdade, é a partir da vivência fraterna em comunidade, que se aprende a viver aquele conselho de Libermann: «fazei-

³¹² RVE, nº 39.2.

³¹³ CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Reavivai o dom que recebestes...*, nº2.1.

³¹⁴ N.D., VIII, p. 113.

³¹⁵ RVE, nº 125.

vos negros com os negros»³¹⁶, que ao mesmo tempo pode ser readaptado para outras culturas. É na vida fraterna em comunidade, sobretudo, quando se vive em ambiente intergeracional, internacional, interracial e intercontinental que se sente esta urgência. É indispensável que se tome consciência de que não existe nenhuma cultura perfeita, de tal modo que, haja uma abnegação de si mesmo. Se cada espiritano pensar que a sua vida espiritual, que a sua cultura de origem, que a sua forma de pensar e de agir é sempre perfeita, impede que se reconheça que o outro é um dom que Deus concede para que, em comunidade, se faça uma experiência de Deus³¹⁷. Aqui se encontra o dinamismo da fé centralizado pela Eucaristia³¹⁸, fortalecida pela lectio divina³¹⁹, purificada pela Reconciliação³²⁰ e sustentada pela invocação da unidade, especial dom do Espírito Santo³²¹. Por isso, pode-se definir a comunidade como um

«[...] espaço privilegiado da escuta do Espírito e da Fideidade exigente à nossa vocação e missão. Nela todos viverão, com coerência, os votos religiosos (pobreza, castidade e obediência) que constituem valores inegociáveis, apoiados numa vida espiritual profunda. O testemunho da vida comunitária é a primeira forma de evangelização e de fazer a experiência de Deus. A comunidade é lugar de fraternidade, oração, partilha, diálogo, construção, responsabilidade, confraternização, reconciliação, festa, alegria, conforto, segurança, programação, avaliação, correção fraterna e formação permanente. Estes são elementos fundamentais para se construir uma ‘cultura espiritana’ e assegurar o sentido de pertença à Congregação. Comunidade e missão são duas dimensões da vocação espiritana cujas exigências mutuamente se enriquecem»³²².

4.5.2 A missão espiritana é feita pela proximidade

De um modo geral, a vida religiosa tem como característica estar atento aos mais necessitados, a todos aqueles que são excluídos da sociedade. Os espiritanos, enquanto família religiosa têm, também, uma atenção particular aos mais pobres e abandonados na sociedade. Os compromissos apostólicos assumidos, ao longo da história da Congregação, têm em vista tornar-se próximos de todas as pessoas para que Cristo seja aí anunciado. A Boa Nova anunciada para todos os povos torna-se visível através da Igreja que não é composta por elites, mas por pessoas que desejam acolher a Boa Nova de Jesus Cristo. Assim a Boa Nova de Cristo alerta que «soou a hora da acção»³²³.

³¹⁶ N.D., IX, p. 142.

³¹⁷ Cf. CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Sede fervorosos no Espírito...*, nº 1.8.

³¹⁸ Cf. RVE, nº 93.

³¹⁹ Cf. RVE, nº 92.

³²⁰ Cf. RVE, nº 95.

³²¹ IOANNES PAULUS PP. II, *Vita Consecrata*, nº 42.

³²² CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Sede fervorosos no Espírito...*, nº 4.1.

³²³ PAULUS PP., *Populorum progressio*, nº 80.

«[...] importa evangelizar – não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até às suas raízes – a cultura e as culturas do homem, no sentido pleno e amplo [...] a partir sempre de pessoas e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus»³²⁴.

As páginas dos Evangelhos apresentam os diversos encontros que Cristo teve com as pessoas do seu tempo. Recorde-se, de maneira particular, o episódio em que Jesus olha para Zaqueu e diz: «hoje tenho de ficar em tua casa» (Lc 19,5). O termo «casa» abre um caminho onde se coloca a pessoa humana como destinatário desta mensagem. Em primeiro lugar, é o espaço onde se reúnem pessoas que projectam formar uma família. Por isso, ao entrar numa casa, invade-se a intimidade de um projecto familiar onde se tem a oportunidade de conhecer o seu modo de viver, de estar e de pensar. São traços que revelam uma identidade que é própria de uma comunidade que se reúne debaixo do mesmo tecto para partilhar as suas vidas. Em segundo lugar, sabe-se que a família é influenciada por uma cultura que definirá e desenvolverá o conceito de família. Neste sentido, falar de «casa» engloba um conjunto de normas, de tradições, de costumes, de leis, de hábitos, que se manifestam no estilo de viver com os outros na sociedade³²⁵. Assim sendo, falar de casa não se resume a um mero edifício, mas sim à identidade que acompanha toda a sua existência – cultura.

Tendo em conta a etimologia da palavra cultura – do verbo latino «colere», que significa «cultivar» – percebe-se que existe um cultivo de certos valores que caracterizam o modo de viver de um povo. Este modo de viver é composto por diversos níveis: erudição (conhecimentos gerais, dados de informação...); educação (formação da pessoa enquanto tal, em toda a sua integridade física, intelectual, moral); etnológico (conjuntos de valores de um povo que formam a sua identidade ou o seu «génio» diferenciando-se dos demais povos)³²⁶. Tudo isto são dados que o homem cultiva para ir ao encontro da verdade, uma busca constante que o homem necessita de fazer para se compreender e para viver com os demais. Consequentemente, são aspectos que constituem a história de uma pessoa como membro de uma sociedade; são características da cultura que devem ser sempre valorizadas. Sente-se, assim, que a melhor forma de entrar em contacto com um povo é de conhecer a sua língua vernácula

³²⁴ PAULUS PP., *Evangelii Nuntiandi*, n° 20.

³²⁵ Cf. J. MACKENZIE, «casa» in *Dicionário bíblico*, São Paulo: Edições Paulinas, 1983, pp. 152-155.

³²⁶ Cf. J. BIFET, *Misionología. Evangelizar en un mundo global*, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2008, p. 142.

e a sua história; pois, todo o relacionamento frutificará na medida em que se é capaz de aceitar a identidade de um povo³²⁷.

Partir em missão significa, portanto, sair de si para se relacionar com outras pessoas (cf. AG, 8), aproximando-se delas; é entrar em casa e na intimidade de um modo de viver e que, diversas vezes, é totalmente diferente do que se está habituado. Surge, assim, um novo apelo, pela voz de Libermann: «devem considerar tudo o que, nos seus usos e costumes, estiver ligado ao carácter do povo e à natureza da terra. Evitarão cuidadosamente perturbá-los nestes hábitos (quando não forem opostos à lei de Deus), sem quererem formá-los no modo de vida europeu; procurarão apenas aperfeiçoá-los no seu género de vida e nos seus hábitos ordinários»³²⁸. Assim, todo o trabalho apostólico só pode ser realizado em relação com a cultura.

Na óptica de Libermann, a missão não é estar com um povo, mas ser um membro do povo, o que implica uma abnegação de si mesmo e uma abertura às suas riquezas culturais. Os espiritanos, ao estarem ao serviço de um povo, devem testemunhar através do serviço, pela presença como enviados atentos aos gritos do povo. É de admirar o testemunho de tantos missionários que, nos tempos mais difíceis, em diversos contextos sociopolíticos, não tiveram medo de permanecer com eles partilhando «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens [...] sobretudo dos pobres e de todos os aflitos» (GS, 1). Muitos deles foram martirizados por amor ao povo que lhes foi confiado, sendo para eles a epifania de Deus face a um momento difícil da história.

Olhando para Maria, «como modelo perfeito de fidelidade a todas as santas inspirações do divino Espírito e da prática interior das virtudes da vida religiosa e apostólica»³²⁹, encontra-se a inspiração para esses momentos, sobretudo quando Maria estava aos pés da Cruz. Maria sabe que não pode fazer nada para acabar com o sofrimento do Seu Filho pregado na Cruz, mas permanece aí, em silêncio, com o coração trespassado (cf. Lc 2, 35). Mas é, nesta circunstância (cf. Jo 19, 26-27), que Maria assume uma nova missão: de ser Mãe de todos os crentes. Em Libermann, encontram-se várias passagens que encorajam os membros da Congregação a sofrerem juntamente com o povo porque é precisamente nestes momentos que se revela o verdadeiro zelo apostólico.

³²⁷ Cf. N.D., IX, p. 330; cf. tb. RVE, nº 16.2

³²⁸ N.D., X, p. 452.

³²⁹ N.D., X, p. 568.

«[...] há duas maneiras de trabalhar na salvação das almas: uma activa e outra passiva. A maneira activa consiste em trabalhar pela sua instrução e em realizar activamente as funções do santo ministério. A maneira passiva está em sofrer por elas, por ordem de Deus e segundo a sua vontade. Pois bem! digo-te em verdade que a segunda maneira é infinitamente mais útil que a primeira. Vê o Coração Imaculado de Maria! Quantos sofrimentos suportou pela salvação do mundo! Maria não foi pregar o Evangelho de seu Filho, mas sofreu no seu Coração, esse foi o único apostolado de Maria. Pois bem! não é ela maior que todos os apóstolos? E o próprio Jesus, que deixou aos seus apóstolos trabalhos e sucessos incomparavelmente mais importantes que os que ele quis fazer, não sofreu ele também pela salvação do mundo? Vê, portanto, que o verdadeiro apostolado consiste nos sofrimentos. Por consequência, sofre com paz e amor»³³⁰.

A presença espiritana é uma presença solidária portadora de esperança³³¹ através de uma atitude maternal que acolhe todos para os consolar³³². Não se pretende, contudo, que a consolação seja um sentimento que se tem pelas pessoas que sofrem, mas a consolação cristã deve ser uma fonte de refúgio, de conforto, de esperança onde se sabe que as portas estarão sempre abertas para acolher. Os espiritanos, consagrados ao Espírito Santo³³³, devem estar inundados pelo Espírito Santo para que saibam comunicar aos homens os frutos que d'Ele recebem³³⁴: «amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, auto-domínio» (Gal 5, 22). É-se chamado a levar aos homens o abraço carinhoso e misericordioso de Deus, que vem ao encontro do homem, cheio de compaixão, para lhe restituir a dignidade que foi vexada³³⁵. É uma urgência que a sociedade contemporânea espera incessantemente deste conforto do Evangelho:

«O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-o nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos. Este convite não há-de ser obscurecido em nenhuma circunstância! Todas as virtudes estão ao serviço desta resposta de amor. Se tal convite não refulge com vigor e fascínio, o edifício moral da Igreja corre o risco de se tornar um castelo de cartas, sendo este o nosso pior perigo; é que, então, não estaremos a anunciar o Evangelho, mas algumas acentuações doutrinárias ou morais, que derivam de certas opções ideológicas. A mensagem correrá o risco de perder o seu frescor e já não ter 'o perfume do Evangelho'»³³⁶.

O Magistério da Igreja incentiva todos os espiritanos a regressarem aos fundadores para entenderem que tal preocupação está na génese desta Congregação. Em

³³⁰ L.S., IV, p. 655.

³³¹ Cf. CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Aonde nos conduz o Espírito...*, nº 4.

³³² Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Vita Consecrata*, nº 28.

³³³ Cf. RVE, nº 6.

³³⁴ Cf. N.D., XIII, p. 688.

³³⁵ Cf. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Alegrai-vos...*, nº 25.

³³⁶ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 39.

Poullart des Places³³⁷, a missão é encarada como uma doação total da vida para que se dê testemunho de que a misericórdia de Deus é mais forte que a miséria humana. É neste espírito que, para Poullart des Places, o ir ao encontro dos pobres é uma das prioridades que deixou como herança para esta Congregação. Em Libermann, a missão é evangelização, ou seja, o Evangelho torna-se numa resposta positiva para superar as pobreza humanas. Por isso, os espiritanos são enviados para estarem ao lado dos mais pobres e esquecidos: pobres por ignorar o Evangelho; pobres que vivem em condições desumanas; pobres por serem abandonados pela Igreja e que dificilmente se encontra obreiros disponíveis para testemunharem a fé junto deles³³⁸.

«Deus dá-nos o que ninguém quer. Estou convencido de que a divina Providência nos confia estas missões tão difíceis e perigosas [...] Sempre acreditei que Nosso Senhor nos deu a pior porção [...], o mais difícil de desbravar, o mais penoso e o mais perigoso. Não somos senão farrapeiros da Igreja. Não tomamos senão o que os outros não querem»³³⁹.

Em síntese, utilizando as palavras de Libermann, poder-se-á dizer que para o cumprimento dos desígnios de Deus na sociedade de hoje, são precisos

«homens devotados à glória de Deus, homens decididos a deixar tudo por ele, homens que já dominaram os seus principais defeitos ou estão em vias de os dominar e dos quais se pode esperar muito; além disso, são precisas pessoas capazes de suportar os maiores sofrimentos e as maiores humilhações. Sei que não encontrará muitos que já sejam capazes de suportar pacientemente os sofrimentos e as humilhações, mas é preciso que ao menos tenham o desejo ardente e sincero de sofrer toda a espécie de penas, aflições e humilhações pelo amor de Deus e que também desde já se esforcem por trabalhar seriamente para as suportar, por se humilharem e se dominarem nestas circunstâncias; além disso, é preciso que todos os que querem aventurar-se nesta obra tenham um espírito dócil e flexível, que estejam dispostos a submeter-se a quem lhes for dado como superior e a obedecer rigorosamente, seja ao superior que lhes for dado, seja às regras que lhe forem prescritas»³⁴⁰.

³³⁷ Cf. J. LÉCUYER, *Les écrits...*, p. 67.

³³⁸ Cf. A. TAVARES, *Caminhos do Espírito...*, pp. 148-149.

³³⁹ L.S., IV, p. 144.

³⁴⁰ N.D., XIII, p. 709.

CAPÍTULO III

CENTRO PADRE ALVES CORREIA (CEPAC) – A ESPIRITUALIDADE ESPIRITANA INCARNADA NA PASTORAL COM OS IMIGRANTES

A Regra de Vida Espiritana afirma que a presença espiritana é estar ao lado dos mais pobres, dos abandonados, dos excluídos, dos desamparados e dos tristes da sociedade³⁴¹. A pobreza humana é sempre uma preocupação que deve ecoar, individualmente e comunitariamente, no coração espiritano para que se consciencialize que é aí que se é enviado para promover a dignidade da pessoa humana³⁴².

Olhando para a biografia dos fundadores da Congregação do Espírito Santo encontram-se luzes para um discernimento, redescobrimo alguns meios fundamentais para responder às novas necessidades do homem, estando disponível e atento para defender todos aqueles que são prejudicados pelas injustiças da sociedade. Uma acção que não deve brotar dos interesses pessoais, mas que deve ser sinal da sua adesão a Cristo, aquele que sendo Rabi lavou os pés aos discípulos como acto de amor (cf. Jo 13,1-20).

Poullart des Places testemunha o quanto é frutuosa a presença cristã junto dos mais débeis. A sua adesão a Cristo fez com que não ficasse indiferente ao ver que os pobres não tinham possibilidade de alargar os seus horizontes, uma vez que a sociedade não facultava meios suficientes para os ajudar. Recorde-se, por exemplo, quando Poullart des Places, na sua juventude, assistia os doentes do hospital de S. Yves, em Rennes; e, ainda, enquanto se preparava para abraçar a vida sacerdotal, verificou que alguns dos candidatos, para a vida eclesiástica, viviam em pobreza extrema que não lhes permitia subsidiar os seus estudos eclesiásticos. Como consequência, muitos eram ordenados sem terem uma sólida formação teológica, pastoral e espiritual, tal como era exigido pelo disciplinamento do Concilio de Trento. É neste espírito de pobreza que é fundado a comunidade do Espírito Santo, onde se incentivava a estarem

«[...] dispostos a irem para qualquer lado em que seja preciso trabalhar para a salvação das almas, dedicando-se de preferência à obra das missões tanto estrangeiras como as nacionais, oferecendo-se para viver nos lugares mais pobres e abandonados, para onde é mais difícil achar quem queira ir. Quer se trate de ser mandado para um lugar remoto da província ou num seminário, ou

³⁴¹ Cf. RVE, nº 14; 14.1; 18; 24; 30.1.

³⁴² Cf. RVE, nº 4.

de ser director duma comunidade pobre, deslocar-se até aos confins do reino ou levar nele uma vida sacrificada, que se trate de cruzar os mares e ir até aos confins do mundo para conquistar uma alma para Jesus Cristo, a divisa deles é ‘ecce ego, mitte me’ (Is 6,8)»³⁴³.

Libermann reforça a identidade espiritana partindo da sua experiência de vida: nascido no meio do gueto judeu, na Alsácia, experimentou o que significava ser uma minoria minimamente tolerada; sentiu a ausência da sua família, quando discernia a sua fé; quando esteve doente, sentiu-se rejeitado, uma vez que, por causa da sua doença, não podia avançar para as ordens sacras; conheceu o que significava a frustração pessoal quando viu os primeiros missionários da Sociedade do Imaculado Coração de Maria, a morrerem nos países de missão ou durante as viagens. Libermann projecta, então, uma Sociedade onde todos os membros estivessem atentos às necessidades do homem.

A missão é, portanto, uma acção apostólica difícil. Para este serviço são necessários missionários que tenham uma personalidade fundada em Cristo para que a salvação chegue a todos os homens³⁴⁴. Por isso, é importante que cada espiritano «sem que esteja oficialmente encarregado disso, deve estudar essas necessidades, identificar as feridas da sociedade e aproveitar todas as oportunidades que se lhe apresentem para trazer alívio às necessidades e remédio às feridas»³⁴⁵.

1. Portugal e a imigração: uma das feridas a ser curada

Ainda hoje continuam a existir feridas profundas causando danos catastróficos na valorização do homem. Estas feridas nunca poderão ser saradas superfluamente, criando raízes profundas que deixarão o homem aprisionado a um estatuto de divisão na sociedade, em que alguns tem mais direitos que outros.

A melhor forma de curar estas feridas é pela caridade que, na pessoa de Cristo, adquire um sentido particular: mais do que uma partilha material existe uma restituição da dignidade da pessoa humana. A salvação incarna-se na existência humana na medida em que «abrange também este mundo (cf. 1Cor 7,31) nas realidades da economia e do trabalho, da sociedade e da política, da técnica e da comunicação, da comunidade internacional e das relações entre as culturas e os povos»³⁴⁶. Sente-se, assim, que o

³⁴³ C. BESNARD, *Vie de Louis-Marie...* in C. de Mare, *Antologia espiritana...*, pp. 38-39.

³⁴⁴ Cf. L.S., IV, p. 687.

³⁴⁵ N.D., XI, p. 536.

³⁴⁶ CDSI, nº 3

melhor remédio para estas feridas é entrar na raiz do problema para que se tenha «uma visão clara de todos os aspectos económicos, sociais e culturais»³⁴⁷.

É com este objectivo que se pretende analisar, sucintamente, o fenómeno da imigração contemporânea em Portugal³⁴⁸.

1.1 Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)

A descolonização das terras de ultramar abre portas para uma imigração massiva. A partir de 1970, 0,29% da população portuguesa era imigrante e, nas décadas seguintes, vai progressivamente aumentando: 1,10% em 1981; 1,29% em 1991; 2,19% em 2001; 2,39% em 2002; o seu auge acontece em 2003 que atinge 4,15%³⁴⁹.

Para melhor compreender o aumento da imigração a partir dos anos 70, é necessário recordar a política do Estado Novo (1933-1974). Portugal encontrava-se fechado ao exterior recusando que houvesse investimento na industrialização e na urbanização. Tal posição política defendia que a actividade laboral se destinava, em primeiro lugar, aos que eram de nacionalidade portuguesa. Assim sendo, não existia muita esperança, para os imigrantes, em conseguir um trabalho dentro do território nacional português. Contudo, a mudança política, em 25 Abril de 1974 – sobretudo com a entrada para a Comunidade Económica Europeia (CEE), em 1986, e a adesão ao Acordo de Schengen, assinado em 1991 –, as portas das fronteiras abrem-se para o progresso da indústria e do turismo. Neste contexto de abertura, muitos povos oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) aproveitam para lutarem por melhores condições de vida³⁵⁰. Mas para melhor compreender este aumento é necessário analisar as causas de cada um dos países.

1.1.1 Angola e Moçambique

A independência de Angola (1975-2002) e de Moçambique (1977-1992) fez com que surgisse uma guerra civil em que os partidos políticos lutavam pelo poder. Existiam, também, diversos problemas socioeconómicos causando fome e medo, devido

³⁴⁷ PAULUS PP. VI, *Populorum progressio*, nº 13.

³⁴⁸ Dar-se-á importância às comunidades imigratórias mais significativas, embora haja outros povos que imigraram para Portugal.

³⁴⁹ A. COSTA, *A criação da categoria imigrantes em Portugal na revista Visão: jornalistas entre estereótipos e audiências*, Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.), 2010, p. 48.

³⁵⁰ Cf. M. HENRIQUES, *Argumentos para uma viagem sem regresso. A imigração PALOP por via de saúde: um estudo de caso*, Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.), 2010, p. 48.

à instabilidade política, favorecendo a expulsão de milhares de cidadãos, para procurar melhores condições de subsistência e paz. Muitos destes imigrantes escolhem Portugal por causa de afinidades de história e da língua que facilitavam a sua adaptação ao novo contexto cultural³⁵¹.

Deve-se, ainda, salientar que a comunidade angolana imigrante era muito jovem, com idades inferiores a 40 anos, sendo a sua grande parte homens³⁵².

1.1.2 Cabo Verde

A presença cabo-verdiana, em Portugal, aconteceu antes da independência do país (5 de Julho de 1975) por causa da economia agrícola que era fraquíssima, devido à irregularidade das chuvas, e que conduzia o povo de Cabo Verde a uma condição de vida extremamente dura. É interessante ler o testemunho do Pe. José Vaz Martins, spiritano:

«[...] ficámos a saber que a estiagem, velha de dois anos, esgotara a maior parte das reservas alimentares e económicas. Reinava, por isso, a desolação de uma paisagem e nos espíritos daquela gente habituada à vida dura, fadada, treinada e naturalmente para calcorrear os caminhos do mundo... Não, propriamente, pelo espírito de aventura, pois todo o êxodo é um ‘parto’ doloroso. Pelo desejo compreensível de conhecerem horizontes mais vastos? É possível. Mas, sobretudo, para fugirem ao que se poderá chamar a sua triste sina: a falta de chuvas que ciclicamente os atormenta»³⁵³.

Ora, os portugueses como emigraram, nas décadas 60 e 70, para os países da Europa, os cabo-verdianos aproveitaram para os substituir nos seus empregos³⁵⁴. Grande parte destes imigrantes era maioritariamente jovens: uns tinham a escolaridade baixíssima (por exemplo, muitos cabo-verdianos imigraram, para Portugal, sem conseguirem expressar-se correctamente na língua portuguesa, um impedimento para se adaptarem socialmente e se integrarem profissionalmente); outros eram formados mas não podiam desempenhar as suas profissões uma vez que as suas qualificações académicas eram inaceitáveis. Esta situação fez com que os homens trabalhassem, sobretudo, na construção civil e as mulheres dedicassem, basicamente, aos serviços domésticos e ao comércio.

³⁵¹ Cf. M. ROCHA-TRINDADE, *Sociologia das Migrações*, Lisboa: Universidade Aberta, 1995, p. 200.

³⁵² Cf. M. ROCHA-TRINDADE – E. QUARESMA, *A Igreja...*, pp. 85-86.

³⁵³ J. VAZ, *Os caboverdianos em Lisboa*, Lisboa: Editorial LIAM, 1972, p. 7.

³⁵⁴ Cf. M. ROCHA-TRINDADE, *Sociologia das Migrações...*, pp. 198-199.

1.1.3 Guiné-Bissau

O fluxo imigratório guineense aconteceu entre meados dos anos 80 e dos anos 90. As causas são diversas. Mas muitos dos seus problemas estão relacionados com os problemas dos Países em Desenvolvimento³⁵⁵. A primeira provocação à imigração é a economia rural: ao analisar os rendimentos de exploração agrícola, percebe-se que não existia um mínimo de rendimentos monetários que fossem suficientes para sustentar a produção. O segundo motivo é a demografia. Entre os finais dos anos 70 e os inícios dos anos 90, houve um aumento da população, tornando-se, assim, um dos países africanos com um elevado crescimento populacional e permitindo que fugissem para as cidades para encontrarem melhores condições de vida. O terceiro elemento é a escassez de oferta de ensino superior. Ao receberem uma bolsa de estudos – embora o número fosse muito mais baixo do que os candidatos – tinham que estudar fora do seu país. Um outro aspecto é a vinda dos luso-guineenses que, com a transição política, a 24 de Setembro de 1973, imigraram para Portugal a fim de ter melhores condições de vida. É importante dizer que os luso-guineenses tinham privilégios face a outros seus conterrâneos, uma vez que facilmente adquiriram a nacionalidade portuguesa. O último aspecto foi a grande crise económica que se instalou nos anos seguintes à data da independência que fez com que muitos guineenses tivessem que abandonar os seus postos laborais para buscarem novas condições de vida, fora do país³⁵⁶.

1.1.4 São Tomé e Príncipe

Como último país a ser analisado é São Tomé e Príncipe. Nota-se que desde 1983 até 1999, existiu um grande fluxo migratório que ultrapassa a comunidade moçambicana e que vai aumentando até aos inícios do século XXI: entre 1983-1999 residem, em Portugal, cerca de 4809 santomenses; e que, em 2004, houve um aumento significativo em cerca de 7928 santomenses. Este grupo de imigrantes fixou-se na Área Metropolitana de Lisboa. Nota-se, no entanto, que a imigração da comunidade

³⁵⁵ Refere-se a todos os países que não possuem um padrão de vida suficiente para todos os seus habitantes. Embora haja diversas dificuldades em classificar os países. Contudo, poder-se-á dizer que tal termo é usado para aqueles países em que a taxa de mortalidade infantil é muito elevada; a esperança média de vida é baixa, bem como a economia que permita que haja condições para o desenvolvimento das localidades, assim como a vulnerabilidade na educação e na alimentação.

³⁵⁶ Cf. F. MACHADO, *Da Guiné-Bissau a Portugal: Luso-guineenses e imigrantes* in *Sociologia. Problemas e Práticas* 26 (1998), pp. 9-15.

santomense é tardia. A principal causa do êxodo é a crise económica que abateu o país nos anos 90³⁵⁷.

1.1.5 Síntese da imigração PALOP

Em síntese, a comunidade africana oriunda dos PALOP emigram por diversos motivos: os imigrantes africanos das antigas colónias portuguesas procuraram, em Portugal, uma economia de subsistência que, nos seus países de origem, não encontraram uma vez que existia desigualdade social, nomeadamente por falta de trabalho assalariado digno, por falta de condições para que conseguissem uma produtividade, sobretudo, na agricultura, pelo ritmo lento de industrialização, nos seus países de origem; as diversas guerras, entre poderes políticos pós-coloniais, que empobreceram, ainda mais, os recursos básicos para a subsistência – a alimentação, a educação, etc. – aumentando o número de indivíduos que arriscaram as suas vidas para encontrarem, em terras lusitanas, um futuro melhor.

1.2 Brasil

Nas últimas décadas do século XX entraram, em Portugal, em grande massa, os imigrantes vindos do Brasil. A primeira vaga de imigração brasileira chegou, a Portugal, em meados dos anos 80. Esta primeira vaga caracteriza-se pelo facto de que os brasileiros queriam fugir à ditadura militar e à insegurança da hiperinflação³⁵⁸. Os brasileiros facilmente entraram no mercado de trabalho português por causa das suas qualificações académicas (muitos eram dentistas, peritos de marketing, informáticos, etc.), querendo enviar algumas somas de dinheiro às suas famílias. A entrada destes brasileiros qualificados ajudou a preencher os lugares vagos nessas áreas de trabalho.

A crise económica dos anos 80 implantou diversos problemas no Estado brasileiro: as oportunidades de trabalharem eram limitadas, o aumento da insegurança dos cidadãos, a instabilidade nos empregos, as taxas de inflação muitíssimo elevadas contribuíram para que, na década dos anos 90, incentivasse à imigração. A Convenção de Brasília³⁵⁹ motivou, de certa forma, a continuar a imigração para Portugal, uma vez

³⁵⁷ Cf. M. ROCHA-TRINDADE, *Sociologia das Migrações...*, pp. 200-201.

³⁵⁸ Cf. M. ROCHA-TRINDADE – E. QUARESMA, *A Igreja...*, p. 84.

³⁵⁹ Acordo que define o Estatuto de Igualdade de Direitos e de Deveres entre Portugueses e Brasileiros, assinado em 1971; e revisto, em Julho de 2003, onde se decretava a possibilidade de regularizar a situação dos brasileiros, concedendo-lhes melhores condições de vida no estado nacional português (cf. J. MALHEIROS, *Os brasileiros em Portugal – a síntese do que sabemos* in J. MALHEIROS (org.)

que neste território encontrariam uma maior esperança para os seus anseios e que, depois de terem entrado no território lusófono, poderiam ter acesso aos restantes países da Europa. Nota-se, no entanto, que na segunda vaga imigratória, os brasileiros eram semi-qualificados, trabalhando nas actividades menos valorizadas, entre as quais, a construção civil, serventes nos cafés ou nos restaurantes, fazendo com que a sua condição de vida fosse inferior aos dos primeiros imigrantes brasileiros³⁶⁰.

«As telenovelas de origem brasileira no nosso país, alguns artigos publicados em jornais e revistas, assim como outros programas passados nos meios de comunicação, particularmente na televisão, têm criado estereótipos enganadores e injustos, em relação aos Brasileiros, que nem sempre têm produzido impacto positivo»³⁶¹

1.3 Europa de Leste

Após a II Guerra Mundial (1939-1945), a Europa ficou dividida em dois sistemas políticos e económicos: o capitalismo e socialismo criando uma disputa entre as duas potências económicas (Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Soviéticas) originando a Guerra Fria (1945-1991)³⁶².

A queda do regime político da Europa de Leste – sobretudo com a queda do Muro de Berlim, em 1989 – causou uma instabilidade social nos países da Europa de Leste: apareceram novos Estados independentes, rebentaram guerras civis, arrastando estes países para diversos problemas económicos. Por isso, quando se fala de imigrantes da Europa de Leste faz-se referência a todos aqueles países que imigraram em grande massa: Bulgária, Moldávia, Roménia, Rússia e Ucrânia.

As causas deste êxodo imigratório são diversas: as condições de emprego, os salários que eram baixos, em que, por exemplo, muitos tinham como rendimento mensal o valor equivalente a 100 euros por mês. Estes problemas motivaram a milhares de homens e mulheres (quadro nº 1) a abandonarem os seus países para encontrarem um

Imigração brasileira em Portugal, Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.), 2007, p. 18).

³⁶⁰ Cf. J. MALHEIROS, *Os brasileiros em Portugal...*, p. 13-25.

³⁶¹ M. ROCHA-TRINDADE – E. QUARESMA, *A Igreja...*, p. 84.

³⁶² A Guerra Fria foi uma disputa política, económica e militar entre os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Soviéticas (URSS). Os Estados Unidos defendia a expansão do sistema capitalista, em que o governo não se comprometeria em controlar a produção, para além disso, o sistema político era democrático; a URSS defendia uma economia planificada ou economia centralizada em que a produção era calculada previamente pelo Governo para que não houvesse nem escassez nem abundância dos produtos. Quanto à sua política defendia a existência de um único partido comunista, defendendo a igualdade social mas que lhe faltava a democracia. Durante este tempo de conflito económico, estas duas potências tentaram convencer outros países a seguir os seus sistemas políticos e económicos (cf. T. JUDY, *Pós-Guerra. História da Europa desde 1945*, Lisboa: edições 70, 2009^{3ª ed.}, pp. 163-202).

futuro mais plausível, sobretudo, na Europa Ocidental. Estes povos escolhiam os países do Ocidente devido à possibilidade de se movimentarem, pelo espaço Schengen, com facilidade, em que muitos conseguiam o visto de curta duração. Por outro lado, existia o tráfico de pessoas que, nas chamadas «agências de viagens», lhes eram oferecidos pacotes atractivos: a viagem, os documentos, o transporte e uma promessa de trabalho. Ao chegarem, porém, aos países de acolhimento, eram tratados com pouca dignidade: tinham que pagar com juros todos os gastos da dita oferta e, em muitos casos, eram documentos falsificados, facilitando a sua exploração.

Quadro nº 1: Aumento da população oriunda da Europa de Leste nos anos 2000 e 2001 – dados dos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) de 2000 e os dados do CENSO de 2001

País	Autorização de residência em 2000 (SEF) (1)	CENSO de 2001 (2)	Diferença entre (2) e (1)
Ucrânia	163	10.793	10.630
Moldávia	15	2.984	2.969
Roménia	369	2.661	2.292
Rússia	519	2.089	1.570
Total	1.066	1.827	17.461

O significativo aumento de imigrantes europeus de Leste (quadro nº 1) surgiu pelo sucesso dos primeiros imigrantes que chegaram a Portugal. Os primeiros imigrantes convidavam, acolhiam e apoiavam os seus recém-chegados conterrâneos. Desta forma, ao chegarem ao país receptor já possuíam trabalho sobretudo na construção civil, no caso dos homens, ou nas limpezas, no caso das mulheres. Quanto à habitação viviam com os seus compatriotas e, assim, facilitava as despesas da casa³⁶³.

Os quadros seguintes apresentam, em números, a realidade da imigração em Portugal:

Quadro nº 2: Principais nacionalidades dos Residentes em Portugal entre 2000-2010³⁶⁴

2000-2005	2006	2007	2008	2009-2010
Cabo Verde	Cabo Verde	Brasil	Brasil	Brasil
Brasil	Brasil	Cabo Verde	Ucrânia	Roménia
Angola	Ucrânia	Ucrânia	Cabo Verde	Cabo Verde

Quadro nº 3: Evolução da Imigração em Portugal (1980-2010)³⁶⁵

Ano	Total	Crescimento (%)	Ano	Total	Crescimento (%)
1980	50750		1996	172912	2,73
1981	54414	7,21	1997	175263	1,35
1982	58674	7,82	1998	178137	1,63
1983	67484	15,01	1999	191143	7,30
1984	73365	8,71	2000	207587	8,61
1985	79594	8,49	2001	350898	69,02
1986	86982	9,28	2002	413487	17,84
1987	89778	3,21	2003	433650	4,87
1988	94694	5,47	2004	447155	3,11
1989	101011	6,67	2005	414659	-7,27

³⁶³ Cf. M. BAGANHA; J. MARQUES; P. GÓIS, *Imigração ucraniana...*, pp. 13-19.

³⁶⁴ M. ROCHA-TRINDADE – E. QUARESMA, *A Igreja...*, p. 88.

³⁶⁵ M. ROCHA-TRINDADE – E. QUARESMA, *A Igreja...*, p. 151.

1990	107767	6,68	2006	420189	1,33
1991	113978	5,76	2007	435736	3,70
1992	123612	8,45	2008	440277	1,04
1993	136932	10,77	2009	454191	3,16
1994	157073	14,70	2010	443055	1,95
1995	168316	7,15			

2. A situação dos imigrantes africanos em Portugal

Descreveram-se as principais motivações que levaram muitos povos a abandonarem os seus países com a finalidade de procurarem melhores condições de vida, em Portugal. Tentou-se, de uma forma sucinta, descrever o acolhimento que muitos destes imigrantes receberam ao aterrar no território lusitano. Contudo, neste momento, dar-se-á importância ao acolhimento que se deu às comunidades PALOP.

No início dos anos 90, o Pe. Firmino Cachada, espiritano, desenvolveu um estudo intitulado «Os números da imigração africana»³⁶⁶, onde apresentou, detalhadamente, a condição dos imigrantes africanos, em Portugal. Neste estudo, o autor revelou que um elevado número de imigrantes dos PALOP residiam na área Metropolitana de Lisboa e no distrito de Setúbal (quadros nº 2 e 3). É um dado que merece ser destacado porque nestes dois distritos começaram a nascer cidades de grande diversidade de povos e de culturas. Por um lado, é positivo porque demonstra a beleza da diversidade de pessoas e a oportunidade de se enriquecerem mutuamente. Nota-se, por exemplo, como algumas expressões do crioulo de Cabo Verde entraram na língua portuguesa, sobretudo nos jovens e como se deixaram encantar por outras culturas, nomeadamente, pelo estilo de música e pelas danças africanas. Por outro lado, é negativo, porque muitos portugueses desconhecem as condições miseráveis e desumanas em que muitos imigrantes vivem, tendo criado estereótipos face ao povo africano. A precariedade traz consigo diversas consequências na segurança nos grandes centros urbanos que estão na raiz de alguns problemas sociais: a violência cresceu, os conflitos entre as etnias tornaram-se frequentes, a criminalidade aumentou, etc. Estes são alguns dos problemas sociais nestes dois centros urbanos.

Ainda dentro do âmbito social, poder-se-ão caracterizar as condições sociais em que vivem a maior parte dos imigrantes africanos:

a) Barracas: pequenas aldeias constituídas por habitações frágeis. Muitas destas barracas são habitadas por mais de uma dezena de imigrantes – que, em grande

³⁶⁶ F. CACHADA, *Os números da imigração africana. Os imigrantes africanos nos bairros degradados e núcleos de habitação social dos distritos de Lisboa e Setúbal*, Lisboa: Centro Padre Alves Correia (CEPAC), 1995.

parte, não são membros da mesma família sanguínea – formando uma pequena comunidade ou um gueto composto por compatriotas. Normalmente vivem nestas condições os imigrantes que chegaram recentemente a Portugal (menos de dez anos).

b) Casas abarracadas ou habitações degradadas: são casas onde se pagam rendas baixíssimas, onde habitam os imigrantes da segunda geração e que já são famílias constituídas.

c) Habitações de renda social: são casas onde vive a terceira geração de imigrantes. De uma forma geral, são aqueles que já estão inseridos na sociedade e que já possuem um rendimento mensal razoável. Nesta categoria, encontram-se os imigrantes que viviam em condições descritas anteriormente, mas que foram realojados uma vez que as suas antigas habitações foram demolidas. Na verdade, tal situação não significa que já possuam uma condição mínima de vida; bem pelo contrário, nos chamados bairros sociais existe a concentração da pobreza e uma grande diversidade de povos que são forçados a viverem no mesmo espaço, sem qualquer preparação ou acompanhamento. Tal situação origina preconceitos dos bairros sociais, considerando-os como lugares inseguros.

d) Outras formas de alojamento: trata-se de edifícios degradados ou de prédios inacabados, como é o caso dos bairros de Convento de S. Francisco, em Setúbal ou da Quinta do Mocho, em Sacavém.

Nas duas primeiras caracterizações de residência, existem infra-estruturas muito baixas, tais como: a privação da luz eléctrica, da água canalizada, de comércio e de edifícios de ensino (creches e escolas). Estas «aldeias africanas» tornaram-se espaços fantasma que, para além de estarem próximos geograficamente dos centros urbanos, existe, porém, a distância das cidades, onde muitos dos imigrantes exercem uma actividade laboral, que se manifesta, por exemplo, na escassez dos transportes públicos. Estas aldeias favorecem a continuação da desintegração na sociedade portuguesa uma vez que, ao regressarem às suas casas, continuam a viver, segundo as suas tradições culturais. Contudo, é de salientar que nestes ambientes existe uma solidariedade entre famílias e amigos.

O Pe. Firmino Cachada, no seu estudo, fez um levantamento de dados que fazem descobrir que as comunidades africanas estão reagrupadas nos diversos conselhos que compõem os distritos de Lisboa e de Setúbal (quadro nº 2 e 3): os cabo-verdianos, apesar de tudo, são os que estão mais distribuídos, vivem entre os concelhos de Amadora e Oeiras; os guineenses, na sua grande maioria, estão realojados entre os

concelhos de Loures, Vila Franca de Xira e Cascais; os angolanos e moçambicanos fixaram-se no concelho de Moita; os santomenses distribuem-se em quatro concelhos: Loures, Amadora, Almada e Lisboa. De uma forma numérica, segundo o estudo do Pe. Firmino³⁶⁷, poder-se-á apresentar:

Quadro nº 4: Habitantes a residir no distrito de Lisboa

Distrito de Lisboa					
Concelhos	Angolanos Total=12309	Cabo-Verdianos Total=40904	Guineenses Total=7423	Moçambicanos Total=2440	Santomenses Total=3231
Amadora	1091	13052	519	60	667
Cascais	627	1414	896	4	34
Lisboa	1357	4034	724	395	535
Loures	1051	2818	2251	70	706
Oeiras	394	9787	431	270	204
Sintra	144	828	221	15	47
V. F. Xira	722	1342	1090	150	10
Total	5386	33275	6132	964	2233

Quadro nº 5: Habitantes a residir no distrito de Setúbal

Distrito de Setúbal					
Concelhos	Angolanos	Cabo-Verdianos	Guineenses	Moçambicanos	Santomenses
Almada	1286	1195	284	168	645
Barreiro	400	860	70	20	42
Moita	3380	930	620	1020	70
Montijo	30	0	7	3	0
Seixal	1075	2493	260	200	190
Setúbal	752	2151	50	65	51
Total	6923	7629	1291	1476	998

Dentro desta problemática da imigração não se pode esquecer os casos de clandestinidade. Para melhor compreender esta realidade é necessário ter em conta dois conceitos: imigrantes clandestinos e imigrantes irregulares. Entenda-se por imigrantes clandestinos ou ilegais todos aqueles homens e mulheres que entraram, em Portugal, sem possuírem nenhuma autorização de entrada (visto). Os imigrantes irregulares representam aqueles que tiveram autorização de entrar, mas que por diversos motivos (falta de dinheiro para renovar; falta de documentos que autorizem a permanência em Portugal, o que acontece, por exemplo, quando os imigrantes vem para tratamento médico, mas que, depois de terem recebido alta, decidem permanecer no território nacional; ou por falta de um contrato de trabalho, etc.). Os que entram em clandestinidade sofrem diversas consequências, uma vez que vivem em situações de exploração e de injustiça social. Este grupo é constituído por homens e mulheres anónimos na sociedade, não possuindo qualquer direito o que faz com que não tenham possibilidade de denunciar as explorações de que são vítimas.

³⁶⁷ F. CACHADA, *Os números da imigração...*, 16-17.

3. Espiritanos ouvem o grito do povo

Olhando para os números do fluxo imigratório e as condições em que muitos imigrantes vivem percebe-se que, em Portugal, ainda não existe uma política de acolhimento que seja justa e que responda aos anseios destes homens e mulheres. Neste sentido, é urgente que haja uma regulamentação dos fluxos imigratórios, tal como deseja a Doutrina Social da Igreja:

«A regulamentação dos fluxos migratórios segundo critérios de equidade e de equilíbrio é uma das condições indispensáveis para conseguir que as inserções sejam feitas com as garantias exigidas pela dignidade da pessoa humana. Os imigrantes devem ser acolhidos enquanto pessoas e ajudados, juntamente com as suas famílias, a integrar-se na vida social»³⁶⁸.

Os imigrantes, ao abandonarem os seus países de origem, estão esperançosos de deparar com as portas abertas ajudando-os a terem uma vida melhor. Mas, ao chegarem ao destino, sofrem novas angústias que os privam na concretização dos seus sonhos. As angústias são diversas: por um lado, as dificuldades na inserção no mercado de trabalho, as dificuldades em se expressarem na língua portuguesa, a falta de documentação, a alfabetização ou a falta de um curso superior. Por outro lado, os serviços administrativos (Serviços de Estrangeiros e Fronteiras³⁶⁹, Inspeção do Trabalho, etc.) que dificultam o processo de regularização em que muitos imigrantes perdem horas, até dias, para conseguirem regularizar os seus documentos e para dar andamento aos seus processos. Face a estas angústias provocam outras feridas na vida dos imigrantes: para que tenham algum dinheiro, para a subsistência quotidiana, aceitam qualquer tipo de trabalho que, em muitos casos, é uma exploração; o alojamento com fracas condições (falta de electricidade, de água potável, humidade nas casas, etc.); o desequilíbrio psicológico provocado pela frustração do não cumprimento dos seus sonhos; o aumento da criminalidade e a violência nos centros urbanos.

A situação dos imigrantes é um grito silencioso que merece ser ouvido com urgência uma vez que desumaniza o ser humano, colocando-o numa posição de

³⁶⁸ CDSI, nº 298.

³⁶⁹ Os Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) têm como objectivo controlar a circulação de pessoas nas fronteiras, a permanência e actividades dos imigrantes em Portugal, bem como estudar e promover, coordenar e executar as medidas e acções relacionadas com aquelas actividades e com os movimentos migratórios. A sua missão é dar execução à política de imigração e asilo do Estado Português, de acordo com as disposições da Constituição e da Lei e as orientações do Governo (INE, XVI Recenseamento Geral da População, 2001; SEF, Estatísticas de Estrangeiros, 2000 cit. in M. BAGANHA; J. MARQUES; P. GÓIS, *Imigração ucraniana: a emergência de uma ou várias comunidades*, Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.), 2010, p. 14.)

inferioridade face aos outros homens. Mais do que defender direitos e deveres dos imigrantes, é necessário que se criem condições para uma possível amizade civil e fraterna³⁷⁰. A verdadeira amizade civil baseia-se no «desinteresse, [no] despreendimento dos bens materiais, [na] [...] doação, [na] disponibilidade interior para as exigências do outro»³⁷¹. É um dos sinais dos tempos que actualiza o grito de Libermann dirigido a todos os espiritanos, em que lhes é pedido para serem «os advogados, os sustentáculos, os defensores dos fracos e dos pequenos, contra todos aqueles que os oprimem»³⁷². Torna-se, assim, importante consciencializar para uma pastoral sócio-caritativa, onde as estatísticas representem seres humanos, indivíduos com rosto, famílias que amam e que são amadas e não números. Cada imigrante tem as suas razões para imigrar, com esperanças, aspirações e medos³⁷³.

3.1 Capelania dos africanos

É neste ambiente que vai surgindo uma pastoral a favor dos imigrantes africanos. Desde os primeiros tempos da imigração, particularmente na deslocação cabo-verdiana³⁷⁴, nos anos 70, sentiu-se a urgência de os acompanhar, assim que chegassem a Portugal. Tal consciência brotou dos missionários espiritanos que exerciam o apostolado neste arquipélago quando reencaminharam dois cabo-verdianos para a comunidade espiritana, em Lisboa, tal como relata o Pe. José Martins Vaz, primeiro espiritano que se disponibilizou em acolher estes imigrantes: «[...] bateram-nos à porta dois cabo-verdianos da ilha de Santiago de tal modo tímidos e envergonhados que, certamente, só a carta de recomendação do seu pároco-missionário lhes deu força e ânimo de nos abordarem»³⁷⁵. Durante cinco anos, o Pe. Martins Vaz ajudou na integração dos imigrantes cabo-verdianos, apoiando-os em todas as suas necessidades: na procura de um alojamento, de um emprego; na ajuda burocrática para enviar dinheiro

³⁷⁰ Cf. CDSI, nº 390.

³⁷¹ CDSI, nº 390.

³⁷² N.D.X, p. 517; cf. tb. RVE, nº 14.

³⁷³ Cf. CEP, Instrução Pastoral *A Acção Social da Igreja*, Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1997, nº 8.

³⁷⁴ Devido aos problemas da seca, em Cabo Verde, alguns missionários espiritanos que trabalhavam com os “badios” – habitantes da ilha de Santiago – sentiram a urgência de preparar as pessoas para uma possível imigração como solução para as grandes problemáticas da falta de alimentação. Através das escolas, da Acção Católica e da Legião de Maria formavam as pessoas para o novo habitat na metrópole, incentivando que nunca perdessem a identidade cabo-verdiana. Tal como testemunha o padre José Martins Vaz: «que ao deixarem a terra natal saíssem homens cristãos, cabo-verdianos exemplares; que, ao regressarem, voltassem, se possível, mais homens, mais cristãos, mais cabo-verdianos» (J. VAZ, *Os caboverdianos em Lisboa...*, pag. 9)

³⁷⁵ J. VAZ, *Os caboverdianos em Lisboa...*, p. 7.

para as suas famílias. Pouco a pouco a comunidade cabo-verdiana vai participando na animação litúrgica dominical em diversas paróquias do Patriarcado de Lisboa³⁷⁶:

«[...] É que entrámos neste apostolado com verdadeiro espírito missionário e como se tarefa de missão se tratasse: como não havia ninguém, começámos. Desbravámos. E... entregámos. Inserimos – ajudámos a inserir – esse apostolado no seu âmbito normal: a paróquia. Sentimo-nos apostólicamente satisfeitos por termos menos gente junto de nós e mais em volta da paróquia. Mesmo assim, ainda temos gente e necessidades espirituais que excedem, de longe as nossas possibilidades e forças»³⁷⁷.

Surge, assim, a necessidade de criar uma pastoral espiritual-social junto do povo imigrante que se vai desenvolvendo nos finais do século XX. É graças ao Pe. Afonso da Cunha Duarte, espiritano, que sentiu a existência de uma «cultura do descartável»³⁷⁸ face aos imigrantes, em que muitos homens e mulheres são excluídos da sociedade pelo facto de viverem nas periferias sem as condições mínimas de sobrevivência, como se fossem resíduos e sobras de uma sociedade que vive anestesiada pelo bem-estar de um consumismo onde se desenvolve a «globalização da indiferença»³⁷⁹. O Pe. Afonso Cunha visitou os bairros sociais sendo sinal da presença da Igreja onde, para além do acompanhamento religioso, promovia um apoio social. Na verdade, só pode existir um progresso na vida espiritual quando existe uma condição mínima de vida. Por isso, nunca se pode «separar [a] assistência social da assistência espiritual»³⁸⁰. Esta indissolubilidade nasce com a caridade, onde se promove a dignidade humana destruindo, assim, as barreiras que impedem de ser reconhecidos como membros de uma grande

«família humana, apesar das nossas diferenças nacionais, étnicas e culturais, [...] todos dependemos uns dos outros. Isto implica uma responsabilidade: somos guardiões dos nossos irmãos e irmãs, onde quer que vivam. A abertura às necessidades do próximo inclui a nossa relação com o estrangeiro, que pode ser justamente considerado como ‘o mensageiro de Deus que surpreende e rompe a regularidade e a lógica da vida quotidiana, trazendo perto quem está longe’»³⁸¹.

³⁷⁶ Cf. A. TORRES NEIVA, *Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria. A história da Província Portuguesa 1867-2004*, Lisboa: Gráfica Povoense, Lda., 2005, p. 887.

³⁷⁷ J. VAZ, *Os caboverdianos em Lisboa...*, p. 11.

³⁷⁸ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 53.

³⁷⁹ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 54

³⁸⁰ CONSELHO PONTÍFICIO COR UNUM; CONSELHO PONTÍFICIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, *Os refugiados. Um desafio à solidariedade*, Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1992, nº 33.

³⁸¹ PONTÍFICIO CONSELHO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES; PRONTÍFIO CONSELHO COR UNUM, *Acolher Cristo nos refugiados e nas pessoas deslocadas à força. Directrizes pastorais*, nº 28.

Sentir-se responsável pelo outro faz parte da missão da Igreja como «sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano» (LG, 1). Assim, a Igreja deve oferecer propostas concretas que transformem as relações sociais partindo sempre do Evangelho onde se procura fecundar e fermentar a sociedade, tendo o homem como destinatário de uma mensagem salvífica³⁸².

A presença de espiritanos ao lado dos imigrantes estimulou a Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo a comprometer-se num acompanhamento pastoral e social dos estrangeiros. No Capítulo Provincial de 1990, a Província decidiu reforçar o trabalho de assistência aos imigrantes em Lisboa³⁸³, o que fez com que D. António Ribeiro, Cardeal-Patriarca de Lisboa, criasse, canonicamente³⁸⁴, a Capelania dos Africanos³⁸⁵, a 26 de Fevereiro de 1987. Ao longo do seu funcionamento teve diversos capelães: Pe. Afonso Cunha (1987-1995), Pe. Veríssimo Teles (1995-2004), Pe. Lourenço Ndjimbu – integra na Capelania apoiando de maneira especial os imigrantes angolanos – (1997-2003), Pe. Gaudêncio Sangando (2003-2006), Pe. Dex-Steve Goyeko (2006-2011)³⁸⁶.

3.2 Centro Padre Alves Correia (CEPAC)

A Província espiritana, no Capítulo Provincial de 1990, notou que, na Igreja local, existia «pouca sensibilidade, ou ao menos, compromisso insuficiente, para com os mais pobres e abandonados, social e religiosamente (imigrantes africanos, ciganos, etc...)»³⁸⁷; e que os espiritanos tinham tido «pouca coragem de [aproveitar] a nossa colaboração com as Igrejas locais para apresentar o nosso carisma espiritano»³⁸⁸. Pouco a pouco, os espiritanos consciencializaram-se de que era necessário que o anúncio do Evangelho promovesse a dignidade humana junto dos imigrantes. Surge, como

³⁸² Cf. CDSI, nº 62.

³⁸³ Cf. PROVINCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Renovar o nosso espírito Missionária na alegria e na esperança*. V Capítulo Provincial, Aguilha, 1990, nº 538.

³⁸⁴ Cf. CDC, can. 568.

³⁸⁵ O objectivo da Capelania dos Africanos é que seja uma ajuda na inserção dos africanos nas vidas paroquiais, formando-os para que colaborem nas suas comunidades locais: na catequese e nos serviços litúrgicos. Ao mesmo tempo, pretende que a Igreja Portuguesa viva a catolicidade da fé, isto é, de testemunhar que existem diversas formas de celebrar a mesma fé, criando pontes entre os africanos para que não percam o sentido da alegria nas celebrações e que as comunidades de cultura portuguesa se consciencializassem pela multiculturalidade da fé. (cf. A. TORRES NEIVA, *Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria...*, p. 889).

³⁸⁶ Cf. A. TORRES NEIVA, *Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria...*, p. 888.

³⁸⁷ PROVINCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Renovar o nosso espírito Missionária...* nº 603.1.

³⁸⁸ PROVINCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO *Renovar o nosso espírito Missionária...*, nº 603.3.

proposta, a criação de um centro para uma pastoral socio-caritativa onde se acolhessem os africanos originários das ex-colónias portuguesas e que os orientasse na integração na sociedade portuguesa.

A proposta da Província concretiza-se com a fundação do Centro Padre Alves Correia³⁸⁹ (CEPAC), «uma instituição sem fins lucrativos, com personalidade jurídica no foro canónico e civil, criada por iniciativa e sob a responsabilidade da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo»³⁹⁰. Esta proposta foi aceite através da aprovação dos estatutos deste Centro, a 26 de Março de 1992, tendo na direcção: Pe. António Ribeiro Laranjeira, Pe. Afonso Cunha, Pe. Firmino Cachada (espiritanos), Ir. Purificação Cachada (religiosa do Coração de Maria), Sr. José Vaz Moreira (cabo-verdiano)³⁹¹. Iniciou as suas actividades, dois dias depois do consentimento do conselho provincial, na Rua de Santo Amaro à Estrela, nº43 R/C, em Lisboa; e pela aprovação canónica dos Estatutos por D. António dos Reis Rodrigues, Bispo titular de Madarsuma, Auxiliar de Lisboa, em nome do Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, a 9 de Outubro de 1992³⁹². Simultaneamente, houve o reconhecimento, por parte do Estado, da existência do CEPAC: a 13 de Outubro, o Patriarcado de Lisboa, participa à Segurança Social, recebendo a resposta a 18 de Janeiro de 1993, admitindo como Identidade de Pessoa Colectiva³⁹³; a 30 de Junho de 1993, houve a declaração do Registo no livro das

³⁸⁹ Joaquim Alves Correia nasceu em 8 de Maio de 1886 em Aguiar de Sousa (concelho de Paredes) e estudou nos seminários da Congregação do Espírito Santo. Fez a sua profissão religiosa em 1906 e quatro anos mais tarde foi ordenado padre. Exerceu o seu ministério na Nigéria (1911-1919), Portugal (1919-1945) um tempo em que se dedicou a proteger os direitos de todos aqueles que sofriam e defendia, através de vários artigos, o direito na participação nas eleições, condenava a violência da parte da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE). Diante da sua oposição ao Governo teve que se exilar nos Estados Unidos da América, onde veio a falecer a 1 de Junho 1951, em Pittsburg. A 24 de Abril de 1980, foi agraciado com ordens Portuguesas, Grande oficial da Ordem da Liberdade, a título póstumo (cf. A. TORRES NEIVA, *Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria...*, p. 923).

³⁹⁰ CEPAC, Estatutos do Centro Padre Alves Correia, artº1, §1.

³⁹¹ A nomeação da direcção do CEPAC é feita sempre pelo Patriarca de Lisboa, enquanto bispo titular da diocese de Lisboa, mas sob a apresentação do Provincial dos spiritanos, em Portugal (cf. CDC, can. 682§1)

³⁹² Tal como delinea o Direito Canónico, só se pode fundar uma instituição na diocese para desenvolver um apostolado com a aprovação do bispo diocesano (cf. CDC, can. 678, §1).

³⁹³ A Identidade da Pessoa Colectiva é um conceito no Código de Direito Civil, nos art. 157 a 166. Nestes artigos defendem que possuem uma personalidade, desde o momento do seu nascimento e com a vida – idêntico a um outro conceito «Pessoa Singular» (cf. Código de Direito Civil, artº 66, nº1), e que essa personalidade se adquire, pura e simplesmente, pelo nascimento e como tal são titulares de direitos e obrigações próprios. Desta maneira, possuem um património próprio, separado dos patrimónios dos seus membros, e são inteiramente autónomos na sua esfera jurídica, agindo por meio dos seus órgãos, destinados para o efeito. Correspondem às actuais necessidades económicas e sociais. A sua existência é necessária com vista à realização de propósitos económicos e sociais que, em virtude do seu significado, grandeza ou duração, não podem ser assumidos por uma pessoa singular. São pessoas que permitem a concentração de esforços humanos, meios organizados e recursos financeiros que ultrapassam as respectivas virtualidades individuais. Segundo o art. 157 do Código de Direito Civil, este termo jurídico é destinado a todas as associações que não tem por fim o lucro económico dos associados (cf. H.

Fundações de Solidariedade Social³⁹⁴; e, a 17 de Julho de 1993, foi reconhecida como instituição de utilidade pública no Diário da República³⁹⁵, ficando, assim, inscrito no Registo Central das IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social)³⁹⁶.

Analisando os Estatutos do CEPAC vê-se que, desde o início, os objectivos estavam bem delineados: «acolhimento e apoio a imigrantes africanos, particularmente os provenientes dos países de língua portuguesa»³⁹⁷. Mas, para que tal apoio fosse frutuoso, necessitava de acções concretas que ajudassem os imigrantes a integrarem na sociedade portuguesa. Com este fim, o CEPAC criou recursos humanos e materiais: apoios burocráticos; auxílio às famílias dos imigrantes; protecção e denúncia de todos os abusos contra os imigrantes³⁹⁸; promoção e defesa da identidade cultural; assistência religiosa em comunhão com a Igreja local; comunicação e sensibilização da sociedade aos problemas da imigração³⁹⁹.

Ao analisar os diversos relatórios de actividades⁴⁰⁰ elaborados pelo CEPAC, percebe-se o quanto é importante os serviços do CEPAC para o povo imigrante. São muitos os imigrantes que vêem o CEPAC como um meio de ajudar a resolver os diversos problemas na sua integração na sociedade lusitana⁴⁰¹.

HÖRSTER, *A parte geral do Código Civil Português. Teoria Geral do Direito Civil*, Coimbra: Livraria Almedina, 2003^{2ªed}, pp. 357-360).

³⁹⁴ O registo foi feito a 15 de Junho de 1933, no Livro 5 das Fundações de Solidariedade Social, sob o nº 9/93, a fls. 12.

³⁹⁵ O registo pode ser encontrado: nº 6,13-033 série III, do Diário da República.

³⁹⁶ A. TORRES NEIVA, *Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria...*, p. 880.

³⁹⁷ CEPAC, Estatutos do Centro Padre Alves Correia, artº1, § 1.

³⁹⁸ O caso Vuvu foi um dos casos mais marcantes da história do CEPAC: a 9 de Fevereiro de 1994, Grace Vuvu e a sua filha vieram de Angola ilegalmente, e são detidas à chegada do aeroporto da Portela, fazendo com que o seu marido entrasse em greve de fome, com o apoio do Pe. Firmino Cachada. O CEPAC movimentou-se e pede ajuda à opinião pública recebendo apoio de diversos deputados, advogados, de bispos da Conferência Episcopal Portuguesa – D. Manuel Martins, D. Januário Torgal Ferreira –, sacerdotes, Pe. Manuel Soares, da Obra Católica, Pe. Jorge Fernandes, da Conferência Nacional dos Institutos Religiosos (CNIR), Pe. Pierre Shouver, Superior Geral da Congregação do Espírito Santo. Vuvu e a sua filha foram libertadas sete dias depois (cf. A. TORRES NEIVA, *Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria...*, p. 880).

Pode-se visualizar o vídeo que se encontra na página Web: <http://videos.sapo.pt/eM77tRmF2aNfC9YDgvuG>.

³⁹⁹ Cf. CEPAC, *Estatutos do Centro Padre Alves Correia*, artº 5, § 2.

⁴⁰⁰ Estes relatórios são elaborados no início de cada ano civil. Por isso, cada relatório refere as actividades do ano antecedente.

⁴⁰¹ Este quadro representa o número de clientes que batem à porta do CEPAC, o que não significa que este número representa o número de apoios dados por nacionalidade. A metodologia desta instituição baseia-se nos seguintes passos: primeiro atendimento, visita domiciliária (a sua acção pretende ser uma intervenção social junto do espaço do cliente/família e do meio envolvente com o intuito de confirmar ou não o diagnóstico do primeiro atendimento; de igual modo, tem possibilitado à Instituição identificar problemas e necessidades, cujas causas e efeitos nem sempre são diagnosticados no atendimento), reunião de Técnicos, onde se chega à conclusão se realmente o cliente necessita de apoio ou se pode receber apoios de outras instituições de acordo com as suas necessidades; se conclui que o cliente está dentro dos critérios de admissão (cidadãos irregulares, doentes deslocados e seus acompanhantes, pessoas com Autorização de Residência por questões Humanitárias), assina-se um projecto de intervenção, que

Quadro nº 6: Número de clientes que procuram apoio do CEPAC

Ano	Nº de clientes		Total
	Masculino	Feminino	
1999	960	2002	2962
2002	320	1353	1673
2003	419	834	1253
2008	2332	5448	7980
2009	3427	4524	9079
2010	3336	3598	6934
2011	4666	4547	9213
2012	5504	6047	11551
2013	5656	7076	12732

Nota-se que nos anos 2002 e 2003 houve uma diminuição do número de clientes. Tal acontece porque, durante o mês de Agosto 2002 a Janeiro 2003, as instalações do CEPAC estiveram fechadas para obras. A Paróquia de Santa Joana a Princesa cedeu uma casa para que os serviços do CEPAC continuassem. A mudança para a Rua dos Lagares D'El Rei foi destabilizadora para a prossecução do acompanhamento dos imigrantes, apesar de terem sido avisados por carta, a maioria não soube localizar a nova morada; pois só com a morada era difícil chegar ao Centro por se encontrar numa rua bastante isolada que, facilmente, passava despercebida⁴⁰².

É de salientar que ao longo da história do CEPAC, os destinatários dos serviços foram alargados (quadro nº 5). Recorde-se que, no início desta obra social, os serviços do CEPAC eram destinados, sobretudo, aos provenientes das antigas colónias portuguesas, tal como definia os estatutos; contudo, o aumento do fluxo migratório fez com que muitos imigrantes, vindos das diversas partes do mundo, viessem pedir ajuda ao CEPAC, ao longo destes vinte e dois anos de existência. Dentro dos países que pedem apoio a esta instituição, encontra-se Portugal. Salienta-se que a população portuguesa é sobretudo constituída por pessoas de origem africana que devido ao facto de já estarem há muitos anos em Portugal, já têm a nacionalidade portuguesa. As pessoas de origem portuguesa são, na grande maioria, idosos sem família e famílias muito numerosas⁴⁰³.

continuará a ser acompanhado, trimestralmente, por um dos Técnicos do CEPAC. Segundo o Relatório de Actividades de 2013, o CEPAC apoia 724 pessoas.

⁴⁰² Cf. CEPAC, Relatório des Actividades 2003, p. 7.

⁴⁰³ cf. CEPAC, Relatório de Actividades 2002, p. 5.

Quadro nº 7: Predominância dos países no CEPAC, dividido por continentes, ao longo de 1999 até 2013

ÁFRICA		EUROPA	
País	Nº de Clientes	País	Nº de Clientes
Guiné-Bissau	18298	Portugal	2180
Cabo Verde	13299	Ucrânia	401
S. Tomé e Príncipe	12885	Roménia	174
Angola	9249	Rússia	174
Nigéria	695	Moldávia	90
Senegal	607	Bielorrússia	18
Congo	395	Búlgara	15
Serra Leoa	314	Polónia	11
Moçambique	299	Alemanha	6
Ghana	217	Letónia	5
Mauritânia	118	Holanda	4
Marrocos	105	Estónia	2
Guiné-Conacry	92	Lituânia	2
Burundi	83	Áustria	1
Rep. Democrática do Congo	67	Brasil	1848
Gâmbia	66	EUA	19
Burkina-Faso	42	Venezuela	18
Libéria	39	Bolívia	13
Mali	35	Equador	6
Togo	24	Colômbia	3
Ruanda	21	El Salvador	3
Zimbabué	16	Cuba	1
Sudão	12	Índia	181
Somália	8	Nepal	93
Zaire	5	Quirguistão	57
Uganda	4	Paquistão	37
Camarões	2	Sri-Lanka	25
Madagáscar	2	Cazaquistão	22
		Curdistão	12
		Bangladesh	4
		Filipinas	4
		Tailândia	2
		Timor	2

O CEPAC, para promover uma promoção do homem na sua totalidade, criou múltiplas valências para responder às necessidades dos clientes. Com o quadro pessoal (constituído por 1 assistente social, 1 psicóloga clínica, 1 psicóloga do trabalho e das organizações, 1 auxiliar de limpeza e 1 rececionista), aos 39 voluntários, aos estagiários, a 1 formadora do Gabinete de Inserção Profissional (GIP) e às 6 formadoras do projecto Voluntariado para a Integração do Imigrante na Sociedade (VOLIIS)⁴⁰⁴, permite que esta IPSS cumpra a sua missão, acolhendo e escutando os diversos problemas que os homens

«[privados] de comida e bebida, de vestuário, de casa, de remédios, de trabalho, de instrução e das condições necessárias para ter uma vida verdadeiramente humana, [...] é aí que a caridade cristã o deve procurar e descobrir, para aliviar com maior solicitude e prestar o necessário auxílio» (AA, 8) .

Todos estes colaboradores e voluntários esforçam-se para que os objectivos do CEPAC produzam os seus frutos na vida dos imigrantes, visível quando os clientes

⁴⁰⁴ Projecto para a integração do imigrante na sociedade, em que 6 formadoras, amigas do CEPAC, a título particular e oriundas de instituições ou empresas que acolhem os formandos para uma formação teórica e prática para desenvolver as competências pessoais, sociais e profissionais dos imigrantes desempregados, com o objectivo de melhorar a sua inserção na sociedade e no mercado laboral.

deixam de receber o apoio do CEPAC, uma vez que os clientes conseguiram a autonomia, arranjam um emprego, com contrato de trabalho e por terem a sua situação documental regularizada.

A presença dos voluntários também permite responder aos problemas dos imigrantes, o que fez com que se criassem outras valências para que houvesse uma assistência global: contabilista, enfermeira, farmacêutica, professores, advogados, rececionista. Com a gratuidade do tempo dos voluntários consegue-se realizar um conjunto de actividades, a tal ponto que «a colaboração para o desenvolvimento do homem todo e de todos os homens é, definitivamente, um dever de todos para com todos»⁴⁰⁵.

4. CEPAC: a espiritualidade espiritana incarnada

Até ao momento, foi-se descrevendo a importância do CEPAC como um meio de integrar os imigrantes na sociedade portuguesa. Esta IPSS tem, de facto, acompanhado várias histórias dramáticas dos imigrantes, apoiando-os, através dos trabalhos dos colaboradores e voluntários, para que a qualidade de suas vidas melhore. Apesar de tudo, surge a questão: será que o CEPAC é apenas uma instituição criada para apoiar os desprotegidos da sociedade, sobretudo os imigrantes? Ou, a espiritualidade espiritana provoca o CEPAC para que seja um meio de evangelização instaurando a fraternidade entre os homens?

Os espiritanos que estiveram reunidos em Capítulo Provincial, em 1994, consciencializaram-se da «necessidade de uma espiritualidade incarnada e inserida que nos leve a assumir na fé os problemas e as dificuldades do povo com quem vivemos e ser particularmente sensíveis às questões da Justiça e Paz»⁴⁰⁶. Passados vinte anos, torna-se importante reler e examinar esta linha de orientação capitular. Será que tal pedido já começa a estar incarnado e assumido na vida dos espiritanos que estão à frente desta instituição sócio-caritativa? Ou então, será que a espiritualidade espiritana colabora para que haja novos métodos de trabalho, influenciando a vida daqueles que colaboram na missão desta obra espiritana?

Para responder a estas questões, elaborou-se um inquérito onde se pretende analisar se, de facto, existe uma influência da herança espiritana no CEPAC. É de

⁴⁰⁵ IOANNES PAULUS PP. II, *Sollicitudo rei socialis*, nº 32.

⁴⁰⁶ PROVINCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Experiências significativas*. VI Capítulo Provincial, Aguilha, 1994, nº 670, §6.

salientar que não se ambiciona focar, simplesmente, os dados numéricos onde se descrevem as potencialidades ou as fraquezas desta Instituição; mas a partir destes dados se consiga valorizar a fé para uma pastoral sócio-caritativa, demonstrando que o CEPAC é, acima de tudo, uma instituição cristã, portadora de um carisma e de uma espiritualidade espiritana, a tal ponto que seja um canal da realização da missão da Igreja:

«[...] a Igreja preocupa-se com a pessoa humana, como ser humano, como ser concreto e situado na história, não só a partir da relação temporal comum que se forma entre pessoas, grupos e instituições, mas também a partir da comunhão fundamental que se estabelece entre Deus e a cada pessoa: o homem é ser criado à imagem e à semelhança de Deus (Gn 1,26), companheiro fraterno de Jesus, realização dos dons e carisma com que o Espírito Santo alimenta o processo de construção do Reino de Deus»⁴⁰⁷.

Assim sendo, a grande preocupação do CEPAC não deve ser, apenas, os êxitos alcançados⁴⁰⁸, mas questionar se todos os meios utilizados permitem que a dignidade humana seja respeitada, testemunhando que o ser humano está acima de todas as prioridades; e se todos os programas sociais, científicos e culturais estão orientados para o homem e nunca ao contrário⁴⁰⁹. Daí que o CEPAC deve ser uma Instituição onde se seja «a voz dos sem voz (pessoas sem domicílio fixo, sem terra, sem emprego, vítimas dos conflitos étnicos, da corrupção...)»⁴¹⁰. Assim, ao acolher o drama de uma história, se consiga condenar a escravidão para que outros não caiam na mesma armadilha, nem que a história se repita na vida de outros homens, transformando, assim, a sociedade num lugar de fraternidade.

Para tal fim, inquiriram-se diversas pessoas que compõem o CEPAC: colaboradores, voluntários e clientes. Para os colaboradores e para os voluntários, o questionário tem como objectivo perceber se, de facto, a espiritualidade espiritana tem impacto na acção social junto do povo imigrante e que efeitos ou consequências produz a espiritualidade espiritana nas pessoas que se identificam com a missão do CEPAC. Para os clientes deu-se mais importância ao que recebem, desde o primeiro contacto com a instituição até às respostas sociais que lhes são dadas, a partir das diferentes valências. A finalidade de inquirir os clientes é perceber se a caridade, no seu sentido teológico, está bem incorporada nas respostas que são dadas, revelando assim a prática da espiritualidade espiritana na pastoral sócio-caritativa.

⁴⁰⁷ CEP, *A Acção Social da Igreja*,... n.º 8.

⁴⁰⁸ Cf. BENEDICTUS, PP XVI, *Deus caritas est*, n.º 31.

⁴⁰⁹ Cf. CDSI, n.º 132.

⁴¹⁰ CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Faz-te ao largo*..., n.º 2.19.

Durante uma semana, foi possível inquirir 122 pessoas dentro das regras de funcionamento desta instituição: entre as 9 às 13 horas e das 14 às 17 horas, e de acordo com os horários dos serviços prestados durante o tempo em que se encontra aberto.

Quadro nº 8: Número de pessoas inquiridas

	Total	Nº respostas	%
Colaboradores	15	9	60
Voluntários	39	19	48,7
Clientes	724	94	12,1

Quadro nº 9: Nacionalidade dos inquiridos

	Nº respostas	%
Guineense	31	25,4
Cabo-verdiana	24	19,7
Portuguesa	23	18,8
Santomense	14	11,5
Romena	13	10,7
Angolana	9	7,4
Senegalesa	4	3,3
Ucraniana	1	0,8
Moçambicana	1	0,8
Ganesa	1	0,8
Brasileira	1	0,8

Quadro nº 10: Idade dos inquiridos

	Nº respostas	%
18 -25	10	8,1
26-35	31	25,4
36-45	27	22,1
46-55	26	21,3
56-65	19	15,7
+ 65	8	6,6
Sem resposta	1	0,8
Total	122	100

A presença do investigador no terreno permitiu contactar com diversas pessoas ajudando-as a aprofundar os diversos aspectos sobre o ritmo de funcionamento do CEPAC. Um ritmo que tem como base ir ao encontro das pessoas e das suas experiências e motivações, que faz com que esta investigação seja acompanhada por elementos que, na perspectiva do investigador, são importantes para que a espiritualidade espiritana incarne na pastoral sócio-caritativa; ao mesmo tempo, abre a porta para que a assistência social seja uma forma de cuidar do outro, fazendo com que o outro ocupe o lugar que lhe está predestinado, pela sua dignidade humana⁴¹¹.

A grande parte destes inquéritos foi feita aos clientes, uma vez que é o grupo mais numeroso. É de salientar que muitas destas respostas foram dadas com algum receio (sentindo que, em diversos casos, o recepcionista incentivou para que respondessem) e com alguma reticência devido a diversos factores: a dificuldade em se

⁴¹¹ Cf. E. FONSECA, *A acção caritativa da Igreja. Elementos de reflexão teológica e pastoral a partir do contexto português*, Lisboa: Paulinas Editora, 2011, p. 65.

exprimirem na língua portuguesa; por isso, muitos responderam em crioulo de Cabo Verde, em francês e outros que frequentavam as aulas de português (romenos, ucranianos, guineenses); muitos tinham medo de perder o lugar no atendimento, sentindo que responderam às questões com alguma rapidez; alguns preferiram responder às questões na presença dos voluntários uma vez que já existia uma maior confiança entre eles. Por sua vez, os colaboradores e voluntários responderam às questões de acordo com as suas disponibilidades para que não prejudicassem o seu trabalho.

Para analisar estes dados, ter-se-á em conta a experiência do investigador. Durante, aproximadamente, três anos o investigador colaborou no CEPAC, como voluntário, nas diversas actividades que aí são efectuadas e de acordo com as necessidades desta IPSS: na distribuição dos alimentos e de roupa, como professor de informática, fazendo parte da equipa de visita aos domicílios, entre outras ajudas pontuais. Esta presença como voluntário, fez com que se relacionasse com diversas situações dramáticas, permitindo conhecer diversos aspectos face à legislação portuguesa e face à imigração; a linguagem e conceitos que se vão criando e que exprimem algumas das problemáticas vividas pelos imigrantes. Todos estes aspectos empíricos, certamente, influenciarão nesta reflexão. Para além da exposição dos resultados apresentar-se-ão diversos elementos de reflexão que, possivelmente, ajudarão na incarnação da espiritualidade espiritana na pastoral socio-caritativa do CEPAC, onde se testemunhe, através de acções e gestos concretos, o amor de Deus pelo homem e, ao mesmo tempo, se revele que a Igreja está atenta às problemáticas sociais que vivem nas periferias humanas⁴¹².

4.1 CEPAC: lugar de encontro entre pessoas

A missão do CEPAC ganha um sentido particular quando se aproxima das pessoas. Sabe-se, de antemão, que o serviço da *διακονία* – que não pode separar da tríplice da natureza da Igreja, o anúncio da Palavra (*kerygma-martyria*) e da celebração dos Sacramentos (leiturgia) – não significa simplesmente um apoio social, mas que valoriza o homem⁴¹³ através de um serviço que é prestado à humanidade. Ora, se o CEPAC presta um serviço de *diakonia*, é importante que se tenha em conta que

«A diaconia/caridade não se esgota num mero sentido de solidariedade (por mais valiosa que seja a responsabilidade humana solidária), mas é suportada

⁴¹² Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 46.

⁴¹³ Cf. BENEDICTUS, PP XVI, *Deus caritas est*, n° 25.

pelo amor gratuito de Deus que nos faz superar contrariedades e dificuldades, saltar as barreiras aparentemente intransponíveis (a barreira do inimigo, se for o caso disso), oferecer aquele amor que só é possível porque se vê no outro alguém amado por Deus»⁴¹⁴.

Este amor, que gera a *κοινωνία*, tal como foi dito nos inícios desta reflexão, purifica a Igreja e a sociedade onde se está inserido e, por isso, integra na missão do CEPAC. Um amor, que para além de ser um acto sentimentalista, cria laços fraternos entre todos, apesar de todas as diferenças de géneros, de graus académicos, de idades e de culturas. Assim sendo, poder-se-á dizer que a primeira missão do CEPAC é de reconhecer que cada ser humano é único e irrepetível, comprometendo-se a servir cada ser humano para que tenha meios suficientes para o seu desenvolvimento integral enquanto pessoa. Ao mesmo tempo, é necessário que se tome consciência que os colaboradores, os voluntários e os clientes não são instrumentos para os fins alheios, vendo neles um meio de concretizar as vontades pessoais ou os objectivos do CEPAC. Daí, a importância do cultivo das atitudes morais fundamentais (justiça, honestidade, veracidade, etc.) para que cada um seja livre e responsável pela transformação da sociedade em que vive⁴¹⁵.

a) A importância da mulher nos serviços do CEPAC

Grande parte dos serviços prestados, pelo CEPAC, são efectuados por mulheres. A sua colaboração, nas diferentes valências, permite valorizar «a capacidade tenaz e desinteressada que as mulheres têm de acolher, partilhar e de gerar no amor»⁴¹⁶. A presença das mulheres neste apoio social, para além de mostrar a sua sensibilidade pelas questões sociais, é uma grande valia na medida em que torna o CEPAC um lugar onde muitos imigrantes encontram um lugar de refúgio e de conforto – um dos aspectos que os próprios clientes salientaram e manifestaram a sua gratidão. Além disso, torna-se num testemunho para muitas mulheres que vivem diversas represálias e abusos quer nos países de origem quer no país de acolhimento. Tem-se conhecimento que, em muitos países – e muitos destes países vêm pedir auxílio ao CEPAC – a mulher é vítima de discriminação «quer social quer cultural, que [atinge] os direitos fundamentais da pessoa, baseada no sexo, na raça, na cor, na condição social, na língua ou na religião» (GS, 29); por outro lado, existem também nos países de acolhimento diversos

⁴¹⁴ J. BORGES DE PINHO, *Diaconia e caridade. Uma aproximação eclesiológica* in *Communio* 2 (2009), p. 200.

⁴¹⁵ Cf. CDSI, nº 131-134.

⁴¹⁶ IOANNES PAULUS PP. II, *adhortatio apostolicae postsynodalis Ecclesia in Europa*, nº 42.

problemas que impossibilitam a promoção da dignidade da mulher: a dificuldade em arranjar um emprego, o abandono por parte dos maridos, sobretudo, quando ficam grávidas, a exploração no mundo do trabalho (através da exploração sexual, trabalhos sem rendimentos mensais justos, etc.), sem esquecer aqueles casos em que o homem, ao imigrar, cria uma outra família, desleixando-se da família (mulher e filhos) que se encontram nos países de origem. Todas estas realidades vêm bater à porta do CEPAC, daí a importância, de

«criar para ela um espaço onde possa tomar a palavra e exprimir os seus talentos, através de iniciativas que reforcem o seu valor, a estima de si mesma e a sua especificidade, permitir-lhe-ia ocupar, na sociedade, um lugar igual ao do homem – sem confusão nem nivelamento da especificidade de cada um – porque ambos são «imagem» do Criador (cf. Gn 1,27)»⁴¹⁷.

Quadro n° 11: Género dos inquiridos

	N° respostas	%
Masculino	52	42,6
Feminino	70	57,4
Total	122	100

b) Diálogo com outras ciências

Partindo das respostas que foram dadas nos inquéritos (quadro n° 12), percebe-se que um dos grandes desafios do CEPAC é conjugar os diversos aspectos que permitam que se realize a sua missão. Por um lado, existem as motivações individuais em que cada um procura a sua realização: no seu campo profissional, quer da parte dos técnicos e de alguns voluntários que colocam a sua formação em prol dos imigrantes. Por outro lado, existem os princípios fundamentais da fé cristã e da espiritualidade espiritana que devem promover uma consciência clara de que os serviços prestados pelo CEPAC são destinados, acima de tudo, aos homens e mulheres em que os seus direitos se tornaram invisíveis.

Quadro n° 12: Grau académico dos Colaboradores e Voluntários do CEPAC

	N° respostas	%
1° Ciclo Básico (1° ao 4° ano)	3	10,7
2° Ciclo Básico (5° ao 9° ano)	4	14,3
Ensino Secundário (10° ao 12° ano)	5	17,9
Bacharelato	2	7,1
Licenciatura	10	35,7
Mestrado	3	10,7
Sem resposta	1	3,6
Total	28	100

⁴¹⁷ BENEDICTUS, PP XVI, adhortatio apostolicae postsynodalis *Africae munus*, n° 56.

A maioria dos colaboradores e voluntários possuem estudos superiores nos diversos campos das ciências humanas e da saúde, que auxiliam a missão do CEPAC. A presença destas ciências permite que cada colaborador e voluntário ponha ao serviço do CEPAC as suas aptidões intelectuais e formativas, de acordo com as suas disponibilidades (quadro nº 11).

Quadro nº 13: Disponibilidade dos voluntários

	Nº respostas	%
Não tenho nenhum trabalho, o que me permite uma maior disponibilidade	7	36,8
Durante a semana em horário de trabalho	6	31,6
Estou disponível quando me chamarem	2	10,5
Durante a semana após expediente	2	10,5
Uma vez por semana	1	5,3
Sem resposta	1	5,3
Total	19	100

A disponibilidade do CEPAC ao aceitar voluntários, para além de contribuir para que esta IPSS ajude os seus clientes nas suas necessidades, proporciona que cada um deles possa dar um pouco do que tem aos outros, apesar de todo o activismo que muitos destes voluntários vivem diariamente. A hospitalidade do CEPAC, ao acolher as outras áreas da ciência, possibilita que estes se deixem encantar pelo serviço gratuito ao outro, tornando-se num meio de transmitir a alegria de servir sem interesses pessoais⁴¹⁸.

Valorizam-se, assim, as outras ciências humanas e científicas possibilitando que a caridade não seja simplesmente «uma ideia, nem uma filosofia, nem um sentimento piedoso»⁴¹⁹, mas, com o auxílio das ciências, a caridade produza a realização de uma transformação na vida de cada pessoa e da sociedade. A Doutrina Social da Igreja, citando a Constituição Dogmática «Gaudium et Spes», valoriza as diversas ciências da seguinte forma:

«Se por autonomia das realidades terrenas se entende que as coisas criadas e as próprias sociedades têm as suas leis e os seus valores próprios, que o homem irá gradualmente descobrindo, utilizando e organizando, é perfeitamente legítimo exigir tal autonomia [...] de acordo com a vontade do Criador. Pois, em virtude do próprio facto da criação, todas as coisas possuem consistência, verdade, bondade e leis próprias, que o homem deve respeitar, reconhecendo os métodos peculiares de cada ciência e arte»⁴²⁰.

As ciências ambicionam conhecer a tão complexa realidade que é o homem, ajudando-o a libertar-se das superstições e das dúvidas/mistérios que têm acompanhado a história da humanidade, para que a própria humanidade faça, tal como escreveu Paulo

⁴¹⁸ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *ChristiFideiles laici*, nº 41.

⁴¹⁹ E. FONSECA, *A acção caritativa da Igreja...*, p. 64.

⁴²⁰ CDSI, nº 45; cf. tb. CONCILIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, nº 36.

VI, «a passagem de condições menos humanas a condições mais humanas»⁴²¹. Assim, o intercâmbio com os outros saberes, enriquece a pastoral sócio-caritativa na medida em que se conhece, nas diversas perspectivas, a realidade do mundo, ajudando a discernir que metodologias a utilizar para que a fé cristã proponha novas luzes para o homem de hoje⁴²². Esta consciência foi, também, reconhecida pelos espiritanos reunidos em Capítulo Geral, em 2004, afirmando que:

«No passado, a Igreja viu-se por vezes na situação de pregar uma opção pelos pobres abstracta, porque ao mesmo tempo que o fazia apoiava estruturas culturais, económicas e políticas injustas. Tais estruturas, concretamente, tornaram impossível a passagem dos pobres de uma situação de exclusão para a situação de inclusão na sociedade. Hoje, a falta de credibilidade da instituição eclesial, em muitos sectores do mundo moderno e pós-moderno, pode ser posta em relação com situações do género no passado»⁴²³.

É verdade que a missão da Igreja não tem meios suficientes para propor soluções técnicas que respondam aos problemas sociais⁴²⁴. Daí, a importância do diálogo com os diversos campos da ciência para que se possa responder aos anseios humanos. Contudo, é sempre necessário que se tenha consciência que todas as investigações não correspondem à totalidade dos problemas de muitos homens e mulheres. Ora, quando se esquece tais limitações, absolutizam-se as normas e as leis a tal ponto que se tornam superiores à própria dignidade da pessoa humana. É importante não esvaziar as inspirações iniciais do CEPAC, agindo pelo funcionalismo impessoal, onde se exagera na burocracia e arranjando sempre meios para satisfazer os interesses pessoais⁴²⁵. Não se pretende desprezar a necessidade de uma coordenação. Se não existe uma organização, a caridade fica reduzida à expressão «tudo vale», torna-se individual, sem responsabilidade, transformando-se num acto piedoso, o que prejudicará na promoção da dignidade humana.

Surge, então, a necessidade de conjugar a competência dos profissionais com os valores da fé cristã.

«A competência profissional é uma primeira e fundamental necessidade, mas, por si só, não basta. É que se trata de seres humanos, e estes precisam sempre de algo mais que um tratamento apenas tecnicamente correcto: precisam de humanidade, precisam da atenção do coração»⁴²⁶.

⁴²¹ PAULUS PP. VI, *Populorum progressio*, n° 20.

⁴²² Cf. J. MARTÍNEZ, *Moral social y espiritualidad...*, pp. 50-51.

⁴²³ CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Reavivai o dom que recebestes...*, n° 1.1.4.

⁴²⁴ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Sollicitudo rei socialis*, n° 41.

⁴²⁵ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *ChristiFideiles laici*, n° 41.

⁴²⁶ BENEDICTUS, PP XVI, *Deus caritas est*, n° 31.

Sente-se, então, a importância de olhar para os fundadores da Congregação para que se encontrem as chaves hermenêuticas para uma verdadeira e autêntica acção pastoral sócio-caritativa do CEPAC. Poullart des Places e Libermann sempre quiseram pessoas aptas para os serviços mais difíceis e abandonados, para que aí se aprenda a escutar os apelos do mundo.

O CEPAC ao atender as diversas histórias dramáticas dos imigrantes nunca se sinta indiferente – que é sempre um risco que se corre, de se deixar acomodar face aos sofrimentos dos outros, uma vez que já são realidades que se repetem diariamente – mas que se aprenda, cada vez mais, a solidarizar-se com os outros⁴²⁷. «A solidariedade confere particular relevo à intrínseca sociabilidade da pessoa humana, à igualdade de todos em dignidade e direitos, aos caminhos dos homens e dos povos para a unidade cada vez mais convicta»⁴²⁸. Neste sentido, torna-se importante recordar as palavras de João Paulo II para o início no Novo Milénio:

«É hora duma nova ‘fantasia da caridade’, que se manifeste não só nem sobretudo na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e de ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna»⁴²⁹.

4.2 CEPAC: um meio de evangelizar e deixar-se evangelizar

O Papa Francisco tem incentivado para que a fé dos cristãos seja na verdade uma luz que ilumine a sociedade contemporânea:

«[...] a fé, ao revelar o amor de Deus criador, faz-nos olhar com maior respeito para a natureza, fazendo reconhecer nela uma gramática escrita por Ele e uma habitação que nos foi confiada para ser cultivada e guardada, ajuda-nos a encontrar modelos de progresso, que não se baseiam apenas na utilidade e no lucro mas consideram a criação como dom, de que todos somos devedores; ensina-nos a individuar formas justas de governo, reconhecendo que a autoridade vem de Deus para estar ao serviço do bem comum»⁴³⁰.

Neste sentido, surge a questão: será que a fé tem algo a dizer na acção pastoral socio-caritativa do CEPAC?

⁴²⁷ Cf. CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Faz-te ao largo...*, nº 2.

⁴²⁸ CDSI, nº 192.

⁴²⁹ IOANNES PAULUS PP. II, epistula apostolica *Novo Millennio Ineunte*, nº 50.

⁴³⁰ FRANCISCUS PP., *Lumen Fidei*, nº 55.

a) A fé na realidade do CEPAC

Numa sociedade laicizada e secularizada, tal como tem acontecido na sociedade portuguesa, focar a religiosidade de cada voluntário e de cada colaborador numa IPSS que é, ao mesmo tempo, de matriz católica e reconhecida pelo Estado, pode ser significativa. Poder-se-á pensar que se tenta implementar uma ditadura religiosa na metodologia dos serviços do CEPAC. Tal como foi referido anteriormente, o fundamentalismo religioso não produz nenhum efeito na consciência do homem, bem pelo contrário, torna o homem escravo porque a religião em vez de libertar o homem, o oprime. Pretende-se, portanto, encarar até que ponto uma experiência de fé em Deus pode comprometer o homem na acção socio-caritativa do CEPAC.

Segundo os dados apresentados nos inquéritos (quadros nº 14 e 15), grande parte dos voluntários e dos colaboradores afirmam ser católicos. Contudo, na realidade que se vive hoje, ser-se católico é muito relativo, pois não se sabe ao certo até que ponto existe uma vivência religiosa. Apesar de tudo, poder-se-á dizer que a fé foi-lhes transmitida.

Quadro nº 14: Religião dos Colaboradores e Voluntários

	Nº respostas	%
Católica	26	92,8
Agnóstico(a)	1	3,6
Ateu/Ateia	1	3,6
Total	28	100

Quadro nº 15: A importância da fé na vida pessoal dos Colaboradores e Voluntários

	Nº respostas	%
Sim	17	60,7
Não	8	28,6
Não sei/não respondo	3	10,7
Total	28	100

Para muitos colaboradores e voluntários, a fé influencia a sua vida pessoal (60,7%); mas, para outros a fé é alheia à sua existência. Ao comparar o quadro nº 14, em que 92,8% dos colaboradores e voluntários afirmaram que professam a fé católica, ao quadro nº 15, nota-se uma descida de números, mostrando que, possivelmente, a fé é uma dimensão anexa às suas vidas.

b) Os espíritanos e o testemunho de vida

Os espíritanos ao contactar com os voluntários e colaboradores têm um grande desafio que merece ser respondido pelos espíritanos através de um testemunho coerente com a fé professada. Tal resposta não se torna em mais um apelo para uma «nova missão», mas já é da essência da missão espiritana, tal como é referido na Regra de

Vida Espiritana: «[...] dirigimo-nos, de preferência, àqueles que ainda não ouviram a mensagem do Evangelho ou mal a ouviram»⁴³¹.

Paulo VI incentivou para que a evangelização fosse feita a partir de um contacto com as pessoas⁴³². Recentemente, o Papa Francisco voltou a recordar que o contacto pessoal é imprescindível de tal modo que se tome consciência que «ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, [na] praça, no trabalho, num caminho»⁴³³. Na verdade, não se pretende auto-publicitar, nem muito menos impor alguém a professar a fé em Jesus Cristo. O contacto pessoal merece um discernimento para que o diálogo de fé não assuste as pessoas, na medida em que se transformem em belas teorias, mas que não se incarne na vida da pessoa que prega. Desta forma, torna-se desafiante as palavras de Libermann: «fala-se das coisas que se aprenderam [...]; dá-se testemunho do que se viu e ouviu [...]»⁴³⁴. A partir do testemunho pessoal de fé é que se consegue aproximar das pessoas, tal como refere Libermann:

«estudaremos cuidadosamente o carácter das pessoas; examinaremos as suas tendências e atractivos, as suas afeições. Chegaremos assim a conhecer os seus vícios e os princípios onde brotam; pôr-nos-emos também em condições de adoptar os verdadeiros meios de adquirir autoridade sobre as pessoas, penetrar nos seus corações e ganhar-lhes a estima e a confiança»⁴³⁵.

Um testemunho é sempre atractivo na medida em que as acções sejam o reflexo do que se vive em segredo de coração de cada espiritano. De modo geral, muitos homens e mulheres, infelizmente, possuem falsas imagens sobre a vida quotidiana daqueles que consagram as suas vidas à Igreja ao serviço dos homens. Esta situação agrava-se, quando as pessoas conhecem os escândalos e/ou falsos testemunhos de muitos membros da Igreja, fazendo com que se generalize. Face a todos estes pecados, é necessário que se viva com maior intensidade aquilo que se professa.

Torna-se imprescindível que o testemunho espiritano seja uma oportunidade de anunciar o «delicado e verdadeiro perfil de um Deus que vibra com entranhas maternas e com intensas emoções contagiantes»⁴³⁶. Esta descoberta e esta busca que cada espiritano deve fazer, ao longo da sua peregrinação sobre a terra, «convém ser realista e

⁴³¹ RVE, nº 12.

⁴³² PAULUS PP., *Evangelii Nuntiandi*, nº 46.

⁴³³ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 127.

⁴³⁴ C.S.J., p. 148.

⁴³⁵ N.D., X, pp. 518-519.

⁴³⁶ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Alegrai-vos...*, nº 2.

não dar por suposto que os nossos interlocutores conhecem o horizonte completo daquilo que dizemos ou que eles podem relacionar o nosso discurso com o núcleo essencial do Evangelho que lhe confere sentido, beleza e fascínio»⁴³⁷. Os espiritanos ao trabalhar com os colaboradores e voluntários do CEPAC, na pastoral sócio-caritativa, é necessário que todos tenham a oportunidade de conhecer o carisma e a espiritualidade espiritana para que, tal como diz o ditado português, «cada um não puxe a brasa para a sua sardinha». Assim, percebem, possivelmente, que existe um impulso interior que leva os espiritanos a cuidarem dos mais frágeis da sociedade.

c) Espiritanos membros de uma Igreja aos serviços dos mais frágeis

Quadro nº 16: Caracterização da Congregação do Espírito Santo pelos colaboradores e voluntários

	Nº respostas	%
Uma Família Religiosa constituída por Religiosos, onde uns são Sacerdotes e outros Irmãos	21	87,5
Um Movimento ligado à Igreja Católica	1	4,2
Sem resposta	2	8,3
Total	28	100

Com a ajuda do quadro nº 16, percebe-se que grande parte dos inquiridos – colaboradores e voluntários – reconhecem que a Congregação do Espírito Santo é uma família religiosa. Apenas uma pessoa (4,2%) identifica a Congregação a um movimento da Igreja e não é menos insignificante que 8,3% preferiram não responder à questão. Em todo o caso, os inquiridos reconhecem que os espiritanos são membros de uma Família Religiosa, que estão ligados à Igreja Católica e que, por isso, sabem que existe um dinamismo de fé que os leva a estarem disponíveis – através da consagração religiosa – a serem testemunhas credíveis da Boa-Nova. Tal testemunho faz com que irradie

«dum modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que se não vê e que não seria capaz sequer de se imaginar. Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar no coração daqueles que os vêem viver, perguntas indeclináveis: porque é que eles são assim? Porque é que eles vivem daquela maneira? O que é – ou quem é – que os inspira? Porque é que eles estão connosco?»⁴³⁸.

Contudo, subsiste a questão: até que ponto conhecem a Congregação do Espírito Santo? Tal interesse esteve presente nos inquiridos, onde se salientará os dados mais relevantes.

⁴³⁷ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 34.

⁴³⁸ PAULUS PP., *Evangelii Nuntiandi*, nº 21.

Quadro nº 17: Contacto dos colaboradores e dos voluntários com os espiritanos

Item	Escala										Total		
	Fraco		Mau		Médio		Bom		Excelente			Sem opinião/Sem Resposta	
	Nº de Resposta	%	Nº de Resposta	%	Nº de Resposta	%	Nº de Resposta	%	Nº de Resposta	%		Nº de Resposta	%
a) Conhecimento da vida e da obra dos fundadores	6	21,4	0	0	8	28,6	5	17,9	4	14,3	5	17,9	100
b) Informação sobre o apostolado espiritano	2	7,1	3	10,7	2	7,1	7	25	9	32,1	5	17,9	100
c) Informação sobre a vida dos espiritanos	4	14,3	3	10,7	3	10,7	3	10,7	7	25	8	28,6	100
d) Relacionamento com os espiritanos	0	0	1	3,6	2	7,1	3	10,7	12	42,9	10	35,7	100
e) Participação nas actividades do CEPAC	1	3,6	0	0	3	10,7	7	25	10	35,7	7	25	100
f) Preocupação dos espiritanos com o CEPAC	4	14,3	0	0	5	17,9	3	10,7	9	32,1	7	25	100
g) Presença espiritana no CEPAC	4	14,3	0	0	6	21,4	6	21,4	7	25	5	18	100

Os dados apresentados no quadro nº 17 são provocadores. Por um lado, nota-se que 28,6% dos colaboradores e dos voluntários conhecem minimamente a vida dos fundadores. Face ao estilo de vida dos espiritanos, os resultados são ambivalentes, havendo uns que conhecem mais e outros afirmam ter poucos conhecimentos. Por outro lado, nota-se que os inquiridos estão bem informados sobre o apostolado espiritano e sobre as suas actividades espiritanas, o que facilita para que haja um bom relacionamento entre os voluntários e colaboradores com os membros da Congregação.

É importante que todos aqueles que são próximos estejam informados sobre os diversos compromissos pastorais, quer na missão «ad intra» quer na missão «ad extra» dos espiritanos. Todavia, é necessário que se consciencialize que não se pode conduzir pela exterioridade, resumindo a vida espiritana mais naquilo que se faz em vez de salientar aquilo que se é ou que se vive. De facto, é mais fácil relatar as actividades pastorais do que falar daquilo que se vive, das experiências pessoais de fé na missão, procurando viver a *kénōsis*⁴³⁹. Caíndo no activismo perde-se o sentido da missão e do serviço, onde se desvirtua a missão, e até mesmo o serviço, para eficiência pessoal, esquecendo o espírito apostólico espiritano: a opção pelos mais pobres. Desta forma, vai-se perdendo a consciência de que o carisma espiritano, que alvejou a vida de

⁴³⁹ Cf. N.D., I, p. 255.

Poullart des Places e de Libermann, é um dom de Deus visível na história da humanidade, através desta Congregação e da sua espiritualidade⁴⁴⁰. É necessário, portanto, que não se perca a atitude de que existe Alguém que inspira e que envia os espiritanos⁴⁴¹, e um estilo próprio que lhes permite ser fiel à sua vocação⁴⁴². Além disso, o dinamismo da missão, tal como afirmou João Paulo II, «[...] revigora a sua fé e identidade; dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações»⁴⁴³.

Ao mesmo tempo, muitos dos que responderam aos inquéritos afirmaram que possuem um bom relacionamento com os espiritanos (42,9%). Este relacionamento entre os espiritanos e os que auxiliam na missão desta IPSS pode abrir oportunidades aos que estão interessados, para fazerem uma experiência forte de irem e de verem os impulsos interiores que animam a vida das comunidades espiritanas. Tal abertura pode ser uma forma de interpelar muitos homens e mulheres sobre o sentido da vida, de tal modo que sintam que a fé, na pessoa de Jesus Cristo, dá um sentido particular à vida do homem e que se torne ponte para a sociedade em que se vive. Os diversos rostos dos membros de uma comunidade espiritana, apesar de todas as diferenças, as fragilidades pessoais e comunitárias, retratam a beleza de quererem permanecer fiéis a um projecto que lhes oferece alegria. Alguns dos inquiridos sentem isso na vida espiritana, de tal modo que houve alguém que exprimiu que este contacto com os espiritanos «permitiu [ter] uma imagem diferente dos padres»⁴⁴⁴.

É de salientar, ainda, o facto de que as respostas sobre o relacionamento entre o CEPAC, enquanto uma IPSS, e os espiritanos variam imenso, tornando-se, assim, difícil de salientar quais são os dados predominantes. Olhando para o quadro nº 17, sente-se, na perspectiva dos voluntários e colaboradores, que os espiritanos poderiam estar mais presentes na vida e na obra do CEPAC.

Tais respostas dos inquiridos incentivam aos espiritanos para que se integrem mais nas actividades que são propostas por esta IPSS. Compete a cada espiritano sentir que esta obra social não diz respeito a um acto externo, como mero espectador que olha os imigrantes a dirigem-se ao CEPAC para conseguirem melhores condições de vida e de se gloriarem pelo sucesso desta instituição⁴⁴⁵; mas que seja um local onde se viva a

⁴⁴⁰ Cf. BENEDICTUS, PP XVI, *Deus caritas est*, nº 34.

⁴⁴¹ Cf. RVE, nº 1.

⁴⁴² Cf. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Alegrai-vos...*, nº 4.

⁴⁴³ IOANNES PAULUS PP. II, *Redemptoris Missio*, nº 2.

⁴⁴⁴ Inquérito aos voluntários nº 6.

⁴⁴⁵ Cf. BENEDICTUS, PP XVI, *Deus caritas est*, nº 18.

corresponsabilidade entre os espiritanos na missão, fazendo sentir que «a vida em comunidade constrói a identidade, e é ao mesmo tempo símbolo mais expressivo daquilo que nós somos. A comunidade é a nossa maneira de viver a missão»⁴⁴⁶; mostrando, assim, que as comunidades espiritanas «não são simplesmente estruturas para o trabalho»⁴⁴⁷.

A corresponsabilidade na missão é um tesouro precioso que ajuda cada espiritano a não perder o zelo apostólico, vivendo, assim, na fidelidade à sua consagração religiosa espiritana; e, ao mesmo tempo, faz com que o CEPAC esteja sempre vigilante às necessidades dos imigrantes, tal como é proposto pelos seus Estatutos. Desta forma, revela-se que a comunidade espiritana nunca é formada «pelas virtudes humanas dos que a constituem, mas na graça e na força do Espírito Santo, do amor de Deus derramado nos nossos corações»⁴⁴⁸. Ao tomar consciência de que a missão espiritana tem a sua origem neste amor de Deus (cf. 1Jo 4, 19), tendo o seu cume na pessoa de Cristo, abre a uma «nova relação fraterna»⁴⁴⁹ entre os homens. Este amor de Deus pelo homem escancara o egoísmo para um horizonte novo, tendo sempre Cristo como protótipo, em que um procura o bem do outro, sentindo-se responsável pela felicidade daqueles que lhes são próximos⁴⁵⁰. Esta é a essência da comunidade na medida em que se torna numa escola onde se aprende a amar e a ser amado, sendo «sinal de um diálogo sempre possível e de uma comunhão capaz de harmonizar as diferenças»⁴⁵¹. A sociedade hodierna tem sede de uma «espiritualidade de comunhão»⁴⁵² que se torna visível na corresponsabilidade na missão: «Para apresentar à sociedade de hoje o seu verdadeiro rosto, a Igreja tem necessidade de tais comunidades fraternas, cuja existência já constitui uma contribuição para a nova evangelização, porque mostram de modo concreto os frutos do ‘novo mandamento’»⁴⁵³.

d) Caracterização da identidade espiritana

Os colaboradores e voluntários, através dos inqueritos, descrevem os espiritanos em três grandes aspectos (quadro nº 16). A nível humano: os espiritanos valorizam a pessoa humana enquanto tal; a nível religioso: os espiritanos são aqueles que entregam

⁴⁴⁶ CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Sede fervorosos no Espírito...*, nº 2.6.

⁴⁴⁷ CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Faz-te ao largo...*, nº 3.10.

⁴⁴⁸ J. BORGES DE PINHO, *Diaconia e caridade...*, p. 198.

⁴⁴⁹ J. BORGES DE PINHO, *Diaconia e caridade...*, p. 198.

⁴⁵⁰ Cf. BENEDICTUS, PP XVI, *Deus caritas est*, nº 6.

⁴⁵¹ IOANNES PAULUS PP. II, *Vita Consecrata*, nº 51.

⁴⁵² IOANNES PAULUS PP. II, *Vita Consecrata*, nº 46.

⁴⁵³ IOANNES PAULUS PP. II, *Vita Consecrata*, nº 45.

as suas vidas para o anúncio do Evangelho; A nível social: os espiritanos são sensíveis às questões sociais e procuram dar respostas concretas a estas necessidades do homem. Com estes três distintivos, percebe-se que os colaboradores e voluntários reconhecem e valorizam o carisma espiritano como um modo de viver a sua consagração através de um serviço prestado aos mais débeis da sociedade, partindo sempre da dimensão humana.

Quadro nº 18: Descrição da parte dos colaboradores e voluntários dos espiritanos

	Característica	Nº de Respostas	%
Dimensão Humana	Têm humanidade nas relações humanas	9	14,5
	Formem as pessoas	3	4,8
Dimensão Religiosa	São missionários	13	20,9
	Possuem uma espiritualidade	5	8,1
	Pessoas de fé	4	6,4
	Organizam peregrinações	2	3,2
	Dialogam com outras religiões	1	1,6
Dimensão Social	Servem os pobres	20	32,2
	Lutam pela justiça e paz	4	6,4
	Estão presentes no mundo	1	1,6

Apesar de tudo, convém, ainda, perguntar: até que ponto a presença espiritana, na pessoa do Director-Técnico, auxilia na missão do CEPAC? E de que modo os voluntários e colaboradores se sentem influenciados, através do testemunho do Director, pela identidade espiritana ao desempenhar o seu trabalho?

Quadro nº 19: Importância do Director-Técnico ser um espiritano

	Nº respostas	%
Sim	11	39,3
Não	7	25
Relativo	3	10,7
Pouco conhecimento	1	3,6
Sem resposta	6	21,5
Total	28	100

39,2% dos colaboradores e voluntários reconhecem que existe uma influência espiritana, através da pessoa do Director-Técnico, no CEPAC. Estes inquiridos encaram esta influência como uma norma que, pelo facto desta IPSS ter sido fundada pela Província Portuguesa, deve ser respeitada; por outro lado, alguns, ainda, afirmam que a espiritualidade espiritana facilita para que esta IPSS nunca perca a vontade de servir os excluídos da sociedade, por causa da sua sensibilidade às questões sociais. Por outro lado, existe um número significativo (25%) de colaboradores e voluntários que sentem que esta obra social poderia ser dirigida por outra pessoa, dando, assim, a presença espiritana uma dimensão secundária. Tal posição torna-se ainda mais relevante quando um dos inquiridos preferiu que o «CEPAC é assimilável a uma empresa e, como tal,

longe da ‘realidade religiosa’»⁴⁵⁴. Não deixa de ser ainda significativa referir os que relativizam tal presença espiritana (10,7%): os colaboradores e voluntários que responderam desta forma à questão opinam que tal presença deve marcar a diferença no modo de ser, de agir e de actuar. Sente-se, portanto, na análise feita pelo investigador, que este grupo não revela que tal presença seja insignificante; mas exige que esta presença marque a diferença no modo de actuar do CEPAC, desejando que esta instituição sócio-caritativa seja sempre um modo de se aproximar das pessoas e de promover a dignidade humana.

Os Estatutos do CEPAC esclarecem que: «a direcção do centro é da responsabilidade da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, podendo, portanto, agregar outras pessoas religiosas ou leigos que possam colaborar na orientação e realização das diversas actividades»⁴⁵⁵. Compete, portanto, à Direcção administrar os bens e os serviços do CEPAC para que a acção social se realize beneficentemente, quer para os que auxiliam esta obra, quer para os imigrantes. A Direcção representa, também, a Instituição a nível civil; e, ainda, tem o dever de aprovar todos os relatórios, as actividades, a contabilidade diante da Congregação e do Patriarcado de Lisboa⁴⁵⁶. Ao ler os artigos dos Estatutos, poder-se-á perguntar: será, então, necessário que o Director-Técnico seja um espiritano? À primeira vista, pode-se responder que não. De facto, existem pessoas formadas, nas diversas ciências humanas e sociais, que poderiam desempenhar este cargo com maior profissionalismo. Porém, João Paulo II salienta que a presença de um religioso é importante para uma obra social, pois «eles [religiosos], apesar de desempenharem muitos serviços que são comuns também aos fiéis leigos, fazem-no com a sua identidade de consagrados, exprimindo assim o espírito de dom total a Cristo e à Igreja, segundo o carisma específico»⁴⁵⁷.

Como já foi dito anteriormente, a Igreja valoriza imenso os vários campos do saber, pois a Igreja não tem soluções para os problemas sociais, nem lhe compete fazê-lo. Mas a sua doutrina coloca a primazia no homem, que é estimado por Deus. Tal posição, obriga a Igreja

«a auscultar, a discernir e interpretar, com o auxílio do Espírito Santo, as várias linguagens do nosso tempo e julgá-la à luz da palavra divina, para que a Verdade revelada possa ser sempre mais intimamente percebida, melhor compreendida e proposta de forma adequada» (GS, 44).

⁴⁵⁴ Inquérito aos voluntários nº 14.

⁴⁵⁵ CEPAC, *Estatutos do Centro Padre Alves Correia*, artº 8, §1.

⁴⁵⁶ Cf. CEPAC, *Estatutos do Centro Padre Alves Correia*, artº 9.

⁴⁵⁷ IOANNES PAULUS PP. II, *Vita Consecrata*, nº 60.

Compete, portanto, a cada colaborador e voluntário, através da sua sensibilidade, da sua formação académica, da sua experiência na acção social e da sua capacidade crítica, dar o melhor de si, sentindo que são pessoas imprescindíveis na missão do CEPAC, tendo sempre como destinatário servir o homem. Este enriquecimento mútuo acontece quando se é capaz de dialogar fraternalmente entre todos, para analisar os problemas dos imigrantes que necessitam de ser respondidos urgentemente, criando, assim, «os seus elementos constitutivo-metodológicos: ver a realidade humana, amá-la, aproximar-se, agir e partilhar»⁴⁵⁸. Neste sentido, os Bispos portugueses pedem que:

«As instituições sócio-caritativas da Igreja devem ser dirigidas, animadas e servidas por pessoas com sensibilidade social e dinâmica eclesial. Dos funcionários espera-se que conheçam e aceitem os princípios pelos quais se regem as instituições em que trabalham, tendo presente que a acção destas compromete e dinamiza a comunidade cristã para a partilha dos bens, de tempo e de serviços, em ordem a dignificar os utentes, concedendo-lhes voz e vez na construção da sociedade e da Igreja»⁴⁵⁹.

4.3 CEPAC: uma entrega aos mais desfavorecidos

Tendo como base as reflexões que foram feitas até ao momento, a partir das respostas dadas aos inquéritos pelos colaboradores e voluntários, surge agora de novo outra questão: será que a missão do CEPAC está inteiramente ao serviço do homem, segundo a doutrina social da Igreja? Sabe-se, de antemão, que os voluntários e os colaboradores consideram que esta instituição é importante para a sociedade portuguesa. As razões são diversas (quadro nº 20): a maioria dos inquiridos encara o CEPAC como uma obra preciosa para os imigrantes e para a sociedade lusitana, na medida em que auxilia os vários sofrimentos da população imigrante, entre os quais na procura de emprego, na regularização dos documentos, na inserção na sociedade portuguesa, na protecção dos seus direitos e deveres diante da sociedade que os acolhe; outros justificam que o CEPAC é uma maneira de consciencializar a sociedade portuguesa para que se abra a uma nova relação intercultural, havendo mais solidariedade entre os povos. Porém, há ainda quem considere que tal missão é um risco para a sociedade portuguesa, na medida em que ajuda os imigrantes mas que, de certa forma, prejudica os que são naturais de Portugal.

⁴⁵⁸ CEP, *A Acção Social da Igreja*,... nº 19.

⁴⁵⁹ CEP, *Princípios e orientações da Acção Social e Caritativa da Igreja*, nº 9 (7 de Abril de 2005) in *Lumen* 2 (2005), p. 54.

Quadro nº 20: A importância do CEPAC na sociedade portuguesa

	Nº resposta	%
Sim	26	92,8
Não	0	0
Relativo	1	3,6
Sem resposta	1	3,6
Total	28	100

Tais dados devem ser encarados com entusiasmo para que os serviços prestados pelo CEPAC ao próximo sejam cada vez mais dignos e frutuoso. A parábola do «Bom Samaritano» (Lc 10, 29-37) é um texto que merece destaque para que a missão desta instituição tenha um sentido prático do amor ao próximo. Vê-se, neste texto do Evangelho de São Lucas, que o Samaritano pára, inclina-se, perde o seu tempo para cuidar do homem injustiçado. Poder-se-ão resumir todos estes verbos num único verbo: amar, que, no sentido cristão, tem a sua particularidade. Aqueles que professam a fé cristã acreditam que existe um dinamismo de amor que capacita o ser humano para amar todos os homens, sem distinção⁴⁶⁰, porque Deus é amor, tal como afirma o apóstolo São João (cf. 1Jo 4, 8). Reconhece-se, portanto, que este amor tem a sua origem em Deus e que todos os actos caritativos brotam deste amor recebido e que deve ser transmitido aos outros (cf. Mt 10, 8).

«Só a partir desta experiência profunda de fé se consegue entender a identificação de Cristo com os pobres e dos pobres com Ele. Só se compreende bem esta relação se se conseguir evitar a chamada ‘esquizofrenia da vida cristã’, que coloca, por um lado, o amor a Deus e, por outro lado, o compromisso caritativo em favor dos pobres»⁴⁶¹.

Esta indissolubilidade entre o amor a Deus e o amor ao próximo propõe que os serviços prestados pelo CEPAC não se resumam a um acto assistencialista. O assistencialismo coopera para que os clientes sobrevivam em vez de encontrar os meios necessários para que eles vivam de uma forma digna, libertando-os do abismo da miséria. Se se anda preocupado em, apenas, assistir os imigrantes, arrisca-se a cair num exibicionismo social em vez de «[frutificar] no compromisso dum amor activo e concreto por cada ser humano»⁴⁶². Para isso, tal como afirma Libermann, é essencial «trabalhar por estabelecer entre os homens o reino da caridade universal; devemos

⁴⁶⁰ Cf. BENEDICTUS, PP XVI, *Deus caritas est*, nº 18.

⁴⁶¹ E. FONSECA, *A acção caritativa da Igreja...*, p. 69.

⁴⁶² IOANNES PAULUS PP. II, *Novo Millennio Ineunte*, nº 49.

encarregar-nos da causa dos infelizes. Mas, para isso não basta agir com zelo; é também necessária a prudência»⁴⁶³.

Quadro nº 21: Tempo da residência dos clientes em Portugal

	Nº Respostas	%
De 6 Meses a 1 ano	10	10,6
De 1 a 5 anos	53	56,4
Mais de 5 anos	31	33
Total	94	100

Quadro nº 22: Motivos da imigração dos clientes

	Nº respostas	%
Tratamento da saúde/Acompanhante de um doente	42	44,7
Procura de melhores condições de vida	30	31,9
Prosseguimento dos estudos	6	6,4
Razões políticas	5	5,3
Férias/aventura/turismo	5	5,3
Família em Portugal	5	5,3
Clandestinidade	1	1,1
Total	94	100

Quadro nº 23: Razões que levaram os clientes a abandonarem o seu país de origem

	Nº Respostas	%
Por ter familiares/amigos em Portugal	30	31,9
Por acordos políticos	22	23,5
Por causa da língua portuguesa	12	12,7
Por pensar que em Portugal haveria facilidade em arranjar emprego	7	7,4
Por gostar de Portugal	7	7,4
Por causa da facilidade do visto	6	6,4
Por causa dos tratamentos de saúde	5	5,3
Por ter uma proposta de Trabalho (com contrato)	2	2,2
Por ser uma antiga colónia portuguesa	2	2,2
Por causa dos estudos	1	1,1
Total	94	100

Quadro nº 24: Situação profissional dos Clientes

	Nº Respostas	%
Desempregado(a)	62	66
Não posso trabalhar (visto de estudante/tratamento médico)	18	16
Empregado(a)	6	4,2
Biscates	4	4,2
Part-time	3	3,2
Reformado(a)	1	1,1
Total	94	100

Quadro nº 25: Tempo de apoio recebido pelo CEPAC

	Nº Respostas	%
Menos de 6 meses	19	20,2
De 6 Meses a 1 ano	32	34,1
Mais de 1 ano	39	41,4
Sem resposta	3	3,2
Ainda não recebe apoio	1	1,1
Total	94	100

Quadro nº 26: Apoios recebidos pelas valências do CEPAC

	Nº Respostas	%
Apoio Alimentar	83	27,4
Apoio Médico (Enfermagem, Médico, Medicamentos)	54	17,7
GAEI (Gabinete Social)	53	17,4
GIP (Gabinete de Inserção Profissional)	34	11,1
Apoio Jurídico	32	10,5

⁴⁶³ N.D., XII, p. 272.

Departamento de Inserção/Aulas (Português, Alfabetização, Informática)	20	6,6
Projeto de Integração - Venda da Revista "Cais"	15	5
VOLIIS (Voluntariado para a Integração de Imigrantes na Sociedade)	6	2
Apoio Psicológico Clínico e de Psiquiatria	5	1,6
Banco de Roupas	2	0,7
Total	304	100

Estes quadros (nº 21-26) demonstram as diversas situações do povo imigrante. Recorde-se, no entanto, que muitos destas respostas (quadros nº 19, 20 e 21) repetem-se desde que se iniciou a imigração, em grande massa, para as terras lusitanas. Pode-se, portanto, concluir que, passados perto de cinquenta anos de imigração:

«milhares de pessoas [...] ainda procuram atravessar os desertos e os mares à busca de oásis de paz e prosperidade, duma formação melhor e de maior liberdade. Infelizmente, numerosos refugiados ou deslocados encontram toda a espécie de violência e exploração, senão mesmo a prisão e, frequentemente, a morte»⁴⁶⁴.

Estas palavras proferidas por Bento XVI são realidades conhecidas diariamente pelo CEPAC. Olhando para os quadros nº 21 e 22, encontram-se diversas razões que levaram homens e mulheres, de faixas etárias diversas, a procurar a felicidade fora do seu ambiente cultural de origem. Muitas destas causas já são conhecidas e foram retratadas no início deste capítulo; todavia, é de realçar um dado novo: 5,3% dos inquiridos entraram em Portugal, para fazerem férias, turismo ou aventura, sonhando que aqui poderiam ser mais felizes que nos países de origem.

A base da imigração é a busca constante da felicidade. Infelizmente, muitos destes deslocados são influenciados pela cultura do consumismo, deixando-se absorver pela cultura do ter, pois na medida em que se tem consegue-se ser alguém diante da sociedade. Cai-se num grande risco de viver pelas aparências, querendo possuir os mesmos bens materiais, preferindo, assim, mascarar a sua situação de pobreza. Face a este comportamento materialista, é importante que o CEPAC não opte «por uma postura paternalista que não facilita a promoção das pessoas desfavorecidas, mas que as mantém num atitude passiva e de dependência dos ‘seus benfeitores’»⁴⁶⁵. A caridade paternalista alimenta a pobreza e a miséria, permitindo que os seus clientes vivam obcecados pelo materialismo. Estas exigências são claras nas respostas que muitos dos clientes deram aos inquéritos: pedem que o CEPAC se responsabilize nas despesas dos transportes; que lhes arranje subsídios para o pagamento das rendas de casa e para as despesas da regularização dos documentos; que ajudem a encontrar casas com custos reduzidos; e,

⁴⁶⁴ BENEDICTUS, PP XVI, *Africae munus*, nº 84.

⁴⁶⁵ E. FONSECA, *A acção caritativa da Igreja...*, p. 65.

ainda, que lhes distribua mais alimentos. Tais pedidos são compreensíveis uma vez que a situação financeira dos clientes do CEPAC é reduzida. Alimenta-se, assim, aquela ideologia de que a Europa é rica em recursos e como tal possui meios suficientes para satisfazer as suas necessidades e as suas vontades⁴⁶⁶. A Igreja, consciente da sua missão na acção social, encara que «o homem que se preocupa só ou prevalentemente do ter e do prazer, incapaz já de dominar os seus instintos e paixões e de subordiná-los pela obediência à verdade, não pode ser livre»⁴⁶⁷.

Quadro nº 27: Avaliação dos clientes dos serviços prestados pelo CEPAC

Item	Escala											Total	
	Fraco		Mau		Médio		Bom		Excelente		Sem opinião/Sem Resposta		
	Nº de Resposta	%	Nº de Resposta	%	Nº de Resposta	%	Nº de Resposta	%	Nº de Resposta	%	Nº de Resposta		%
a) Acolhimento aos clientes à chegada no CEPAC	1	1,1	3	3,2	7	7,4	8	8,5	75	79,8	0	0	100
b) Compreensão das informações fornecidas pelos funcionários do CEPAC	1	1,1	1	1,1	12	12,8	20	21,2	63	63,8	0	0	100
c) Respeito pela cultura e pelas tradições dos clientes	1	1,1	0	0	1	1,1	17	18,1	65	69,1	10	10,6	100
d) Conhecimento da legislação portuguesa	14	14,9	11	11,7	19	20,2	16	17	32	34,1	2	2,1	100
e) Empenho do CEPAC na resolução dos problemas dos clientes	4	4,3	10	10,6	23	24,5	22	23,4	30	31,9	5	5,3	100
f) Disponibilidade dos funcionários do CEPAC no atendimento fora das marcações	6	6,4	9	9,6	8	8,5	20	21,3	39	41,4	12	12,8	100
g) A eficácia da metodologia do CEPAC na integração dos clientes	6	6,4	11	11,7	26	27,7	17	18,1	27	28,7	7	7,4	100

Neste sentido, torna-se importante que os clientes desta IPSS não encarem a assistência como quem dá uma esmola a alguém que é miserável, mas que seja uma forma de cuidar do outro promovendo a sua dignidade. Recordando o texto bíblico que inspira esta reflexão, a parábola do Bom Samaritano, é necessário que se aprenda a caminhar com os clientes, sendo aquela presença que sabe acolher, que conhece a história do seu povo e que se interessa pelos seus problemas. Neste sentido, deve-se valorizar a atitude paterna na medida em que se preocupa pelo bem do outro e que,

⁴⁶⁶ Cf. PAULUS PP., *Populorum progressio*, nº 41.

⁴⁶⁷ IOANNES PAULUS PP. II, *Centesimus annus*, nº 41.

apesar de todas as misérias e sofrimentos que o homem carrega como um fardo pesado, saiba consolar o povo com palavras de esperança, encorajando com as mesmas palavras de Jesus: «Levantai-vos! Vamos!» (Mc 14, 32). Embora estas palavras proferidas por Jesus, no jardim das Oliveiras, antes da Sua condenação à morte de Cruz, não deixem de ser palavras que revelam força e alento para os seus discípulos, da mesma forma, podem ser dirigidas a cada um dos clientes do CEPAC, para que sintam que não estão abandonados à sua sorte, mas que possuem um apoio, em quem podem confiar, para suportar os seus males.

Aproximar-se do outro significa que o ama e que lhe quer bem, ajudando-o a alcançar a felicidade que tanto deseja. Este desejo só se realiza na medida em que cada colaborador e voluntário vive numa atitude de auto-esvaziamento, tal como é proposto pela espiritualidade espiritana, para se abrir totalmente ao outro, sem o julgar. O auto-esvaziamento desdobra-se em serviço, na medida em que cada colaborador ou voluntário deixe de pensar que possui todos os recursos – formação adequada, até mesmo a elevada experiência nesta área social – suficientes para irradiar os sofrimentos das centenas de clientes que o CEPAC se dispõe a socorrer. Se se fixa o olhar para estes recursos como única solução, constrói-se uma barreira para o diálogo e para a promoção da dignidade humana dos imigrantes, uma vez que se pensa que o CEPAC é aquela instituição que tem todos os meios para ensinar e ajudar os imigrantes, encarando-os como homens sem forças. Esta trave promove aquela velha ideologia, bem presente nas sociedades de consumo, de que existem duas classes sociais, em que uns são superiores aos outros. É urgente que haja uma consciencialização de que a pessoa deslocada é um ser humano, e como o CEPAC é, acima de tudo, uma instituição com uma identidade cristã, deve olhar o outro como um irmão⁴⁶⁸. Desta forma, metamorfoseia o assistencialismo materialista num acto de amor que sabe acolher o outro como um irmão. Neste contexto, é interessante ler um comentário de Bento XVI à parábola do «Bom Samaritano» que retrata e encoraja a viver a caridade como uma força que dinamiza para a responsabilidade pelo outro:

«Devemos – é verdade – dar ajudas materiais e examinar o nosso género de vida. Mas daremos demasiado pouco, se dermos apenas matéria. [...] Devemos, a partir do nosso íntimo, aprender de novo o risco da bondade; só seremos capazes disso, se nós mesmos nos tornarmos interiormente ‘bons’ e se tivermos também o olhar capaz de individuar o tipo de serviço, que, no meu ambiente e

⁴⁶⁸ Cf. CEP, *Princípios e orientações da Acção Social e Caritativa da Igreja*, nº 9..., p. 53.

na área mais alargada da minha vida, me é exigido, me é possível e consequentemente também me é confiado como tarefa»⁴⁶⁹.

As palavras transcritas de Bento XVI convidam a que os actos caritativos não sejam ocultos, nem se resumam a actos externos num simples gesto de dar bens materiais, mas que todas as acções, em prol dos desprotegidos da sociedade contemporânea, partam sempre do íntimo do coração. Os contactos com as realidades dramáticas de muitos homens e mulheres que se dirigem ao CEPAC, são propícios a que se encaminhem na direcção do coração. É verdade que muitas das histórias que se ouvem emocionam e, talvez, por isso, para brotar a bondade para com os outros.

A opção pelos mais pobres – como parte integrante da missão espiritana e visível pelo CEPAC – implica que se tenha uma vida simples, honesta e partilhada, que transfigure o estilo de vida de cada um dos membros desta IPSS⁴⁷⁰. Na verdade, que adianta defender os direitos das pessoas deslocadas, se, na vida quotidiana, depois de cumprir o horário de trabalho, não se deixar converter?

É urgente tomar consciência de que o mundo se encontra dividido: «hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco»⁴⁷¹. Em cada história dramática dos clientes, esta realidade não passa despercebida pelo facto de que existem barreiras que impossibilitam que o homem seja cada vez mais humano, pois prevalece, na vida de um imigrante, a dimensão burocrática sobre humana. Tal dimensão torna-se visível, por exemplo, quando um imigrante que quer regularizar a sua documentação, mas que não pode fazê-lo, porque não possui um contacto de trabalho; ao mesmo tempo, não consegue um emprego se não estiver legalmente autorizado, tendo um documento de residência – uma das razões que leva milhares de imigrantes a pedir ajuda ao CEPAC. Vê-se, então, que os imigrantes «correm o risco de serem considerados ‘inexistentes’ e podem facilmente ver negados os seus direitos fundamentais»⁴⁷².

Todos estes factos devem chamar à atenção para que a missão do CEPAC se preocupe com o homem, olhando para o imigrante não apenas, como aquele que busca concretizar as suas necessidades humanas a fim de alcançar a felicidade, mas com os olhos de amor que «[pode] dar ao outro muito mais do que as coisas externamente

⁴⁶⁹ Cf. J. RATZINGER (BENTO XVI), *Jesus de Nazaré*, Lisboa: A esfera dos livros, 2007, 255.

⁴⁷⁰ Cf. CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Reavivai o dom que recebestes...*, nº 1.1.4.

⁴⁷¹ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 53.

⁴⁷² PONTÍFICIO CONSELHO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES; PRONTÍFIO CONSELHO COR UNUM – *Acolher Cristo nos refugiados e nas pessoas deslocadas à força...*, nº 70.

necessária»⁴⁷³. A capacidade de olhar o outro com amor permite que os colaboradores e voluntários realizem as suas tarefas não apenas como profissionais mas como seres humanos profissionais que não têm medo de se aproximar do outro, tal como Jesus fez ao longo da sua vida pública em que preferiu, de modo particular, os que eram excluídos da sociedade. Tal riqueza cristã, enraizada na espiritualidade espiritana, converte o significado de cada gesto caritativo pontual, em gestos carregados de amor para a vida dos clientes. Se não existe esta conversão, todas as acções reduzir-se-ão a uma «tentativa de ancoragem num certo tipo de segurança demonstrativa de bondade à custa dos pobres»⁴⁷⁴.

A bondade, fruto do amor ao próximo, é que possibilita que a vida de um imigrante se torne diferente. Não se pretende que o CEPAC satisfaça todas as vontades pessoais dos seus clientes, pois muitas vezes é necessário negar certas ajudas para que estes percebam que a missão desta IPSS é de fazer com que os seus clientes vivam totalmente autónomos, encorajando-os a fazer opções concretas face ao mundanismo e ao consumismo⁴⁷⁵. Nesta perspectiva negar certo tipo de ajudas, sabendo que não são fundamentais nem primordiais, ajuda a «combater as verdadeiras causas da pobreza»⁴⁷⁶ na medida em que se aceite que a missão do CEPAC não é facilitar a vida dos seus clientes, mas de oferecer oportunidades concretas para que o ser humano se engrandeça cada vez mais enquanto homem⁴⁷⁷.

Negar algo a alguém causa descontentamentos. Ao analisar o quadro nº 27, observa-se que nem sempre a missão do CEPAC é compreendida e interpretada da mesma maneira por todos os clientes. Todavia, é importante que esta obra social não perca a capacidade de continuar a sua missão, consciencializando-se que é sempre importante servir o homem, sem buscar interesses pessoais. Este quadro revela que os clientes estão, na sua grande maioria, satisfeitos pela excelência dos serviços: as diversas valências, desde o acolhimento até ao atendimento personalizado (79,8%); pela disponibilidade dos funcionários (41,4%); as orientações dadas pelos funcionários que se esforçam para que o cliente consiga resolver os seus problemas (63,8%); e o respeito pelas diversas dimensões da cultura de origem dos clientes (69,1%). Todos estes valores agradam aos clientes. Todavia, sabe-se que nem todos os serviços prestados são

⁴⁷³ BENEDICTUS, PP XVI, *Deus caritas est*, nº 18.

⁴⁷⁴ E. FONSECA, *A acção caritativa da Igreja...*, p.108.

⁴⁷⁵ Cf. IGREJA CATÓLICA, *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2446; cf. tb. CEP, *A Acção Social da Igreja...* nº 12.

⁴⁷⁶ CEP, *Princípios e orientações da Acção Social e Caritativa da Igreja*, nº 8..., p. 54.

⁴⁷⁷ Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 192.

perfeitos, o que faz com que sempre haja necessidade de mudança e de conversão. Para isso, é importante que os clientes sintam que a missão do CEPAC se destina servi-los, esforçando-se por encontrar soluções para as suas necessidades, quer implícitas quer explícitas, para que possam alcançar a felicidade que tanto desejam.

A felicidade do homem alcança-se quando se reconhece que o outro é um irmão. Tal referência, em que se foi insistindo ao longo desta reflexão, obriga a que se tenham gestos concretos, nos quais, com a ajuda da espiritualidade espírita, se consiga tocar no coração do homem e fazer com que haja reciprocidade, na medida em que os colaboradores e os voluntários se deixem tocar pela presença do irmão, que é sempre uma riqueza. Quando se vê o outro como um irmão, não se encara, unicamente, como alguém que transporta diversos problemas, mas como um homem que espera encontrar remédio para as suas feridas.

A receita de que estes homens carecem é que haja braços abertos para os acolher. Os imigrantes são homens e mulheres que se sentem humilhados e rebaixados diante dos outros membros da sociedade uma vez que a felicidade que tanto procuram mais parece uma utopia. Deve-se, portanto, desenvolver a capacidade empática face aos problemas que os clientes carregam, mantendo aquele princípio de saber «quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor»⁴⁷⁸. Quando o amor fala, nasce a bondade para com o outro nas suas diversas manifestações: na capacidade de acolher, de olhar, de sorrir, sem que se caia em julgamentos face aos dramas vividos. Assim, o acolhimento levanta aqueles que andam caídos e lhes propõe um caminho esperançoso⁴⁷⁹.

Todas estas acções se concretizam quando se fomenta uma «autêntica cultura de acolhimento»⁴⁸⁰, onde se seja capaz de dar, para além dos bens materiais (roupa, alimentos, medicamentos, etc.), o tempo e a amizade⁴⁸¹. Não se pretende que esta dedicação seja uma forma irresponsável de responder às necessidades dos irmãos, mas de perceber que estes homens e mulheres deslocados necessitam de ser, antes de tudo, amados. Daí que se torna importante – que alguns clientes referiram nos inquéritos – que se tenha atenção ao modo de falar, de entregar os bens materiais. São gestos que

⁴⁷⁸ BENEDICTUS, PP XVI, *Deus caritas est*, nº 31.

⁴⁷⁹ Cf. E. FONSECA, *A acção caritativa da Igreja...*, p.79.

⁴⁸⁰ PONTÍFICO CONSELHO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES; PRONTÍFIO CONSELHO COR UNUM – *Acolher Cristo nos refugiados e nas pessoas deslocadas à força...*, nº 85.

⁴⁸¹ PONTÍFICO CONSELHO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES; PRONTÍFIO CONSELHO COR UNUM – *Acolher Cristo nos refugiados e nas pessoas deslocadas à força...*, nº 83.

aparentemente são insignificantes mas que demonstram que a vida de cada cliente é mais preciosa que as tradições culturais, que a língua e que a burocracia. Diante destas acções singelas, o CEPAC testemunha que o seu principal objectivo, e que está na raiz da sua fundação, é estar com os imigrantes e não para os imigrantes⁴⁸².

Se tais acções caritativas não partem do íntimo do coração, tal como afirmava Bento XVI, exteriorizando o que se sente, então, é sinal que os serviços do CEPAC podem ser realizados por uma outra instituição.

5. Observação final

A identidade espiritana – alimentada pela Sagrada Escritura e pela riqueza espiritual de Poullart des Places e de Libermann – deve capacitar a olhar o homem com o «coração que vê»⁴⁸³ as necessidades do homem, sabendo dar-lhes respostas, não a partir de programações ou de soluções estabelecidas, mas a partir do amor que brota de uma opção pelos pobres. Certamente, se não fosse este amor que encaminha em direcção aos pobres, a Congregação não existiria ou então perderia o seu carisma, como dom de Deus dado à humanidade.

Poullart des Places e Libermann, ao acolher o carisma espiritano, pretendem que seja Deus a agir na história da humanidade, enviando a todos (religiosos espiritanos, leigos e até mesmo aqueles que deixaram esfriar a sua fé ou então que afirmam que são ateus) a serem no mundo a epifania do amor de Deus. Assim, o carisma e a espiritualidade espiritana desafiam para que nunca se perca esta sensibilidade de estar ao lado dos mais débeis da sociedade. A tradição espiritana encoraja para que se realize uma autêntica pastoral sócio-caritativa onde cada um dos colaboradores e voluntários sinta que tem uma oportunidade de aperfeiçoar a qualidade do seu trabalho através do amor, ou, utilizando uma expressão espiritana, com zelo apostólico. Ora se se pretende promover a dignidade da pessoa humana, é necessário que nunca se perca a unidade entre a humanidade-professionismo, onde a se caridade torne num «dar-me eu próprio a ele [pobre]; para que o dom não humilhe o outro, não devo dar-lhe apenas qualquer coisa minha, mas dar-me a mim próprio, devo estar presente no dom como pessoa»⁴⁸⁴. A dimensão de fé implanta no CEPAC uma nova missão de participar no projecto salvífico de Deus na história dos homens, que teve o seu cume em Jesus Cristo:

⁴⁸² Cf. E. FONSECA, *A acção caritativa da Igreja...*, p.114.

⁴⁸³ BENEDICTUS, PP XVI, *Deus caritas est*, n° 31.

⁴⁸⁴ BENEDICTUS, PP XVI, *Deus caritas est*, n° 34.

«O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos a recuperação da vista; mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor» (Lc 4, 18-19).

As acções de Jesus Cristo, que assumiu a humanidade do homem, para se tornar mais próximo dos sofrimentos humanos, inspira a espiritualidade espiritana para que não seja um dinamismo fechado em si mesmo, mas aberto a uma nova relação entre os homens, sendo sempre no mundo «sal da terra e luz no mundo» (Mt 5, 13.14). Por isso, uma espiritualidade não prejudica a acção social; bem pelo contrário, a espiritualidade espiritana propõe que se percorra um novo caminho, onde se derrubem todas as barreiras que impedem o homem de ser mais homem. A espiritualidade espiritana, como resposta ao Evangelho,

«[...] comporta sempre um desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela. Amamos este magnífico planeta, onde Deus nos colocou e amamos a humanidade, com todos os seus dramas e cansaços, com os seus anseios e esperanças, com os seus valores e fragilidades»⁴⁸⁵.

Neste sentido, e como forma de conclusão desta reflexão, poder-se-á dizer, com as mesmas palavras de Libermann: «A caridade não faz perder a caridade, isto é, a caridade que se pratica com os homens não lhe fará perder a caridade com Deus; pelo contrário, aperfeiçoa-a, aumenta-a»⁴⁸⁶.

⁴⁸⁵ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 183.

⁴⁸⁶ N.D., X, p. 293.

CONCLUSÃO

Desde a fundação da Congregação do Espírito Santo por Cláudio Poullart des Places, em 1703, e que, em 1848, uniu à Sociedade do Imaculado Coração de Maria, fundada por Francisco Libermann, houve sempre a preocupação de que os seus membros fossem enviados para estarem e viverem ao lado dos mais pobres. Poullart des Places, ao encontrar-se com os estudantes pobres, sentiu-se interpelado em sair de si mesmo e dedicar-se inteiramente ao serviço dos outros para promover a dignidade humana e a prepará-los para os trabalhos pastorais mais difíceis, pois não encontrava clero disponível para exercer um ministério ao lado dos mais esquecidos da sociedade. Para isso, Poullart des Places preocupou-se com a qualidade da formação a nível humano, cristão e teológico. Libermann, por sua vez, ao contactar com Vavas seur e Tisserant, sentiu-se interpelado a abandonar os seus projectos para se dedicar, de alma e de coração, ao novo projecto de evangelização dos negros libertos pelo drama da escravidão. Através da preocupação destes dois fundadores, a história desta Congregação caracteriza-se por uma identidade que lhe é própria e, como tal, não se pode perder: de ser, no meio do povo marginalizado e esquecido, sinal de Deus.

Esta identidade surge pelo carisma e por uma espiritualidade que faz com que os espiritanos anunciem hoje, directa ou indirectamente, a Boa Nova de Cristo Ressuscitado. Desta forma, deve-se olhar para o carisma como um dom de Deus oferecido à humanidade, através da acção do Espírito Santo. O carisma torna-se, assim, a presença de Deus que purifica e encoraja a Igreja a permanecer fiel ao seu projecto: «Ide e fazei-vos discípulos de todos os povos» (Mt 28, 19). Este mandato convida a Igreja a ser serva de todos os homens de todas as épocas históricas, estando atenta às suas necessidades espirituais, pastorais e sociais. De facto, o carisma é o dom que impulsiona a amar todos os homens porque, em primeiro lugar, se sentiu amado por Deus.

Todavia, não se pode esquecer que o homem vive na fragilidade e que, por isso, se desvia facilmente deste dinamismo de amor. É um desvio que fecha o homem em si mesmo, perdendo qualquer referência de Deus na sua vida e na sua relação com os outros. Tal perda da presença de Deus, faz com que cada um viva preocupado em satisfazer as suas necessidades, os seus desejos e os seus sonhos, fazendo com que a fé em Deus seja apenas uma ideologia bela e bonita... mas não incarna e não orienta a existência humana.

Para não perder esta referência de Deus na vida do homem é necessário que viva buscando Deus, vivendo em comunhão com Deus que o abre a olhar o outro como um irmão. Para isso, é necessário que o homem tome consciência da sua fragilidade, dos seus limites para que o Espírito Santo o guie, o purifique e o ajude a ser portador da Boa Nova libertadora. Neste sentido se percebe a importância da espiritualidade.

A espiritualidade permite que não se perca o dom recebido gratuitamente, abrindo-se aos irmãos por e em nome de Cristo. Na verdade, através de uma vivência cristocêntrica, o homem torna-se capaz de olhar e de sair de si mesmo em direcção ao outro e, de maneira especial, a todos aqueles seres humanos que vivem em condições miseráveis, com o mesmo olhar de Cristo. Um olhar que quebra as correntes do egoísmo, do individualismo, para ser no mundo a epifania de Deus. A vivência cristocêntrica é um convite para que se viva buscando Deus através de Cristo e pela força do Espírito Santo para que seja, no meio da sociedade, o odor de Cristo que vem instaurar, no coração do homem, a certeza de que cada ser humano é um ser especial para Deus.

Ser perfume de Cristo nasce a partir do momento em que se é baptizado. Por isso, cada baptizado deve procurar seguir e imitar Cristo em todos os actos. Graças ao sacramento do Baptismo, o cristão é incorporado num dinamismo de fé que o abre a uma nova relação com Deus e com os irmãos. Tal dinamismo de fé faz com que todos os actos caritativos não sejam apenas uma assistência, mas levam-na tomar consciência de que «o amor autêntico é sempre contemplativo, permitindo-nos servir o outro não por necessidade ou vaidade, mas porque é belo, independentemente da sua aparência»⁴⁸⁷.

A vida religiosa nasce deste dinamismo da fé, iniciada pelo sacramento do Baptismo e confirmada pelo Óleo do Santo Crisma. Assim, alguns cristãos são interpelados por Deus a consagrarem-se e viverem numa autêntica dependência confiante em Deus, visível pelo carisma e pelo modo de viver, segundo o espírito evangélico.

As famílias religiosas são, portanto, convidadas pelo Concílio Vaticano II a regressarem à fonte carismática dos fundadores (cf. PC, 2) que determina o seu modo de estar e de anunciar o Evangelho. Ao olhar para os fundadores como pedagogos, percebe-se que todo o serviço apostólico que é feito ao homem se baseia numa vida activa e apaixonada por Cristo. Assim, toda a acção pastoral torna-se frutuosa na

⁴⁸⁷ FRANCISCUS PP, *Evangelii Gaudium*, n° 199.

medida em que se revela a sua pertença a Cristo, através da profissão religiosa onde se afirma: «Já não sou eu que vivo é Cristo que vive em mim» (Gal 2, 20). Sentir-se apaixonado por Cristo significa que Cristo, pela acção do Espírito Santo, dinamiza a existência humana para que saia ao encontro dos outros, vivendo em coerência com o espírito evangélico. Na verdade, a Palavra de Deus impulsiona a não se acomodar a tal ponto que se vai tomando consciência de que, como afirma o Papa Francisco: «Eu sou a missão nesta terra, e para isso estou neste mundo»⁴⁸⁸.

Ao olhar para Cláudio Poullart des Places e Francisco Libermann apercebe-se que não se pode ficar indiferente com o que se passa no mundo, porque é neste ambiente que o Evangelho necessita de ser anunciado. O resultado deste regresso à biografia dos fundadores obriga a ter um melhor conhecimento da herança carismática e espiritual deixada e vivida na Congregação ao longo destes 311 anos de história. Deste modo, ao longo desta dissertação, reflectiu-se sobre a importância da espiritualidade na acção pastoral, mas de um modo concreto na acção pastoral sócio-caritativa, realizada pelo CEPAC. Ao ler os documentos da Congregação, vê-se que os espiritanos estão conscientes de que a sua missão é ir e estar nos lugares mais difíceis e pobres, onde não haja obreiros disponíveis para viver e anunciar o Evangelho.

Porém, devido ao actual contexto social em que muitos vivem indiferentes à fé e que a mensagem evangélica não lhe diz nada, sente-se que existe uma separação entre a dinâmica da fé e da acção social. Na verdade, não é necessário ter fé para solidarizar-se com os que vivem em grandes dificuldades, entre os quais os imigrantes. Contudo, a fé em Jesus Cristo impulsiona para que a acção social não seja simplesmente um gesto caritativo e periódico como quem oferece uma esmola a um pobre. A fé contribui para que se olhe para o outro como um irmão que necessita de ser curado das suas feridas e de ser restituído à sociedade. E, para isso, a fé convida a amar o outro e aceitá-lo tal como ele é; a fé convida a abrir os horizontes para que não se faça do outro um objecto, para que se sinta feliz em dar algo ao outro. A perspectiva da fé transforma o amar em dar-se ao outro totalmente, valorizando o outro com um dom incalculável e que, por isso, se consegue promover a dignidade humana. Desta forma, a caridade não se fundamenta em leis ou normas, mas todos os gestos manifestem que o outro é amado. Neste sentido, a espiritualidade espiritana convida a amar o outro sem olhar a quem.

A partir deste longo e denso caminho proposto ao longo desta reflexão, apresento algumas ideias em formato de conclusão desta dissertação.

⁴⁸⁸ FRANCISCUS PP, *Evangelii Gaudium*, n° 273.

O CEPAC, ao querer apoiar os imigrantes, inspirado pelo carisma dos fundadores, pretende valorizar a vida humana dos imigrantes através de meios concretos a partir dos quais se promove a sua dignidade. A criação das diversas valências com a colaboração de outras ciências, pretende que o apoio não seja apenas um assistencialismo, mas um apoio integral para que sintam que, apesar de todos os sofrimentos e feridas, existe, ainda, a possibilidade de terem melhores condições de vida. Na verdade, diversas pessoas oriundas dos diversos países sentem a necessidade de serem acompanhadas e de serem amadas. A fé impulsiona a não fechar-se a um pequeno grupo daqueles países que historicamente estão ligados a Portugal, mas a abrir os braços para acolher todos os homens que necessitam de uma força para viver, vivendo, assim, a universalidade.

Ao mesmo tempo, a fé em Jesus Cristo impulsiona os espiritanos a continuarem com esta acção pastoral sócio-caritativa. Na verdade, o mais importante é que não se procure, através das suas acções, impor o Evangelho a ninguém, nem aos colaboradores, nem aos voluntários, nem aos clientes. Mas, através do seu modo de viver e de estar, em plena coerência com o espírito evangélico, donde surgiu o carisma e a espiritualidade espiritana, testemunham o quanto é belo e gratificante ser um dom para os outros. Na verdade, é-se convidado a deixar de pensar em si, fechando-se nos projectos e nas vontades pessoais, mas abrir-se ao outro, acolhendo o outro como um irmão. Desta forma, esta acção pastoral não se centraliza em leis, normas ou métodos de trabalho, mas na pessoa que possui um valor incalculável. Assim sendo, a caridade deixa de ser uma esmola que se dá a alguém e «um peso que nos desgasta, mas uma opção pessoal que nos enche de alegria e nos dá uma identidade»⁴⁸⁹. Ao testemunhar o impulso interior suscitado pelo Espírito Santo permite valorizar as outras ciências humanas e sociais para que, em conjunto, sintam que, através do seu esforço e dedicação, conseguem semear, entre todos os homens, os de nacionalidade portuguesa e os oriundos de outras nações, uma verdadeira e fecunda fraternidade.

A terceira ideia que se pretendeu salientar ao longo desta dissertação é a sensibilidade de Poullart des Places e de Libermann. Estes dois homens foram sinal de que é possível fazer algo ao outro, mas que para isso tem que se estar atento às necessidades do tempo, ou utilizando uma expressão do Concílio Vaticano II, «reconhecer os sinais dos tempos». A Congregação do Espírito Santo, através da realidade social de Portugal, soube adaptar-se para que, a partir do seu carisma,

⁴⁸⁹ FRANCISCUS PP, *Evangelii Gaudium*, n° 269.

estivesse atenta ao drama das imigrações em que milhares de homens e mulheres, por motivos diversos, abandonaram os seus países, para encontrarem, em Portugal, meios concretos para satisfazer as suas necessidades básicas, para que pudessem alcançar a felicidade. De facto, os imigrantes viviam esperançosos que as suas vidas seriam mais fáceis nas terras lusitanas; mas, na realidade, o êxodo trouxe consigo outros desafios. Diversos espiritanos portugueses estiveram atentos para que esta esperança não fosse cancelada, propondo, assim, ao Patriarcado de Lisboa, projectos de uma pastoral sócio-caritativa. Vê-se, portanto, que os espiritanos sempre se mostraram preocupados em acompanhar as diversas histórias dos imigrantes, à imagem da parábola do «Bom Samaritano». Sente-se, por isso, que esta imagem não se deve perder e que, ao mesmo tempo, deve encorajar esta Congregação para que o acolhimento dos imigrantes não entre na regularidade, mas, pelo contrário, que cada voluntário e colaborador se esforce em cuidar do outro, acompanhando-o como um ser humano, que é irrepetível. No meio do hábito de assistir os clientes do CEPAC, o coração não pode endurecer, mas deve continuar a sentir compaixão pelo outro, disponibilizando-se em prestar serviços de amor, fazendo sentir que, apesar de toda a diversidade cultural, racial, étnica, existe algo que une cada ser humano: a necessidade de amar e de ser amado. É a partir desta doação que todos os gestos caritativos fazem com que o outro seja cada vez mais homem.

De facto, o grande desafio do CEPAC, tendo como influência o carisma e a espiritualidade espiritana, é de não procurar atingir o maior número de pessoas a quem prestam apoio, vangloriando-se pelo sucesso que se vai tendo, mas que se esforcem para que nos simples gestos ordinários – acolhimento, o modo como se fala e se atende, a delicadeza na entrega dos bens... – se valorize a pessoa humana, não querendo formatá-la para que simplesmente se integre na cultura do país que acolhe, mas que possibilitem que haja um enriquecimento mútuo, uma vez que o outro também tem algo a oferecer.

Em suma, esta dissertação pretende mostrar que estar atento aos mais frágeis da sociedade não significa tornar a pastoral sócio-caritativa um acto meramente externo, resumindo-a na acção do dar. Uma verdadeira e autêntica acção junto dos mais fracos obriga que se tome consciência que é necessário conversão: uma conversão para que não continuem a existir nas sociedades duas classes sociais; uma conversão que não torna a acção caritativa num acto de dar, mas num dar-se; uma conversão em que se esquece o individualismo e abre o coração do homem a uma relação fraterna com o outro. Olhando para a biografia e a história da Congregação penso que estes são os desafios postos à missão da Igreja neste campo. Desde o tempo de Poullart des Places

aos dias de hoje, sempre houve a preocupação pela pessoa em si, concedendo-lhe meios concretos para que possa crescer e tornar-se mais humana. Neste sentido, vale ainda a pena recordar as palavras do Papa Francisco: «qualquer comunidade da Igreja, na medida em que pretender subsistir tranquila sem se ocupar criativamente nem cooperar de forma eficaz para que os pobres vivam com dignidade e haja inclusão de todos, correrá também o risco da sua dissolução, mesmo que fale de temas sociais ou critique os Governos. Facilmente acabará submersa pelo mundanismo espiritual, dissimulado em práticas religiosas, reuniões infecundas ou discursos vazios»⁴⁹⁰.

Nesta primeira abordagem sobre a encarnação da espiritualidade espiritana nas acções sociais levanta ainda outras questões, o que faz com que este trabalho seja o ponto de partida para outras reflexões, até mesmo aprofundar ainda mais este tema.

Ao terminar este trabalho, gostaria de agradecer a tantos que contribuíram para que chegasse ao fim: agradeço aos espiritanos que disponibilizaram tempo, material para que este estudo fosse, na medida do possível, completo; ao Director-Técnico, aos colaboradores, voluntários e os clientes que se disponibilizam em responder aos inquéritos que me ajudaram a levantar e a reflectir sobre os diversos desafios que o CEPAC coloca ao carisma e à espiritualidade espiritana; por fim, e não menos importante, aos meus orientadores, Dr. Abel Canavarro e à Dr^a. Helena Gil que me acompanharam e encorajaram ao longo desta reflexão.

⁴⁹⁰ FRANCISCUS PP, *Evangelii Gaudium*, n° 269.

BIBLIOGRAFIA

1. FONTES

CENTRO PADRE ALVES CORREIA, *Estatutos do Centro Padre Alves Coreia*, 1992.

CENTRO PADRE ALVES CORREIA, *Relatórios de Actividades*.

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Aonde nos conduz o Espírito. Capítulo Geral 1992*, Itaiçi (Brasil).

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Faz-te ao largo. Capítulo Geral 1998*, Maynooth (Irlanda).

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Reavivai o dom que recebestes. Capítulo Geral 2004*, Torre d'Aguilha (Portugal).

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, *Sede fervorosos no Espírito. Capítulo Geral 2012*, Bagamoyo (Tanzânia).

Écrits Spirituelles du Vénérable Père Libermann, Paris: Gaume, 1891.

LÉCUYER, Joseph – Les écrits de Claude-Poullart des Places (1679-1709) in *Cahiers Spiritains* 16, (1983).

Lettres Spirituelles du Vénérable Libermann, vol.III, Paris: Poussielgue, 1889^{3ª ed.}

LIBERMANN, François – *Commentaire de l'Évangile selon Saint Jean*, Paris: Nouvelle Cité, 1987.

Notes et Documents Relatifs à la Vie et à l'œuvre du Vénérable François-Marie-Paul Libermann. Paris: Maison-Mère, Tome I-XIII, 1929-1941.

PROVINCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO – *Renovar o nosso espírito Missionária na alegria e na esperança*. V Capítulo Provincial, Aguilha, 1990.

PROVINCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO – *Experiências significativas*. VI Capítulo Provincial, Aguilha, 1994.

Règle Provisoire des Missionnaires de Libermann. Texte et commentaire, pro manuscrito, Paris: Maison Mère.

REGRA DE VIDA ESPIRITANA, ed. 2013.

2. DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

CELAM - Documento final da V Conferência Geral, Aparecida, 13-31 de Maio de 2007.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II - Constituição Dogmática sobre a Divina Revelação (Dei Verbum), Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997^{2ª ed.}, pp. 109-130.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II - *Constituição Dogmática sobre a Igreja (Lumen Gentium)*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997^{2º ed.}, pp. 11-108.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II - *Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997^{2º ed.}, pp. 184-302.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II – *Decreto sobre o apostolado dos leigos (Apostolicam Actuositatem)*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997^{2º ed.}, pp. 437-481.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II - *Decreto sobre a conveniente renovação dos Institutos Religiosos das sociedades de vida em comum, sem votos e dos Institutos Seculares (Perfectae Caristatis)*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997^{2º ed.}, pp. 417-436.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALINA - *Carta aos que procuram Deus* (12 de Abril de 2009) in *Lumen* 6 (2009), pp. 8-47.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – *Instrução Pastoral A Acção Social da Igreja*, Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1997.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – *Princípios e orientações da Acção Social e Caritativa da Igreja* (7 de Abril de 2005) in *Lumen* 2 (2005), pp. 53-55.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA - *Alegrai-vos. Carta circular aos consagrados e consagradas, a partir do magistério do Papa Francisco*, Lisboa: Paulinas Editora, 2014.

CONSEIL PERMANENT DE LA CONFÉRENCES DES ÉVÊQUE DE FRANCE - «*Qu'as-tu fait de ton frère?*» in *La Documentation catholique*, (20) 2006, pp. 1024-1029.

CONSELHO PONTÍFICIO COR UNUM; CONSELHO PONTÍFICIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES – *Os refugiados. Um desafio à solidariedade*, Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1992.

CONSELHO PONTÍFICIO JUSTIÇA E PAZ – *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Cascais: Principia, 2005.

IGREJA CATÓLICA - *Catecismo da Igreja Católica*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999^{2º ed.}

IGREJA CATÓLICA, *Código de Direito Canónico*, Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1995^{4º ed.}

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 1963-1978 (PAULO VI) – *adhortatio apostolicae Evangelica Testificatio* in AAS 63 (1971), pp. 497-586.

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 1963-1978 (PAULO VI) – *adhortatio apostolicae Evangelii Nuntiandi* in AAS 68 (1976), pp. 5-76.

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 1963-1978 (PAULO VI) – litterae enciclicae *Ecclesiam suam* in AAS 56 (1969), pp. 609-659.

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 1963-1978 (PAULO VI) – litterae enciclicae *Populorum progressio* in AAS 59 (1967), pp. 257-299.

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 1978-2005 (JOÃO PAULO II) – adhortatio apostolicae *Vita Consecrata* in AAS 88 (1996), pp. 377-486.

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 1978-2005 (JOÃO PAULO II) – adhortatio apostolicae *Christifideles laici* in AAS 81 (1989), pp. 394-521.

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 1978-2005 (JOÃO PAULO II) – adhortatio apostolicae postsynodalis *Ecclesia in Europa* in AAS 95 (2003), pp. 649-719.

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 1978-2005 (JOÃO PAULO II) – *Epistula ad universos ecclesiae sacerdotes adveniente feria V in Cena Domini* in AAS 71 (1979), pp. 393-417.

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 1978-2005 (JOÃO PAULO II) – epistula apostolica *Novo Millennio Ineunte* in AAS 93 (2001), pp. 266-309.

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 1978-2005 (JOÃO PAULO II) – litterae enciclicae *Redemptoris Missio* in AAS 83 (1991), pp. 249-340.

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 1978-2005 (JOÃO PAULO II) – litterae enciclicae *Sollicitudo rei socialis* in AAS 80 (1988), pp. 513-586.

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 1978-2005 (JOÃO PAULO II) – litterae enciclicae *Centesimus annus* in AAS 83 (1991), pp. 795-867.

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 2005-20013 (BENTO XVI) – adhortatio apostolicae postsynodalis *Africae munus* in AAS 104 (2012), pp. 239-314.

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 2005-20013 (BENTO XVI) – adhortatio apostolicae postsynodalis *Verbum domini* in AAS 102 (2010), pp. 681-787.

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 2005-20013 (BENTO XVI) – Homilia na Eucaristia do início do ministério petrino de Roma (24 de Abril de 2005) in AAS 95 (2005), pp. 707-712.

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 2005-20013 (BENTO XVI) – litterae encyclicae *Deus caritas est* in AAS 96 (2006), pp. 217-252.

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 2013- (FRANCISCO) – adhortatio apostolica *Evangelii gaudium* in ASS 105 (2013), pp. 1019-1137

IGREJA CATÓLICA. PAPA, 2013- (FRANCISCO) – litterae encyclicae *Lumen Fidei* in AAS 105 (2013), pp 556-596.

PONTÍFICIO CONSELHO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES; PRONTÍFIO CONSELHO COR UNUM – *Acolher Cristo nos*

refugiados e nas pessoas deslocadas à força. Directrizes pastorais, 2010 (in http://www.pcmigrants.org/documento%20rifugiati%202013/930_PORT.pdf)

3. INSTRUMENTOS DE TRABALHO

BOTTEREAU, Georges - «Lallemant» in VILLIER, Marcel (dir.) – *Dictionnaire de Spiritualité. Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, vol. IX, Paris : Beauchesne, 1976, col. 125-135.

CLÉMENT, Élisabeth et al. - *Dicionário Prático de Filosofia*, Corroios: Terramar, 1999^{2º} ed.

GUERRA, Augusto - «Espiritualidade» in A. RODRIGUES - J. CASCAS, *Diccionario Teológico de la Vida Consagrada*, Madrid: Publicaciones Claretianas, 1989, pp. 573-594.

LECUYER, Joseph – «Docilité au S. Esprit» in VILLIER, Marcel (dir) – *Dictionnaire de Spiritualité. Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, vol. III, Paris : Beauchesne, 1957, col. 1471-1497.

LILLA, Salvatore – «Neoplatonismo» in BERARDINO, Angelo Di – *Diccionario Patristico y de la antigüedad cristiana*, vol. II, Salamanca: Ediciones Sígueme, 1992, pp. 983-994.

MACKENZIE, John – «casa» in *Dicionário bíblico*, São Paulo: Edições Paulinas, 1983, pp. 152-155.

MACKENZIE, John – «espírito» in *Dicionário bíblico*, São Paulo: Edições Paulinas, 1983, pp. 303-308.

MACKENZIE, John – «graça» in *Dicionário bíblico*, São Paulo: Paulus, 1983, pp. 391-394.

MACKENZIE, John – «misericórdia» in *Dicionário bíblico*, São Paulo: Edições Paulinas, 1983, pp. 615-618.

MILCENT, Paul – «S. Jean Eudes» in VILLIER, Marcel (dir) – *Dictionnaire de Spiritualité. Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, vol. VIII, Paris: Beauchesne, 1974, col. 488-501.

MOLIEN, Auguste - «Bérulle» in VILLIER, Marcel (dir.) - *Dictionnaire de Spiritualité. Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, vol. I, Paris : Beauchesne, 1937, col. 1539-1581.

NOYE, Irénée; DUPUY, Michel – «Olier» in VILLIER, Marcel (dir.) *Dictionnaire de spiritualité. Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, vol. XI. Paris: Beauchesne, 1937, col 737-751.

OLLIVIER, Grégoire – «Le Nobletz» in VILLIER, Marcel (dir) – *Dictionnaire de Spiritualité. Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, vol. IX, Paris: Beauchesne, 1976, col. 594-596.

RAYE, André – «Drach» in VILLIER, Marcel (dir.) – *Dictionnaire de Spiritualité. Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, vol. III, Paris: Beauchesne, 1957, col. 1706.

ROUQUETTE, Robert – «Congrégations secrètes» in VILLIER, Marcel (dir) – *Dictionnaire de Spiritualité. Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, vol. II Paris: Beauchesne, 1953, col. 1491-1507.

4. ESTUDOS

AZEVEDO, Marcello – *Los religiosos: vocación y misión. Un enfoque exigente y actual*, Madrid: Sociedade Educacion Atenas, 1987^{2º ed.}

BAGANHA, Maria; MARQUES, José; GÓIS, Pedro, *Imigração ucraniana: a emergência de uma ou várias comunidades*, Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.), 2010.

BALTHASAR, Hans Urs von - *Só o amor é digno de fé*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2010^{2º ed.}

BIFET, Juan – *Misionología. Evangelizar en un mundo global*, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2008.

BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann. Son expérience – sa doctrine*, tome I – II Paris: Desclée de Brouwer, 1960.

CACHADA, Firmino – *Os números da imigração africana. Os imigrantes africanos nos bairros degradados e núcleos de habitação social dos distritos de Lisboa e Setúbal*, Lisboa: Centro Padre Alves Correia (CEPAC), 1995.

CONGAR, Yves – *Na Igreja deste tempo*, Lisboa: União Gráfica, 1969.

COSTA, Alexandre – *A criação da categoria imigrantes em Portugal na revista Visão: jornalistas entre estereótipos e audiências*, Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.), 2010.

COULLON, Paul (dir.) – *Claude-François Poullart des Places et les Spiritains. De la fondation en 1703 à la restauration par Libermann en 1848 – La Congrégation du Saint-Esprit dans son histoire – I*, Paris : Karthala, 2009.

COUTINHO, Jorge – *Os caminhos de Deus nos caminhos do homem. Introdução ao mistério da salvação*, Braga: Editorial A.O., 1988.

FONSECA, Eugénio – *A acção caritativa da Igreja. Elementos de reflexão teológica e pastoral a partir do contexto português*, Lisboa: Paulinas Editora, 2011.

GAMARRA, Saturino – *Teologia Espiritual*, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2007^{2º ed.}

GAY, Jean – *Libermann: juif selon l'Évangile*, Paris: Beauchesne, 1977.

GILBERT, Alphonse – *Le feu sur la terre. Un chemin de sainteté avec François Libermann*, Paris: Le Sarmant, 1985.

GÓMES, Jesús – *Vida consagrada para o Terceiro Milénio. Da renovação à refundação*, Apelação: Paulus, 2000.

HENRIQUES, Maria – *Argumentos para uma viagem sem regresso. A imigração PALOP por via de saúde: um estudo de caso*, Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.), 2010.

HERRERO, José – *Historia de la Iglesia. II: Edad Media*, Madrid: BAC, 2005.

HÖRSTER, Heinrich – *A parte geral do Código Civil Português. Teoria Geral do Direito Civil*, Coimbra: Livraria Almedina, 2003^{2ºed.}.

JUDY, Tony *Pós-Guerra. História da Europa desde 1945*, Lisboa: edições 70, 2009^{3ºed.}.

KRUMENACKER, Yves – *L'école française de spiritualité. Des mystiques, des fondateurs, des courants et leurs interprètes*, Paris : Les éditions du CERF, 1998.

LAMBOUR, Amet – *La Congrégation du Saint-Esprit. Depuis sa fondation en la fête de la Pentecôte 1703 jusqu'à la fusion avec la Congrégation du S. Coeur de Marie, le 24 août 1848 – 1^{er}*, Lille: Desclée, de Brower et c^{te}, 1909.

LE FLOCH, Henri – *Une vocation et une fondation au siècle de Louis XIV. Claude-François Poullart des Places fondateur du séminaire et de la Congrégation du Saint-Esprit (1679-1709)*, Paris : P. Lithielleux, Libraire-éditeur, 1915^{9ºed.}.

LOPES, Francisco – *Ao encontro dos pobres. Vida do P. Cláudio Francisco Poullart des Places (1679-1709) Fundador da Congregação do Espírito Santo*, Lisboa: Tip. Barbosa & Xavier, Lda, 1983.

MALHEIROS, Jorge (org.) – *Imigração brasileira em Portugal*, Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.), 2007.

MARE, Christian de – *Antologia Espiritana*, vol. I, Lisboa: Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria, [sem editora], 2010.

MARTÍNEZ, Julio – *Mora l social y espiritualidad. Una co(i)nspiración necesaria*, Cantabria: Editorial Sal Terrae, 2011.

MICHEL, Joseph – *L'influence de l'Aa. Association secrète de piété sur Claude François Poullart des Places*, Paris: Beauchesne, 1992.

OLIVEIRA, Belkis – *Imigração: Guia de orientação para Agentes Sociais e Migrantes*, Porto: ASI – Associação de Solidariedade Internacional, 2007.

RAHNER, Karl – «Redenção do tempo» in *Escritos de Teologia*, vol. III, Madrid: Taurus ediciones, 1961, 165-182.

RATZINGER, Joseph – *Introdução ao Cristianismo*, São Paulo: Herder, 1970.

RATZINGER, Joseph (BENTO XVI) – *Jesus de Nazaré*, Lisboa: A esfera dos livros, 2007.

ROCHA-TRINDADE, Maria, *Sociologia das Religiões*, Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

ROCHA-TRINDADE, Maria; QUARESMA, Eugénia, *A Igreja face ao fenómeno migratório*, Lisboa: O Planeta da Escrita, 2012.

SALVADOR, Frederico – *Caminos des Espiritu. Compendio de Teologia Espiritual*, Madrid: Editorial de espiritualidade, 1998^{5º ed.}.

SEIXAS, Joaquim – *Antologia Espiritana. Espiritualidad Apostólica Espiritana*, vol. VI-A, Madrid: Congrégation del Espirito Santo [s/d].

SEIXAS, Joaquim – *Antologia Espiritana. Francisco Libermann de judeo a padre missionero*, Tomo II, Madrid: Congregación del Espirito Santo, 2000.

SEIXAS, Joaquim – *Antologia Espiritana: Claudio Poullart des Places. Carisma y espiritualidade de los fundadores de la Congregacion del Espiritu Santo y del Inmaculado Corazon de Maria*, vol. I, Madrid: Congregación del Espirito Santo, [s/d].

TAVARES, Agostinho – *Caminhos do Espírito. Duas vidas, um projecto missionário*, Braga: Editorial A.O., 1997.

THILS, Gustave – *Existencia y santidade en JesuCristo*, Salamanca: Ediciones Sigueme, 1987.

TORRES NEIVA, Adélio – *Com a força do Espírito. A missão espiritana hoje*, Lisboa: LIAM – Missionários do Espírito Santo, 2002.

TORRES NEIVA, Adélio – *Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria. A história da Província Portuguesa 1867-2004*, Lisboa: Gráfica Povoense, Lda., 2005.

TRIGO, Jerónimo - *O Concílio Vaticano II e a renovação da vida Religiosa* in XXVII Semana de Estudos sobre a Vida Consagrada (Fátima, 18 a 21 de Fevereiro de 2012), ed. CONFERENCIA DOS INTITUTOS RELIGIOSOS DE PORTUGAL (CIRP) – *Concílio Vaticano II – Renovação e Esperança. Desafios à Vida Consagrada 50 anos depois (1962-2012)*, Lisboa: Gráfica Almondiana, 2012, 273-291.

VAZ, José – *Os caboverdianos em Lisboa*, Lisboa: Editorial LIAM, 1972.

VEGAS, Lucas – *Teologia sistemática de la Vida Religiosa*, Madrid: Instituto Teológico de la Vida Religiosa, 1979^{2º ed.}.

VERDETTE, Carlos – *História da Igreja Católica. Do cisma do Oriente (1054) até ao fim do século XIX*, vol. II, Lisboa: Paulus Editora, 2009.

5. ARTIGOS

BALTHASAR, Hans Urs von – *O Evangelho como norma e crítica de toda a espiritualidade da Igreja* in *Concilium* 9 (1965), pp. 5-19.

BESNARD, Albert-Marie – *Linhas de força das tendências espirituais contemporâneas* in *Concilium* 9 (1965), pp. 20-34.

BOEGLIN, Jean-Jacques – *O decreto sobre a heroicidade das virtudes teologais* in *Missão Espiritana* 15 (2009), pp. 135-137.

BORGES DE PINHO, José – *Diaconia e caridade. Uma aproximação eclesiológica* in *Communio* 2 (2009), p. 195-2008.

- CHARRIER, René – *A virgem negra de Paris, Nossa Senhora do Bom Sucesso in Missão Espiritana* 18 (2010), pp. 107-110.
- DUBREIL, Henri – *Le disciple de Monsieur Olier in Spiritus – supplément* (1995), pp. 223-229.
- FARRAGHER, Seán – *16 décembre 1706 – 17 décembre 1707, une année rythmée par les ordinations in Mémoire Spiritaine* 4 (1998), pp. 153-163.
- FERNANDES, Pedro – *A docilidade ao Espírito Santo na vida do apóstolo in Missão Espiritana* 19 (2011), pp. 87-111.
- JUNG, Raymond – *Narrar a Fundação e Construir um Projecto de Vida Aberta à Comunidade in Missão Espiritana* 6 (2004), pp. 63-68.
- KOREN, Henry – *Essai sur le charisme spiritain au fil de l'histoire de 1703-1839 in Mémoire Spiritaine* 4 (1988), pp. 171-186.
- KÜNG, Hans – *Estrutura Carismática da Igreja in Concilium* 4 (1965), pp. 31-45.
- LESTANG, François – *Vivre selon l'Esprit de Jésus. Parcours de spiritualité paulinienne in Spiritus* 207 (2012), pp. 200-210.
- LETOURNEUR, Jean – *Libermann étudiant talmudiste a Metz 1822-1825 in Spiritus – Supplément* (1965), pp. 210-222.
- MACHADO, Fernando – *Da Guiné-Bissau a Portugal: Luso-guineenses e imigrantes in Sociologia. Problemas e Práticas* 26 (1998), pp. 9-56.
- MARTINS, Amadeu – *Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria. I Parte: de Poullart des Places a Libermann in Missão Espiritana* 1, (2002), pp. 75-92.
- MICHEL, Joseph – *As origens históricas da nossa consagração ao Espírito Santo e à Imaculada Conceição in Missão Espiritana* 16/17, (2009), pp. 115-126.
- ROCHA E MELO, Luís - *Que é a espiritualidade? in Communio* 3 (1994), pp. 197-203.
- SAVOIE, Jean – *La personnalité spirituelle de Claude Poullart des Places in Cahiers Spiritain* 10 (1979), pp. 3-26.
- SIGRIST, Paul – *Histoire et identité in Spiritains aujourd'hui* 1 (1982), pp. 39-47.
- TORRES NEIVA, Adélio – *Chaves de leitura da espiritualidade espirítana a partir do quotidiano in Missão espirítana* 14 (2008), pp. 89-108.
- TORRES NEIVA, Adélio – *Libermann e a hora da África in Missão Espiritana* 15 (2009), pp. 75-92.
- TORRES NEIVA, Adélio – *O itinerário espiritual da Congregação ao longo da sua história in Missão espirítana* 8 (2009), pp. 241-264.
- TORRES NEIVA, Adélio – *Poullart des Places e a reforma do clero in Missão espirítana* 16/17, (2009), pp. 141-151.

VANDENBROUCKE, François – *Espiritualidade e espiritualidades in Concilium* 9 (1965), pp. 35-46.

INDICE DOS QUADROS

Quadro nº 1: Aumento da população oriunda da Europa de Leste nos anos 2000 e 2001 – dados dos Serviços de Estrangeiro e Fronteiras (SEF) e os dados do Censo de 201	107
Quadro nº 2: Principais nacionalidades residentes em Portugal entre 2000-2010	107
Quadro nº 3: Evolução da Imigração em Portugal (1980-2010)	107
Quadro nº 4: Habitantes a residir no distrito de Lisboa.....	110
Quadro nº 5: Habitantes a residir no distrito de Setubal	110
Quadro nº 6: Número de clientes que procuram o CEPAC.....	117
Quadro nº 7: Preponderância dos países no CEPAC, dividido por continentes ao longo de 1999 até 2003.....	118
Quadro nº 8: Número de pessoas inquiridas	121
Quadro nº 9: Nacionalidade dos inquiridos	121
Quadro nº 10: Idade dos inquiridos	121
Quadro nº 11: Género dos inquiridos	124
Quadro nº 12: Grau académico dos colaboradores e voluntários do CEPAC	124
Quadro nº 13: Disponibilidade dos voluntários.....	125
Quadro nº 14: Religião dos colaboradores e voluntários.....	128
Quadro nº 15: A importância da fé na vida pessoal dos colaboradores e voluntários.....	128
Quadro nº 16: Caracterização da Congregação do Espírito Santo pelos colaboradores e voluntários	130
Quadro nº 17: Contacto dos colaboradores e voluntários com os espiritanos.....	131
Quadro nº 18: Descrição da parte dos colaboradores e voluntários dos“espiritanos	134
Quadro nº 19: Importância do Director-Técnico ser um espiritano.....	137
Quadro nº 20: A importância do CEPAC na sociedade portuguesa	138
Quadro nº 21: Tempo de residência em Portugal	138
Quadro nº 22: Motivos de imigração dos clientes	138

Quadro nº 23: Razões que levaram os clientes a abandonarem o seu país de origem.....	138
Quadro nº 24: Situação profissional dos clientes	138
Quadro nº 25: Tempo de apoio recebido pelo CEPAC	138
Quadro nº 26: Apoios recebidos pelas valências do CEPAC	138
Quadro nº 27: Avaliação dos clientes dos serviços prestados pelo CEPAC	140

INDICE

ABREVIATURAS	1
INTRODUÇÃO	3

CAPÍTULO I

A IDENTIDADE ESPIRITANA: CARISMA

1. Carisma: dom de Deus à humanidade.....	10
1.1 Definição de «carisma»	10
1.2 A força do carisma na vida do homem.....	11
1.3 Carisma que actua na história.....	12
2. Duas vidas para o mesmo projecto missionário.....	16
2.1. Cláudio Francisco Poullart des Places e a questão da pobreza	17
2.1.1 Um jovem rico que se fez pobre.....	17
2.1.2 Um tempo de amadurecimento segundo os desígnios de Deus ...	21
a) Michel Le Nobletz	21
b) Louis Lallemand.....	23
c) Assembleia dos amigos (Aa).....	24
2.1.3 Cativado por Deus e cativar os irmãos a Deus.....	27
2.2 Reconhecimento oficial do Seminário do Espírito Santo e a sua orientação missionária.....	33
2.3. Francisco Libermann: do judaísmo ao catolicismo.....	35
2.3.1 Libermann: judeu convicto a cristão vencido	35
2.3.2.Tempo de amadurecimento da espiritualidade de Libermann	40
a) Issy (1826 -1837): contacto com a espiritualidade de Jean-Jacques Olier	40
b) Rennes (1837 -1840): contacto com a espiritualidade de Jean Eudes.....	44
2.3.3 «O amor de Cristo nos impele» (2Cor 5,14).....	47

2.4 Sociedade do Imaculado Coração de Maria e a Congregação do Espírito Santo: um projecto, duas vidas.....	51
---	----

CAPÍTULO II

IDENTIDADE ESPIRITANA: ESPIRITUALIDADE

1. Espiritualidade: convite a viver em Deus	54
1.1 Perspectiva bíblica de espiritualidade	55
1.2 Desvios na compreensão da espiritualidade cristã.....	57
1.3 A Espiritualidade como caminho de encontro com Deus	58
1.4 Acção do Espírito Santo na vida espiritual	60
2. Escola Francesa de Espiritualidade.....	63
3. Os fundadores como chaves hermenêuticas dos desígnios de Deus.....	65
4. As raízes da espiritualidade espiritana	73
4.1 Ser espiritano é pertencer a Cristo	75
4.2 Ser espiritano é auto-esvaziamento.....	77
4.3 Ser espiritano é segregar	80
4.4 Ser espiritano é ser um homem disponível	82
4.5 Ser espiritano é ter zelo apostólico.....	86
4.5.1 Vida fraterna em comunidade	91
4.5.2 A missão espiritana é feita pela proximidade	95

CAPÍTULO III

CENTRO PADRE ALVES CORREIA (CEPAC) – A ESPIRITUALIDADE ESPIRITANA INCARNADA NA PASTORAL COM OS IMIGRANTES

1. Portugal e a imigração: uma das feridas a ser curada.....	100
1.1 Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)	102

1.1.1 Angola e Moçambique	102
1.1.2 Cabo Verde	103
1.1.3 Guiné-Bissau	104
1.1.4 São Tomé e Príncipe.....	104
1.1.5 Síntese da imigração PALOP	105
1.2 Brasil	105
1.3 Europa de Leste	106
2. A situação dos imigrantes africanos em Portugal	108
3. Espiritanos ouvem o grito do povo	111
3.1 Capelania dos africanos.....	112
3.2 Centro Padre Alves Correia (CEPAC).....	114
4. CEPAC: a espiritualidade espiritana incarnada	119
4.1 CEPAC: lugar de encontro entre pessoas.....	122
a) A importância da mulher nos serviços do CEPAC	123
b) Diálogo com outras ciências	124
4.2 CEPAC: um meio de evangelizar e deixar-se evangelizar	127
a) A fé na realidade do CEPAC.....	128
b) Os espiritanos e o testemunho de vida.....	128
c) Espiritanos membros de uma Igreja aos serviços dos mais frágeis	130
d) Caracterização da identidade espiritana.....	133
4.3 CEPAC: uma entrega aos mais desfavorecidos	136
5. Observação final.....	145
CONCLUSÃO	147

BIBLIOGRAFIA.....	153
1. FONTES	153
2. DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO.....	153
3. INSTRUMENTOS DE TRABALHO.....	156
4. ESTUDOS	157
5. ARTIGOS.....	159
INDICE DOS QUADROS	162



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

JOÃO PAULO MACHADO DE FREITAS

A Espiritualidade Espiritana na pastoral com os imigrantes

Centro Padre Alves Correia (CEPAC)

(Anexos)

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro

e sob co-orientação de:

Doutora Helena Gil da Costa

Porto
2015

INDICE

Texto nº 1: Regra de Vida Espiritana (RVE)	4
Texto nº 2: Documentos dos Capítulos Gerais	7
<i>Aonde nos conduz o Espírito. Capítulo Geral 1992, Itaiçi (Brasil)</i>	7
<i>Faz-te ao largo. Capítulo Geral 1998, Maynooth (Irlanda)</i>	9
<i>Reavivai o dom que recebestes. Capítulo Geral 2004, Torre d'Aguiha (Portugal)</i>	11
<i>Sede fervorosos no Espírito. Capítulo Geral 2012, Bagamoyo (Tanzânia)</i>	12
Texto nº 3. Documentos dos Capítulos da Província Portuguesa	13
<i>Renovar o nosso espírito Missionária na alegria e na esperança. V Capítulo Provincial, Aguiha, 1990</i>	13
<i>Experiências significativas. VI Capítulo Provincial, Aguiha, 1994</i>	14
Texto nº 4: Esboço de projecto para o C.E.PA.C – Centro Padre Alves Correia	14
Texto nº 5: Projecto do CEPAC	18
Texto nº 6: Estatutos do Centro Padre Alves Correia	23
Texto nº 7: Declaração do Ministério do Emprego e da Segurança Social – Direcção-Geral da Acção Social	27
Texto nº 8: Decreto do Patriarcado de Lisboa	28
Texto nº 9: Regulamento Interno	28
Texto nº 10: Inquérito aos Colaboradores do CEPAC	42
Texto nº 11 : Inquérito aos Utentes do CEPAC	47
Texto nº 12 : Inquérito aos Voluntários do CEPAC	49

Texto nº 1: Regra de Vida Espiritana (RVE)⁴⁹¹

1. Enviado pelo Pai e consagrado pelo Espírito Santo, Jesus Cristo veio salvar todos os homens. O mesmo Cristo prossegue hoje no mundo esta missão de salvação, da qual a Igreja é o sacramento.

É no coração do Povo de Deus e entre outras vocações simples, múltiplas e diversas, suscitadas pelo Espírito Santo, que nós, espiritanos, somos chamados pelo Pai e «segregados» (cf. Act 13, 2) para anunciar a Boa Nova do Reino, no seguimento de seu Filho.

2. Respondemos a este apelo num Instituto religioso missionário, a Congregação do Espírito Santo sob a protecção do Imaculado de Maria.

Os carismas dos nossos fundadores Cláudio Poullart des Places e Francisco Libermann, e a fidelidade à nossa tradição incitam-nos a responder, de forma criativa, às necessidades de evangelização do nosso tempo (Cf. n. 4 e 12)

[...]

4. A nossa finalidade é a evangelização dos «pobres» (cf. Lc 4, 18; N.D. XIII, 170).

Por isso, dirigimo-nos especialmente aos povos, grupos e pessoas, que não ouvira ainda a mensagem evangélica ou mal a ouviram, àqueles cujas necessidades são maiores e aos oprimidos (cf. N.D. II, 241). Aceitamos também, de bom grado, tarefas para as quais a Igreja dificilmente encontra obreiros.

[...]

6. Somos consagrados ao Espírito Santo, autor de toda a santidade e «inspirador do espírito apostólico» (N.D. X, 568).

Vivemos também sob a protecção do Imaculado Coração de Maria, repleto por este mesmo Espírito «da plenitude da santidade e do apostolado» (Ibidem).

[...]

12. Fiéis às intuições dos nossos Fundadores, àquilo que eles viveram e à tradição viva da Congregação, dirigimo-nos de preferência:

- àqueles que ainda não ouviram a mensagem do Evangelho ou mal a ouviram;
- aos oprimidos e mais desfavorecidos individual e colectivamente;
- assumimos tarefas para as quais a Igreja, dificilmente encontra obreiros.

[...]

14. Consideramos como partes constitutivas da nossa missão de evangelização:

- a libertação integral do homem;
- a actividade a favor da justiça e da paz;
- e a participação no desenvolvimento.

Por isso, devemos fazer-nos «os advogados, o sustentáculo e os defensores dos fracos e dos pequenos, contra todos aqueles que os oprimem» (Regulamentos de 1849; N.D. X 517)

⁴⁹¹ Tomar-se-á os números que foram citados ao longo da dissertação

14.1 A fim de contribuirmos eficazmente para a promoção da justiça, esforçamo-nos por analisar as situações e descobrir a relação entre os casos individuais e as causas estruturais.

[...]

16. O anúncio do Evangelho faz-se sob o signo da Encarnação: «E o Verbo se fez carne» (Jo 1, 14)

[...]

16.2 Quando vivemos no estrangeiro, esforçamo-nos por estudar a língua e compreender os usos e costumes dos povos que nos recebem (N.D. IX, 330ss). Acolhemos com respeito a sua experiência humana, no que tem de mais profundo, e solidarizamos-nos com as suas alegrias e sofrimentos.

[...]

18. Nas Igrejas locais as nossas principais actividades são as seguintes:

- a promoção das comunidades cristãs e a formação dum laicado comprometido e responsável;
- o amparo das vocações e a formação para os ministérios e a para a vida religiosa missionária;
- as obra sociais e educativas, na linha da nossa vocação espiritana;
- o despertar do sentido da missão universal, da justiça e da fraternidade entre os povos.

[...]

22. A nossa missão é sempre a da Congregação, desde o momento em que foi reconhecida como tal, mediante o discernimento e a obediência, conforme a Regra de Vida Espiritana.

23. Aceitamos de bom grado, com espírito de solidariedade, os serviços e as funções que a vida da Congregação requer.

24. Seja qual for o nosso tipo de apostolado, como sacerdote ou como irmão, procuramos ser testemunhas o reino de justiça e paz, vivendo nas nossas comunidades uma autêntica caridade, feita de compreensão e de perdão mútuo, de partilha e de hospitalidade, sem qualquer forma de discriminação.

25. Uma qualidade fundamental da nossa vida espiritana é a disponibilidade ao serviço do Evangelho. Estamos prontos a ir para onde a Congregação nos envia. Aceitamos libertar-nos dum compromisso, para responder, com o acordo da Congregação, a novos apelos duma Igreja local ou da Igreja universal.

Discernimos os sinais dos tempos, reexaminamos regularmente as razões de ser das nossas implantações e das nossas actividades apostólicas.

[...]

27. Somos chamados, em Cristo, a viver a nossa vocação espiritana em comunidade.

«Para o aperfeiçoamento da vida apostólica, que é o fim, para a estabilidade e extensão das obras, objecto desta mesma vida apostólica, e para a santificação dos

seus membros, a Congregação tomou como regra fundamental a vida comum. Todos os seus membros viverão para sempre em comunidade» (Regul. de 1849; N.D. X, 454).

28. A vida comunitária é, portanto, um elemento essencial da vocação espiritana e um meio privilegiado de pôr em prática os Conselhos Evangélicos ao serviço da Boa Nova

[...]

- 30.1 Solidariza-se com aquilo que os homens vivem, interessa-se pelas tradições, procura promover a justiça e a paz na vida social, económica, política e religiosa.

[...]

- 39.2 O crescimento da comunidade conhece alegrias e dificuldades, requer tempo e necessita, por parte de cada um, dum contínuo esforço de conversão e até de morte e ressurreição. Todos precisam de ajuda e reconforto, para progredirem juntos e assumirem as tensões inevitáveis.

[...]

53. A nossa consagração religiosa é alegria: através dela, descobrimos que o amor de Deus pode saciar todos os nossos desejos (Mt 13, 44-46). É adoração: para glória de Deus, renunciamos à nossa sede natural do ter e do poder. É libertação: libertamos para o serviço de Deus e dos irmãos.

[...]

85. É o Espírito de Cristo que «vem em auxílio da nossa fraqueza» (Rom 8, 26), nos conduz pelos caminhos da Missão e ora no fundo dos nossos corações. Somos verdadeiramente apóstolos, na medida em que nos entregamos inteiramente a Ele em toda a nossa vida.

86. Na oração, somos purificados e transformados pelo Espírito Santo: os Seus dons e os frutos da Sua presença (Gal 5, 22-23) tornam-se em nós fonte de equilíbrio humano e espiritual e fecundam toda a nossa vida.

[...]

92. A leitura diária da Palavra de Deus, meditada em particular ou partilhada em comunidade, é alimento da nossa vida apostólica. Leva-nos a acolher o próprio Cristo, Palavra viva do Pai. Graças a ela, aprendemos a ler os acontecimentos da nossa vida e do mundo à luz da fé.

93. «Sinal de unidade e vínculo de caridade» (S.C. 47), a Eucaristia constrói a comunidade fraterna no Corpo de Cristo. Nela torna-se presente o mistério pascal.

Encontramos, por isso, diariamente, na celebração da Eucaristia e na recepção do Corpo de Cristo, a luz e a força para anunciar ao mundo a morte e ressurreição do Senhor: ela é ao mesmo tempo a fonte e o cume da nossa vida espiritana e conduz-nos a uma solidariedade efectiva com os pobres.

[...]

95. A fidelidade à nossa vocação exige uma conversão contínua ao Senhor e uma renovação no Espírito Santo: duas atitudes fundamentais da nossa oração.

Somos fiéis ao exame diário de consciência e recebemos com frequência o sacramento da Reconciliação, no qual acolhemos o amor misericordioso do Pai, para nos reconciliarmos com Ele, com a Igreja, com os irmãos e com nós próprios.

[...]

125 Com a primeira profissão, respondemos publicamente, diante da Igreja e na Congregação, ao chamamento de Deus; aprofundamos assim o nosso compromisso baptismal.

Pelos votos, comprometemo-nos a caminhar incessantemente para a plenitude da caridade e a viver na fidelidade, conscientes de que a fidelidade do Senhor para conosco se mantém irrevogável.

[...]

129. Pela profissão religiosa, o professo é consagrado a Deus pelo ministério da Igreja. Decide viver a castidade, a pobreza e obediência religiosa. Torna-se membro da Congregação com os direitos e deveres que daí derivam, em virtude do direito geral da Igreja e da Regra da Vida Espiritana.

Texto nº 2: Documentos dos Capítulos Gerais⁴⁹²

Aonde nos conduz o Espírito. Capítulo Geral 1992, Itaiçi (Brasil)

[...]

4. Felizmente, a identificação com o povo que servimos não é nada de novo na Congregação. Os relatórios apresentados, em Itaiçi, mostram que partilhar a vida do povo, nos bons e maus momentos, continua sendo o ideal dos espiritanos em todos os cantos do mundo.

Os actuais compromissos de alguns confrades representam um verdadeiro esforço na medida em que eles trabalham em situações em que as mentalidades estão profundamente radicadas em estruturas e em interesses adquiridos. Poderíamos citar muitos exemplos mas talvez em nenhuma parte eles sejam tão reais como no Haiti. Durante muitos anos, esta ajuda às populações foi dada fora do solo pátrio, junto aos haitianos no exílio. Em 1986, foi permitido o regresso dos espiritanos ao país. Ouvimos as actividades sociopolíticas a que se dedicaram os nossos confrades, devido às circunstâncias desesperadas das populações. A sua opção pelos pobres não lhes dava outra alternativa.

Em alguns lugares, os nossos confrades sentem que devem ser a voz dos ‘sem-voz’. Na América do Norte, as Circunscrições espiritanas da região fizeram o máximo que puderam em favor dos refugiados do Haiti, inclusive mobilizando a opinião pública. Na África, onde o número de refugiados cresce constantemente, muitos espiritanos dedicam-se de alma e coração aos refugiados, fornecendo-lhes roupas e alimentos e

⁴⁹² Tomar-se-á os números que foram citados ao longo da dissertação.

ajudando-os também a re-construir a sua dignidade de pessoas e a manter a esperança de dias bem melhores. Da Serra Leoa ao Quênia, do Malawi à Etiópia, muitos confrades estão engajados neste apostolado com os que vivem situações críticas.

Neste ano em que comemoramos o quinto centenário da descoberta da América, a experiência do Grupo do México com os índios Huastecas, bem como a conferência feita por Dom Luciano Mendes, chamaram a nossa atenção para as injustiças cometidas contra os índios, após a chegada dos europeus em 1492. Eles não foram apenas eliminados; a sua cultura foi igualmente ignorada ou desprezada, mesmo pela própria Igreja, o que obrigou a refugiar-se no silêncio. Mas o compromisso dos espiritanos com as populações índias e a entrada de alguns deles na nossa Congregação (02 frequentam o Noviciado e 05 outros se preparam para o frequentar) é um sinal para a sociedade e para a Igreja, um sinal do reconhecimento da sua dignidade e das riquezas da sua cultura. Esperamos que estes esforços ajudem os índios a romper o silêncio e eles possam ser os anunciadores da Boa Nova ao seu próprio povo.

Noutros lugares, como no Brasil e na Guiana, os espiritanos conscientizam-se o povo acerca dos seus direitos, incentivando-os a lutar pelas causas da justiça. Numa peça teatral, foi-nos mostrado como as pessoas de uma favela de S. Paulo, inspiradas pela Palavra de Deus, se organizaram a nível de comunidade e conseguiram que a água fosse canalizada para o seu bairro, não obstante o desinteresse das autoridades locais. As Comunidades eclesiais de base são vistas como um grupo de pessoas simples que buscam a solução de problemas meramente sociais. Mas elas procuram a solução de seus problemas à luz do Evangelho. Na peça, o padre aparecia como alguém que escuta, que tenta a união, que é portador de esperança. Ele encoraja e a ajuda o povo a valorizar-se a si mesmo e às suas capacidades. No meio do povo, o sacerdote simbolizava o poder libertador do Evangelho e da Eucaristia.

Por vezes, a nossa solidariedade com os que sofrem, assemelha-se à de Nossa Senhora aos pés da cruz: uma presença amorosa, que ajuda e é portadora de esperança. Pudemos visitar um grupo de crianças, contagiadas pelo vírus de AIDS e condenadas a morrer antes dos sete anos. Visitámos uma escola onde as Irmãs do Santíssimo Rosário levam avante um programa de conscientização sobre a AIDS. Ao fim do dia, ainda visitámos uma outra comunidade de adultos já desenganados pelos médicos. Em S. Paulo, Colónia, Uganda e em muitos outros lugares, os espiritanos estão comprometidos neste testemunho de solidariedade com os mais marginalizados.

[...]

14. Desde o início, a dedicação aos pobres foi sempre um dos grandes compromissos da Congregação; quase todas as ‘experiências significativas’ se referiam a este tema. O nosso trabalho com as minorias, com os que são explorados nas grandes cidades, com a juventude marginalizada pela sociedade, nenhuma destas actividades pastorais é novidade para os discípulos de Poullart des Places e de Libermann. Ao contrário. São obrigações fundamentais e bem expressas na Regra de Vida.

Mas o que nos foi proposto em Itaici foi um novo tipo de resposta ao nosso carisma.

A nossa opção preferencial pelos pobres está baseada na visão de Deus como Libertador: “Despontará um ramo do tronco de Jessé... julgará com equidade os pobres e sentenciará com rectidão os humildes da terra (Is 11. 1-4).

Por isso, não podemos reduzir a nossa actividade missionária a uma transmissão de doutrinas ou de leis, de rituais ou estruturas. A nossa missão é acima de tudo, um compromisso de libertação em nome de Jesus Cristo e em favor de todos os marginalizados. O Evangelho não é apenas uma mensagem; é um projecto de amor que pretende a transformação deste mundo através da Justiça e da Paz.

Em certas circunstâncias, teremos de ser a voz dos ‘sem-voz’; será uma solução temporária, enquanto eles não conseguem recuperar o seu valor e a sua dignidade.

Mas até onde devemos chegar? Onde reinam situações gritantes que clamam por justiça, que valor terão as declarações sonoras se não lutamos lado a lado com o povo? Será que a experiência vivida pelos confrades em Angola, no Haiti e em outras partes nos ajudaram a reflectir sobre o relacionamento entre a moral cristã e a política? Qual será o nosso dever?

As obras de educação são outra área onde os espiritanos lutam pela libertação. Vários casos nos foram mencionados sobre os diferentes modelos de Missão nos nossos dias.

Os Programas de alfabetização são muito importantes para que as populações se sintam mais fortes e acreditem em si próprias. No relacionamento com a juventude marginalizada, privada do apoio familiar, a educação abre-lhe a porta da vida humana decente e desperta nela o amor especial do Senhor pelos que sofrem.

Os jovens dos países desenvolvidos têm a sua própria cultura na qual os educadores cristãos sentem grande dificuldade em entrar. Quantas vezes se encontra na juventude o vazio, a fome, a insegurança e, ao mesmo tempo, uma grande generosidade!

Nas Obras de educação para o segundo e terceiro graus, o campo de acção é muito grande. Os espiritanos que trabalham com a juventude encontrarão nos jovens uma disposição para a escuta da Palavra de Deus e grandes potencialidades se estiverem preparados para aceitar, de vez em quando, a rejeição. É um preço que se deve pagar, caso os futuros líderes da juventude estejam, dispostos a ser honestos consigo mesmos e a respeitar aqueles que são rejeitados pela sociedade.

[...]

<i>Faz-te ao largo. Capítulo Geral 1998, Maynooth (Irlanda)</i>
--

[...]

2. A nossa experiência missionária recente foi largamente lembrada ao longo do Capítulo, particularmente através das oitos primeiras apresentações dos capitulantes e da partilha que se seguiu.

O centro da nossa vida espiritana é sempre a missão como anúncio da Boa Nova do Reino (RVE 1). Mas hoje desenha-se mais claramente uma certa maneira de ser

missionário espiritano: insiste-se sobre a proximidade, a qualidade de vida e de presença junto das pessoas, a solidariedade, a abertura a novos horizontes e sobre uma mais ampla colaboração... A aventura missionara leva-nos a partilhar com muitas pessoas um caminho que estimula a crescer espiritualmente, a renovar o sentido do nosso compromisso.

Através da reflexão dos capitulantes, este estilo de missão é fonte de inspiração para os próximos anos, convida-nos também a rever certos aspectos da nossa formação e o modo de nos organizarmos.

[...]

- 2.19 Cada espiritano deve procurar os lugares de acção ao seu alcance (homilia, catequese, formação de leigos, grupos de Justiça e Paz...) para ser a voz dos sem voz (pessoas sem domicilio fixo, sem terra, sem emprego, vítimas dos conflitos étnicos, da corrupção...).

[...]

3. À luz do relato das experiências e da partilha subsequente, o Capítulo salientou as necessidades que temos de mais uma vez recorrermos à nossas fontes de inspiração, se queremos revitalizar o nosso compromisso missionário-religioso no mundo contemporâneo. As fontes são muitas e podem ser diferentes de pessoa para pessoa, mas para todos a fonte primária será sempre o próprio Espírito Santo, o “Protagonista da Missão” (Redemptoris Missio). O Espírito infunde em nós o desejo de servir os pobres e oprimidos e modela os nossos corações para responder a este desejo. Ele está por detrás de todas as fontes de encorajamento e inspiração que têm orientado e apoiado os membros da nossa família missionária no decorrer dos séculos – Sagrada Escritura, oração pessoal e comunitária, vida de comunhão com os nossos confrades e com aqueles aos quais somos enviados, o exemplo e os escritos dos espiritanos que nos procederam. Discernir a acção e inspiração do Espírito Santo caracteriza a autêntica espiritualidade que nos foi transmitida pelos nossos fundadores e predecessores e que é parte essencial do “ser espiritano”.

- 3.1 O verdadeiro nome de “Espiritano” significa que somos pessoas consagradas a seguir o caminho do Espírito; a nossa espiritualidade deve estar por isso baseada no discernimento, disponibilidade e união prática com Deus. Maria é um modelo a seguir na sua docilidade à acção do Espírito que ela manifestou cumprindo a sua própria e única missão. Com o seu exemplo, podemos redescobrir a dimensão contemplativa de toda a missão, a garantia de que seremos instrumentos do Espírito de Deus, em vez de confiar nas nossas forças tais como imaginamos.

A nossa intimidade com Cristo deve ser cada vez mais intensa; ele foi enviado pelo Pai para levar a Boa Nova aos pobres e por sua vez enviou-nos o seu Espírito para podermos completar a sua missão. Para atingir esta finalidade, devemos redescobrir a Sagrada Escritura como fonte de espiritualidade pessoal e da nossa missão, por meio duma leitura piedosa e um contínuo esforço de lidar a Palavra de Deus à experiência humana e aos acontecimentos de cada dia.

[...]

3.10 As comunidades não são simplesmente estruturas para o trabalho; elas são a casa duma família espiritana. Como em toda a família, mostraremos verdadeiro interesse pelos familiares e amigos dos outros, pela celebração dos aniversários, pelas festas patronais e outras ocasiões particulares. Em certos países, a relação entre a comunidade e a família alargada dos seus membros pode revestir uma importância particular.

[...]

Reavivai o dom que recebestes. Capítulo Geral 2004, Torre d’Aguilha (Portugal)

[...]

0.2.5 Podemos perguntar-nos novamente se a nossa vida de comunidade é experimentada como fonte de inspiração para a missão ou como um simples arranjo de conveniência. O que está em causa é: quem somos nós como espiritanos, que é que nos identifica como Espiritanos e o que é que acerca de nós é verdadeiro e válido em todos os continentes. Os nossos confrades jovens anseiam por que estes problemas sejam abordados. Se a falta de liderança estiver na origem de alguma das questões acima referidas, isso quer dizer que tal problemática deve ser tratada neste Capítulo. Algumas respostas questionam mesmo a forma como alguns superiores exercem a autoridade, sobretudo no caso de comunidades internacionais e interculturais.

[...]

1.1.3 A nossa espiritualidade é tipicamente missionária. A orientação missionária de Cláudio Poullart des Places foi assumida por Libermann. Nesse tempo, os Espiritanos não se limitavam a partir da Europa para outros continentes, pois também procuravam atingir, a partir das paróquias, aqueles que estavam fora do alcance das mesmas. “A vida apostólica” está no coração da nossa vocação espiritana (RVE 3).

A vida de apostolado compreende dois aspectos: disponibilidade perante Deus e disponibilidade perante os homens. É o que condensam estas palavras do profeta Isaías: “Aqui estou, enviai-me Senhor”. O avanço do individualismo entre alguns Espiritanos torna ainda mais urgente esta disposição interior. A missão é algo que nos foi confiado, não é algo que nós escolhemos.

Missão implica inculturação e a consciência de que o Espírito está já presente e activo nas culturas às quais somos enviados. Desse modo, a missão torna-se uma peregrinação que leva a um enriquecimento mútuo, onde, uns e outros, identificamos as amarras que impedem a plena realização do Reino de Deus, e procuramos trabalhar pela libertação integral do homem. Libermann recorda isso mesmo aos missionários: “fazei-vos negros com os negros, formando-os de maneira adequada, não à maneira da Europa, mas antes deixando que conservem o que é próprio deles”. Mais ainda: a experiência demonstra que a nossa espiritualidade ganha profundidade no contacto com o povo a quem servimos

1.1.4 O que nos faz diferentes, nesta sociedade que leva vastos sectores da população à exclusão social, é a opção pelos pobres. A renúncia de Poullart des Places às perspectivas de uma carreira brilhante e ao dinheiro que o pai lhe dava, e ainda a decisão tomada de viver com seminaristas pobres, constituem um desafio aos falsos valores da nossa sociedade e ao seu ambiente consumista. Ele queria que o seu trabalho fosse trabalho de Deus. A atenção aos mais pobres e aos mais abandonados está no coração tanto de Poullart des Places como de Libermann. Temos aqui um critério importante para uma avaliação do nosso estilo de vida e para o discernimento das tarefas que assumimos.

Fazer opção pelos pobres quer dizer que estamos de acordo com que as intuições dos Fundadores questionem as nossas atitudes, as nossas escolhas que fazemos e o trabalho que realizamos, para além de contarmos com o contributo das ciências sociais modernas a propósito do fenómeno da pobreza. Teremos de distinguir entre “pobreza sofrida” e “pobreza escolhida”. Enquanto que a “pobreza sofrida” é um mal social que a ultrapassar, a “pobreza escolhida” é uma virtude que implica a escolha de um estilo de vida simples, como sinal de solidariedade com os pobres, na luta que eles travam para transformar a sua situação. A opção pelos pobres inclui o trabalho pela Justiça e Paz e a Integridade da Criação. Porém, para tornar os pobres capazes de se libertarem, teremos de evitar a criação de paternalismo e dependência. A ajuda financeira vinda do exterior pode ser útil, mas também pode tornar-se prejudicial.

É indispensável a aquisição de técnicas de análise social, afim de evitar a repetição de erros antigos. No passado, a Igreja viu-se por vezes na situação de pregar uma opção pelos pobres abstracta, porque ao mesmo tempo que o fazia apoiava estruturas culturais, económicas e políticas injustas. Tais estruturas, concretamente, tornavam impossível a passagem dos pobres de uma situação de exclusão para a situação de inclusão na sociedade. Hoje, a falta de credibilidade da instituição eclesial, em muito sectores do mundo moderno e pós-moderno, pode ser posta em relação com situações do género no passado. A este nível está em jogo, a credibilidade da Igreja no mundo contemporâneo. Como Congregação internacional, somos chamados a desempenhar um papel especial na promoção de um relacionamento mais justo entre os países desenvolvidos e países em desenvolvimento.

[...]

2.1 É cada vez mais importante, para nós Espiritanos, a vida em comunidades internacionais. Trata-se de uma resposta ao chamamento que o Espírito Santo nos dirige a todos, para que demos testemunho de uma nova qualidade de solidariedade humana que ultrapasse o individualismo, o etnocentrismo e o nacionalismo.

[...]

Sede fervorosos no Espírito. Capítulo Geral 2012, Bagamoyo (Tanzânia)

[...]

1.8 O apelo de Libermann: “despojai-vos da Europa e fazei-vos negros com os negros” permanece actual para a missão. Convida-nos a uma dupla acção: uma *kenose* em relação à nossa própria cultura, e um esforço para viver uma verdadeira aculturação às realidades locais: línguas, culturas, métodos pastorais. Este processo implica perseverar num lugar e aceitar aprender com aqueles aos quais somos enviados.

[...]

2.1 Intitulando-se Congregação do Espírito Santo, a nossa família religiosa acentua a nossa consagração especial ao Espírito Santo (RVE 6).

[...]

2.6 Somos uma comunidade de irmãos, com diversidade de carismas, funções e obras. Queremos levar um estilo de vida simples, transparente e profético. A vida em comunidade constrói a identidade, e é ao mesmo tempo o símbolo mais expressivo daquilo que nós somos. A comunidade é a nossa maneira de viver a missão. Vivemos, rezamos, trabalhamos e avaliamos todos juntos, e partilhamos tudo uns com os outros (Act. 4, 32).

[...]

4.1 A comunidade espiritana é o espaço privilegiado da escuta do Espírito e da fidelidade exigente à nossa vocação e missão (TA 1.1.2). Nela todos viverão, com coerência, os votos religiosos (pobreza, castidade e obediência) que constituem valores inegociáveis (RVE 28; TA 1.1.1), apoiados numa vida espiritual profunda. O testemunho da vida comunitária é a primeira forma de evangelização e de fazer a experiência de Deus (TA 13.4.2). A comunidade é lugar de fraternidade, oração, partilha, diálogo, construção, responsabilidade, confraternização, reconciliação, festa, alegria, conforto, segurança, programação, avaliação, correcção fraterna e formação permanente (Maynooth 4.13). Estes são elementos fundamentais para se construir uma ‘cultura espiritana’ e assegurar o sentido de pertença da Congregação. Comunidade e missão são duas dimensões da vocação espiritana cuja exigências mutuamente se enriquecem.

[...]

Texto nº 3. Documentos dos Capítulos da Província Portuguesa

Renovar o nosso espírito Missionária na alegria e na esperança. V Capítulo Provincial, Aguilha, 1990

[...]

538. Se é verdade que temos razões para estar contentes com as experiências testemunhantes dos nossos missionários, o mesmo não podemos dizer das opções tomadas em Portugal: insuficiente empenhamento da Província junto dos imigrantes africanos, pouco matiz espiritano em algumas das paróquias em que trabalhamos e da nossa inserção na Igreja local.

[...]

603.1 Pouca sensibilidade, ou ao menos, compromisso insuficiente, para com os mais pobres ou abandonados, social ou religiosamente (imigrantes africanos, ciganos, etc...)

[...]

603.3 Da nossa parte, pouca coragem de aproveitarmos a nossa colaboração com as Igrejas locais para apresentar o nosso carisma espiritano.

[...]

[...]

670. 6. A necessidade de uma espiritualidade incarnada e inserida, que nos leve a assumir na fé os problemas e as dificuldades do povo com quem vivemos e a ser particularmente sensíveis às questões de Justiça e Paz.

[...]

Texto nº 4: Esboço de projecto para o C.E.P.A.C – Centro Padre Alves Correia

1. A Realidade

1.1 Bairros de Africanos, identificados na área do Patriarcado de Lisboa

1.1.2 Amadora:

- Bairro 6 de Maio, Portas de Benfica, Fontainhas, Encosta Nascente, Estrada Militar Mina, Alto da Cova da Moura, Bairro Novo das Fontainhas, Azinhaga dos Besouros, Santa Filomena, Quinta da Lage, Estrada Militar Alto da Damaia, Estrela d’Africa.
- Estes bairros têm uma população que ultrapassa as 13.0000
- Bairros com mais de 1.000 pessoas:
 - “6 de Maio”
 - Alto da Cova da Moura,
 - Azinhaga dos Besouros,
 - Alto da Damaia.

1.1.3 Cascais

- Bairro da Tainha, Fim do Mundo, Torre, Marianas
- Não está calculada a população destes bairros.
- Bairro que ultrapassa mais de 1.000
 - Fim do Mundo

1.1.4 Lisboa:

- Horta Nova, Serafina, Padre Cruz, Musgueira Norte, Quinta Alto – Pote d’Água, Calvanas, Marines, Quinta do Zé Pinto, Bairro da Cruz Vermelha, Murtas, Quinta da Pailepa, Alto do Chapeleiro, Quinta José Alvalade, Quinta das Freiras, Quinta do Louro, Quinta Grande, Chela – Zona nº 1; Chelas – Zona J, Quinta dos Cravos, Encosta das Olaias, Relógio (aeroporto).
- Estes Bairros têm uma população que ultrapassa as 6.000 pessoas.
- Bairro com mais de 1.000 pessoas:
 - Chelas Zona J

1.1.5 Loures

- Quinta da Vitória, Ferro Velho (Quinta do Carmo), Quinta da Serra, Azinhaga Barruncho, São Benedito, Esperança, Arroja, Quinta do Mocho.
- Estes bairros têm uma população que ultrapassa as 7.000
- Bairros com mais de 1.000 pessoas:
 - Quinta da Vitória,
 - Quinta da Serra
 - Quinta do Mocho

Oeiras:

- Alto da Loba, Alto da Santa Catarina, Pedreira dos Húngaros, Alto do Montijo, Alto dos Agodinhos, Alto dos Barranhos, Gato Preto, Talude – Queijas, Encosta da Portela, Pedr. Das Pedregueiras, Francisco Sá Carneiro, Sal Regos, Moinho da Portela, Lém-Ferreira, Bugio.
- Estes Bairros têm uma população que ultrapassa as 15.000 pessoas.
- Bairros com mais de 1.000 pessoas
 - Alto da Loba,
 - Alto dos Barrinhos,
 - Alto de Santa Catarina,
 - Pedreira dos Húngaros.

NB. Há diversos bairros com 3.000 pessoas

1.2 Núcleos de Pastoral e apoio social

Bairros que têm Assistência Religiosa já organizada, ou em organização (de que o Capelão já tem conhecimento):

- Musgueira Calvanas (Irmãzinhas dos Pobres);
- Pedreira dos Húngaros, Alto de Santa Catarina e S.tas Martas (P. Henrique Scheepens e 3 Irmãs dos Sagrados Corações);
- Musgueira – Prior Velho (P. Valentim, Verbo Divino);
- Bairro 6 de Maio (Irmãs Missionárias Dominicanas);
- Chelas – zona nº e J (Frei Franco – Franciscanos Conventuais)
- Fim do Mundo (Irmãs Salesianas)
- Quinta dos Cravos (Irmãs de Teresa de Calcutá)
- Quinta da Serra – Prior Velho (Irmãzinhas de Jesus)
- Falagueira (Irmãs Criaditas dos Pobres)
- Olaias, Quinta da Montanha, Coxo... (Irmãs do Sagrado Coração de Maria)

NB. - São diversos os Párocos da periferia, mas também da Cidade que se preocupam com a evangelização e o apoio aos imigrantes africanos.

- No Campo Grande, quase mensalmente, está a reunir-se um grupo de “africanos” predominando os jovens estudantes.

- A maior parte dos agentes de pastoral são estrangeiros (irmãs e sacerdotes e estes do clero regular).

- O CEPAC, Centro Padre Alves Correia, presta apoio social, em que trabalha a tempo pleno a Irmã Purificação de Sá Cachada (das Irmãs do Sagrado Coração de Maria).

2. Problemas – Necessidades

2.1 De aspecto social

- droga (são mais traficantes que consumidores),
- prostituição,
- alcoolismo,
- a maioria das barracas não tem água, luz, esgoto,
- problemas com o lixo,
- problemas da habitação: sempre com receio de a barraca lhes ser arrasada,
- problemas de realojamento
 - realojamento não preparado (nem com os a realojar nem com os que acolherão),
 - as casas para onde vão, muitas vezes, criarão condições piores do que as existentes nas barracas, quer a nível familiar, quer a nível social,
 - desintegra as pessoas social e religiosamente,
- problemas com a integração (também as comunidades civis e religiosas do país apresentam sinais latentes de xenofobia que muitas vezes vêm ao de cima),
- problemas de legalização e clandestinidade,
- problemas da separação do agregado familiar,
- falta de trabalho,
- falta de segurança social: - problemas de assistência médica, compra de remédios, reformas... acidentes de trabalho.
- Não existem condições para os jovens contraírem casamento... sem casa (e sem se poderem construir novas barracas), nem emprego... resultado todos os problemas do exercício sexual sem sentido (ligações que mal começam para logo acabarem, mães solteiras, meninos de ruas, sida...).

2.2 De aspecto religioso:

- O problema das “seitas”,
- falta de cultura e evangelização,
- falta de agentes de evangelização,
- falta de locais de reunião e oração,

- difícil participação no culto com os brancos (são imensos os factores para esta dificuldade, onde não está alheio o facto de se não sentirem, muitas vezes, bem acolhidos).
- ínfima participação religiosa dos jovens, sobretudo, dos rapazes.

[...] ⁴⁹³

- testemunho de inserção-imersão dos espiritanos e seus colaboradores num meio de habit degradado (física e humanamente)
- espaço de acolhimento, cultural e evangelizador,
- espaço de acolhimento-hospedagem temporário de candidatos a refugiados e sem abrigo;
- espaço dispensário de saúde
- acolhimento nocturno temporário de “sem-abrigos”.

3.2 Objectivos

- espaço de apoio escolar:
 - salas de apoio escolar: salas de estudo, aulas de recuperação;
 - salas de apoio didáctico de informática...

3.3 Objectivos

- espaço de habitação - lar de estudantes africanos.

3.4 Objectivo:

- espaço lúdico: pequenos espaço de jogos, acordos com campos camarários e clubes.

3.5 Construção

3.6 Localização: eixo Sintra-Lisboa ou Pontinha-Loures

3.5 Apoios

1. Área espiritana: - Província

2. Área social (carenciados, refugiados, sem abrigo): Segurança Social, Câmaras, Cáritas, Cruz Vermelha, Banco Alimentar, Entidades humanitárias, Pessoas individuais...

3. Área escolar: - Bolsas: Estado, Estados Africanos, Gulbenkian, Bancos, Mecenas...

⁴⁹³ Ao procurar, notou-se que neste documento falta-lhe uma página, o que faz com que seja um documento incompleto.

- apoio escolar: professores, Momip, Escolas, Associações culturais, Empresas

4. Área desportiva: Clubes, associações desportivas e culturais

5. Área da saúde: Laboratórios – Médicos – Ordem dos Médicos

5. Área religiosa: Patriarcado, Paróquias, Institutos Religiosos, Província... Dioceses estrangeiros e seus movimentos.

Lisboa, Sede do C.E.P.C. – CENTRO PADRES ALVES CORREIA

23.04.1996

P. Teles

Texto nº 5: Projecto do CEPAC

PROJECTO:

O Centro Padre Alves Correia, com a sede no nº 43 da Rua Stº Amaro à Estrela, em Lisboa, tem como objectivo principal o acolhimento e apoio a imigrantes africanos, particularmente os provenientes dos países de expressão portuguesa.

Este Centro é da iniciativa e responsabilidade da Congregação do Espírito Santo, que não só tem como carisma principal o serviço evangélico aos “mais pobres e abandonados”, mas igualmente tem uma tradição e responsabilidade histórica no acolhimento dos imigrantes africanos – e em particular caboverdianos – em Portugal.

O nome do P. Alves Correia, dado a este Centro, recorda o trabalho de sensibilização exercido em Portugal no domínio da justiça e da paz por este conhecido missionário espiritano, que foi procurador das Missões e viveu largos anos em Stº Amaro à Estrela.

I – OBJECTIVOS

1- O objectivo principal é o acolhimento e apoio, a diversos níveis, aos imigrantes africanos originários das ex-colónias portuguesas.

1.1 – Não sendo exclusivo esse objectivo, o Centro Padre Alves Correia dará igualmente atenção e procurará exercer uma acção pastoral e social junto de todos os necessitados que solicitarem auxílio, nomeadamente os refugiados, os estudantes africanos e os marginalizados da nossa sociedade.

1.2 – Nesse sentido, as pessoas com necessidades económicas que costumam acorrer à residência dos Missionários do Espírito Santo, nº 51, serão encaminhados para os serviços do nº 43.

2. O apoio a prestar pelo Centro procurará atingir os diversos níveis em que as pessoas que solicitarem ou aceitarem esse apoio: espiritual, social, cultural, jurídico e económico.

II – DIRECÇÃO E FUNCIONAMENTO

1. A Direcção e Administração do Centro será sempre da responsabilidade da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, podendo, contudo, agregar outras pessoas, religiosos ou leigos, que possam colaborar na orientação e realização das actividades do referido Centro.

1.1 – A nomeação ou exoneração dos elementos que constituem a Direcção e Administração é da responsabilidade do Conselho Provincial da Congregação do Espírito Santo.

1.2 – O número de membros da Direcção será definido pelo mesmo Conselho, consoante as necessidades do Centro, devendo no mínimo, incluir: um Director, um Administrador, um Secretário e um Vogal.

2. O espaço de acção real do Centro P. Alves Correia não se limita ao rés-do-chão do nº 43 da Rua de Stº Amaro à Estrela, mas poderá estender-se por todo o território nacional.

2.1 – Os espaços de acção programada a partir do Centro serão, de preferência, os bairros degradados da cidade de Lisboa e sua periferia, sempre de acordo e entendimento com outras instituições ou pessoas ligadas à pastoral dos referidos bairros.

2.2 – O nº 43 funcionará como sede e centro de acolhimento e orientação, podendo, excepcionalmente, permitir a dormida de alguém cujo caso o Director ou Administrador do Centro conclua justificar tal excepção.

(NB: várias casas da Congregação em outros países da Europa e América do Norte – nomeadamente a Casa Provincial de Colónia que recebe duas dezenas de drogados todas as noites – exercem esta virtude evangélica da hospitalidade, nomeadamente em relação a refugiados).

2.3 O Conselho Provincial da Congregação do Espírito Santo providenciará para que o Centro disponha de um mínimo de meios materiais e humanos para poder funcionar.

3. Embora a acção do Centro não se limite ao nº 43 da Rua de Stº Amaro à Estrela, neste haverá um atendimento com carácter diário e cujo horário será fixado, posteriormente, em função das reais necessidades.

3.1 – Inicialmente, prevê-se um atendimento com o seguinte programa: de 2ª a 6ª feira, das 15 às 19 horas (orientação e documentação); aos sábados, das 9 às 12 horas (orientação, documentação e apoio jurídico) e das 15 às 19 horas (para reuniões, etc); aos domingos, das 15 às 19 horas (para orientação, cursos, convívio, etc.).

3.2 – O Centro poderá igualmente funcionar à noite, segundo as necessidades, nomeadamente para cursos de alfabetização.

III – ACTIVIDADES

1. O Centro procurará promover todo o tipo de actividades que possam ajudar os imigrantes africanos e outros eventuais beneficiários da sua acção, a serem capazes de assumir, com dignidade e sem desequilíbrios, a sua própria integração social, económica e religiosa.

1.1 A acção do Centro procurará, pois, atender às diversas necessidades próprias de quem deixou as suas raízes culturais e sociais, geralmente por necessidades económicas e é confrontado com novas condições de vida para as quais não foi preparado.

1.2 Nomeadamente, a acção do centro procurará situar-se a estes diferentes níveis: apoio administrativo e documental, esclarecimento e defesa dos direitos dos imigrantes e suas famílias, apoio material às famílias com maiores carências económicas, apoio jurídico, promoção cultural e social, orientação escolar e pedagógica aos filhos dos imigrantes, assistência religiosa e informação e sensibilização da opinião pública sobre os problemas específicos da imigração.

2. Apoio administrativo e documental: orientação e ajuda na obtenção dos documentos necessários à permanência legal, na obtenção de emprego e respectivo contrato de trabalho, na obtenção de certidões e outros documentos nos países de onde os imigrantes são originários, etc.

3. Defesa dos direitos – sendo os imigrantes geralmente sujeitos à exploração e a todo o género de pressões, por desconhecimento dos seus direitos, uma das funções do Centro será esclarecê-los sobre os seus direitos como trabalhadores e cidadãos e, ao mesmo tempo, defendê-los junto das entidades em causa, denunciando publicamente, se necessário, os atropelos aos direitos e à dignidade da pessoa humana.

4. Apoio material – ajuda na procura de casa decente e na obtenção de mobiliário, vestuário, calçado, alimentação, etc., em condições económicas acessíveis às posses de cada família.

4.1 O Centro evitará o paternalismo ou o assistencialismo, procurando formas de as pessoas participarem na obtenção dos referidos haveres, pagando, por exemplo, um preço simbólico.

5. Apoio jurídico – O Centro procurará ter a colaboração de um ou mais advogados, que possam esclarecer os que recorrerem aos serviços do Centro para processos litigiosos sobre os seus direitos e orientá-los para os serviços competentes de defesa criados pelo Ministério da Justiça.

6. Promoção cultural e social – Dentro das suas possibilidades e procurando, quanto possível, o auxílio de entidades ou instituições existentes nesta área, o Centro procurará organizar ou apoiar:

- cursos de alfabetização, nomeadamente para adultos;
- cursos de costura e culinária para jovens;
- actividades que visem promover a cultura e as tradições do país de origem;
- aproveitamento de tempos livres;
- colónias de férias para crianças dos bairros degradados;
- formas de apoio à dignidade e estabilidade familiar;
- preparação dos jovens para o casamento e orientação sobre planeamento familiar;
- cursos de educação sanitária, etc.

7. Orientação escolar e pedagógica – Entre as actividades do Centro deverão estar, igualmente, aquelas que têm por finalidade directa apoiar a formação escolar das crianças ou jovens africanos, particularmente aqueles com maiores problemas familiares, carências materiais ou maiores dificuldades de adaptação escolar. Várias formas de apoio são propostas:

- encaminhamento para instituições próprias, como por exemplo a Casa Pia, das crianças com particulares problemas familiares;
- fornecimento de livros e outro material escolar;
- orientação pedagógica;

Tempo de estudo ou acompanhamento escolar para crianças e jovens com problemas particulares de aproveitamento escolar;

- explicações, nomeadamente de português, aos estudantes universitários com maiores problemas de adaptação;
- actividades culturais visando complementar os programas escolares portugueses com o conhecimento do país e da cultura de origem dos pais.

7.1 O Centro procurará prestar uma atenção especial às “crianças da rua” de origem africana, procurando formas de reintegração familiar e social, com o apoio de instituições especializadas nesse domínio.

8. Assistência religiosa – ajudar os imigrantes africanos a uma melhor integração na igreja local, dando-lhes, ao mesmo tempo, a oportunidade de viverem e celebrarem a sua fé cristã com a originalidade própria da sua cultura e da sua tradição religiosa, será uma das preocupações do Centro.

8.1 Esta assistência religiosa poderá incluir: preparação para os sacramentos do baptismo e do matrimónio, celebrações da eucaristia na sua língua ou com expressão cultural própria, catequese nos bairros degradados, serviço de cartório (certidões de baptismo, papéis de casamento, etc.), promoção de grupos de reflexão cristã ou de movimentos como a Legião de Maria, esclarecimento sobre as características das seitas, etc.

8.2 Este serviço espiritual será sempre feito em comunhão com a Igreja local e com as instituições ou pessoas designadas para orientar a pastoral própria de assistência religiosa à imigração.

9. Sensibilização da opinião pública – A nossa sociedade está, em geral, muito mal informada sobre a problemática concernente à imigração, o que origina, não raras as vezes, manifestações de racismo ou xenofobia.

9.1 O uso dos meios de comunicação social para melhor informar sobre a vida e problemas próprios dos diferentes grupos de imigrantes africanos, será uma actividade deste Centro.

9.2 A participação em reuniões ou em congressos sobre a problemática da imigração, bem como o contacto e colaboração com outras instituições que se interessam pela defesa dos direitos dos imigrantes africanos será também um dos seus objectivos.

IV – FINANCIAMENTO

1. A Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, para além de montar uma estrutura mínima que permita o funcionamento do Centro Padre Alves Correia (v.g. móveis, telefone, máquina descrever, material de cozinha e telefone), disponibilizará um fundo financeiro inicial, a estabelecer pelo Conselho Provincial, que permita fazer face às primeiras despesas

2. O Centro procurará arranjar fundos e meios de fazer face às suas despesas correntes e para financiar as suas iniciativas, nomeadamente através de:

- pedidos de subsídios a instituições: Governo Civil, Câmara Municipal Segurança Social, Direcção Geral da Família, CEE, Caritas portuguesa ou internacional, Misericórdias Portuguesas, Patriarcado, etc.;

- renumeração de alguns serviços prestados: documentação, etc;

- pedidos de subsídios a particulares;

- venda de artesanato ou produtos africanos;

- outras iniciativas.

3. No início de cada ano de actividades, a Administração fará o balanço e o orçamento, que submeterá à apreciação do Conselho Provincial.

4. A Direcção elaborará, igualmente, um relatório de actividades e um programa para o ano seguinte, a fornecer às instituições financiadoras ou doadoras de subsídios.

V – ESTATUTOS

A partir destas propostas, serão elaborados os Estatutos do Centro, para serem aprovados pelo Conselho Provincial, pelo Patriarcado, pela Direcção da Obra Católica de Migrações e pelo Ministério da Administração Interna.

Lisboa, 8 de Outubro de 1991

Propõem este projecto: P. Afonso Cunha, responsável pela pastoral diocesana dos caboverdianos; P. Figueira Pinto, da assistência aos imigrantes africanos; P. Firmino Cachada, coordenador da comissão espiritana “Justiça e Paz”; Irmã Purificação, religiosa do Coração de Maria, da assistência aos imigrantes africanos.

Texto n° 6: Estatutos do Centro Padre Alves Correia

Capítulo 1°

Denominação, natureza, sede e âmbito de acção

Artigo 1°

1. O Centro Padre Alves Correia, adiante designado Centro ou pela sigla CEPAC, é uma instituição sem fins lucrativos, com personalidade jurídica no foro canónico e civil, criada por iniciativa e sob a responsabilidade da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, para acolhimento e apoio a imigrantes africanos, particularmente os provenientes dos países de língua portuguesa.
2. O Centro é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, canonicamente erecta.
3. O Centro está sujeito à vigilância do Patriarca de Lisboa, de modo similar ao das associações públicas de fiéis, nos termos do Código do Direito Canónico.

Artigo 2°

1. O Centro, constituído por tempo indeterminado, tem a sua sede na Rua de Santo Amaro, à Estrela, n° 43, em Lisboa, local onde viveu largos anos o Padre Alves Correia, conhecido missionário espiritano que foi Procurador das Missões e se distinguiu pelo seu trabalho de sensibilização no domínio da justiça e da paz.
2. Os espaços de acção programada a partir do Centro são, de preferência, os bairros degradados da cidade de Lisboa e sua periferia, sempre que possível, numa base de entendimento e colaboração com outras instituições ou pessoas ligadas à assistência social ou religiosa dos referidos bairros.

Artigo 3°

1. Sem quebra da sua autonomia e independência e dos princípios que o criaram, o Centro coopera, na medida das suas possibilidades e na realização dos seus fins, com quaisquer entidades públicas e particulares que o desejem e igualmente promove a colaboração e o melhor entendimento com as autoridades e as populações locais.

2. O Centro pode, assim, celebrar acordos com outras instituições ou com o próprio Estado ou Autarquias Locais, para melhor realização dos seus fins, mas sem constituírem limitações ao seu direito de livre actuação.

Capítulo 2º

Fins e actividades da instituição

Artigo 4º

1. O objectivo principal do Centro é o acolhimento e apoio, a diversos níveis, aos imigrantes africanos, particularmente dos países de expressão portuguesa.

2. O Centro dá, igualmente, atenção e procura exercer, na medida do possível, uma acção pastoral e social junto de todos os necessitados que solicitam auxilio, nomeadamente os refugiados os estudantes africanos e os marginalizados da nossa sociedade.

Artigo 5º

1. O Centro procura promover todo o tipo de actividades que possam ajudar as imigrantes africanos e outros eventuais beneficiários da sua acção, a serem capazes de assumir, com dignidade e sem desequilíbrios, a sua própria integração social, económica e religiosa.

2. As referidas acções traduzem-se no seguinte:

a) Apoio administrativo e documental;

b) Esclarecimento e defesa dos direitos dos imigrantes e suas famílias;

c) Apoio às famílias em situação económica débil;

d) Apoio jurídico em processos litigiosos;

e) Promoção cultural e social em colaboração com outras entidades ou instituições que trabalham neste campo, fomentando particularmente as actividades que visam promover a cultura e as tradições do país de origem;

f) Orientação escolar e pedagógica das crianças ou jovens africanos, sobretudo daqueles com maiores problemas familiares, carências materiais ou dificuldades de integração escolar;

g) Assistência religiosa, em comunhão com a Igreja local e com as instituições ou pessoas designadas pelo Patriarca de Lisboa para orientar a pastoral própria da assistência religiosa à imigração;

h) Informação e sensibilização da opinião pública sobre os problemas específicos da imigração.

Artigo 6º

Embora a acção do Centro não se limite à sua sede, nesta há atendimento com carácter diário e cujo horário será fixado em função das reais necessidades.

Capítulo 3º

Corpos gerentes do Centro

Artigo 7º

Para o desempenho da sua missão, o CEPAC conta com os seguintes corpos gerentes:

- a) Direcção;
- b) Conselho Fiscal.

Artigo 8º

1. A direcção do Centro é da responsabilidade da Provincia Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, podendo, contudo, agregar outras pessoas, religiosas ou leigas, que possam colaborar na orientação e realização das diversas actividades.

2. A nomeação ou exoneração dos elementos que constituem a Direcção do Centro é da responsabilidade do Ordinário do lugar por proposta do Conselho Provincial da Congregação do Espírito Santo.

3. A Direcção é constituída pelos seguintes elementos: um Director, um Tesoureiro, um Secretário e dois Vogais.

Artigo 9º

Compete à Direcção:

- a) Administrar os bens e serviços do Centro, zelar pelo seu bom funcionamento e promover todos os actos necessários à realização dos seus fins;
- b) Representar o Centro e constituir mandatários, os quais obrigarão o Centro de acordo com os respectivos mandatos;
- c) Elaborar, anualmente, orçamentos e relatórios, contas de gerência e programas de acção e submetê-los à aprovação do Conselho Provincial e, através deste, ao Ordinário Diocesano.

Artigo 10º

1. O Conselho Fiscal é constituído por um Presidente, um Secretário e um Relator, nomeados pelo Ordinário do lugar sob proposta do Conselho Provincial da Congregação do Espírito Santo.

2. Compete ao Conselho Fiscal auxiliar a Direcção no exercício do seu múnus e exercer todas as demais atribuições previstas no artigo 67º das Normas Gerais para a Regulamentação das Associações de Fiéis, estabelecidas pela Conferência Episcopal Portuguesa em 15 de Março de 1988.

Capítulo 4º

Regime financeiro e patrimonial

Artigo 11º

1. A Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo afecta ao Centro o rés-do-chão do nº 43 da Rua de Santo Amaro, à Estrela, em Lisboa, e respectivo equipamento, dos quais é proprietária, para nele funcionar a sua sede e centro de acolhimento e orientação.

2. A Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo disponibiliza, ainda, um fundo financeiro inicial de dois milhões de escudos, a fundo perdido, para permitir fazer face às primeiras despesas.

Artigo 12º

1. O Centro procura angariar fundos e meios de fazer face às suas despesas correntes e para financiar as suas iniciativas, nomeadamente através de:

a) Pedidos de subsídios a instituições governamentais e comunitárias e outras instituições tais como: Câmaras Municipais, Cáritas Portuguesa ou Internacional, Patriarcado de Lisboa, Misericórdias Portuguesas, instituições bancárias e outras;

b) Remunerações de alguns serviços prestados;

c) Pedidos de subsídios a particulares;

d) Outras iniciativas.

2. O Centro pode aceitar legados e heranças, estas desde que a benefício de inventário, não podendo ficar a cumprir encargos que excedam as forças da herança ou do legado ou que sejam contrárias à lei.

Artigo 13º

1. A Direcção elabora, anualmente, o plano de actividades para o ano seguinte e o respectivo orçamento, que submeterá à apreciação do Conselho Provincial até 15 de Dezembro do ano anterior a que respeita.

2. A Direcção elabora, igualmente, o relatório de contas e de actividades relativo ao ano anterior, o qual será submetido à apreciação do Conselho Provincial até 31 de Março do ano seguinte àquele a que respeita.

3. São fornecidas cópias quer do plano quer do relatório de actividades do Centro às instituições financiadoras ou doadoras de subsídios, sempre que o solicitarem.

Capítulo 5º

Disposições finais

Artigo 14º

1. O Centro rege-se pelos presentes Estatutos e pelos Regulamentos que posteriormente venham a ser elaborados pela Direcção e aprovados pelo Conselho Provincial da Congregação do Espírito Santo.

2. O Centro observa os preceitos da legislação canónica e civil que lhe for aplicável e designadamente as disposições do Decreto-Lei nº 119/83, de 25 de Fevereiro, sem prejuízo das sujeições canónicas que lhe são próprias.

Artigo 15º

Em caso de extinção, o Conselho Provincial nomeia, imediatamente, uma comissão liquidatária e indica para quem reverte o eventual activo.

O Conselho Provincial da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo reconhece o CEPAC (Centro Padre Alves Correia) e aprova os presentes Estatutos.

Lisboa, 26 de Março de 1992

O Provincial: Padre José de Castro Oliveira

A direcção do CEPAC proposta em 28/03/1992:

Diretor: Padre António Ribeiro Laranjeira

Tesoureiro: Padre Afonso Cunha Duarte

Secretário: Irmã Purificação Sá Cachada

Vogais: Padre Firmino Sá Cachada

Sr. José Vaz Moreira

Texto nº 7: Declaração do Ministério do Emprego e da Segurança Social – Direcção-Geral da Acção Social

Declara-se que o documento anexo, composto de 10 folhas, por mim rubricadas e tendo apostado o selo branco desta Direcção-Geral, está conforme ao original dos estatutos e

registados em 15/6/93, no Livro nº 5 das Fundações de Solidariedade Social, sob o nº 9/93, a fls. 12.

DIRECÇÃO-GERAL DA ACÇÃO SOCIAL, em 30 JUN. 1993

A CHEFE DE SECÇÃO

Maria Edite S. Freire Rodrigues.

Texto nº 8: Decreto do Patriarcado de Lisboa

Tendo sido devidamente apresentados ao Cardeal Patriarca de Lisboa o pedido de aprovação dos Estatutos do Centro Padre Alves Correia e de concessão de erecção canónica do mesmo Centro, -----

Havemos por bem erigir canonicamente a constituir como pessoa jurídica o referido CENTRO PADRE ALVES CORREIA, com a sede na Rua de Santo Amaro à Estrela, nº 43, em Lisboa, Freguesia da Lapa, Conselho, Distrito e Patriarcado de Lisboa, e igualmente aprovar os ditos ESTATUTOS, que constam de quinze artigos dactilografados em dez folhas numeradas, rubricadas pelo Chanceler da Cúria Patriarcal e com o selo branco da Chancelaria Patriarcal de Lisboa. -----

Chancelaria Patriarcal de Lisboa, 9 de Outubro de 1992

Por mandato especial

+ D. António dos Reis Rodrigues, Vigário Geral

Bispo titular de Madarsuma, Auxiliar do Patriarcado

Texto nº 9: Regulamento Interno

CAPÍTULO I

DISPOSIÇÕES GERAIS

NORMA I

Natureza e Âmbito de Acção

1. O Centro Padre Alves Correia, adiante designado pela sigla CEPAC, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, sem fins lucrativos, com personalidade jurídica no foro canónico e civil, criada por iniciativa e sob responsabilidade da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, para acolhimento e apoio a imigrantes.

2. O CEPAC tem acordo de cooperação para a resposta social de atendimento/accompanhamento social, celebrado com o Centro Distrital de Segurança Social de Lisboa e Vale do Tejo e rege-se pelas normas que se seguem.

3. O CEPAC, constituído por tempo indeterminado, tem a sua sede na Rua de Santo Amaro à Estrela n.º 43, em Lisboa, onde viveu largos anos o Padre Alves Correia, conhecido missionário espiritano que se distinguiu pelo seu trabalho de sensibilização no domínio da Justiça e da Paz.

4. Sem quebra da sua autonomia e independência e dos princípios que o criaram, o CEPAC coopera, na medida das suas possibilidades e na realização dos seus fins, com quaisquer entidades públicas e particulares que o desejem e igualmente promove a colaboração e o melhor entendimento com as autoridades e as populações locais.

5. O CEPAC pode, assim, celebrar acordos com outras instituições ou com o próprio Estado ou Autarquias Locais, para a melhor realização dos seus fins, mas sem limitações ao seu direito de livre actuação.

NORMA II

Objectivos do Regulamento

O presente Regulamento Interno de Funcionamento visa:

- 1 - Promover o respeito pelos direitos dos clientes e demais interessados;
- 2 - Assegurar a divulgação e o cumprimento das regras de funcionamento do CEPAC;
- 3 - Promover a participação activa dos clientes ou seus representantes legais ao nível da gestão das respostas sociais.

NORMA III

Serviços Prestados e Actividades Desenvolvidas

1. O CEPAC assegura a prestação dos seguintes serviços:
 - 1.1. Apoio Social
 - 1.2. Apoio Psicológico e Psiquiátrico
 - 1.3. Apoio Jurídico
 - 1.4. Apoio Médico e de Enfermagem
 - 1.5. Apoio Medicamentoso
 - 1.6. Apoio Alimentar
 - 1.7. Apoio em Vestuário
2. O CEPAC realiza ainda as seguintes actividades:
 - 2.1. Aulas de Português e de Alfabetização
 - 2.2. Aulas de informática
 - 2.3. Acesso à Internet
 - 2.4. Atelier Ocupacional
 - 2.5. Encaminhamento e monitorização na procura de trabalho
 - 2.6. Encaminhamento e monitorização na criação do próprio negócio e/ou emprego

2.7 Promoção cultural e social em colaboração com outras entidades ou instituições que trabalham neste campo, fomentando particularmente as actividades que visam promover a cultura e as tradições do país de origem

2.8 Informação e sensibilização da opinião pública sobre os problemas específicos da imigração.

CAPÍTULO II

PROCESSO DE ADMISSÃO DOS CLIENTES

NORMA IV

CrITÉrios de Admissão

1- Serão admitidos o mais imediatamente possível as pessoas nas seguintes situações:

- a) Imigrantes em situação irregular;
- b) Doentes deslocados (Juntas Médicas);
- c) Acompanhantes dos doentes deslocados (Juntas Médicas);
- d) Estudantes Africanos, com permanência em Portugal inferior a um ano.

2- Poderão ser admitidas as pessoas com Autorização de Residência por questões Humanitárias, encaminhadas através do Conselho Português para os Refugiados (CPR), depois de um diálogo, caso a caso, com os Técnicos e sempre na medida das disponibilidades do CEPAC.

3- Imigrantes com Autorização de Residência (Regulares) serão admitidos apenas em situações de manifesta carência e de acordo com a disponibilidade de vaga.

NORMA V

Candidatura

1- Para efeitos de admissão, o interessado deverá inscrever-se na recepção, indicando o seu nome, nacionalidade, número de contacto telefónico ou outro meio de contacto possível e indicar, ainda que muito discretamente a sua situação legal em Portugal.

2- Um dos Técnicos fará uma breve entrevista de triagem e dará instruções ao recepcionista para que marque ou não a primeira entrevista. O recepcionista indicará ao candidato o dia e a hora de uma primeira entrevista com um dos Técnicos, entregando-lhe um impresso próprio comprovativo da respectiva marcação.

3- Ao candidato será entregue uma lista dos documentos que deverá mostrar ao Técnico, a quando da primeira entrevista, a saber:

- Passaporte e documentos de identificação do agregado;

- Se os tiver, outros documentos próprios da sua situação de imigrante, doente deslocado ou estudante. Quando necessário, igualmente os mesmos documentos do representante legal;
- Cartão de Contribuinte do candidato e do representante legal, se o tiver;
- Se estiverem inscritos, o Cartão de Beneficiário da Segurança Social do candidato e do representante legal, quando necessário;
- Se o tiver, o Cartão de Cliente dos Serviços de Saúde ou de subsistemas a que o candidato pertença;
- Comprovativo dos rendimentos do candidato e do agregado familiar, sempre que existam;
- Recibos comprovativos de todas as despesas (renda de casa, água, luz, etc);
- Declaração assinada pelo candidato em como autoriza a informatização dos dados pessoais para efeitos de elaboração de processo de cliente;

4- A candidatura poderá ser feita durante as horas de abertura e terá de ser presencial, feita pelo interessado ou representante legal. Só nos casos de encaminhamentos feitos por Técnicos de outras Instituições, se aceitarão marcações pelo telefone.

5- Em caso de admissão urgente, pode ser dispensada a apresentação de candidatura e respectivos documentos probatórios, devendo todavia ser desde logo iniciado o processo de obtenção dos dados em falta.

6- Em situações especiais pode ser solicitada certidão da sentença judicial que regule o poder paternal ou determine a tutela/curatela.

7- Se o candidato faltar à entrevista marcada, sem avisar e sem justificação, ou chegar com um atraso superior a 20 minutos, ser-lhe-á marcada uma segunda entrevista. Se a situação se voltar a repetir, a sua candidatura será suspensa por três meses.

NORMA VI

Admissão

1- Na primeira entrevista um dos Técnicos, preferencialmente a Assistente Social, fará um diagnóstico inicial, recolhendo os dados e cópia dos documentos que considerar adequados e necessários.

2- Informará o candidato que receberá a visita da Equipa de Visitas Domiciliárias, em dia e hora a marcar, por acordo com o candidato.

3- O candidato será esclarecido de que se trata de uma visita domiciliária, com o objectivo de aprofundamento da análise diagnóstica, para que o projecto de intervenção a contraturalizar posteriormente com o cliente seja o mais eficiente e eficaz possível. No caso de o candidato não acordar com a visita, o Técnico deverá consultar o Director Técnico, que decidirá da possibilidade de dispensa da visita domiciliária no caso concreto.

4- Após a realização da visita domiciliária, o Técnico que efectuou a primeira entrevista reunir-se-á com a equipa de visita domiciliária e, em conjunto, elaboram um projecto de intervenção individual a propor posteriormente ao cliente.

5- Ao realizar-se a visita domiciliária, se a equipa observar uma situação de carência extrema poderá autorizar o candidato a usufruir, pontualmente, dos apoios do CEPAC, mesmo antes da reunião com o Técnico que acompanha o processo. Tal autorização terá de ser feita por escrito, devendo o candidato apresentá-la ao rececionista do CEPAC.

6- O candidato será de novo contactado e, em diálogo com o Técnico responsável, será negociado o respectivo projecto de intervenção individual, que ficará escrito e assinado por ambas as partes. O acesso aos serviços prestados pelo CEPAC depende da assinatura do referido projecto.

7- O projecto de intervenção individual tem uma duração máxima de três meses. Findo este prazo o CEPAC deverá reavaliar as condições do cliente para estabelecer o prazo de renovação. Sem prejuízo da análise casuística e das necessidades do cliente, os serviços de apoio prestados pelo CEPAC não deverão ter uma duração superior a um ano.

8- É competente para decidir da admissão ou não de um candidato o Técnico responsável pelo candidato.

9- Todos os serviços prestados serão gratuitos, não podendo haver, em nenhum caso, pagamento de serviços.

NORMA VII

Processo Individual do Cliente

1- O CEPAC tem os processos dos clientes organizados em pastas individuais, guardadas em ficheiro próprio, localizados fisicamente no Gabinete de Serviço Social, devendo do processo constar todos os documentos necessários à elaboração do diagnóstico social do cliente.

2 – Os clientes seguidos em Psicologia têm também o seu processo guardado em ficheiro próprio, no Gabinete de Psicologia, devendo conter apenas os elementos necessários à avaliação psicológica.

3 – O processo de saúde dos clientes é autónomo e está guardado em ficheiro próprio, no Gabinete Médico.

4- O acesso a estes documentos está reservado aos Técnicos ou aos Estagiários. Para que os Estagiários possam aceder a estes dados, será necessária autorização expressa do seu orientador.

5- O rececionista só tem acesso a uma pequena ficha biográfica, cujo ficheiro está sob a sua responsabilidade, onde constam, além dos dados biográficos mínimos, a constituição do agregado familiar do cliente e o prazo contratualizado até à reavaliação.

NORMA VIII

Cessação do Apoio

1- O apoio prestado pelo CEPAC termina quando:

- a) Os objectivos do projecto de intervenção individual são atingidos;

b) O cliente não cumpra, por factos que lhe possam ser imputados, o que com ele foi contratualizado;

c) O cliente falte, sem justificação, duas vezes consecutivas a entrevistas marcadas;

d) O cliente falte, sem justificação, duas vezes consecutivas ao levantamento do seu cabaz quinzenal de alimentos;

e) O cliente não respeite as normas e os objectivos do CEPAC ou desrespeite gravemente os colaboradores e/ou voluntários.

2- Tem competência para decidir o que diz respeito ao nº 1, alíneas a), b), c) e d) o Técnico responsável pelo cliente, ou outro Técnico que o substitua. O que diz respeito à alínea e) do mesmo número é da competência exclusiva do Director Técnico.

3- Nos casos de cessação do apoio, deverá ser realizado um relatório de saída que deverá descrever os factos e os motivos da referida cessação. Este relatório faz parte integrante no processo individual do cliente, o qual deverá passar para arquivo morto.

CAPÍTULO III

INSTALAÇÕES E REGRAS DE FUNCIONAMENTO

NORMA IX

Instalações

1. O Centro Padre Alves Correia está sediado na Rua de S. Amaro à Estrela, nº 43, e as suas instalações são compostas por:

- Três gabinetes de atendimento;
- Gabinete do Director Técnico;
- Uma sala de espera e recepção;
- Gabinete destinado ao apoio medicamentoso;
- Gabinete médico e de enfermagem;
- Depósito de roupa;
- Sala de distribuição de roupa;
- Sala para reuniões e formação;
- Depósito de alimentos;
- Gabinete de arquivo;
- Três instalações sanitárias destinadas a clientes;
- Duas instalações sanitárias destinadas a funcionários e voluntários;
- Sala de arrumos.

NORMA X

Horários de Funcionamento

- 1- O CEPAC está aberto de Segunda a Sábado das 9 às 13 horas e das 14 às 17 horas.
- 2- Durante os períodos de abertura, estará sempre presente um Técnico Superior.
- 3 – Os atendimentos feitos pelos Técnicos são feitos através de marcação prévia (dia e hora). As situações urgentes serão resolvidas de acordo com as disponibilidades.
- 4 – Os clientes têm direito de ser atendidos nos dias previamente marcados admitindo-se uma tolerância de 20 minutos.
- 5 - Os diversos atendimentos ou apoios que dependem de voluntários são regulamentados e devidamente afixados, de acordo com a disponibilidade destes. Em caso de alteração por factos imprevistos, os clientes serão avisados telefonicamente. O contacto será efectuado para o número de telefone indicado pelo cliente para o efeito. O CEPAC não se responsabiliza por eventuais prejuízos causados pelo facto dos clientes não se encontrarem disponíveis para a recepção deste contacto.
- 6 – O período normal de férias será de 1 a 31 de Agosto. Durante este período ficará assegurado apenas o serviço mínimo de atendimento social, com a presença de um Técnico e de um Rececionista.
- 7 – Por decisão da Direcção, poderão ser decretados outros dias de encerramento, sendo tornado público esse encerramento, pelos meios habituais, com um prazo mínimo de antecedência de uma semana.

NORMA XI

Actividades/Serviços Prestados

- 1 – Ao cliente que se dirige pela primeira vez ao CEPAC é feito, por um Técnico, um atendimento de triagem e, se estiver dentro dos critérios de admissão, ser-lhe-á marcado um atendimento social.
- 2 - O Apoio Social será realizado por um Técnico, na medida possível Assistente Social, que fará uma primeira aproximação diagnóstica. O cliente só poderá receber apoio continuado se se dispuser a aceitar pelo menos uma visita domiciliária e assinar o Contrato Individual de Integração. (Cf. Norma VI)
- 3 – O Apoio Psicológico será realizado por um psicólogo clínico e poderá revestir a forma de acompanhamento individual e/ou em grupo.
- 4 – O Apoio Psicológico poderá ser sugerido por um Técnico do CEPAC ou a pedido do próprio cliente, mas sujeito a confirmação da pertinência, que só um Técnico poderá realizar.
- 5 – O Apoio Jurídico, totalmente assegurado por Voluntários, será concedido apenas aos clientes que possuam cartão de cliente do CEPAC. A marcação é feita de acordo com os dias e horas disponíveis.
- 6 - O apoio na área da saúde rege-se pelas seguintes normas:

6.1 – Apoio Medicamentoso:

- a) O CEPAC desenvolve a sua actividade no apoio a imigrantes em situação irregular, ou a clientes em situação de clara pobreza. No âmbito da saúde, fornece, gratuitamente e na medida das suas possibilidades, apoio médico e medicamentoso aos imigrantes que têm dificuldade em recorrer aos organismos oficiais e que não têm meios para adquirir os medicamentos de que necessitam.
- b) Para que este apoio se concretize, é sempre necessária uma consulta de triagem, no âmbito dos cuidados primários de saúde. Por isso, os clientes apoiados, habitualmente, através das várias valências do CEPAC, serão incentivados a fazer esta consulta, sendo, por isso, o cliente encaminhado para tal pelo Técnico responsável a nível social.
- c) Poderá também ser prestado auxílio a outros cidadãos que já vêm direccionados de outras instituições e cujo apoio é assumido pelo Director.
- d) Os medicamentos só são fornecidos a doentes que apresentem receita médica válida e dentro do prazo de validade.
- e) As receitas não aviadas não podem ficar na instituição. Caso não seja possível dar uma resposta no momento, o doente levará consigo a respectiva receita.
- f) Sempre que possível, o Farmacêutico ou Técnico de Saúde entregará em mãos, os medicamentos ao doente, ou ao seu responsável legal. O Farmacêutico ou Técnico de Saúde deverá fornecer todos os esclarecimentos necessários aos clientes, relativamente às tomas e dar outros esclarecimentos adicionais que considere convenientes.
- g) Casos excepcionais que surjam, que não estejam dentro destes procedimentos, serão da responsabilidade do Director, em coordenação com o Farmacêutico e/ou Técnico de Saúde.
- h) Na impossibilidade de contactar os Técnicos de Saúde as receitas deverão ser devolvidas aos doentes.

6.2 – Apoio Médico:

- a) As marcações das consultas médicas serão sempre supervisionadas por um Técnico, de acordo com a disponibilidade dos Médicos, que actua em regime de voluntariado. Contudo, normalmente, será o Enfermeiro que fará a respectiva triagem.
- b) As consultas de Psiquiatria serão marcadas pelo Psicólogo, de acordo com as disponibilidades do Médico Psiquiatra, que actua em regime de voluntariado.

7 – O CEPAC no âmbito do apoio social fornece, gratuitamente, apoio em roupa e calçado de acordo com o stock existente e com as normas regulamentares que se seguem:

a) Só terão acesso directo a este apoio os clientes inscritos no CEPAC. No cartão de cliente será sempre anotada a data dos apoios recebidos, sendo o recepcionista que o atendeu o responsável pela anotação da mesma no respectivo cartão.

b) Os clientes, do CEPAC, poderão ter acesso a este depósito nos dias e horários marcados e apenas uma vez por mês. No caso de o cliente chegar à Instituição e houver um número significativo de outros clientes em espera, a sua inscrição poderá não ser aceite nesse dia, devendo ser-lhe indicado outro de acordo com as disponibilidades das partes. Em casos excepcionais, o Voluntário que atendeu o cliente poderá dar a indicação ao recepcionista para autorizar uma próxima vinda antes do prazo estabelecido.

c) O Voluntário que atender, pela primeira vez, qualquer cliente deverá informá-lo de que para posteriores apoios de roupa ou calçado, este terá de trazer sacos para poder levar as peças que lhe forem atribuídas.

d) O Voluntário terá o cuidado de verificar no cartão o agregado familiar do cliente, não permitindo que este leve roupa e/ou calçado não adequado às pessoas em causa.

e) O Voluntário dará a cada cliente o número de peças de roupa e/ou de calçado de acordo com critérios de razoabilidade e gestão equilibrada dos recursos existentes.

f) Em reunião periódica entre o Voluntário responsável do banco de roupa e os Técnicos estabelecer-se-á o número máximo de peças a atribuir a cada cliente, de cada vez. Situações excepcionais terão de ser sempre assumidas pelo Técnico e /ou pelo Voluntário que atende o cliente.

g) As situações excepcionais que surjam, que não estejam contempladas pelo presente regulamento, serão da responsabilidade do Director Técnico.

8 – O CEPAC no âmbito do apoio social fornece, gratuitamente, apoio em alimentos de acordo com as directivas do Banco Alimentar Contra a Fome e com as normas regulamentares que se seguem:

a) Só terão acesso directo a este apoio os clientes inscritos no CEPAC No cartão de cliente será sempre inscrito o escalão do cabaz a que tem direito, de acordo com o número de pessoas que constitui o seu agregado familiar.

b) Para efeitos de atribuição de alimentos são considerados os seguintes escalões:

- Escalão A: agregados familiares constituídos apenas por uma pessoa;
- Escalão B: agregados familiares constituídos por 2 a 6 pessoas;
- Escalão C: agregados familiares constituídos por mais de 6 pessoas.

c) Os alimentos são distribuídos de forma equitativa, de acordo com os escalões e de acordo com os alimentos fornecidos pelo Banco Alimentar Contra a Fome. Por isso, tendo em conta os alimentos recebidos, um dos Técnicos do CEPAC fará um “ratio” semanal, que será rigorosamente respeitado por quem faz e distribui os cabazes.

d) Cada cliente tem direito a levantar quinzenalmente o seu cabaz devendo ser inscrito no seu cartão de cliente o dia e a hora do levantamento.

e) Para poder garantir um atendimento digno, cada cliente terá de respeitar o dia e a hora marcados. Não cumprindo este requisito, o rececionista deverá adverti-lo do não cumprimento. Se o cliente persistir no incumprimento, o rececionista deverá informar um dos Técnicos a quem compete a decisão sobre as medidas adequadas. O cliente deverá estar consciente que o incumprimento reiterado terá por eventual consequência a suspensão ou cessação do apoio alimentar.

f) Para que não haja desperdício de alimentos, a ausência não justificada do cliente no levantamento do seu cabaz, em duas marcações consecutivas, implicará a cessação automática do apoio alimentar.

g) Todas as excepções não previstas nestas normas são da responsabilidade do Director Técnico.

NORMA XII

Quadro de Pessoal

1 - O quadro de pessoal encontra-se afixado em local bem visível, contendo a indicação do número de recursos humanos (d direcção técnica, equipa técnica, pessoal auxiliar e voluntários), formação e conteúdo funcional, definido de acordo com a legislação/normativos em vigor.

2 – O quadro de pessoal é composto pelas seguintes categorias profissionais e com o seguinte conteúdo funcional:

a) Director Técnico, com as seguintes funções:

- Supervisão técnica de todas as respostas Sociais;
- Fazer cumprir o ideário e o regulamento interno;
- Operacionalização dos princípios estabelecidos pela Direcção;
- Coordenação das Visitas Domiciliárias;
- Aprovação dos Planos de Acção e de Actividades, a submeter à Direcção;
- Aprovação dos Relatórios de Actividades e/ou outros Relatórios;

- Representação do CEPAC em todas as reuniões e/ou eventos externos relacionados com a intervenção social;

- Porta-voz da Direcção na relação com as entidades oficiais.

b) Assistente Social:

- Atendimentos sociais;

- Acompanhamento e monitorização dos projectos individuais de intervenção;

- Elaboração dos Planos de Acção e de Actividades;

- Elaboração dos relatórios necessários.

c) Psicólogo:

- Atendimentos psico-sociais

- Acompanhamento psicológico individual e em grupo;

- Acompanhamento e monitorização dos projectos individuais de intervenção;

- Elaboração dos Planos de Acção e de Actividades;

- Elaboração dos Relatórios necessários.

d) Recepcionista:

- Registo das presenças dos clientes;

- Atendimento do telefone e telemóvel;

- Efectuar as marcações nos cartões de clientes para os diversos apoios concedidos ao cliente;

- Prestar as informações necessárias ao atendimento dos clientes;

- Substituir o Auxiliar de Limpeza, sempre que necessário.

- Condução das viaturas da Instituição, sempre que necessário.

d) Auxiliar de Limpeza:

- Fazer limpeza e velar pela higiene das instalações;

- Conduzir a carrinha sempre que necessário;

- Carregar e descarregar os alimentos, provindos do Banco Alimentar Contra a Fome;

- Distribuição dos cabazes dos alimentos aos clientes;

- Substituir o Recepcionista, sempre que necessário.

NORMA XII

Voluntários

1 – O CEPAC tem voluntários ao seu serviço que, generosamente, dão algum do seu tempo em tarefas ou serviços. Só em casos excepcionais serão admitidos voluntários que não possam dar um tempo certo, em dias e horas marcadas.

2 – Dentro das necessidades e do desejo ou competência dos interessados, poderão ser várias as actividades desenvolvidas pelos voluntários. Contudo, naquelas actividades que exijam competência científica e/ou Técnica só poderão ser admitidos se possuírem as habilitações exigidas por lei.

3 – A admissão dos voluntários é da competência do Director Técnico que, em diálogo com cada um, estabelecerá os momentos fixos da sua colaboração no CEPAC.

4 – Os voluntários deverão conhecer e respeitar as normas do Regulamento Interno.

NORMA XIII

Direcção Técnica

1 - A Direcção Técnica é da responsabilidade de um Assistente Social, nos termos da legislação em vigor, cujo nome, formação e conteúdo funcional se encontra afixado em lugar visível.

2 – Compete ao Director Técnico:

- Supervisão técnica de todas as respostas Sociais;
- Fazer cumprir o ideário e o regulamento interno;
- Operacionalização dos princípios estabelecidos pela Direcção;
- Coordenação das Visitas Domiciliárias;
- Aprovação dos Planos de Acção e de Actividades, a submeter à Direcção;
- Aprovação dos Relatórios de Actividades e/ou outros Relatórios;
- Representação do CEPAC em todas as reuniões e/ou eventos externos relacionados com a intervenção social;
- Porta-voz da Direcção na relação com as entidades oficiais.

CAPÍTULO IV
DIREITOS E DEVERES
NORMA XIV

Direito dos Cliente:

São direitos do cliente:

- a) Ser atendido de forma correcta, com respeito e delicadeza;
- b) O sigilo em relação a todos os dados fornecidos;
- c) Como cidadão livre que é, ser respeitado nas suas opções, desde que não contrariem a ordem, a segurança e a saúde pública;
- d) Receber todos os apoios que o CEPAC lhe possa prestar, de acordo com o que foi contratualizado com ele;
- e) Saber o porquê de todas as orientações que lhe forem dadas pelos colaboradores e/ou voluntários;
- f) Vinte minutos de tolerância nos atrasos em relação à hora da entrevista marcada, ou para o levantamento do seu cabaz de alimentos;
- f) Ser ouvido pelo Director Técnico, caso não concorde ou queira esclarecer alguma orientação dada pelo Técnico que o atendeu ou acompanha;
- g) Pedir o livro de reclamações.

NORMA XV

Deveres do Cliente

São deveres do cliente:

- a) Respeitar o espaço das instalações e manter-se nele com urbanidade;
- c) Tratar os colaboradores e/ou voluntários com delicadeza e respeito;
- b) Cumprir os objectivos do plano de intervenção contratualizados;
- c) Mostrar toda a documentação necessária para a elaboração do seu processo individual;
- d) Receber a Equipa de Visitas Domiciliárias em sua casa;
- e) Em caso de conflito de interesses, respeitar as decisões do Técnico que o acompanha e/ou atende ou as decisões do Director Técnico.

NORMA XVI

Direitos dos Colaboradores e Voluntários

São direitos dos Colaboradores e Voluntários:

- O cumprimento, por parte do CEPAC, das leis do Código de Trabalho ou do Voluntariado;

- O respeito e a delicadeza, por parte dos clientes, colegas e membros da Direcção;
- Participação em acções de formação internas e externas;
- Autonomia técnica, respeitando as orientações do Director Técnico.

NORMA XVII

Deveres dos Colaboradores e Voluntários

São deveres dos Colaboradores e Voluntários:

- Contribuir para o bom ambiente no trabalho;
- Cumprir os normativos das leis do trabalho e do voluntariado;
- O sigilo profissional;
- Participar em todas as acções de formação promovidas pelo CEPAC;
- Participar em acções de formação externa, num mínimo de oito horas anuais;
- Participar nas actividades promovidas pelo CEPAC;
- Cumprir e fazer cumprir o Regulamento Interno.

NORMA XV

Contrato

Entre o cliente (ou seu representante legal) e o CEPAC é celebrado, por escrito, um contrato individual de integração, com a duração normal de um ano e revisto trimestralmente. O não cumprimento por parte do cliente do estipulado poderá levar à suspensão temporária ou definitiva de parte ou todos os apoios.

NORMA XVI

Livro de Reclamações

Os termos da legislação em vigor, o CEPAC possui livro de reclamações, que poderá ser solicitado junto do recepcionista, sempre que desejado.

CAPÍTULO V

DISPOSIÇÕES FINAIS

NORMA XVII

Alterações ao Regulamento

Nos termos da legislação em vigor, o Director Técnico do CEPAC deverá informar e contratualizar com os clientes ou seus representantes legais quaisquer alterações ao presente regulamento com a antecedência mínima de 30 dias relativamente à data da sua entrada em vigor, sem prejuízo do direito à resolução do Projecto de intervenção a que a estes assiste.

Estas alterações serão comunicadas ao Centro Regional de Segurança Social de Lisboa e Vale do Tejo, entidade competente para o licenciamento/acompanhamento técnico desta resposta social.

NORMA XVIII

Integração de Lacunas

Em caso de eventuais lacunas, as mesmas serão supridas pela entidade proprietária do CEPAC, tendo em conta a legislação/normativos em vigor sobre a matéria.

NORMA XIX

Entrada em Vigor

O presente Regulamento Interno foi aprovado pelo Conselho Provincial da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, na sua reunião ordinária de..... e pela Direcção do CEPAC, na sua reunião de..... Entra em vigor ade 2010 e revoga o Regulamento anterior, que entrou em vigor a 2 de Fevereiro de 2008.

Texto nº 10: Inquérito aos Colaboradores do CEPAC

INQUÉRITO

Caro(a) Colaborador (a) do CEPAC

No âmbito do Mestrado Integrado em Teologia, da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional Porto, pretendo pedir a vossa opinião sobre os serviços que o Centro Padre Alves Correia (CEPAC) tem dado aos imigrantes.

Gostaria imenso que disponibilizasse um pouco do seu tempo, para responder, com a máxima de sinceridade às perguntas que se seguem.

Este questionário é de teor confidencial, pelo que não precisa de se identificar. E tudo aquilo que for escrito, será utilizado unicamente no âmbito deste estudo.

Embora não haja um tempo fixo para responder às questões, pensou-se que 40 minutos serão suficientes.

Agradeço profundamente a sua colaboração na realização deste estudo.

I) Dados Pessoais

1. Género: Masculino

Feminino

2. Idade

3. Nacionalidade:

4. Estado Civil

Solteiro(a)

Divorciado (a) /Separado(a)

Casado (a)/União de facto

Viúvo(a)

5. Religião

Católica

Agnóstico/a

Ortodoxa

Ateu/Ateia

- Protestante
- Muçulmana
- Outra. Qual?

5.1 A prática religiosa é um dos aspetos importantes da sua vida?

- Sim
- Não
- Não sei/Não respondo

6. Há quanto tempo entrou no mercado de trabalho?

- Menos de 6 Meses
- De 6 meses a 1 ano
- De 1 a 5 anos
- Mais de 5 anos

7. Grau de escolaridade

- Sem estudos
- 1º Ciclo Ensino Básico (1º ao 4º ano)
- 2º Ciclo Ensino Básico (5º ao 9º ano)
- Ensino Secundário (10º ao 12º ano)
- Curso Novas Oportunidades (equivalência do ensino secundário)
- Curso Profissional
- Bacharelato
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

8. Já trabalhou noutras Instituições Sociais?

- Sim
- Não

8.1 Se respondeu que sim, indique as áreas onde trabalhou (pode assinalar várias respostas)

- Centro de Crianças e Jovens (ex.: Creches, Centros de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental, Lar de Infância...)
- Centro de Família (Centro de Atendimento/Acompanhamento Psicossocial; Casa de Abrigo, Serviço de Apoio Domiciliário...)
- Centro de Integração Comunitária (Acompanhamento Social, Ajuda Alimentar, Centro de Alojamento Temporário e Comunidade de Reinserção...)
- Centro de Proteção dos Cidadãos na Velhice e Invalidez (Serviço de Apoio Domiciliar, Centros de Acolhimento, Lar Residencial...)
- Outra. Quais?

9. Há quanto tempo conhece o CEPAC?

- Menos de 6 Meses
- De 6 meses a 1 ano
- Mais de 1 ano

10. Há quanto tempo colabora no CEPAC?

- Menos de 6 Meses
- De 6 meses a 1 ano
- Mais de 1 ano

11. Que o leva a trabalhar nesta Instituição?

II) CONHECIMENTO DOS ESPIRITANOS

12. Já alguma vez ouviu falar dos Missionários do Espírito Santo (Espiritanos)?

- Sim
- Não

Se respondeu que “não” passe para a pergunta nº 13 .

12.1 Quando ouve falar dos Espiritanos, associa a... (indique uma única, a principal)

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> uma Associação Social | <input type="checkbox"/> um Movimento ligado à Igreja Católica |
| <input type="checkbox"/> uma Família Religiosa, constituída por Religiosos onde uns são Sacerdotes e outros Irmãos | <input type="checkbox"/> uma ONG (Organização não Governamentais) |

13. Se conhece algo sobre os Espiritanos, descreva em 5 palavras o trabalho que é realizado por ele.

1. 4.
 2. 5.
 3.

14. Tendo em conta a sua experiência pessoal junto dos Espiritanos, avalie, numa escala de 1 a 5, cada um dos seguintes itens (1= pouco; 5= muito)

ITEM	ESCALA					
	1	2	3	4	5	Sem opinião
a) Conheço a vida e a obra dos fundadores dos Espiritanos						
b) Estou informado sobre o trabalho que os Espiritanos desempenham no mundo e em Portugal						
c) Conheço o estilo de vida dos Espiritanos têm.						
d) Tenho um bom relacionamento com os Espiritanos						
e) São-me dadas possibilidades de participar em atividades que me permitam conhecer melhor os Espiritanos (Magusto, Festas da Congregação...)						
f) Os Espiritanos preocupem-se com o CEPAC						
g) Os Espiritanos estão presentes nas atividades do CEPAC						
h)						
i)						
j)						

15. Considera importante que o Diretor seja um Espiritano? Porquê?

16. Considera que há influências dos Espiritanos no método de trabalho do CEPAC? Se sim, quais?

III) conhecimento dos Cepac

17. Quais são os objetivos do CEPAC?

18. Acha que este trabalho é importante para a sociedade? Porquê?

19. A partir da sua experiência, como funcionário do CEPAC, como justificaria a ação do CEPAC?

- Faz parte da missão da Igreja
 Respeita a dignidade da pessoa humana e da igualdade das oportunidades
 Implanta uma consciência de partilha, para o bem-comum
 Outra: _____

20. Sente que existe uma diferença nos serviços do CEPAC, face às outras instituições?

- Sim Não Não sabe/Não responde

20.1 Justifique a sua resposta

21. Tendo em conta a sua experiência pessoal, como avalia o CEPAC numa escala de 1 a 5, cada um dos seguintes itens (1= pouco; 5= muito)

ITEM	ESCALA					
	1	2	3	4	5	Sem opinião
a) O CEPAC oferece-me condições para que eu possa desenrolar o meu papel de acordo os objetivos desta Instituição						
b) O CEPAC, por ter sido fundado pelos espiritanos, me influencia no meu método de trabalho com os imigrantes						
c) Ao trabalhar no CEPAC, me ajuda a ter uma opinião e um conhecimento diferente sobre a imigração						
d) A minha presença no CEPAC, permite que eu tenha um bom relacionamento com os espiritanos.						
e) A formação que recebo no CEPAC, me ajuda a desempenhar o meu papel de acordo com os princípios dos Espiritanos.						
f) O apoio que o CEPAC dá aos utentes, ajuda na integração dos imigrantes na sociedade portuguesa.						
g) Estou integrado no espírito do CEPAC						

22. Incentivaria colegas/amigos seus a trabalharem nesta Instituição? Porquê?

23. Já ouviu falar do projecto Justiça e Paz e Integridade da Criação (JPIC)?

Sim

Não

Não sabe/Não responde

23.1 Justifique a sua resposta

24. Qual é a primeira palavra/ideia que lhe ocorre ao ouvir “CEPAC”?

25. Se tivesse que apresentar o CEPAC, como é que o faria?

26. Se pudesse modificar algum aspeto no CEPAC, o que mudaria?

Obrigado

Texto nº 11 : Inquérito aos Utentes do CEPAC

INQUÉRITO

Caro(a) utente do CEPAC

No âmbito do Mestrado Integrado em Teologia, da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional Porto, pretendemos pedir a sua opinião sobre os serviços que o Centro Padre Alves Correia (CEPAC) tem dado aos imigrantes.

Gostaríamos imenso que disponibilizasse um pouco do seu tempo, para responder, com a máxima de sinceridade às perguntas que se seguem. Daremos a devida importância à sua opinião.

Este questionário é confidencial, pelo que não precisa de se identificar. E tudo aquilo que for escrito, será utilizado unicamente no âmbito deste estudo.

Embora não haja um tempo fixo para responder às questões, pensamos que 30 minutos serão suficientes.

Agradecemos profundamente a sua colaboração na realização deste estudo.

[Categoria]

1. Género: Masculino

Feminino

2. Idade: _____ **3. Nacionalidade:** _____

4. Estado civil

- Solteiro(a) Divorciado (a) /Separado(a)
 Casado (a)/União de facto Viúvo(a)

5. Há quanto tempo está em Portugal:

- Menos de 6 Meses Mais de 5 anos
 De 6 meses a 1 ano Não sabe/Não Responde
 de 1 ano a 5 anos

6. Indique a principal razão que o (a) levou a sair do seu país de origem? (Indique apenas uma resposta)

- Procura de melhores condições de vida Tratamento da saúde
 Prosseguimento dos estudos Outra. Qual? _____
 Razões políticas

7. Indique a principal razão que o (a) levou a escolher Portugal (Indique apenas uma resposta)

- Por ter familiares/amigos em Portugal
 Por ter uma proposta de Trabalho (com contrato)
 Por gostar de Portugal
 Por pensar que em Portugal haveria facilidade em arranjar emprego
 Por acordos políticos
 Outra. Qual? _____

8. Qual é atualmente a sua situação profissional?

- Empregado(a)
 Desempregado(a)
 Não posso trabalhar (visto de estudante/tratamento médico)
 Outro. Qual? _____

9. Como conheceu o CEPAC (Indique apenas uma resposta)

- Tenho/tive amigos que receberam assistência do CEPAC
 Através da Família espírita (LIAM; JSF; MOMIP)
 Pelas redes sociais (Facebook...)
 Pela página de Internet
 Fui reencaminhado(a) por outra instituição
 Outro. Qual? _____

10. Há quanto tempo recebe ajuda desta instituição?

- Menos de 6 Meses De 6 meses a 1 ano Mais de um 1 ano

11. Que tipo de apoio/ajuda tem recebido através do CEPAC (pode escolher diversas respostas)

- Apoio Alimentar
 Apoio Jurídico
 Apoio Psicológico Clínico e de Psiquiatria
 Apoio Médico (Enfermagem, Médico, Medicamentos)
 Departamento de Inserção/Aulas (Português, Alfabetização, Informática)

Texto nº 12 : Inquérito aos Voluntários do CEPAC

INQUÉRITO

Caro(a) Voluntário (a) do CEPAC

No âmbito do Mestrado Integrado em Teologia, da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional Porto, pretendo pedir a vossa opinião sobre os serviços que o Centro Padre Alves Correia (CEPAC) tem dado aos imigrantes.

Gostaria imenso que disponibilizasse um pouco do seu tempo, para responder, com a máxima de sinceridade às perguntas que se seguem.

Este questionário é de teor confidencial, pelo que não precisa de se identificar. E tudo aquilo que for escrito, será utilizado unicamente no âmbito deste estudo.

Embora não haja um tempo fixo para responder às questões, pensou-se que 40 minutos serão suficientes.

Agradeço profundamente a sua colaboração na realização deste estudo.

I) Dados Pessoais

1. **Género:** Masculino

Feminino

2. **Idade**

3. **Nacionalidade:**

4. Estado Civil

Solteiro(a)

Divorciado (a) /Separado(a)

Casado (a)/União de facto

Viúvo(a)

5. Religião

Católica

Agnóstica

Ortodoxa

Ateu/Ateia

Protestante

Muçulmana

Outra. Qual?

5.1 A prática religiosa é um dos aspetos importantes da sua vida?

Sim

Não

Não sei/Não

respondo

6. Grau de escolaridade

Sem estudos

Curso Profissional

1º Ciclo Básico (1º ao 4º ano)

Bacharelato

2º Ciclo Básico (5º ao 9º ano)

Licenciatura

Ensino Secundário (10º ao 12º ano)

Mestrado

Curso Novas Oportunidades

Doutoramento

(equivalência do ensino secundário)

Centro de Proteção dos Cidadãos na Velhice e Invalidez (Serviço de Apoio Domiciliar, Centros de Acolhimento, Lar Residencial...)

Outra. Quais?

7. Já fez voluntariado noutras Instituições Sociais?

- Sim Não

7.1 Se respondeu que sim, indique as áreas em que o fez (pode assinalar várias respostas)

- Centro de Crianças e Jovens (ex.: Creches, Centros de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental, Lar de Infância...)
 Centro de Família (Centro de Atendimento/Acompanhamento Psicossocial; Casa de Abrigo, Serviço de Apoio Domiciliário...)
 Centro de Integração Comunitária (Acompanhamento Social, Ajuda Alimentar, Centro de Alojamento Temporário e Comunidade de Reinserção...)
 Centro de Proteção dos Cidadãos na Velhice e Invalidez (Serviço de Apoio Domiciliário, Centros de Acolhimento, Lar Residencial...)
 Outra. Quais?

8. Há quanto tempo é voluntário(a):

- Menos de 6 Meses De 1 a 5 anos
 De 6 meses a 1 ano Mais de 5 anos

9. Que disponibilidade para desempenhar o trabalho de voluntariado

- Fins-de-semana
 Durante a semana em horário de trabalho
 Durante a semana após expediente
 Não tenho nenhum trabalho laboral, o que me permite uma maior disponibilidade
 Estou disponível quando me chamarem

10. Há quanto tempo conhece o CEPAC?

- Menos de 6 Meses De 6 meses a 1 ano Mais de 1 ano

11. Há quanto tempo colabora no CEPAC?

- Menos de 6 Meses De 6 meses a 1 ano Mais de 1 ano

12. Como conheceu o CEPAC (Indique apenas uma resposta)

- Tenho/tive amigos que recebem assistência do CEPAC
 Família Espiritana (LIAM; JSF; MOMIP, Espiritano/Espiritana...)
 Pelas redes sociais (facebook...)
 Pela página de Internet
 Fui reencaminhado (a) por outra instituição.
 Outro. Qual? _____

13. Que o leva a fazer um trabalho voluntário no CEPAC?

II) conhecimento dos espiritanos

13. Já alguma vez ouviu falar dos Missionários do Espírito Santo (Espiritanos)?

- Sim Não

Se respondeu que “não” passe para a pergunta nº 14 .

13.1 Quando ouve falar dos espiritanos, associa a... (indique uma única, a principal)

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> uma Associação Social | <input type="checkbox"/> um Movimento ligado à Igreja Católica |
| <input type="checkbox"/> uma Família Religiosa, constituída por Religiosos onde uns são Sacerdotes e outros Irmãos | <input type="checkbox"/> uma ONG (Organização não Governamentais) |

13. Se conhece algo sobre os Espiritanos, poderia descrever em 5 palavras o trabalho que é realizado por eles?

- | | |
|---------|---------|
| 1. | 4. |
| 2. | 5. |
| 3. | |

14 Tendo em conta a sua experiência pessoal junto dos Espiritanos, avalie, numa escala de 1 a 5, cada um dos seguintes itens (1= pouco; 5= muito)

ITEM	ESCALA					Sem opinião
	1	2	3	4	5	
k) Conheço a vida e a obra dos fundadores dos Espiritanos						
l) Estou informado sobre o trabalho que os Espiritanos desempenham no mundo e em Portugal						
m) Conheço o estilo de vida dos Espiritanos têm.						
n) Tenho um bom relacionamento com os Espiritanos						
o) São-me dadas possibilidades de participar em atividades que me permitam conhecer melhor os Espiritanos (Magusto, Festas da Congregação...)						
p) Os Espiritanos preocupem-se com o CEPAC						
q) Os Espiritanos estão presentes nas atividades do CEPAC						
r)						
s)						
t)						

15. Considera importante que o Diretor seja um Espiritano? Porquê?

16. Considera que há influências dos Espiritanos no método de trabalho do CEPAC? Se sim, quais?

III) conhecimento dos Cepac

17. Quais são os objetivos do CEPAC?

18. Acha que este trabalho é importante para a sociedade? Porquê?

19. A partir da sua experiência, como funcionário do CEPAC, como justificaria a ação do CEPAC?

- Faz parte da missão da Igreja
 Respeita a dignidade da pessoa humana e da igualdade das oportunidades
 Implanta uma consciência de partilha, para o bem-comum
 Outra: _____

20. Sente que existe uma diferença nos serviços do CEPAC, face às outras instituições?

- Sim Não Não sabe/Não responde

20.1 Justifique a sua resposta

21. Tendo em conta a sua experiência pessoal, como avalia o CEPAC numa escala de 1 a 5, cada um dos seguintes itens (1= pouco; 5= muito)

ITEM	ESCALA					Sem opinião
	1	2	3	4	5	
h) O CEPAC oferece-me condições para que eu possa desenrolar o meu papel de acordo os objetivos desta Instituição						
i) O CEPAC, por ter sido fundado pelos espiritanos, me influencia no meu método de trabalho com os imigrantes						
j) Ao trabalhar no CEPAC, me ajuda a ter uma opinião e um conhecimento diferente sobre a imigração						
k) A minha presença no CEPAC, permite que eu tenha um bom relacionamento com os espiritanos.						
l) A formação que recebo no CEPAC, me ajuda a desempenhar o meu papel de acordo com os princípios dos Espiritanos.						
m)O apoio que o CEPAC dá aos utentes, ajuda na integração dos imigrantes na sociedade portuguesa.						
n) Estou integrado no espírito do CEPAC						

22. Incentivaria colegas/amigos seus a fazerem um trabalho de voluntariado nesta Instituição? Porquê?

23. Já ouviu falar do projecto Justiça e Paz e Integridade da Criação (JPIC)?

Sim

Não

Não sabe/Não responde

25.1 Justifique a sua resposta

24. Qual é a primeira palavra/ideia que lhe ocorre ao ouvir CEPAC?

25. Se tivesse que apresentar o CEPAC, como é que o faria?

26. Se pudesse modificar algum aspeto no CEPAC, o que mudaria?

Muito Obrigado!

